

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**OS DISCURSOS SOBRE SAÚDE NA MÍDIA: LIMITES E  
POSSIBILIDADES DE TEMATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Angélica Caetano da Silva

Florianópolis  
2011



Angélica Caetano da Silva

**OS DISCURSOS SOBRE SAÚDE NA MÍDIA: LIMITES E  
POSSIBILIDADES DE TEMATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires  
Co-orientador: Prof. Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S586d Silva, Angélica Caetano da  
Os discursos sobre saúde na mídia [dissertação] : limites e possibilidades de tematização na educação física escolar / Angélica Caetano da Silva ; orientador, Giovanni De Lorenzi Pires, co-orientador, Fernando Gonçalves Bitencourt. - Florianópolis, SC, 2011.  
266 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Inclui referências

1. Educação física - Estudo e ensino - Aspectos sociais.  
2. Educação física para adolescentes. 3. Saúde escolar. 4. Saúde na comunicação de massa. I. Pires, Giovanni De Lorenzi. II. Bitencourt, Fernando Gonçalves. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. IV. Título.

CDU 796

Angélica Caetano da Silva

**OS DISCURSOS SOBRE SAÚDE NA MÍDIA: LIMITES E  
POSSIBILIDADES DE TEMATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Essa Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Educação Física”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de março de 2011.

---

Prof. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Giovani De Lorenzi Pires (Orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Fernando Gonçalves Bitencourt, Dr. (Co-orientador)  
Instituto Federal de Santa Catarina

---

Prof. Alex Branco Fraga, Dr.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Jaison José Bassani, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina



## DEDICATÓRIA

À mulher que me deu o dom da vida e me mostrou que o **amor** e a **bondade** são qualidades únicas: minha mãe querida, **Maria José** (*in memorian*). Saudade é uma palavra vazia e fraca para descrever a ausência e a distância que nos é colocada.

Ao meu pai, **Jorge** (*in memorian*), porque eu te amo!





## AGRADECIMENTOS

Como em todos nós, existem pessoas na nossa vida que nos marcam para sempre. Quer através da “ajuda” que nos dão no dia a dia, quer no amor, na compreensão, no carinho e no apoio nas alturas mais difíceis. São essas pessoas que nos dão uma palavra amiga, que nos fazem crescer, que nos apontam erros e que até mesmo nos dão amor. É para essas pessoas que desejo aqui, por meio das minhas palavras, discorrer os meus sentimentos de gratidão, que muitas vezes, por falta de oportunidade ou outra coisa qualquer, deixamos de dizer que amamos e que somos infinitamente gratos pela sua existência em nossas vidas.

Inicialmente quero agradecer não a uma pessoa, mas a um ser: **Deus** – o autor e consumidor da minha fé – porque sem Ele, eu nada seria ou nada teria feito. Por me inspirar, me cuidar, e principalmente, cuidar das minhas emoções nos momentos de tensão.

Agradeço aos meus **pais** (ambos *in memoriam*). Minha mãe por ser exemplo de pessoa justa, bondosa, amorosa e ter me dado tanto amor em vida. É por esse amor que aqui estou, concluindo esta etapa e nunca desistindo dos meus sonhos. Ao meu pai, homem valente, rigoroso e que com toda a educação severa que teve, nos permitiu em alguns poucos momentos, perceber um lindo coração que ama sem saber se expressar e que chora.

Aos meus irmãos: **Anderson** e **Aline**, agradeço o inestimável apoio, amor, compreensão, carinho e mesmo o silêncio, que por ser silêncio, não se reduz à palavra, e seu valor transcende um possível significado. Como no livro “**O pequeno príncipe**”, a rosa é única para o pequeno menino, vocês são únicos em minha vida! Amo vocês com todo o amor do mundo! De amor igual, agradeço meu cunhado, **Bauer**, por ser um grande irmão que caiu de pára-quadras nas nossas vidas e que ficou para sempre!

Agradeço às minhas amigas do RJ, **Amanda Singulani**, **Rejane**, **Izolda**, **Renata** e **Bianca**, pessoas mais que especiais, que tiveram que compreender e suportar minha ausência durante esses dois anos de mestrado, e ainda sim, não mediram esforços para doar sempre as relíquias mais belas que o mundo pode fornecer: a amizade e o amor!

Agradeço ao amigo **Vladimir**, meu veterano na UFRRJ, por ter me suscitado a vontade de realizar o mestrado em Santa Catarina e por ter me apoiado e motivado sempre!

O que seria de nós sem aqueles que nos ensinam, que se esforçam para deixar uma palavra, deixando um pouco de si? São os nossos professores, que na luta de cada dia, nos deixam seus exemplos. Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação da UFSC, em especial ao artista e poeta **Maurício** e o grande pensador **Kunz**, pelos muitos momentos e aprendizagens vividos, que transcenderam ao simples espaço da aula.

Agradeço àqueles que participaram dessa caminhada em conjunto, ora se ausentando, ora vivendo momentos de companheirismo. Os colegas do mestrado: Fábio, Daniel, Andrize, Soraya, André, Marcelo, Larisse, Edinéia, Thiago, Leandro, Talita, Jaciara, Priscila, Daniele Antes e Digão. Em especial, à **Iracema**, à **Lyana**, à **Verônica Werle**, à **Luana** e à **Verônica Piovani**... grandes amigas, que levo para sempre e eternamente o carinho, as alegrias e os momentos especiais que passamos juntas! Também agradeço a parceria de todas as horas, **Shana**, obrigada pela amizade!

Às pessoas que tive o privilégio de dividir bons e inesquecíveis momentos em Florianópolis: querida **Juliana Wülfing**, **Luciana Fiamoncini**, **Dona Suely**, **Seu João**, **Neyde** e **Thyrza**, por terem sido amigos, em alguns momentos pais, me amparando na minha trajetória quando fui além de uma mestranda, a aprendiz de vida Angélica. Muito obrigada!

Agradeço os amigos do LaboMídia/UFSC, em especial à doce **Bia**, o **Ângelo** (companheiro de edições) e o mais que engraçado **Filipi Flor**, pelas muitas risadas dadas coletivamente! Não esquecendo também o **Rogério**, meu muito obrigada por ter me ajudado na construção da apresentação da defesa, um curso de 12 horas intensivo! Obrigada!

Agradeço também duas pessoas especiais, que sempre estiveram dispostas a ajudar, especialmente no início da pesquisa: **Galdino** e **Beth**, muito obrigada pelos incentivos!

A você, **Giovani**, agradeço a paciência, a bondade e o senso de justiça, que como outrora já comentei, se aproxima das qualidades de uma pessoa muito especial para mim. Eu sabia que não seria em vão chegar com humildade até você e perguntar, com toda a vergonha do mundo, se eu poderia tentar o mestrado com você. Obrigada pela amizade, pela fraternidade, pelo carinho, pela recepção e pelas palavras experientes!

Ao meu co-orientador, **Fernando**, pessoa rara! Como sou feliz por tê-lo como meu amigo, aquele que acompanhou meu crescimento e fez das orientações, momentos de maravilhosas e instigantes reflexões. Obrigada por, pouco a pouco, me possibilitar reconhecer a pessoa maravilhosa que você é! Obrigada por tudo!

Agradeço aos membros da banca, professores **Alex Fraga**, **Jaison Bassani**, **Edgard Matiello** e **Tatiana Zylberberg** (que infelizmente não pôde participar da defesa). Pelas muitas sugestões fornecidas, tanto na qualificação quanto na defesa.

Agradeço à bolsa recebida pela **Capes**, que possibilitou que os meus estudos fossem mais brandos e que eu realizasse a dedicação exclusiva, ainda que a Portaria Conjunta CAPES-CNPq N° 1 de 15 de julho de 2010, aprovada recentemente possa prejudicar esse processo de outros alunos que virão.

Agradeço aos alunos do IFSC da turma investigada, em especial a **Bibi**, **Gabi**, **Fran**, **Bruna** e **Mari**, pois sem vocês, nada seria realizado.

Agradeço carinhosamente uma pessoa, **Gilmar**..., por ter estado presente em muitos momentos que precisei durante o mestrado. Obrigada!

Por fim, agradeço e elogio àqueles que ainda acreditam que a coragem e os erros são caminhos para as grandes realizações.

*“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.*

(Fernando Pessoa).



**Atitude! (Os Seminovos)**

*O que é atitude? É só uma ferramenta pra explorar sua  
juventude. Atitude é só um roteiro  
E no final feliz alguém arranca seu dinheiro  
Ei, garoto, você não percebeu? Não tem nenhum amigo seu nos  
anúncios de TV! Garotos propaganda seguem uma linha:  
Corpo malhado, rosto sem espinha...  
Quem se parece com você?  
Cê acha que alguém descola mulher  
tomando Coca-Cola?  
Que gata vai te dar carinho em  
troca de um salgadinho?  
Cê acha que a felicidade ou sua popularidade  
Têm ligação de fato com a marca do seu sapato?  
Ei, garota, ninguém começa a te ligar porque você trocou seu  
celular, por um que não cobra torpedo  
Ei, garota, quem “ama muito tudo isso” só ganha um corpo mais  
roliço e o risco de morrer mais cedo  
O jeans não é daquele jeito em quem  
não tem corpo perfeito  
Aquela tinta de cabelo só fica bem na modelo  
Nem a música que você canta  
sai de graça da garganta:  
Pagaram pra você escutar, até aprender a gostar!(Jabá!!)  
Atitude não se compra, não se come, não se veste  
Atitude não se assiste, não se ouve, não se investe  
Nem a musa do verão dá Ibope, sem passar no Photoshop  
Talvez você fosse ela, se estivesse na novela  
Atitude! O que é atitude?  
Não é obedecer à mídia que te ilude  
Atitude! Em cabeça vazia  
Não é coisa nenhuma, é só hipocrisia.  
(Em homenagem à aluna ‘Gabi’, que durante a pesquisa, me  
trouxe essa música, porque “achou que tinha a ver com a  
pesquisa” e eu amei **sua atitude**).*

***O segredo é não correr atrás das borboletas... É cuidar do  
jardim para que elas venham até você.***

Mário Quintana



## RESUMO

Na sociedade e principalmente nas escolas, tornou-se natural à Educação Física aconselhar a prática de atividade física para a promoção da saúde. Essa relação, reforçada pela mídia, assume diferentes significados e requer um olhar mais aprofundado, tendo em vista seu poder na construção de subjetividades. O presente estudo tratou de refletir sobre o discurso midiático a respeito da saúde e atividade física com jovens alunos do Ensino Médio. A investigação partiu da seguinte pergunta-síntese: Quais as possibilidades e limites para a tematização crítica do discurso midiático sobre saúde na Educação Física com alunos do ensino médio? O estudo foi realizado com base em elementos metodológicos da pesquisa-ação e contou com a participação de 22 alunos de uma turma do Instituto Federal de Santa Catarina – *Campus* São José. A intervenção foi realizada a partir de estratégias de mediação escolar, em conjunto com o professor responsável pela turma. Os dados foram obtidos com registros em diário de campo, filmagens realizadas, textos e mídias produzidas pelos alunos, além de entrevistas. Para a análise dos registros de campo da pesquisa, recorremos a elementos conceituais e metodológicos fornecidos pela Análise Crítica do Discurso (ACD). Os dados foram organizados em quatro eixos de análise: a relação teoria e prática na Educação Física escolar (subdivido em: configurações de um “praticismo” e representações de gênero nas práticas corporais escolares); representações de gênero ligadas à saúde e mídia; o saber médico e as práticas corporais dos alunos e; as ambigüidades presentes nos discursos dos alunos. Como considerações finais, o estudo aponta que a) o “praticismo” encontrado na EF pode apresentar-se como limitante às propostas inovadoras, entretanto, o esforço de uma educação para a mídia não pode ser deixado de lado; b) os alunos expressaram ambigüamente que, ao mesmo tempo em que ainda reproduzem as verdades sobre saúde veiculadas na mídia, conseguem realizar interpretações interessantes sobre os conteúdos veiculados por ela e c) a mídia-educação pode ser associada a qualquer conhecimento da cultura escolar, de forma longitudinal, partindo dos saberes discentes a respeito dos conteúdos veiculados pela mídia.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; saúde; mídia-educação; discurso médico-científico; análise crítica do discurso.

## ABSTRACT

In society it became natural for Physical Education (PE) to recommend physical activity for health promotion. This relationship, reinforced by the media, has different meanings and requires a closer look, taking into consideration its power in the construction of subjectivities. This study aimed at reflecting on the media discourse about health and physical activity among young high school students. The research was based on the following summary question: what are the possibilities and limits for critical thematization of media discourse about health in Physical Education with high school students? The study was based on methodological elements of action research and was attended by 22 students. The data were obtained from records in the field diary, filming, and texts and media produced by the students; also, an interview. For the analysis of field records of the research, we referred to conceptual and methodological elements provided by Critical Discourse Analysis (CDA). The data were organized and discussed in four areas of analysis: the theory and practice in school Physical Education (subdivided into: settings for a "practicism" and representations of gender in school corporal practices); representations of gender related to health and media; medical knowledge and students' corporal practices; and the ambiguities in students' discourses. As a conclusion, the study indicates that a) the "practicism" found in PE can present themselves as a boundary to innovative proposals, however, the effort of a media education cannot be overlooked; b) students expressed ambiguously that, at the same time they still reproduce the truths about health conveyed by the media, they can do interesting interpretations about the content spread by and c) media education can be associated to any knowledge of school culture, in a longitudinal basis, starting from students' knowledge about the content transmitted by the media.

**Keywords:** School Physical Education; health, media education, medical-scientific discourse, critical discourse analysis.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
Notas preliminares sobre o problema de pesquisa e sua importância .....	23
Contextualizando os caminhos percorridos.....	30
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>35</b>
<b>CONSTRUÇÃO DO QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE REFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO</b> .....	<b>35</b>
1.1 – A Modernidade.....	35
1.1.1 – <i>O atual estado da Modernidade</i> .....	40
1.1.2 – <i>A ciência médica, o discurso da saúde racionalizada e a atividade física</i> .....	47
1.2 – Mídia, Saúde e Educação Física: discursos que buscam o convencimento .....	51
1.3 – Mídia-Educação, Mediação Escolar e Educação Física .....	58
1.4 – A Análise Crítica do Discurso (ACD) como opção de interpretação .....	64
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>75</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO</b> .....	<b>75</b>
2.1. Caracterização da Instituição - De que Escola estamos falando? .....	75
2.2. A organização da Educação Física na Escola.....	79

2.3. Caracterização da turma – uma aproximação aos alunos-sujeitos .....	81
--	----

**CAPÍTULO III .....**93

**DESCRIÇÃO DA MEDIAÇÃO ESCOLAR.....**93

3.1. Levantamento de temáticas significativas para o objeto de estudo (o uso do vídeo-sensibilização e a tempestade de idéias) .....	93
--	----

3.2. Estratégia 1 – Refletindo a cultura enquanto mercadoria (discussão do texto sobre Indústria Cultural). .....	102
---	-----

3.3. Estratégia 2 – Material midiático com a temática saúde como apoio para reflexões sobre a atuação da Indústria Cultural. ....	105
---	-----

3.4. Estratégia 3 – Aula com discussão sobre saúde salutogênica..	112
---	-----

3.5. Estratégia 4 - Interdisciplinaridade com Sociologia a respeito dos discursos midiáticos .....	116
--	-----

3.6. Estratégia 5 - Produção midiática 1 – vídeo-minuto.....	128
--	-----

3.7. Estratégia 6 - Copa, Esporte e Saúde – em busca de novas e diferentes reflexões.....	135
---	-----

3. 8. Estratégia 7 - A produção midiática final: jornal, blog e vídeos .....	139
--	-----

**CAPÍTULO IV.....**145

**TECENDO OS FIOS: REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE O CAMPO .....**145

4.1. Eixo 1 – Teoria e Prática Pedagógica na Educação Física .....	147
4.1.1. <i>Configurações de um “praticismo” nos discursos dos alunos .....</i>	148

4.1.2. <i>Representações de gêneros nas práticas corporais escolares</i> .....	167
4.2. Eixo 2 – Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo.....	174
4.3. Eixo 3 – A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e a implicações para a Educação Física.....	187
4.4. Eixo 4 – Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada .....	207
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>223</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>233</b>



## LISTA DE APÊNDICES E ANEXO

<b>APÊNDICE I</b> – Questionário para identificação e perfil dos alunos em relação à temática de estudo.....	245
<b>APÊNDICE II</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	247
<b>APÊNDICE III</b> – Quadro cronológico-temático das atividades e estratégias.....	249
<b>APÊNDICE IV</b> – Roteiro para a construção do vídeo-sensibilização.....	250
<b>APÊNDICE V</b> – Texto sobre Indústria Cultural.....	251
<b>APÊNDICE VI</b> – Texto sobre Mídia e Cidadania.....	255
<b>APÊNDICE VII</b> – Questionário/tarefa realizado na interdisciplinaridade com Sociologia.....	258
<b>APÊNDICE VIII</b> – Roteiro para entrevista final realizada.....	259
<b>ANEXO I</b> – Produção midiática 2: jornalzinho realizado pelos alunos.....	261



## INTRODUÇÃO

### Notas preliminares sobre o problema de pesquisa e sua importância

*O homem sadio se adapta silenciosamente às suas tarefas, que vive sua verdade de existência na liberdade relativa de suas escolhas, está presente na sociedade que o ignora. A saúde não é somente a vida no silêncio dos órgãos, é também a vida na discrição das relações sociais. Se digo que vou bem, bloqueio, antes que as profiram, interrogações estereotipadas. (...) O interesse por uma fraqueza orgânica individual se transforma, eventualmente, em interesse pelo déficit orçamentário de uma instituição (CANGUILHEM, 2005, p. 44).*

Viver com saúde (ou aparentar ser saudável) é hoje, mais do que nunca, uma preocupação que perpassa todos os segmentos da sociedade, inclusive os interesses de órgãos públicos e privados. Esta preocupação atravessa diferentes faixas etárias, classes sociais e gêneros. Uma das formas preconizada cientificamente para o alcance da saúde é a atividade física<sup>1</sup>, que deve ser estimulada através de processos sociais educativos. Nesse sentido, “educar para o movimento, pôr em atividade, impelir ao exercício, independentemente do modo de execução, frequência e duração apregoada como ideal para a saúde, há muito tempo tem sido considerado de forma natural um dos meios de livrar a

---

<sup>1</sup> Atividade física é entendida como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos do qual resultam dispêndios energéticos (Carpersen *et. al.*, 1985, *apud* GONÇALVES E BASSO, 2010). Para os autores, há consenso de existência da relação saúde e atividade física, no entanto, é reconhecidamente complexa e contraditória.

sociedade de males físicos e vícios morais ‘responsáveis’ por certas doenças” (FRAGA, 2006, p. 10).

Essa visão, um tanto utilitarista, tem viabilizado a difusão de pressupostos considerados adequados para uma sociedade planejada como correta, uma sociedade pronta para atender as demandas das classes sociais hegemônicas que ditam os ideais a serem seguidos, perpetuando certa forma de controle.

A sociedade contemporânea tem assistido de forma deslumbrada os mecanismos tecnológicos e científicos possíveis para assumir e vislumbrar uma saúde ideal, que carregaria consigo expectativas de corpo em relação à imagem do ser saudável. A própria valorização dos cuidados corporais relacionados à busca por saúde e beleza jovial encontra nos meios de comunicação de massa um dos seus lugares preferenciais de divulgação e repercussão. Somos, a todo o momento, motivados e estimulados a lançar mão de estratégias que possam nos levar às condições de saúde padronizadas e formas físicas normatizadas, como a própria prática de atividade física.

Para fins de controle na sociedade, a mídia tem sido acionada para que, através dela, seja difundido o discurso médico sobre uma relação normalmente positiva entre saúde e atividade física. Há décadas, os aspectos presentes nestes discursos influenciam a sociedade moderna. Essa política conservadora e normatizadora, muito bem difundida, implica a responsabilização que impinge a cada pessoa na modernidade sobre o seu próprio adoecimento e que coloca a atividade física como um “santo remédio” na busca de um estilo de vida saudável, desconsiderando a atual dinâmica societária que influencia os estados de enfermidade da população.

Muitos destes discursos que enfatizam a saúde e estilos de vida saudável, ancorados na lógica quantificadora e positivista de estudos médicos científicos e presentes no discurso dos meios de comunicação sobre a relação atividade física e saúde, sustentaram e ainda sustentam essa política conservadora e buscam interação com as possíveis áreas/campo de conhecimento, visando maior legitimação. Tais discursos corroboram com slogans de programas públicos e privados que propagandeiam uma imperiosa e inequívoca necessidade de se exercitar a favor de um estilo de vida saudável. Basta-nos observar as muitas pesquisas recentes nos demonstrando esses indícios e que serão apresentadas no decorrer do estudo.



A Educação Física, como campo de conhecimento que teve em sua constituição referências nas atividades físicas/exercícios físicos/práticas corporais<sup>2</sup> anexadas ao desenvolvimento saudável do indivíduo, tem papel fundamental na construção e (re)significação desses discursos.

A presença do discurso midiático no âmbito educacional traz diversas inquietações, anseios e possibilidades que não podem ser ignoradas, a menos que se considere a escola uma instituição à parte de seu tempo e de um mundo que a pluralidade e multiplicidade de muitos significados são existentes e precisam ser debatidos. Atualmente, essa discussão sobre o estudo dos meios de comunicação na escola encontra suas bases teóricas e metodológicas nos conceitos de Mediação Escolar (MARTIN-BARBERO, 2001; OROZCO, 2002, OROFINO, 2005) e de Mídia-Educação (FANTIN, 2006), que serão melhor desenvolvidos no capítulo correspondente às bases teóricas de referência.

Para Demo (1998, *apud* MENDES, 2008), é legítima a preocupação com a mídia nos espaços de formação. Primeiro porque os meios de comunicação de massa tendem a veicular informações fragmentadas e superficiais, implicando uma simplificação das mensagens e um distanciamento das reflexões críticas, já que a notícia já está preparada e pronta, poupando o receptor de uma possível proximidade crítica. Em segundo, a linguagem das gerações contemporâneas é íntima da linguagem midiática que, ao concorrer com as formas de diálogo e comunicação tradicionais presentes na escola, aproximam os alunos as suas formas midiáticas espetacularizadas.

Assim, como estratégia de mediação escolar, o reconhecimento e a reflexão sobre o modo como estes discursos são produzidos e

---

<sup>2</sup> Lazzarotti Filho *et al.* (2009) constataram que o termo “práticas corporais” foi utilizado em teses e dissertações com a intenção de problematizar os conceitos de atividade física e de exercício físico, e de forma geral, vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações corporais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, dança, jogos, lutas, capoeira e circo. No campo da Educação Física, este termo vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, pois os que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física. Apesar de reconhecermos as diferenças conceituais a respeito dos termos, os utilizaremos nesta pesquisa como equivalentes, em função da presença hegemônica dos termos atividade e/ou exercício físico tanto no discurso midiático quanto no dos alunos.

disponibilizados na sociedade e na escola, e as estratégias e intenções que estão por trás de sua produção, pode significar um passo importante para o desenvolvimento da capacidade de recepção crítica ao conteúdo veiculado pela mídia, além de suscitar um processo de ensino e aprendizagem que rompe com os ditames tradicionais da Educação Física.

Julgamos então necessário, a partir da escola, investir nas perspectivas de compreensão dos discursos veiculados pela mídia sobre saúde e atividade física e que alcançam a Educação Física. Nossa pretensão, como estratégia de Mídia-Educação, foi lançar um olhar atento, menos centrado no paradigma biomédico e mais crítico, sobre as informações rotineiras que se naturalizam na sociedade com a contribuição da mídia.

Tendo em vista essa breve exposição, apresentamos o objeto de estudo do nosso trabalho: as recomendações veiculadas no espaço midiático<sup>3</sup> para a formação do indivíduo saudável e que, de certa forma, alcançam a Educação Física. Especificamente, abordamos propostas que enfatizam o alcance da qualidade de vida, do bem-estar e da saúde via atividade física e que são divulgadas no âmbito midiático. O argumento de nossa pesquisa é o de que nelas existe uma intersecção entre pretensões científicas e intenções mercadológicas veiculadas para fins de controle da sociedade<sup>4</sup>. Esses discursos adentram a Escola e a fazem uma reprodutora dessas chamadas midiáticas para uma sociedade saudável. A Educação Física, por lidar diretamente com o corpo ou assim ser entendida pelo seu caminho histórico na busca de uma consolidação científica, expressa influências destes discursos, tanto na reprodução prática por parte dos professores, o que pode ser

---

<sup>3</sup> Quanto a espaço midiático, consideramos sobretudo as propostas veiculadas na televisão e na internet.

<sup>4</sup> Referimo-nos a controle (repressão ou estímulo) ao que Foucault comenta sobre os efeitos das micro- relações de poder que se constituem nos e pelos discursos de verdade (vinculado principalmente ao saber médico). “O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio” (FOUCAULT, 1992, p. 146).

correspondido às suas experiências sociais, sejam elas escolares e acadêmicas que orientam seus valores e escolhas de conteúdos curriculares, quanto nos conhecimentos que os alunos levam para a escola a partir de seus contextos vividos.

Baseada na perspectiva de uma pesquisa que superasse a distância entre o diagnóstico dos problemas e as práticas inovadoras em educação (GAMBOA, 2007), a situação-problema focaliza-se na forma como a mídia tem veiculado informações sobre saúde e atividade física e as proximidades com jovens escolares na Educação Física.

É neste cenário que ideais de felicidade conectados ao conceito de saúde são prescritos pela mídia, alcançando os jovens; e é a partir dele que se estabelece a base para a realização deste estudo, cujo objetivo é: *refletir sobre o discurso midiático a respeito de saúde e atividade física com alunos de Ensino Médio, no âmbito da Educação Física escolar, a partir de uma intervenção pedagógica.*

Portanto, a pergunta-síntese para a investigação pode ser assim expressa:

*Quais as possibilidades e limites para a tematização crítica<sup>5</sup> do discurso midiático sobre saúde na Educação Física com alunos do ensino médio?*

Para melhor orientação do esforço de investigação em relação ao problema, elencamos também algumas *questões orientadoras do estudo*:

- Quais os pressupostos científicos sobre saúde e atividade física que embasam o discurso midiático sobre o tema?
- Quais os entendimentos dos alunos sobre a relação saúde e atividade física divulgada nos meios de comunicação de massa?

---

<sup>5</sup> Em educação, “tematização” refere-se a uma forma de organizar o ensino, desde o seu planejamento, em que um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos é pensado/implementado visando ampliar e diversificar as abordagens a respeito de um determinado assunto, conteúdo ou prática que, normalmente, é ou tem sido desenvolvido de forma mais restrita. Trata-se, por excelência, de um processo comunicacional e dialógico, no qual os sujeitos envolvidos reconhecem no outro alguém capaz de compreender e argumentar, no intuito de superar entendimentos mais ou menos naturalizados pela ausência de reflexão (SCHALLER; SCHÄFER, 1982). Associado à expressão “crítica”, entendida numa dimensão filosófica como questionamento permanente (CHAUI, 1996), “tematização crítica” pode ser reconhecida como um determinado tipo de enfoque de um dado conhecimento, cujas condições de produção e legitimação, tanto epistemológicas quanto sociais, são também objeto do processo de ensino-aprendizagem em desenvolvimento.

- Como essas interpretações podem ser tematizadas criticamente em estratégias de mediação escolar no âmbito da Educação Física?

A escolha do tema se deu por diversos fatores, destacando-se desde questões do âmbito pessoal da pesquisadora até pontos de relevância acadêmica. Assim, numa perspectiva dialética entre anseios pessoais e necessidades sociais é que se concretizam as justificativas deste estudo. Tais considerações se fazem pertinentes na medida em que contextualizam o desejo de exploração do tema, que inicialmente se dá ao acaso, mas posteriormente decorre de um processo de busca de conhecimentos a respeito do tema que efetivamente consolida o interesse pela temática.

A primeira percepção refere-se ao contato com alunos da graduação no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina, especificamente no estágio de docência, no qual foi possível perceber as respostas dos alunos voltados para a promoção de saúde e bem estar, quando questionados sobre o que era Educação Física na concepção deles. A maioria dos alunos respondia: *“Ah, pelo o que eu vejo, Educação Física é uma disciplina para desenvolver a saúde do corpo”*<sup>6</sup>.

Nessa ocasião, foram despertadas reflexões sobre onde eles aprenderam/aprendem isso. Será que a mídia pode contribuir para os alunos pensarem o que é Educação Física ou seria somente pelas suas experiências escolares?

Em continuidade, a trajetória da pesquisadora enquanto professora de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro trouxe muitas experiências com alunos do Ensino Médio, suscitando o interesse pelos estudos de saúde e mídia na Educação Física escolar, neste âmbito de ensino.

Outro fator que justifica a realização desse trabalho refere-se ao fato de os estudos sobre saúde, mídia e Educação Física serem incipientes no que se refere às experiências escolares. Os estudos sobre esporte e mídia são mais ocorrentes no âmbito da Educação Física escolar (LISBOA, 2007; ANTUNES, 2007; MEZZARROBA, 2008),

---

<sup>6</sup> Fala registrada de um graduando na primeira fase do curso, durante o processo de estágio de docência da pesquisadora.

porém são escassos os relatos de experiência e pesquisas efetivamente realizadas no âmbito escolar concernentes à saúde.

A pesquisa de Fraga (2006) apresentou-se como um achado motivador da temática, pois discorre sobre a rede discursiva (ou mensagens como o autor utiliza) que consegue se alastrar pelo campo da atividade física e saúde para impulsionar programas públicos que glorificam um estilo de vida ativo e demonizam o sedentarismo. No entanto, a problematização de tais discursos no âmbito escolar não se apresentou recorrente na literatura investigada, justificando o interesse da pesquisadora em tal inserção. Isso demonstra que, por um lado, encontramos avanços no campo teórico e na análise desta rede discursiva a respeito de saúde e mídia; por outro, estudos que alcancem o cotidiano escolar e seus sujeitos são ainda poucos explorados.

Há a necessidade então de avanços nesta discussão, mesmo porque o fenômeno midiático e as tecnologias de comunicação encontram-se em constante aperfeiçoamento de suas potencialidades, ampliando cada vez mais o impacto e as repercussões de seus discursos em diferentes esferas da vida, inclusive a realidade da Educação Física escolar.

As mudanças constantes na modernidade proporcionam novas imagens e significações referentes ao corpo saudável e ao trato midiático em relação a ele, relacionando sempre ao consumismo. A ambição está em desvendar a edificação desses discursos e as inerentes propostas construídas no interior do campo midiático, que podem contribuir para uma formação danificada. Ao lado disso, vislumbrar propostas de intervenção que buscam o esclarecimento, a formação cultural e contrapõem o modelo tradicional de ensino.

Assim, em conjunto com as reflexões de Fraga (2006), pretendemos adentrar o espaço escolar, complicando a estrutura aparentemente estável, abalando a pretensa universalidade deste discurso e desatando alguns nós que amarram significados positivos e negativos em torno da equação atividade física x saúde x sedentarismo, divulgados no espaço midiático.

## Contextualizando os caminhos percorridos

*“Rotineiramente desqualificamos testemunhos e exigimos comprovação. Isto é, estamos tão convencidos da justiça de nosso julgamento que invalidamos provas que não se ajustem a ele. Nada que mereça ser chamado de verdade pode ser alcançado por esses meios” (Marilynne Robinson, The Death of Adam, no livro A CABANA).*

*De todas as coisas seguras, a mais segura é a dúvida. (Bertolt Brecht)*

Um fenômeno pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização, o que dependerá da forma como pesquisador se relaciona com o mundo e com o objeto. Existem fenômenos que não podem ser vistos ao simples olhar quantitativo, carecendo de diferentes compreensões.

Ao compreendermos que a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados que dela transborda e que, quantificando ou mensurando, estaríamos corroborando com um mundo social que opera de acordo com leis causais invariáveis, o estudo, quanto à sua natureza, teve como pretensão um olhar qualitativo sobre o fenômeno. Betti (2009), referenciado em Alvez-Mazzoti (1999), comenta que a abordagem qualitativa é a que segue a tradição compreensiva ou interpretativa, ou seja, parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, necessitando ser desvelado.

Assumida a abordagem qualitativa, a pesquisa aproximou-se de aspectos práticos da concepção e da organização de uma pesquisa social orientada de acordo com os princípios da pesquisa-ação, ou também denominada investigação-ação. Esta é entendida como aquela que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e

participantes e representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994). O autor preconiza como estratégia metodológica que a pesquisa-ação não deve se limitar a uma forma de ação (risco de ativismo), mas objetivar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos envolvidos.

Betti (2009, p. 254) enfatiza que:

(...) as características marcantes da pesquisa-ação é a de ser um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, e que, ao invés de se limitar a utilizar um saber existente (o que caracteriza uma pesquisa aplicada), busca mudanças no contexto concreto e estuda as condições e os resultados da experiência efetuada.

Barbier (1985) faz menção a um tipo de pesquisa-ação, denominada pesquisa-ação institucional, sendo aquela que pretende, pois, dar oportunidade a grupos-objeto mais ou menos vastos, de tornarem-se grupos-sujeitos, pela recuperação da autonomia de ação e de reflexão, através do desvelamento dos mecanismos gerais de violência simbólica da sociedade, e da inserção nas instâncias particulares em termos de violência institucional. O grupo sujeito é o da revolta, o do esforço e da perseverança, isto é, da temporalidade. Por fim, o autor comenta que a pesquisa-ação institucional ocorre exatamente sobre a fragilidade de um dilema normalmente aceito: a padronização organizacional, a naturalização das normas e valores da sociedade.

Cientes das opções realizadas quanto à natureza e tipo de pesquisa, o estudo foi realizado com alunos jovens, pertencentes a uma turma do Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – *Campus* São José. A escolha da escola/campo ocorreu devido ao conhecimento de que os professores da instituição haviam organizado e desenvolvido um planejamento para o Ensino Médio da escola, estipulando para cada fase um conteúdo teórico – que serve como tema gerador – e aulas ligadas a esportes tradicionais, atividades recreativas e

jogos populares, além de eventuais atividades ligadas à cultura de movimento que não se resumem às tradicionais em nossa área<sup>7</sup>.

O planejamento da Educação Física da escola/campo prevê que a mídia seja um dos conteúdos programáticos para o Ensino Médio na 4ª fase, correspondente ao segundo semestre do segundo ano, sendo que na 1ª fase o tema gerador é saúde/qualidade de vida. Esse fato foi determinante para a escolha de tal turma, além da experiência da pesquisadora com alunos do Ensino Médio como professora de Educação Física no Estado do Rio de Janeiro, durante o ano de 2008.

O período de mediação escolar compreendeu os meses de março a julho de 2010. A mediação é fundamental nos processos de (re)significação e novas reflexões, que, em outras palavras, confere àqueles que estão envolvidos na prática da crítica, a possibilidade de atribuir outros significados ao discurso ou narrativa em estudo e se apropriar da mesma, transformando-a.

Pela inserção da pesquisadora (que denominaremos pesquisadora-mediadora) no contexto pesquisado, sua subjetividade fez-se presente em toda a observação realizada na pesquisa, pois a apreensão da realidade observada e seus significados se deram a partir da visão de mundo da pesquisadora, implicando uma integração dialética entre as dimensões subjetivas (da pesquisadora) e objetivas (da realidade observada), e não apenas uma tarefa de registro e imersão mecânica.

Para concretizarmos a tarefa de registro e coleta de dados, utilizamos o diário de campo, filmagens de algumas intervenções da pesquisadora e do professor, textos, produções midiáticas que foram utilizadas como tarefas para os alunos e ao final da pesquisa, entrevistas em grupos de 4 a 6 alunos em cada, alcançando o total 86% de todos os alunos da turma (19 alunos entrevistados do total de 22).

Cruz Neto (1994, *apud* MENDES, 2008) define o diário de campo como um instrumento que recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando e que serve de um “amigo silencioso”, não podendo ser subestimado quanto à sua importância. Ainda, é nele que podemos colocar nossas percepções, angústias,

---

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que no capítulo II do estudo são fornecidos maiores detalhes sobre a escola e a Educação Física.



questionamento e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas.

A escolha pela realização de grupos para entrevistas (de forma aleatória) se configurou como uma estratégia para assegurar a obtenção de dados sobre os possíveis significados a respeito da temática que os participantes construíram e compartilharam durante a intervenção proposta pela professora-mediadora e pelo professor responsável.

Para a análise dos dados, recorreremos a ferramentas conceituais e metodológicas fornecidas teoria social do discurso, de forma mais específica, a análise crítica do discurso (ACD), conforme propõe Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social* (2008).

Na sequência, a pesquisa é relatada em quatro capítulos. No capítulo I, são construídas as bases teórico-metodológicas que referenciam o estudo. Nela, abordamos a importância do projeto de Modernidade na construção do discurso médico-científico sobre saúde, cujo alcance é ampliado a partir da sua presença na mídia, alcançando setores como a Educação e a Educação Física. Nesse sentido, estudos sobre a Mediação Escolar e a Mídia-Educação no campo da Educação Física podem contribuir para visões mais esclarecidas sobre o tema. Uma breve síntese dos processos metodológicos da análise crítica do discurso (ACD) completa este capítulo.

No capítulo II, o campo de investigação é descrito em suas características principais, envolvendo a escola, local onde a pesquisa foi realizada; a proposta pedagógica de Educação Física da escola, organizada pelos próprios professores daquela instituição de ensino, além de alguns olhares da pesquisadora; e, por fim, a turma/sujeitos que participaram da pesquisa, apresentando algumas representações iniciais dos alunos a respeito do tema investigado, em conjunto com algumas percepções da pesquisadora.

No capítulo III, as estratégias de mediação escolar, em número de sete, são descritas detalhadamente e preliminarmente interpretadas.

Finalmente, no capítulo IV, como procedimento transversal e mais agudo de análise, tomando por base as descrições e interpretações das estratégias de mediação escolar, é apresentado um conjunto de eixos de discussão, que fazem às vezes de categorias de análise, em torno dos quais são agrupados e refletidos elementos recorrentes e de destaque que foram observados, a saber: i) as relações teoria e prática pedagógica na Educação Física escolar; ii) representações de gênero envolvendo a

temática de estudo; iii) a percepção de legitimidade do saber médico-científico no discurso dos alunos e as implicações para a Educação Física e iv) ambigüidades presentes no discurso dos alunos.

## **CAPÍTULO I**

### **CONSTRUÇÃO DO QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE REFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

O presente capítulo apresenta as bases teóricas que fundamentaram o quadro de referências conceituais para a investigação, por compreender que para uma intervenção prática da pesquisadora, exige-se a fundamentação prévia a todas as ações executadas. Assim, a fundamentação teórica que se segue destinou-se tanto à aproximação do tema para a entrada no campo, como foi também a base para a realização das estratégias de mediação escolar desenvolvidas no capítulo III.

No decorrer da pesquisa, o referencial teórico foi sendo ampliado, face às descobertas encontradas no campo, que exigiram novas leituras, novas formas de abordar os dados encontrados. As diferentes reflexões e os diálogos com outros referenciais teóricos que não se encontram neste capítulo poderão ser visualizados no capítulo IV, especificamente com a sistematização de cada eixo.

Como último item deste capítulo, apresentamos as bases teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir da exposição de seus conceitos e elementos fundamentais à análise.

#### **1.1 – A Modernidade**

Na era medieval, os dogmas da fé e a crença sobre o conhecimento eram perpetuados pelo que então foi denominado pelos “modernos” de mito. As pessoas acreditavam nos rituais (perpetuadores do conhecimento mítico) porque, além disso, preconizavam-se uma força divina que sustentava as dúvidas humanas.

O mito surge como uma verdade inquestionável, sagrada, portanto, sem necessidade de comprovação. O homem devia seguir os rituais, acreditando em deuses, para entender e se relacionar com a natureza. Esse conhecimento mítico foi aos poucos enfraquecendo, urgindo a necessidade de superá-lo por meio da ciência, uma ciência que

transcendesse as crenças e a relação do sujeito com a natureza pelo viés mítico. No século XVIII, esse entendimento de “mito” começa a ser questionado e confrontado com um projeto de mudanças, projeto este que buscaria a autonomia humana através do conhecimento racional.

Kant, ao contrapor-se ao pensamento religioso, ou seja, o pensamento mítico, argumenta sobre o esclarecimento necessário à sociedade, na busca da maioridade. A superioridade do homem está no saber e para ele, esse saber não deveria ser o mítico.

O esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (KANT, s/d).

A menoridade é a situação do homem em não responder por si e depender de outro para seu auto-entendimento. A busca para sair da menoridade se remete à ousadia de querer saber, de querer conhecer, sem ajuda de outrem. “*Ouse saber*” era um forte chamamento para livrar-se das hipóteses apreçadas por outros, na busca do entendimento, do auto-esclarecimento.

O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo, tendo como foco dissolver e superar os mitos e superstições mediante a substituição da imaginação pelo saber (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Coerente com o conceito de esclarecimento de Kant, tinha como escopo pessoas esclarecidas e emancipadas, e para tal, necessitava de uma explicação racional, visto que a organização da sociedade não deveria mais apoiar-se em superstições e no conhecimento mítico. Na realização desse projeto, o esclarecimento identificou o antropomorfismo<sup>8</sup> como sendo o principal inimigo, posto que a projeção

---

<sup>8</sup> Antropomorfismo é uma forma de pensamento que atribui características ou aspectos humanos a Deus, deuses, elementos da natureza, animais e constituintes da realidade em geral. Nesse sentido, toda a mitologia grega, por exemplo, é antropomórfica.

dos afetos e sentimentos na natureza era um empecilho para o desenvolvimento científico.

“No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido dos ideais do projeto de Modernidade e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21), criando a partir deste conhecimento, uma ciência inquestionável.

Para a consolidação dessa ciência inquestionável, seria necessário passar por um crivo permeado por métodos, métodos estes que serão iguais para todo e qualquer olhar sobre algum fenômeno. A verdade científica, elitizada por especialistas nessa visão, seria colocada no lugar dos dogmas da fé:

(...) Esse sujeito e seus “óculos” (método) só enxergam os fenômenos que se curvam aos seus procedimentos, o restante da realidade perde seu estatuto ontológico no momento em que deixa de ser objeto de conhecimento. Compreende-se assim, porque os diversos campos do saber buscarão na incorporação do método sua dignidade. Dignidade que se traduzirá em seu reconhecimento enquanto “ciência” (FENSTERSEIFER, 1999, p. 26).

A Modernidade então sonhada tornou-se o que não se esperava: absolutizamos a ciência, o cálculo, a mensurabilidade, e o mundo tornou-se compreensível pelo mesmo olhar que se tem ao estudar as máquinas; divide-se e estuda-se as partes, sem ligá-las e contextualizá-las.

No mundo moderno, a ciência se liga à técnica, o ser humano vira objeto mensurável, que pode ser relativizado/exemplificado a um simples conjunto de números, sem história, sem vida; esse é o trajeto que a Modernidade vem seguindo. A aliança entre ciência e técnica leva a uma ruptura com as formas tradicionais de se pensar o conhecimento:

O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão

se tornou um mero adminículo (auxílio) da aparelhagem econômica que a tudo engloba (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41-42).

A ciência passa a ser um instrumento político e ideológico de acesso a poucos e de controle do mundo. “É da imaturidade dos dominados que se nutre a hipermaturidade da sociedade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47). O projeto de Modernidade que tinha por base o esclarecimento no sentido de retirar a crença mágica dos homens, passa por um processo de “mutação” que, de fato, supera essa crença, mas com seu avanço, passa a dar credibilidade excessiva aos números, às normas, à ciência positivista. O que era desejável que fosse ao encontro do esclarecimento se torna um novo mito – a ciência positivista, pois é difundida como inquestionável e todo conhecimento cientificamente produzido só pode ser questionado no interior do mesmo arcabouço científico. Saímos do dogma cristão para o científico. Esta é a concepção dialética do esclarecimento: o esclarecimento ajuda a superar e ao mesmo tempo ele cria as novas formas de dominação sobre o sujeito.

A regressão das massas de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47).

Assim, a ciência que se contrapôs ao mito estabeleceu o mito da cientificidade, ou seja, prevalece a crença na ciência e, em decorrência, a crença na neutralidade, na objetividade, e no progresso ilimitado. Não podemos negar certo reducionismo nos pressupostos da perspectiva

positivista de ciência, uma vez que essa postura empobrece outras dimensões ou outras possibilidades de abordagem do mundo já abertas.

Fensterseifer (1999) realça que não devemos criticar a busca da racionalidade em sua totalidade, mas sim essa racionalidade que hoje encontramos:

Nós – modernos – que nos considerávamos filhos da certeza, encontramos-nos órfãos. É preciso, portanto, elaborar este luto, não sem angústia, mas, se possível, sem desespero, afinal a racionalidade moderna foi sem dúvida uma grande conquista. O erro em relação a ela é acreditar que a realidade se esgota nela, quando de fato ela é apenas uma forma de tentar apreender esta realidade. Uma forma que certamente possui seus méritos, mas que não é única nem absoluta, pois seu produto, o conceito, é sempre insuficiente, o que faz desta racionalidade, algo “demasiado humano”, o que pode parecer pouco para quem abandonou a certeza das verdades onipotentes da teologia (p. 42).

A crise da razão que se instalou se refere primordialmente a uma crítica da razão instrumental, que a própria Modernidade acabou por desenvolver com especialidade. Em última análise, a razão como necessidade para auto-afirmação da Modernidade acaba por virar alvo de crítica, pois é vista como instrumento de repressão. O alegado fracasso do projeto de Modernidade que se traduz na crítica à racionalidade ocidental não deve significar uma crítica à totalidade da razão humana, mas deve sim ser dirigida a uma de suas formas históricas de realização que é o racionalismo instrumental. Quando assume esta dimensão totalizante a racionalidade torna-se mitológica.

As críticas surgem também na percepção de que a ciência, tão necessária ao estabelecimento da Modernidade, não é ajustável a todo conhecimento, principalmente pela sua incapacidade em estabelecer padrões de vida individual e social. É insustentável a concepção de uma natureza homogênea, uniforme, desprovida de singularidade e complexidade, orientada por leis causais simples e ordenadas, aplicadas a fenômenos sociais e culturais, que privilegiam um sujeito constituído

de fatores que não podem ser resumidos a simples causas, numa relação invariável. Como realça Fensterseifer (1999):

É preciso, contrapor ao universo racionalizado, fundado na idéia de um universo que é apenas ordem, um universo racional, o qual é produto de uma racionalidade, oposta à racionalização, que é diálogo com o irracionalizado, ou com o irracionalizável. Isto exige a instauração de um pensamento complexo, que além de pensar o uno e o múltiplo conjuntamente, saiba também pensar conjuntamente o incerto e o certo, o lógico e o contraditório, incluindo o observador na observação. (p. 59).

O que hoje acontece é que a própria razão é utilizada, de forma reducionista, como um instrumento universal servindo para a produção de todos os demais instrumentos. A racionalidade moderna, baseada na prevalência do sujeito sobre a natureza ou, especificamente, pelos elementos particulares da natureza, e na extensão do poder da razão a estes elementos é sem dúvida cartesiana. Essa ambição aumentou o poder das classes modernas bem favorecidas, levou à manipulação, simplificação dos sistemas naturais, inclusive o corpo humano.

### ***1.1.1 – O atual estado da Modernidade***

De acordo com Bauman (2001), a modernidade foi um projeto de derretimento dos sólidos desde sua constituição. Os próprios autores do Manifesto Comunista diziam sobre o “derretimento dos sólidos” ao referenciar o tratamento autoconfiante e exuberante que o espírito moderno dava à sociedade, considerada estagnada demais e clamando por um “esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à liquefação” (BAUMAN, 2001, p. 9). O “derretimento dos sólidos” teria sentido para substituir o conjunto de defeituosos sólidos por outro conjunto, aperfeiçoado, perfeito, administrável, previsível, por isso não mais alterável. Como comenta o autor:



Derreter os sólidos significa, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações irrelevantes que impediam a via do cálculo racional dos efeitos. (...) O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordem que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. (BAUMAN, 2001, p. 10)

Assim, o Estado-Nação busca legitimar uma nova ordem, em conjunto com os intelectuais, aqueles que tinham como ofício a promoção de uma racionalidade universalmente válida, reconhecida como promulsora do progresso moderno. Bauman, no entanto, comenta que o *derretimento dos sólidos*, traço marcante na modernidade na sua constituição, vai redirecionando um novo sentido, não previsto antes, que seria a própria dissolução das forças que manteriam a questão da ordem. Dessa forma, a clareza dos caminhos apontados pelos intelectuais (legisladores) e o Estado (jardineiro), típico da metáfora apunhada por Bauman como a *modernidade sólida* e consolidada por algum tempo, entra em declínio. Almeida, Gomes e Bracht (2009) complementam:

(...) A atual ausência das tradicionais referências balizadoras do comportamento humano, aliada à inflação de referenciais disponibilizados para consumo, implica na diminuição das expectativas e no recuo das sólidas estratégias de longo prazo. Viver o presente, e não mais a construção da estrada para um novo mundo (ordenado), é um dos efeitos inesperados da liquidez contemporânea (p. 33).

Uma outra consequência dessa corrente de desresponsabilização ou distanciamento do Estado é a individualização. As ações anteriormente planejadas pelo Estado eram executadas em nome das preocupações públicas, agora, apresentam-se nos limites da esfera privada, pois como comenta que Almeida, Gomes e Bracht (2009),

acontece o encolhimento do espaço público na sociedade contemporânea, que passa a ser mediado pelo mercado e de responsabilização do indivíduo.

Bauman (2001), ao se referir ao atual momento histórico da sociedade que vivemos, nos alerta que passamos de uma sociedade especialmente produtiva para uma “sociedade de consumidores”, sinônima de modernidade líquida, que enfatiza um estilo de vida ativo, saudável, sempre renovador, à busca incessante do novo. Uma sociedade que tem como base o ato de consumir (aquisição e descartabilidade). Em sua obra, o autor aponta características de uma sociedade que passa, metaforicamente, por um momento de “liquidez”, em que as relações sociais vão se enfraquecendo e amenizando. Além disso, o autor comenta em várias passagens a existência do que ele chama de privatização da ambivalência, referindo-se ao momento em que, por conta do declínio outrora comentado, não existe enfaticamente a tentativa do Estado-Nação em eliminar as indesejáveis ambivalências para manter a ordem, as escolhas e decisões são direcionadas para o indivíduo, no âmbito privado.

Como percebido até então, se a modernidade sólida tinha como tarefa projetar trajetórias de longa duração, a vida privatizada para o consumo se aproxima ao fato de estar sempre pronto para o novo, para as oportunidades apresentadas aos consumidores – mesmo que esses apresentem graus diferenciados de mobilidade para a aquisição de novas mercadorias e novos conhecimentos, em um tempo presente perpétuo (ALMEIDA, GOMES e BRACHT, 2009).

Nesta reflexão, direcionando a discussão para o conhecimento, este deve ser buscado permanentemente e considerado como sempre inconcluso, pois nada é para durar, não se visa um conhecimento duradouro, mas uma informação *express*, que sacie o interesse momentâneo e que possa ser substituída sempre que o mercado exigir. Dessa forma, além das relações humanas, até o conhecimento e principalmente ele, virou produto a ser consumido, um conhecimento facilmente substituível pela lógica do consumo. Almeida, Gomes e Bracht (2008) complementam:

O consumismo que caracteriza os processos de individualização na modernidade atual não visa o acúmulo de conhecimento, mas o gozo fugaz que

eles proporcionam. [...] Os indivíduos não devem se sentir apegado ao conhecimento que adquirem e, em hipótese alguma, precisam se acostumar a comportar-se conforme o sentido proposto por ele, pois todo conhecimento, transformado agora em informação, apresenta-se ultrapassado muito rapidamente e pode mostrar-se enganoso em vez de proporcionar uma orientação confiável. (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2008, p. 5-6).

Mas para tal perspectiva, na sociedade capitalista e globalizada da contemporaneidade, ambicionada a ampliar ainda mais essa dependência que envolve o consumo, e para se oferecer conhecimento como mercadoria, é preciso que se amplie o seu grau de necessidade. Além disso, é importante que essa necessidade seja percebida como algo natural, abstrato, igual para todas as classes sociais. Desta forma, o consumo transforma-se num ato unicamente individual de satisfação de necessidades conforme o poder aquisitivo de cada um. Aliados ao consumo são disponibilizadas para todos diversas opções, escolhas mercantis que são a cada dia renovadas e ao mesmo tempo, ressaltam o alerta de que uma escolha errada será de única responsabilidade do indivíduo.

Neste cenário da busca pelo sempre novo que sacie o desejo imediatamente de se sentir saudável e próximo ao padrão de consumo desejado pelas elites, o processo de individualização e privatização das práticas corporais se torna também visível, ao lado do processo de responsabilidade do indivíduo consumidor. No entanto, se ficam obesos, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho ou porque são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho (BAUMAN, 2001). Esse é o jogo da autoresponsabilidade estimulada no indivíduo, no sentido de alertar de que se uma escolha for errada, será de sua única e exclusiva responsabilidade:

Ser um indivíduo significa não ter ninguém a quem culpar pela própria miséria, significa não procurar as causas das próprias derrotas senão na

própria indolência ou preguiça, e não procurar remédio senão tentar com mais e mais determinação (BAUMAN, 2001, p. 48).

Na Educação Física, Fraga (2006), baseado em Foucault e a partir do programa desenvolvido pelo governo de São Paulo, o *Agita São Paulo*, comenta sobre a sustentação de um movimento físico-sanitário que busca o dever do corpo saudável, a possibilidade de alcançar um estado de plenitude logo ali adiante, mas que nunca chega. Esses movimentos que buscam expansão pela sociedade possuem significados que vão além do simples incentivo à atividade física.

O *Agita São Paulo* de acordo com o autor, buscou qualificar a pessoa para a auto-atividade, ou seja, ela mesma gerenciará sua atividade a partir de sua própria vontade, sendo a pessoa responsável por reservar certo tempo em seu dia para realizar atividade física, para sua própria saúde. Para quem deseja uma instrução mais adequada, basta ir para as academias particulares. Eis presente a *sociedade dos consumidores*, pois ao mesmo tempo em que enfatiza a individualidade e a responsabilização por algum fracasso, envolve diversas opções para se exercitar. As justificativas desses programas de promoção de saúde tão bem preconizados na sociedade possuem na verdade, como objetivo, a redução de gastos do governo com pessoas enfermas e remédios, pois gasta-se muito menos promovendo o discurso informativo sobre a atividade física para a saúde. Apesar disso, busca o alcance e efetividade limitados a um nicho bem restrito da mesma, levando-se em conta as péssimas condições de vida da maioria dos brasileiros (BAGRICHEVSKY *et al.*, 2006). Essas divulgações e incentivos ininterruptos corroboram com a auto-responsabilização do indivíduo, como comentado anteriormente: quando este não tem as condições ou tempo de fazer uma atividade física, a culpa é dele próprio. Como parte do processo de individualização, os indivíduos são incentivados a fazer escolhas entre opções oferecidas pelo mercado:

“Ser livre para escolher”, “cada um faz seu estilo de vida”. Essas, entre outras, são expressões rotineiras em nosso cotidiano. Saúde, qualidade de vida e liberdade se entrecruzam em anúncios, manuais de auto-ajuda, discursos políticos, propostas pedagógicas, assim como outros

espetáculos integrados oferecidos na contemporaneidade (GOMES, 2008, p. 14).

Com maiores opções de escolha dentro do mercado, o aval científico fornece ao indivíduo uma sensação de liberdade e certa segurança, ainda que momentânea e enganosa. Mas isso não significa autonomia, pois este se torna preso a um mercado que cada vez mais objetiva criar desejos para a sua satisfação. Uma passagem interessante de Bauman (2001) deixa claro o que pode ser essa sensação de liberdade:

(...) Uma das questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas podem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser objetivamente satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. (p. 24).

Cabe destacar que mesmo diante dessa aparente liberdade, Foucault argumenta sobre a sujeição que os indivíduos se colocam a uma normalidade a ser seguida, respectivamente em relação ao corpo, tornando-se um corpo submisso. Essa submissão não é necessariamente e apenas obtida por instrumentos da violência ou da ideologia, ela pode ser realizada sem ser violenta, ou sem que o homem assim perceba, pode ser sutil e agir sobre o indivíduo como uma relação de dominação e poder (FOUCAULT, 1987).

Essa sensação de liberdade, concretizada nas escolhas diante das opções fornecidas ao indivíduo traz um paradoxo e é explicado por Gomes (2008): a liberdade de escolha, entre muitas opções, fornece certa segurança para os indivíduos que a executam, quando é acompanhada por um respaldo coletivo, este conferido pelo conhecimento de especialistas. Esse saber especializado, sempre em constante renovação em função das novas descobertas científicas, constrói uma miragem de fortaleza para os indivíduos, pois estes conferem fidedignidade aos sistemas peritos, à busca da sensação de segurança a respeito das escolhas feitas.

Aliada à sensação de liberdade estimulada no consumidor, que coloca os indivíduos diante de diversas escolhas mercantis para seu deleite, a possibilidade de “não escolher o melhor” demarca fortemente a insegurança que cada indivíduo apresenta, pois prevenir é essencial quando fatores de riscos são estipulados por especialistas, e estes especialistas são percebidos como confiáveis. “Mas os sujeitos contemporâneos vivenciam o enfrentamento dos riscos como sendo de sua inteira responsabilidade” (GOMES, 2009, p. 5), o que gera uma insegurança, já que essa sensação está ligada ao recuo do Estado-Nação em propostas que buscavam ou tentavam oferecer certa garantia.

O que implica no indivíduo é a necessidade de escolher, de ter que optar, de ter que se defender contra os males conforme preconizado por especialistas, acessando às novas mercadorias disponibilizadas para a promoção de uma vida saudável, já que os riscos gerados são de responsabilidade do indivíduo. Por fim, Gomes (2009) argumenta:

Este imperativo da escolha potencializa a insegurança vivenciada e a busca atônita por segurança. Desta forma, a prevenção aos riscos que podem tornar mais lânguido o corpo impregna os mais distintos espaços e ações cotidianas. A crença na eliminação de um risco alavancada a cada nova mercadoria depositada nas “prateleiras sociais” impulsiona os desejos de pureza e de felicidade em torno de um estilo de vida saudável (p. 7).

Gomes (2008) ressalta que as ações que decorrem dessas escolhas individuais articuladas ao processo de responsabilização individual e mediadas pelo que autor chama de “conselheiros modernos” (que aconselham a melhor maneira de ser e seguir), estão articuladas ao que ele denomina de “pedagogização do social”. “Esta coloca à disposição dos consumidores formas de *dever ser* que implicam tanto em estratégias individuais quanto em estratégias de controle” (GOMES, 2008, p. 6). E os conselheiros, como tudo o mais na sociedade de consumo, atuam não *somente* com mecanismos de repressão, mas de sedução. “Não há sanções contra os que saem da linha e se recusam a prestar atenção – a não ser o horror de perder uma experiência que os

outros (tantos outros!) prezam e desfrutam” (BAUMAN, 2003, p. 63, *apud* ALMEIDA; GOMES e BRACHT, 2008).

Fraga (2006) comenta, com base em Deleuze apoiado em Foucault, que os mecanismos de controle sobre os sujeitos mudam de acordo com a sociedade: antes estavam centrados nas instituições de confinamento (prisões, fábricas, escolas) que submetiam os corpos à vigilância, visando à introjeção da disciplina. Hoje estão pulverizados em redes de poder mais flexíveis que monitoram os corpos através da regulação dos fluxos e dos acessos à informação. Ainda baseado em Foucault, o autor comenta que é uma forma de governo que não depende mais da relação corpo a corpo para fazer valer um poder sobre a vida da espécie, mas de um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam os estilos de vida da população dentro daquilo que ele chama de “biopolítica informacional”.

Como Foucault (2005, 2006) prega, é um regime, uma forma de organização que não vai substituir a disciplina, pelo contrário, apóia-se nela. É uma relação de poder em que os indivíduos não são apenas encarcerados, subordinados a uma rotina e organizados em torno de um sistema de vigilância, como em hospitais, mas distribuídos em torno de normas gerais que regulam as variações biológicas no conjunto da espécie:

(...) tecnologia política que se vai apoiar em saberes que não tratam apenas de vigiar, treinar, punir os corpos individualmente, mas de normalizar condutas para gerir de maneira mais eficiente os movimentos que pulsam no interior desse corpo múltiplo (FRAGA, 2006, p. 68).

No capítulo IV, especificamente no terceiro eixo, trataremos detalhadamente sobre o biopoder e biopolítica informacional.

### ***1.1.2 – A ciência médica, o discurso da saúde racionalizada e a atividade física***

O discurso da saúde se consolidou na modernidade de tal forma que todos os seus pressupostos e conceitos viraram verdades científicas inquestionáveis, tornando o que o projeto de Modernidade, com base no esclarecimento de Kant, se colocava contra: o mito. No processo de constituição do conhecimento médico científico, seus procedimentos metodológicos tiveram que se adaptar aos preceitos da matemática, ou seja, uma ciência que propicia a quantificação, a garantia da objetividade para se chegar à verdade científica. É nesta mesma perspectiva que a anatomia desmembra o corpo humano, tomando-o como um conjunto de peças (órgãos), para estudá-las melhor e explicar o todo como a soma destas partes (FENSTERSEIFER, 1999).

O saber médico-científico passa então a possuir legitimidade, permitindo um acomodamento do homem fiel à “religião do progresso” e à “ciência objetiva racional”. Esse homem é dominado cada vez mais por uma ciência que, colocando-se como nova divindade, promove a crença do absoluto de si, um novo mito.

Importante ressaltar que para a ciência médica, o que se apresenta como suposto fundamental e indiscutível de sua prática é que esta é amparada por uma natureza essencialmente empiricista, vista como algo que apreende a realidade sem mediações, com os conceitos científicos imediatamente redutíveis à observação (ALMEIDA FILHO, 1992, *apud* BAGRICHEVSKY *et al.*, 2006). “Essa crença se baseia numa concepção positivista de ciência, que se considera neutra, livre de julgamentos valorativos” (BAGRICHEVSKY *et al.*, 2006, p. 33).

Na visão de muitos especialistas da ciência médica, as representações sociais do que seria saúde está fortemente relacionado ao conceito de doença, no sentido que a ausência de doença significaria saúde. Este pensamento estreito ainda se encontra hoje consolidado na sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou mão de um novo conceito, no qual a condição de saúde estaria relacionada a um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Além de questionarmos a que se refere a condição de “completo bem-estar”, percebemos um viés funcionalista que com palavras como “social” procura mascarar essa dimensão, já que seu entendimento se direciona para o indivíduo.

Ao se direcionar o olhar apenas para o indivíduo, se subestima, muitas das vezes, o contexto sócioeconômico enquanto fator importantíssimo na condição/determinação da saúde. Reconhecendo



essa e outras dimensões, seria muito simplista considerar a saúde como um conceito que envolvesse apenas a dimensão individual. Ainda, quando se faz a crítica ao conceito, considerando a dimensão sócioeconômica, por exemplo, os estudiosos, muitas vezes, acabam por se render a um *neopositivismo*, pois considerar o social e o econômico como variáveis a partir de instrumentos quantitativos que buscam conhecer a renda, o grau de escolaridade, entre outros, não é transcender a visão funcionalista que o conceito de saúde apresenta.

Assim sendo, ao adotar a saúde a partir de uma visão reducionista, esta poderia ser tomada, a priori, como consequência de efeitos biológicos (mensuráveis quantitativamente e passíveis de serem comprovados) produzidos pela prática regular de atividade física. Tal linearidade tem recebido diversas críticas; destacamos dois olhares de considerável importância: essa interpretação linear adota um olhar restrito, pois desconsidera questões que não podem ser dissociadas do cotidiano das pessoas e que estão diretamente vinculadas à promoção de saúde para a sociedade, tais como a distribuição desigual de renda populacional, condições sanitárias básicas, nível de desemprego, condições de moradia e outros. Por segundo, Palma (2000, apud BAGRICHEVSKY et. al., 2006). fez uma revisão sistemática e encontra como resultado que as possíveis articulações entre atividade física e saúde não são dotadas de uma pressuposta correlação constante de causalidade e que, se fosse inserido nessas questões análises sobre o mapeamento de parâmetros sócioeconômicos e culturais, poderia influenciar, sobremaneira, os achados obtidos ao final das pesquisas.

A ciência, através de dados epidemiológicos, busca mostrar que hábitos de dieta e atividades físicas moderadas podem reduzir a ocorrência de agravos crônico-degenerativos à saúde. Áreas ligadas à promoção de saúde, notadamente aquelas ligadas à atividade física, têm procurado amarrar suas raízes acadêmico-científicas nesse terreno cada vez mais fértil. Não se trata aqui de abominar o papel da ciência e das tentativas de legitimação sobre a relação atividade física e saúde, pois reconhecemos essa importância, mas é preciso reconhecer que o emprego destinado às descobertas científicas, assim como a decisão do que deve ser pesquisado, possui intenções, interesses e opções valorativas que permeiam o ato de pesquisar.

O discurso médico científico está articulado à capacidade de operar sobre essas palavras-chaves: atividade física (movimento), saúde

e sedentarismo. Além disso, por esse discurso linear sobre a relação atividade física e saúde, se encontram ideais de felicidades conectados ao indivíduo ativo, ao utilizarmos a metáfora atribuída por Bauman na transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, discutido em parágrafos anteriores. Cabe também ressaltar que é dado como principal causa ao sedentarismo as inovações tecnológicas que permitem certa comodidade (GOMES, 2008). O autor pôde perceber essa relação (comodidade, sedentarismo e inovação tecnológica) na grande maioria das dissertações de mestrado defendidas na área Atividade Física e Saúde do PPGEF/UFSC, por certo período de tempo<sup>9</sup>, em que os autores das dissertações forneciam uma justificativa ao sedentarismo especialmente pelo viés da comodidade proveniente dos avanços tecnológicos.

Entretanto, se acreditamos que a atividade física faz bem à saúde e se desejamos conservá-la (a saúde), deveríamos então nos dedicar à sua prática. Esse dever dessa junção entre crença e desejo ocorreria de forma simples como é posta a relação linear entre atividade-física e saúde, mas, sabemos que não é assim, vistos nos percentuais almejados e que não são atingidos, daí a necessidade de discursos que insistem sobre a criação de hábitos de adesão. “O hábito destina-se a reduzir ou fixar a volatilidade do desejo, de forma a administrá-lo” (LOVISOLO, 2006, p. 159).

Uma das formas de expandir essa célebre conquista é através de programas que incentivem a atividade física na promoção de saúde. Os programas de promoção da saúde objetivam mudanças de comportamentos, através da disponibilização de conhecimentos e informações (no sentido da evidência científica) pela via da razão, como eixo para atingir a subjetividade humana. Lefèvre (1991 *apud* Palma *et. al.*, 2003) lembra que a saúde está sempre associada a bens de consumo que objetivam promover a própria saúde. As variadas opções promovem na modernidade uma liberdade de escolha que caminha em conjunto com o processo de individualização nesta escolha, e assim, as pessoas, independente de seus contextos sócio-econômicos e culturais e, portanto, da margem de escolha em seus modos de vida, teriam a

---

<sup>9</sup> Para maiores detalhes, conferir a tese de doutorado de Ivan Marcelo Gomes, defendida em 2008, no PPGICH/UFSC (GOMES, 2008).

responsabilidade de se exercitarem para viverem mais tempo, da maneira como puderem.

## **1.2 – Mídia, Saúde e Educação Física: discursos que buscam o convencimento**

A Educação Física emerge com força no interior do processo de higienização e mecanização dos corpos do século XIX. Através dos métodos ginásticos provenientes dos diferentes países, “uma das primeiras formas de sistematização dos exercícios físicos, tornou-se instrumento de regulação da motricidade, moralização das atitudes e imposição de vontades” (FRAGA, 2006, p. 40).

Aos médicos higienistas era concebida a responsabilidade de definirem uma pauta para a Educação Física nas escolas, de forma que suas preocupações vão delineando um projeto para a Escola e uma pedagogia que tem na doutrina da higiene a sua matriz inspiradora e na normatização do social, construindo uma pedagogia de base médica (GONDRA, 2004).

Desde então, persuadir para a prática de atividade física ou o movimento é o principal argumento dentro de uma visão do campo da Educação Física, que opera a partir de um enunciado praticamente inquestionável, decorrente de um conhecimento científico partilhado como referência fundante da área entre diferentes grupos e orientações teóricas, que pode ser enunciado da seguinte forma: “atividade física traz saúde; falta de atividade física gera riscos à saúde” (FRAGA, 2006). Para desencadear um processo de disseminação desse pensamento físico-sanitário mais ajustado aos emergentes princípios da promoção de saúde (enraizado no estabelecimento de normas e hábitos para conservar e aprimorar a saúde coletiva e individual), foi preciso adequar o vocabulário científico da aptidão relacionada à saúde a um linguajar mais midiático, e de preferência, acessível a todas as classes sociais.

A melhor forma de colocar esses preceitos para toda a sociedade é promovendo alianças com os meios de comunicação de massa, por meio de discursos que buscam o convencimento-

Adorno e Horkheimer (1985) ao explanarem sobre a indústria cultural, nos apontam que a cultura ao passar por um processo de

mundialização ou globalização – com o recurso indispensável da mídia – contribui para que os artefatos culturais se “desterritorializem” e integrem-se às imagens sintéticas, digitais e rápidas. A apropriação dos conhecimentos provenientes da indústria cultural, conceito que expressa a banalização da cultura às leis do mercado, gera psiques reificadas e um procedimento adaptativo que se reduz ao que Adorno denominou de *well adjusted people*, que pode ser entendido como uma psique adaptada e estruturada mediante um processo de projeção e identificação com modelos de conduta que evitam o doloroso exercício da reflexão e do inconformismo (ZUIN, 1997).

Reconhecendo que o que interessa hoje é o acúmulo do maior número de informações no menor tempo possível, mediante o consumo de produtos oriundos da Indústria Cultural e como Zuin (1997) aponta, parece haver uma aversão à teoria, à reflexão perante o processo de mercantilização dos produtos simbólicos, uma ausência de reflexão entrelaçada com a reprodução da indústria cultural globalizada, o próprio conceito de saúde ou a dimensão que engloba a saúde, ao ser também submetido ao conceito e processo da Indústria Cultural, pode tornar-se um argumento, ou um discurso veiculado pela mídia, transpondo suas múltiplas e possíveis interpretações ao vínculo do mercado, sendo concebida como mais um produto mercadológico a ser consumida no nosso dia-a-dia. Um produto correspondente a uma dimensão que se reduz aos interesses mercadológicos, invadindo o imaginário das pessoas e restringindo interpretações e entendimentos apenas ao sentido de consumo que se dá na sociedade contemporânea.

Guareschi e Biz (2005) já diziam sobre a necessidade das pessoas tomarem consciência da importância do fenômeno da mídia nos dias de hoje. Para os autores, a comunicação constrói a realidade, ou seja, algo passa a ser real quando é midiático:

“(…) Alguém diz: “Interessante, acabou a greve!”. E o interlocutor pergunta: “Por quê?”. Então a resposta, esclarecedora, explicativa e convincente: “Não se vê mais nada na TV! Não há mais nada nos jornais!”(GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 42).

Além disto, os autores afirmam que a mídia fornece também uma conotação valorativa, dizendo que algo é bom ou ruim, e a partir disto,

podem ser criados e legitimados certos valores; a mídia fornece a pauta da discussão, isso quer dizer que, grande parte dos assuntos que são falados no trânsito, no trabalho, em casa, na escola, é colocada à discussão pela mídia. Por fim, a mídia constrói nossa subjetividade. É importante refletirmos sobre a tarefa que devemos ter de nos perguntarmos, diariamente, sobre o que nos é dito, e sobre os pressupostos implícitos naquilo que nos é comunicado; é uma questão de sobrevivência, se quisermos continuar cidadãos livres e conscientes. As mensagens nos são passadas como inquestionáveis, normais, naturais. Mas não são. Elas contêm valores, interesses, nunca são neutras.

Mól (2005) comenta que essas informações midiáticas são capazes de influenciar diretamente a construção de representações sociais, pelas quais os indivíduos significam a sua realidade. De acordo com a autora, a mídia estabelece sentidos e significados que influenciam as percepções de realidade das pessoas, produzindo representações sociais que:

(...) podem ser tanto individuais, pois necessitam ancorar-se em um sujeito, como sociais, pois ao mesmo tempo, são geradas nas práticas comunicativas do dia-a-dia onde se inclui a mídia (p. 20).

Vale ressaltar que essas representações não são estáticas, pois existe uma construção diferenciada de objetos que varia de pessoa a pessoa, ainda que elas se autoinfluenciem, ou seja, as representações são transformadas de indivíduo para indivíduo, sofrem influências de diversos sujeitos e se modificam a partir de contextos comunicativos.

Sendo assim, a mídia, ao operar na tentativa de homogeneizar temáticas no cotidiano das pessoas, influencia essas representações sociais, pois implicam em escolhas e opções para a sociedade, não excluindo a Escola.

Em relação à saúde ou a busca de um corpo saudável, Fraga (2006) comenta que a mídia coloca no ar informações necessárias para “espantar” de si (e também de se espantar com) essa espécie de pecado contemporâneo que atende pelo nome de sedentarismo. O que mais importa para o convencimento dessas práticas de atividade física, além de “espantar” o sedentarismo em si, é o convencimento, o poder de

persuasão que a mídia exerce sobre as pessoas, informando-as, alcançando suas subjetividades. A necessidade de fazer a informação circular perpassa pela idéia de que todos consumam essa informação, o que não necessariamente responde também pela consumação real da atividade física. Para que os serviços ali sejam consumidos de maneira mais efetiva é preciso, primeiramente, que seus usuários consumam idéias, que faça parte de sua discussão, de preferência idéias claras passíveis de serem entendidas, difundidas pela mídia. Nessa perspectiva, “possuir informação é mais importante do que aderir a um programa de atividade física propriamente dita” (FRAGA, 2006, p. 30).

Para que chegue sem muita resistência à sociedade, de forma que suas intenções consigam ser compreendidas sem o palavreado formal científico, o discurso médico “termina por pedir uma espécie de decodificação pela mídia” (MÓL, 2005, p. 46). Essa decodificação, para que apresente confiabilidade, deve constituir um discurso de fácil entendimento, e mesmo que seja distribuído por jornalistas ou comentaristas, deve ser proveniente do alvará de médicos e profissionais da saúde.

As informações midiáticas de cunho científico-tecnológico tornam-se, assim, mais atraentes para a sociedade à medida que elas conseguem corresponder a um modo de comunicação do tipo alerta de “segurança máxima”, como são os argumentos médicos-científicos sobre a atividade física, que preenchem o lar dos cidadãos no intuito de “avisar” que a atividade física é o meio mais eficaz para se obter saúde. Como argumentado acima, quando a informação chega até o sujeito com um respaldo médico-científico, mais credibilidade será fornecida àquela informação. Fraga (2006) afirma:

Mas para que as recomendações preventivas tenham ressonância é preciso que os veículos de comunicação exibam as credenciais dos cientistas ou instituições de pesquisa que lhes forneçam a matéria-prima da informação, pois além de avaliar a notícia, “uma fonte segura” também traz credibilidade para aqueles que veiculam (p. 30).

Fraga *et al* (2009) ao aplicar um questionário em seu estudo para sujeitos que participavam de caminhadas orientadas em Porto Alegre,

contendo uma pergunta que se referia à aquisição de informações e à confiabilidade nas fontes, os sujeitos fizeram referência à figura do médico, sendo este invocado o maior número de vezes para legitimar o elo entre educação física e saúde, pois “é na palavra do médico que se pode confiar quando se trata de saúde, independente do tema específico a ela associado” (p. 26). Além disso, a relevância da mídia e dos outros meios de comunicação também foi destaque, já que em relação ao modo como as pessoas adquiriram informações sobre atividade física e saúde, a televisão entrou em terceiro lugar, abaixo de médicos e profissionais relacionados à saúde, como professores de Educação Física. A partir disto, percebemos a forte presença da relação atividade física e saúde, influenciado pelo discurso médico sobre a Educação Física, além da presença da mídia como operadora deste discurso.

Mól (2005), a partir de seu estudo, identificando discursos sobre saúde e estética na Revista Veja, pôde perceber que existe um embaralhamento das temáticas nesta mídia. Uma edição especial apresentou inúmeras propagandas destinadas especificamente para um público esportista, preocupado com a saúde e a boa forma, além de diversos anúncios, marcas de equipamentos, acessórios esportivos. Ainda, nesta mesma pesquisa, alguns temas tiveram relevância entre os discursos analisados na Revista Veja, destacando-se saúde. A autora percebeu que houve uma grande associação da atividade física com a saúde, por exemplo, uma edição apresentava o título “O esporte como remédio” em caso de atletas que buscaram o esporte como tratamento de doenças, na busca da felicidade. Estas nos demonstram que, por meio da mídia, são arranjadas estratégias biopolíticas e da indústria cultural para as formas de se alcançar e conceber saúde na sociedade, sendo esses conceitos melhor desenvolvidos em capítulos a seguir nesta pesquisa.

Essas informações levantadas aqui não buscam demonstrar que a prática de atividade física é desprovida de qualquer interferência positiva sobre o ser humano, mas que “urge a necessidade de se analisar cuidadosamente essas tentativas de massificação de uma norma moralizante, da aparência física utópica do ‘corpo sarado’, ‘geração saúde’ e do ‘estilo de vida ativo’, que estão em curso na modernidade contemporânea” (BAGRICHEVSKY *et al*, 2006, p. 27).

Também houve certa ambigüidade entre saúde e estética nos discursos analisados por Mól, demonstrando que:

Tal aspecto torna-se evidente, pois conforme a lógica exposta pelas reportagens examinadas, para se ter a saúde em dia há que se estar em forma e, de acordo com essa mesma linha de raciocínio, exibir um corpo esbelto parece atestar, necessariamente, uma boa saúde (MÓL, 2005, p. 42).

Gomes (2008) analisou o desenvolvimento de propostas midiáticas e acadêmicas para a educação do indivíduo saudável, especificamente as propostas do Caderno *Equilíbrio* do jornal Folha de São Paulo e dissertações do NuPAF (Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde) da UFSC. O autor percebeu uma semelhança entre as duas propostas, sendo ambas baseadas em um ideal de felicidade caracterizado pela ponderação dos excessos da modernidade, de uma atitude individualista em relação a responsabilidade da própria saúde e amparadas em especialistas. No *Equilíbrio*, especificamente, existe uma noção de que as escolhas que o indivíduo fará são fundamentais para a felicidade encontrada nos “estilos de vida equilibrados”, remetendo a resolução de problemas ao âmbito privado do indivíduo. Interessante ressaltar que essas propostas, por vezes, denunciavam conflitos, já que especialistas das áreas humanas possuíam um olhar mais abrangente em relação ao corpo saudável, contrariamente aos especialistas da área médica que ali anunciavam propostas.

As propostas acadêmicas *nupafianas* não se limitam à esfera privada, cabendo também ao Estado a responsabilidade pelo alcance de um corpo saudável e se preocupam mais com os comportamentos de risco que afastariam um estilo de vida saudável. Estas são vistas como balizas disciplinares percebidas nos conselhos acadêmicos, sendo reconhecido que a maioria das dissertações finalizava com “recomendações” para atingir uma vida saudável. Gomes (2008) ressalta, em relação às propostas *nupafianas*:

(...) Talvez, possamos visualizar, com tal perspectiva acadêmica, uma atualização do higienismo, na qual os intelectuais que influenciam o debate público aparecem na forma de professores de Educação Física, os quais procuram redimir equívocos vivenciados



socialmente através do modelo da “vida ativa” (p. 202).

Por fim, as propostas analisadas nos dois campos referidos acima retratam uma preocupação em munir indivíduos e populações, com receitas especializadas, representando uma forma de manuais, o que denota certa lógica de consumo presente nestas propostas (GOMES, 2008).

Fraga (2006) também comenta sobre a estratégia do “Agita Galera”, como parte do “Agita São Paulo”, que tinha como ideal atingir as Escolas, subordinando os conteúdos ali tratados à retórica da vida ativa. Cabe destacar que a todo o momento, o CELAFISCS<sup>10</sup> esteve presente em todas essas propostas aliadas ao governo de São Paulo.

Assim, não é de se estranhar que a Educação Física ainda perpetue tais discursos, visto que a relação dela com a saúde foi consolidada há tempos na sua história e se mantém atualmente, dada as devidas proporções. Entretanto, mesmo que tal discurso seja presente, a Educação Física, por receber influências diretas destes discursos sobre atividade física e saúde, deve pensar numa educação crítica para com estes conteúdos.

Quando um aluno informa ao professor que determinada atividade passou na televisão e que ele quer fazê-la também porque a televisão indicou, isso carece de uma reflexão sobre a chegada de conteúdos construídos socialmente, e para se obter um enfoque reflexivo, consideramos o professor como um mediador no espaço escolar, capaz de “desmistificar” tais conteúdos.

Um espaço educativo não existe para se ajustar ao estado atual hegemônico, dado como natural. Considerando a educação como um ato político, é importante ter consciência que o trabalho crítico se faz sobre as contradições existentes na sociedade e, no caso em questão, as existentes no campo da mídia, que precisam ser apontadas, uma vez que a elite que a detém foge da autocrítica.

---

<sup>10</sup> Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul / SP.

Para tanto, a Educação Física pode contar com os fundamentos, princípios e propostas metodológicas da Mídia-Educação, como veremos a seguir.

### **1.3 – Mídia-Educação, Mediação Escolar e Educação Física**

*A escola é local de encontros de muitos sistemas simbólicos, ou seja, de “muitas culturas”, seja aquela de bagagem pessoal ou de identidade de diferentes alunos, alunas e professores, seja a cultura erudita que ali é ensinada, ou ainda, a cultura popular regional do local onde a escola está situada. Este quadro se torna mais complexo quando não acrescentamos a todas estas dimensões o entrelaçamento da cultura midiática que temos hoje (GADOTTI e ROMÃO, 1997).*

A assertiva acima citada nos faz refletir como a mídia não se faz presente somente nos espaços familiares, mas principalmente na Escola. Não há dúvidas que os alunos trazem para o espaço escolar as informações que adquirem através dos meios de comunicação, e com certeza, essas informações passam por diversas mediações. Assim, introduzir a mídia e apenas reproduzir seus discursos no âmbito escolar pode ser tão prejudicial quanto a sua pretensa ausência, uma vez que, sem um trato pedagógico com a mídia, existe o risco de os alunos reforçarem tais discursos midiáticos, de forma simplista e ingênua (SOUZA; CAETANO; PIRES, 2009).

Pode parecer que falar de mídia no âmbito escolar seria algo muito complexo, pois muitos possuem o entendimento que esta discussão se encerraria na dimensão instrumental, ou seja, na sua mera utilização. Mendes (2005) realizou uma pesquisa onde percebeu que freqüentemente os professores se referem à mídia apenas como uma ferramenta pedagógica, ou seja, como instrumento capaz de auxiliar o ensino. Porém, urge a necessidade de organizar o mundo à nossa volta, a visão desarticulada dos acontecimentos na mídia, unidas à fragmentação dos saberes escolares, de forma que a educação dê conta de garantir não

somente o acesso, mas a apropriação da mídia pelos alunos, focando a formação de indivíduos críticos, autônomos e seletivos diante do discurso midiático.

Como Fantin (2006) argumenta, “estamos sendo educados por imagens, sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos” (p. 27). Não é suficiente saber sobre a técnica (dimensão instrumental) ou colecionar imagens, sons, informações midiáticas com a pretensão de que isso bastaria, é necessário saber intervir no meio comunicacional com autonomia.

Assim, ao pensarmos em educação relacionada à mídia, pensamos uma educação para e com a mídia. Para tal esclarecimento, anunciamos as possibilidades conceituais e metodológicas da Mídia-Educação.

Mídia-educação é a tradução do termo inicialmente concebido na língua inglesa como *Media Education* e pode ser revelado como educação para os meios/a mídia. E para localizarmos o leitor ao que se refere “educar para a mídia”, fazemos necessário o entendimento do termo mídia (*media*), compreendendo-o como os mais diversos meios de comunicação: jornal, cinema, televisão, computador, entre outros.

(...) Assim, quando falamos de mídia podemos estar nos referindo a esse campo de interesse que compreende todos esses meios em geral e também estar considerando a relação de poder construída e exercida pela Mídia (FANTIN, 2006, p. 30).

Embora haja ainda conflitos em relação a esse conceito, os objetivos para uma educação para a mídia esbarram na formação de um indivíduo ativo, crítico e criativo em relação a todas as tecnologias de comunicação e informação.

Surgem assim, na literatura, diferentes terminologias na busca da consolidação de um termo que dê conta de uma educação para a mídia. Belloni (2001, p. 09), situando as tecnologias da informação e da comunicação no contexto da mídia-educação, preconiza o uso da mídia na escola, considerando duas dimensões indissociáveis: “ferramenta pedagógica” rica e proveitosa para a melhoria e expansão do ensino, como comunicação educacional, substituindo e ampliando tecnologia

educacional; e “objeto de estudo”, se referindo à educação para a mídia (mídia-educação).

À proposta de Belloni, a pesquisadora Fantin (2006) ressalta que ambos os termos cabem ao mesma terminação “visto que não seria tão separável assim, apesar de possuir dimensões diferenciadas” (p. 32). Assim, a autora, contrapondo diferentes tentativas conceituais, lança o termo mídia-educação como sinônimo de educação para a mídia, envolvendo tanto uma abordagem crítica e reflexiva sobre a mídia como seu uso instrumental.

Educar para as mídias nesta perspectiva implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produz mídia também (FANTIN, 2006, p. 31).

O que Fantin busca, baseada nos estudos do pesquisador italiano Pier Rivoltella, é a superação de qualquer dicotomia entre o campo da ferramenta e o do objeto de estudo, sintetizando ambos no termo mídia-educação e possuindo três perspectivas ou dimensões: a “instrumental”, a “crítica” e a “produtiva”. Sobre a dimensão instrumental, refere-se à educação com os meios no âmbito da metodologia didática. A mídia-educação, nessa perspectiva, é considerada um recurso para a educação reinventar a didática, ensinando com outros meios, visando a superar o esquema tradicional e substituir o suporte do livro-texto através do uso das mídias. O contexto crítico refere-se ao enfoque da mídia-educação no sentido de fazer educação sobre os meios ou educação para a mídia; significa a possibilidade de compreender e refletir criticamente os sentidos das mensagens destinadas a influenciar no modo de agir e pensar. Por fim, o contexto produtivo refere-se ao fazer educação através dos meios ou dentro da mídia; significa utilizar as mídias como linguagens, como forma de expressão ou produção. (SOUZA; CAETANO; PIRES, 2009). Porém, essa produção, assim como nos afirma Preto (2001) corresponde a uma dimensão crítico-criativa, ou seja, o uso da mídia *com fundamento*.

Por fim, o que se propõe a partir do entendimento sobre mídia-educação é que a escola se aproprie da mídia como uma possibilidade de diálogo crítico e criativo com a cultura da mídia, utilizando-a como forma de expressão e produção cultural, como objeto de análise e reflexão sobre seus produtos, mensagens e discursos e como agente de socialização e de promoção da cidadania (MENDES, 2008).

Assim, reconhecendo que é perceptível a incidência da cultura da mídia no âmbito escolar, incluindo a Educação Física, é visível que o trato com a atividade física e saúde subordinado à premissa da Educação Física apresente influências dos discursos midiáticos. Basta olharmos as referências que muitos jovens fazem às aulas de Educação Física, sobre a necessidade de se movimentar para adquirir um corpo saudável e belo, coadunando com os discursos presentes na mídia. Ao pensarmos na utilização do conceito de mídia-educação como suporte reflexivo para nossas ações na busca de um olhar específico sobre a saúde na Educação Física, faremos menção ao entendimento de mediação.

Diversas são as teorias críticas da mídia no contemporâneo. Para Orofino (2005), existe certo consenso nesse conjunto em se definir as teorias das mediações como aquelas que buscam um enfoque integral dos processos de circulação e produção de sentidos. Segundo a mesma autora, a teoria das mediações, enquanto uma perspectiva teórico-metodológica, oferece um referencial a partir do qual se pode refletir sobre as relações entre mídia e suas audiências (cabendo aqui a Escola). Sendo assim, ao visualizarmos no espaço escolar a possibilidade de leitura crítica de um produto midiático, é interessante indagarmos sobre as condições de produção, os códigos da linguagem, questões ideológicas, bem como os aspectos de recepção e, além disso, visualizarmos a Escola como um local de produção e endereçamento de respostas à mídia (OROFINO, 2005). Para tal proposta, a teoria das mediações, com enfoque no uso social dos meios e enfoque integral da audiência, proveniente da corrente da sociologia latinoamericana e que tem os autores Guillermo Orozco e Jesús Martín-Barbero como proeminentes, nos guiaram neste percurso.

Os estudos dos autores citados acima surgem na década de 80, contrapondo-se aos estudos de recepção midiática que caracterizavam o consumidor médio a partir de uma visão estrutural, e que eram identificados com a vertente funcionalista da sociologia empírica norte americana. Eles não levam em consideração fatores culturais e sociais

que qualificam a posição dos receptores enquanto sujeitos ativos e não passivos:

Esta concepção epistemológica condutivista realmente faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida, isto é, também de produção de sentido – o estímulo que estava abolido pela significação apenas transmitida ou pelos estímulos que ela comportava. Martín-Barbero (1995, p. 41 *apud* LISBÔA, 2007, p. 54).

Neste sentido, esta pesquisa se apóia na corrente latinoamericana de sociologia da comunicação a partir das contribuições dos estudos de recepção e teoria das mediações. Essas contribuições apontam que as diferenças culturais constituem-se como em estruturas mediadoras da recepção midiática, intervindo no processo de produção de sentidos e buscam uma interação dialética entre emissor e receptor em um processo de negociação de sentidos e significados. Assim, o sujeito como produtor de sua cultura própria, interage ativamente no processo comunicacional.

Mezzaroba (2008) afirma, em relação à teoria desenvolvida por Martín-Barbero:

Sua grande contribuição com o conceito de *mediação* foi considerar a comunicação a partir da cultura, naquilo que ele denomina de *mediação cultural*, ou seja, os sujeitos estão inseridos em diferentes contextos sócio-culturais, sendo a cultura, portanto, a mediadora do processo midiático (as mensagens midiáticas chegam às pessoas “filtradas” pelos seus elementos culturais) (p. 37).

Conforme a reflexão acima, as pessoas estabelecem diferentes preferências diante do discurso midiático, já que o consumo não é passivo, e sim seletivo, dependendo necessariamente das mediações culturais que se estabelecem a partir das múltiplas experiências que cada sujeito traz consigo (OROFINO, 2005).

Assim, a partir da teoria das mediações, a pesquisa crítica deslocou o foco das pesquisas tradicionais, cuja análise se dava somente

sobre a produção, no âmbito estrutural e econômico, ou sobre o conteúdo ideológico das mensagens. Em vez disso, prefere focar mais na recepção, no uso e apropriações que os sujeitos fazem de todos os meios na esfera da vida cotidiana, em especial, a televisão. Assim, como comenta Jacks (1999 *apud* PIRES, 2002), as mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o espaço que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção.

Desta perspectiva, emerge o papel que as mediações operam no âmbito do receptor e que Orozco (1993), baseado em Martin-Barbero, vai desenvolver como um modelo das “múltiplas mediações”, sendo elas: *a individual, a situacional, a institucional e a tecnológica*. Numa perspectiva dialética, essas mediações se entrelaçam e se contrapõem, promovendo um amplo movimento de afirmação e negação. Dentre estas, destaca-se a mediação institucional, em vista dos valores e crenças implícitas às ideologias ou doutrinas das instituições sociais das quais o indivíduo faz parte, e que desempenham um importante papel na recepção. São exemplos dessa categoria um partido político, uma religião, a Escola, entre outros. Essas instituições podem se entrelaçar e gerar ressignificações distintas dos sujeitos sobre discursos da mídia; no caso dessa pesquisa, sobre saúde.

Como podemos perceber, é também na Escola que muitos sujeitos trocam seus saberes e produzem novos sentidos sobre os produtos midiáticos que consomem todos os dias. Basta refletirmos sobre as conversas que existem entre os alunos a respeito de alguma telenovela, de algum filme, de alguma propaganda, todos comentam, trocam opiniões e isto é o que prova que toda recepção é ativa e mediada pelo contexto sócio-histórico de que fazem parte os usuários (OROFINO, 2005).

Assim, a Escola, enquanto componente institucional, por meio de sua prática pedagógica, pode ‘concorrer’ com as demais instituições no processo de ressignificação e na produção de novos significados que irão atuar na recepção (LISBÔA, 2007).

O que se impõe, enquanto professores e pesquisadores, é resgatar ou fortalecer o potencial desta mediação institucional, sem deixar este papel social relegado ao espontaneísmo do dia-a-dia. É necessário ressaltar que as mediações se constituem como ações reflexivas e podem ocorrer tanto na esfera da produção quanto da recepção. Assim, nós professores, devemos nos tornar capazes de articular potentes

mediações, em relação ao acesso de nossos alunos à mídia contemporânea.

Por fim, Orofino (2005) ressalta:

Se pensarmos a escola como local de recepção crítica e de formulação de resposta ao discurso mercadológico, dominante na mídia contemporânea, estaremos ampliando os espaços de ressignificação e transformação tanto da narratividade quanto da própria vida social (p. 51).

Apoiados na proposta da pesquisa, e utilizando esse conhecimento sobre mídia-educação e mediações, buscamos intensificar as possibilidades de (re)significação, diálogo, debate e respostas sobre o que os alunos percebem na mídia de todo dia, especificamente sobre os significados que a relação atividade física e saúde na Educação Física pode fornecê-los.

#### **1.4 – A Análise Crítica do Discurso (ACD) como opção de interpretação**

*“Toda vez que se faz uma pesquisa, nos posicionamos politicamente, desde o modo como tomamos os objetos àquilo que elegemos como objeto e aos modos de construir nossa metodologia e análise. A questão central da pesquisa é termos um objetivo, saber como se vai tomar o objeto de estudo, a partir de que lugar e então ir construindo como se vai lidar com ele. A riqueza da pesquisa, a possibilidade de produção está na forma como se vai discutindo o próprio problema de pesquisa. (...) É ponto central olhar para a história de como as questões são construídas e como isso produz sujeitos e seus modos de vida”. (GUARESCHI; HUNING)*



*(...) Analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empiricismo, visando a penetrar nos significados que os autores sociais compartilham na vivência de sua realidade (MINAYO, 2006, p. 299).*

Para a análise dos registros de campo da pesquisa, recorreremos a elementos conceituais e metodológicos fornecidos pela teoria social do discurso, de forma mais específica, a Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Norman Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social*. Este modelo se atém ao estudo das relações entre linguagem, poder e ideologia.

Antes de explicarmos a concepção da ACD para Fairclough, faz-se importante uma breve passagem sobre a abordagem de Foucault sobre o discurso, porque Fairclough, ao organizar a ACD, aponta alguns limites e possibilidades relevantes organizadas por Foucault e que ele as integra e operacionaliza em sua metodologia para a promoção de sua análise crítica do discurso.

No início da proposição de Norman Fairclough, a respeito da Análise Crítica do Discurso, o autor localiza a dimensão de discurso utilizada por Foucault e o foco que este dava:

Foucault preocupou-se com as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento e com as condições de transformação do conhecimento em uma ciência, associadas a uma transformação discursiva (FAIRCLOUGH, 2008, p. 62).

Uma diferença importante a se considerar entre a análise de discurso de Foucault e a ACD é que o primeiro estava preocupado, em algumas fases de seu trabalho, com um tipo de discurso bastante específico, como a medicina, a psiquiatria, a economia. A ACD, por outro lado, está preocupada, em princípio, com qualquer tipo de discurso – conversação, discurso da sala de aula, discurso da mídia e assim por diante; e a análise de textos de linguagem falada ou escrita é parte central desta.

Fairclough incorpora à ACD duas principais contribuições teóricas sobre o discurso realizadas nos estudos arqueológicos de Foucault. A primeira refere-se à visão constitutiva do discurso, que envolve uma noção de discurso como ativamente constituindo ou construindo a sociedade em várias dimensões – o discurso constitui os objetos de conhecimento, os sujeitos e as formas sociais do “eu”, as relações sociais e as estruturas conceituais. A segunda, de acordo com o autor, é que Foucault fornece uma ênfase na interdependência das práticas discursivas de uma sociedade ou instituição: os textos sempre recorrem a outros textos contemporâneos ou historicamente anteriores e os transformam; e qualquer prática discursiva é gerada de combinações de outras e é definido pelas suas relações com outras práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2008).

O que é de maior significação para a análise de discurso de Fairclough a partir de Foucault é a visão de discursos como constitutiva – contribuindo para a produção, a transformação e a reprodução dos objetos na vida social. Isso implica, de acordo com Fairclough, que o discurso tem uma relação ativa com a realidade, que a linguagem significa a realidade no sentido de construção de significados para ela, em vez de o discurso ter uma relação passiva com a realidade, com a linguagem meramente se referindo aos objetos, os quais são tidos como dados na realidade.

Em relação ao trabalho genealógico consolidado por Foucault, três pontos incorporados à ACD por Fairclough merecem destaque:

- a) a natureza discursiva do poder – as práticas e as técnicas do biopoder moderno (por exemplo, o exame e a confissão) são em grau significativo discursivas;
- b) a natureza política do discurso – a luta por poder ocorre tanto no discurso quanto subjacente a ele;
- c) a natureza discursiva da mudança social – as práticas discursivas em mutação são um elemento importante na mudança social (FAIRCLOUGH, 2008, p. 82).

Por outro lado, Fairclough comenta haver um contraste essencial entre sua proposta e a de Foucault, pois a análise de discurso deste

último não inclui a análise discursiva e lingüística dos textos reais, e Fairclough defende uma análise textual em conjunto com outras análises: dos processos discursivos de produção e interpretação, e análise social do evento discursivo, que alcançam instâncias concretas de discurso. Ainda, ele considera que os sujeitos sociais são moldados pelas práticas discursivas, mas também capazes de remodelar e reestruturar essas práticas (visão complexa e pouco valorizada por Foucault, apontada na obra de Fairclough). De acordo com o autor, Foucault exagera a extensão na qual a maioria das pessoas é manipulada pelo poder e portanto, acaba por não dar peso à contestação das práticas, às lutas de forças sociais entre si. Porém, o próprio Fairclough comenta que Foucault não ignora essas questões, tendo inclusive reservado um capítulo em *Arqueologia do Saber* (1972) para a discussão sobre mudanças e transformações. Todavia, Fairclough comenta que:

(...) Foucault certamente insiste que o poder necessariamente acarreta resistência, mas ele dá a impressão de que a resistência é geralmente contida pelo poder e não representa ameaça. (...) É assim, um discurso de resistência que não vai além dos parâmetros de sua formação discursiva (p. 83).

Para Fairclough, parece assim, existir limites de um conceito de prática nas análises de Foucault. Por prática, o autor (Fairclough) entende como os exemplos reais das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas em instâncias concretas. A presente pesquisa pretendeu englobar não somente uma mudança social a partir da mudança discursiva, e da tematização que envolve práticas discursivas das quais os alunos provavelmente não estavam adaptados, mas também alcançar a práxis social com recurso de elementos da pesquisa-ação; tais conceitos serão contemplados durante este capítulo.

Fairclough corrobora com Foucault em aceitar que tanto os objetos quanto os sujeitos sociais são moldados pelas práticas discursivas, mas o primeiro insiste que essas práticas são constrangidas pelo fato de que são inevitavelmente localizadas dentro de uma realidade material, constituída, com objetos e sujeitos sociais pré-constituídos. Assim, os processos constitutivos devem ser vistos, na

visão do autor, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-constituída. Aqui, novamente, o autor enfatiza as análises da prática real e do texto real que Foucault desconsideraria. Além disso, reconhecer as formas de interação entre os sujeitos pré-constituídos, em que as formas de interação influenciam o processo constitutivo e que o processo de constituição dos sujeitos sempre tem lugar dentro de formas particulares de interação sugere que os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados passivamente, mas capazes de agir como agentes, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem (FAIRCLOUGH, 2008). Em resumo, o autor assegura com a ACD uma análise social, essencialmente por assegurar atenção a exemplos concretos de prática e às formas textuais e a processos de interpretação associados a elas.

Após esse pequeno quadro teórico a respeito da relação entre a análise de discurso de Foucault e a proposta por Fairclough, organizamos breves explicações sobre alguns elementos considerados na ACD e que também serão aprofundados durante a discussão dos eixos temáticos.

Quando Fairclough conceitua o discurso, o autor transcende a visão de muitos estudos linguísticos (sociolinguísticos), em que a grande maioria apresenta uma ênfase unilateral sobre como a língua varia segundo fatores sociais (os fatores sociais moldam a língua). Para o autor, essa visão é limitante, pois exclui a possibilidade do uso da linguagem realmente contribuir para a constituição, reprodução e mudança social. Isso possui várias implicações, pois ao usar o termo discurso, Fairclough (2008) propõe o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais, implicando ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Para além, implica também uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Isso reflete a importância que a relação entre discurso e estrutura social deva ser considerada como dialética, para evitar os erros de ênfase indevida: de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. No primeiro caso, o discurso

é mero reflexo de uma realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social. Nas palavras do autor: “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91).

De uma forma sintética, podemos pensar uma prática discursiva como constitutiva e como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como ela é, mas também contribui para transformá-la.

Fairclough usa o termo foucaultiano “ordem de discurso” para substituir o termo interdiscurso ou interdiscursividade, no qual representa a estruturação ou articulação das formações discursivas na relação umas com as outras. Os elementos de uma formação discursiva podem apresentar uma relação contraditória ou não, e podem ser linhas de tensão, portanto, não são fixos. Tais elementos, nas ordens de discurso locais e societárias, são na prática potencialmente estruturadas de maneira contraditória e, desse modo, estão abertas para ter os investimentos políticos e ideológicos como foco de disputa em lutas para desinvestí-los ou reinventá-los.

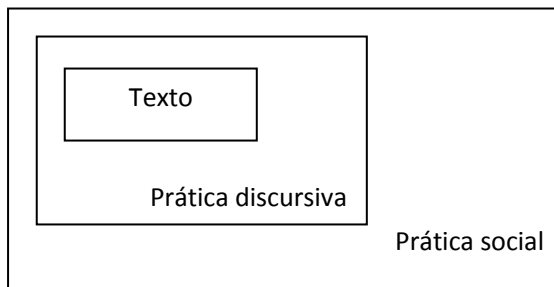
A respeito da prática discursiva, o autor comenta que esta manifesta-se em forma linguística, como textos, linguagem falada ou escrita; e prática social é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto (FAIRCLOUGH, 2008). De maneira mais simples, a prática discursiva é uma forma particular da prática social:

Em alguns casos, a prática social pode ser inteiramente constituída pela prática discursiva, enquanto em outros pode envolver uma mescla de prática discursiva e não-discursiva (FAIRCLOUGH, 2008, p. 99).

Assim, ao falarmos de prática social, de prática discursiva e texto, convém agora mencionar a concepção tridimensional do discurso proposta por Fairclough (quadro abaixo). Essa concepção abrange os três elementos anteriormente citados e considera a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente. Além, tal concepção envolve a seguinte compreensão: as estruturas sociais, relações de poder e a natureza da prática social em que os membros da sociedade estão

envolvidos, de forma inconsciente, moldam as práticas discursivas desses mesmos membros – assim suas práticas discursivas podem ser investidas política e ideologicamente – e, de forma dialética, suas práticas discursivas (dos membros) tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais. Aceita-se assim, a perspectiva de um sujeito transformador (PEDROSA, 2008). Ainda nesse contexto, os elementos que os membros utilizam são heterogêneos e contraditórios e contestados em lutas de natureza parcialmente discursiva.

### **Quadro ilustrativo: concepção tridimensional do discurso**



Não se pode almejar o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos: “eles são traços e pistas desses processos e não podem ser produzidos nem interpretados sem os recursos dos membros” (FAICLOUGH, 2008, p. 100). Há de se considerar a interdependência das práticas discursivas nas formações discursivas, a partir de dois termos explicados por Fairclough: a intertextualidade e a interdiscursividade. Esta última envolve as relações entre outras formações discursivas, que de acordo com Foucault, constituem as regras de formação de uma dada formação discursiva.

(...) Não se pode, portanto, simplesmente, apelar ao contexto para explicar o que é dito ou escrito ou como é interpretado, como muitos lingüistas fazem na sociolingüística e na pragmática: é preciso voltar atrás para a formação discursiva e para a articulação das formações discursivas nas

ordens de discurso para explicar a relação contexto-texto-significado. (FAIRCLOUGH, 2008, p.73)

Sobre a intertextualidade, é basicamente a propriedade que os textos possuem de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados. O texto presente pode assimilar elementos anteriores, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. Pedrosa (2008) comenta que as categorias intertextualidade e a interdiscursividade representam as relações de um texto ou um discurso, considerando outros que lhe são recorrentes. É importante a lembrança na obra de Bakhtin sobre os textos responderem a textos anteriores e, também, anteciparem textos posteriores. Assim, podemos perceber que nossa fala é constituída com palavras de outros em variáveis graus de alteridade e em variáveis graus do que é nosso (PEDROSA, 2008).

Voltando-se neste momento ao enfoque do discurso enquanto uma prática social que envolve uma prática discursiva, e portanto, um texto, Fairclough (2008) defende o discurso como prática política e ideológica, trabalhando com dois conceitos: ideologia e hegemonia. Para o olhar sobre a análise social, o objetivo dessa prática é especificar a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social, porque a prática social (política e ideológica) é uma dimensão do evento comunicativo, da mesma forma que o texto.

Sobre o conceito de ideologia, também explorado na discussão do eixo que se segue, Fairclough (2008) considera como:

(...) significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (p. 117).

Ainda, o autor considera que “as ideologias” não devem ser enfatizadas como uma propriedade estável e estabelecida nas práticas

discursivas, porque a referência que ele faz à “transformação” aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, “uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação” (p. 117). Fazemos referência à presente pesquisa, na qual apresentamos práticas discursivas contrastantes com a estrutura social em um domínio particular ou instituição, no caso, a Escola.

Sobre a localização de ideologias, existem duas concepções descritas por Fairclough – uma textual e outra que toma a ideologia como propriedade de estruturas ao localizá-la em alguma forma de convenção subjacente à prática linguística, seja um código ou uma estrutura. Focando especificamente na primeira, a linguística crítica pressupõe que as ideologias estão nos textos. Fairclough (2008) vai defender que não é possível “ler” as ideologias nos textos, talvez porque os processos ideológicos carecem e são passíveis de diferentes interpretações, que podem diferir em sua importância ideológica porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos - são processos entre pessoas, não apenas demarcados em textos (aqui como discursos), pois estes são momentos de tais eventos. Fairclough vai defender que as ideologias estão localizadas tanto nas ordens de discurso que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras.

Merece destaque o pensamento do autor em que não se deve pressupor que as pessoas possuem consciência das dimensões ideológicas de suas próprias práticas discursivas, pois as ideologias construídas ou mantidas podem ser naturalizadas ou automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que em suas práticas existem investimentos ideológicos; mesmo que tal prática seja interpretada como de resistência, contribuindo para uma mudança ideológica, ou até mesmo, para uma mudança social, talvez a significação ideológica não seja consciente. É uma razão para se propor uma modalidade de educação linguística (por que não uma educação para as mídias, como na presente pesquisa?) que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que estão submetidas (Clark *et al.*, 1988; Fairclough, 1992 *apud* FAIRCLOUGH, 2008).



Por fim, sobre ideologia, o autor adota uma concepção dialética:

Os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. O equilíbrio entre o sujeito “efeito” ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2008, p. 121).

Além disso, os diferentes tipos de discursos são investidos ideologicamente em diferentes graus e não necessariamente todo discurso é investido ideologicamente. Por isso: “Não deve ser muito difícil mostrar que a publicidade em termos amplos é investida com mais vigor do que as ciências físicas” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 122).

Sobre hegemonia, o autor comenta ser uma construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento, ainda, é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. Baseado no conceito de hegemonia de Gramsci, Fairclough sugere que tal concepção de luta hegemônica em termos de articulação, desarticulação e rearticulação de elementos (proximidade com Gramsci) ou complexos ideológicos apresenta-se em harmonia com sua concepção de discurso: “a concepção dialética da relação entre estruturas e eventos discursivos, considerando as ordens de discurso concebidas como configurações de elementos mais ou menos instáveis” (p. 123). Assim, a articulação e a rearticulação de ordens de discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica.

Convém reforçarmos que a maior parte do discurso se sustenta na luta hegemônica em instituições particulares (família, escolas, tribunais de justiça...), assim, os protagonistas não são somente as classes ou forças políticas ligadas de forma relativamente direta a classes, mas professores e alunos, a polícia e o público ou mulheres e

homens. Acreditando-se nessa concepção é que a pesquisa se apóia na instituição escola para sustentar uma luta hegemônica que visa mudanças nos processos ideológicos locais e societários.

O conceito de hegemonia auxilia na análise tridimensional do discurso, pois fornece para o discurso tanto uma matriz – uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes – como um modelo – uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discursos existentes (FAIRCLOUGH, 2008).

O foco de Fairclough e também da nossa pesquisa é a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural; uma mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem. Quando surgem problematizações ou mesmo dilemas, as pessoas tentam resolver ao serem inovadoras e criativas, ao adaptarem as convenções existentes de novas maneiras, e assim, contribuir para a mudança discursiva, e para tal, a mudança social. À medida que as pessoas combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças nos elementos das ordens de discurso – estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. Sobre este parágrafo, aprofundaremos em breve, no capítulo destinado à discussão, em especial, no eixo sobre ambigüidade presente nos discursos dos alunos.

Convém lembrar que tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem de discurso “local” de uma instituição, como no caso da pesquisa, a turma investigada, ou podem também transcender e afetar a ordem de discurso societária.

## CAPÍTULO II

### CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

Neste primeiro momento, organizamos uma aproximação do leitor com o espaço e sujeitos pesquisados. A caracterização refere-se essencialmente a descrição da Escola onde o estudo foi realizado (IFSC - *Campus* São José), a exposição da organização da Educação Física naquela instituição de Ensino e por fim, um perfil aproximado dos alunos do estudo, a partir de algumas fontes de dados, como questionário e primeiras observações da pesquisadora.

#### **2.1. Caracterização da Instituição - De que Escola estamos falando?**

Inicialmente, antes de organizarmos a descrição da escola, faz-se importante comentar aqui que a dissertação defendida por Antônio Galdino da Costa (2006) foi realizada na mesma escola desta pesquisa. A caracterização que apresentamos aqui se aproxima e se apóia na descrição feita pelo autor, cabendo complementar as inovações ocorridas até o presente momento.

A escola escolhida para a pesquisa foi o Instituto Federal de Santa Catarina, antes denominado Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. O *Campus* onde a pesquisa foi realizada se localiza no município de São José, em um bairro (Praia Comprida) próximo ao centro da cidade, na região da grande Florianópolis. É uma instituição pública de ensino tecnológico, que, após a reforma feita pelo governo em 1998, passou a atuar também com o Ensino Médio, desvinculando este da educação profissional.

O atual *Campus* São José do IF-SC foi implantado em 1988 e teve seu início com a educação profissional e tecnológica na região. Esta escola destaca-se das demais escolas do município pelo fato de ser a única escola do sistema federal no município e por atuar em três níveis de ensino. A escola tem turmas de Ensino Fundamental, dirigidas a

alunos com deficiência auditiva, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Tem também turmas de Ensino Médio e oferece cursos técnicos em Telecomunicações e em Refrigeração e Ar-condicionado. Oferece, em nível superior, o Tecnólogo em Telecomunicações e Licenciatura em Química. Ainda, oferece na modalidade à distância, o Curso de Refrigeração e Ar-condicionado.

A escola também oferece gratuitamente cursos de extensão à comunidade, como por exemplo, curso de Libras, o qual a pesquisadora realizou durante dois meses por interesse próprio e pessoal, em conjunto com quatro alunas-sujeitos da pesquisa.

Em relação ao Ensino Médio, a escola apresentava, no momento da pesquisa, oito turmas em curso, por apresentar turmas no período matutino e vespertino (duas terceira fase, duas quarta fase, duas quinta fase e duas sexta fase). Com a lei 11892 de 2008 que criou o Instituto, o *Campus* São José deixou de ofertar o ensino médio, assim como os demais *Campus* que tinham esta modalidade de ensino. Antes da lei, o curso de Ensino Médio apresentava seis fases para a sua conclusão. Após, passou a oferecer o curso integrado, neste o aluno escolhe o curso profissionalizante a fazer, e tem a duração de quatro anos, com a formação de nível técnico profissional e Ensino Médio. A organização do 'Integrado' ocorre assim, em oito fases (oito semestres).

A estrutura administrativa tem como princípio a participação da comunidade nas decisões sobre as questões que dizem respeito ao funcionamento da escola, tais como calendário, orçamento, processo eleitoral, entre outras. Nessa estrutura, os alunos estão presentes nas discussões e decisões que passam pelo Colegiado da Comunidade Escolar, composto pelo Diretor, três professores, três alunos e três servidores técnico-administrativos. Cada um dos componentes desse colegiado é eleito por seus pares e tem mandato de um ano. A escola conta ainda com outros órgãos coletivos de decisão, como o Conselho de Ensino, os conselhos de classe participativos (em que alunos participam) e as reuniões de área. Além, apresentam um centro acadêmico e um grêmio estudantil, em que os alunos são escolhidos pelos seus pares e o mandato é de dois anos.

A escola funciona nos três turnos, mas as turmas de Ensino Médio são oferecidas somente pela manhã e à tarde. À noite, são oferecidos os cursos técnicos subseqüentes, a licenciatura e a educação de jovens e adultos. Os alunos do Ensino Médio têm aulas apenas em

um turno. Contudo, alguns têm que freqüentar o turno oposto ao de sua turma, para cursar pendências (disciplinas nas quais não obtiveram aprovação plena ou atendimento paralelo). Todos os professores têm uma ou duas aulas para atender os alunos que tenham dificuldades, ou não compreenderam os conhecimentos desenvolvidos nas aulas “regulares”.

A estrutura física da escola apresenta ótimas instalações divididas em três blocos (A, B e C): um estacionamento externo e outro interno, um campo de futebol de areia, duas quadras poliesportivas, sala de cultura (vide foto abaixo) com jogos de mesa, espelhos, tatame e outros materiais internos, um bloco de salas de aula, uma biblioteca, uma cantina terceirizada, uma sala de audiovisual, dois auditórios, entre outros espaços da administração.



**Foto registrada pela pesquisadora durante um encontro na sala de cultura**

No bloco A, no piso térreo, encontramos a sala (setor) da Educação Física. No piso superior, está a direção, a gerência de ensino, o grêmio estudantil e o acesso a quadra de esportes. Entre os blocos há jardins, com plantas ornamentais e gramados. A entrada dos alunos se

dá pelo estacionamento externo (vide foto abaixo). Nesta entrada, os alunos apresentam seus cartões de identificação, no esquecimento do mesmo, os alunos assinam em um arquivo na entrada.



**Foto registrada por Costa (2006) – visão da entrada da escola**

A escola apresenta um espaço reservado, perto da entrada, o setor de orientação de turno. Este é o setor responsável por cuidar da movimentação dos alunos, assim como dos horários de aulas dos professores. Também é encarregada de passar aos alunos as comunicações vindas das coordenações ou da direção, bem como as advertências. Ainda, é responsável pelo encaminhamento de alunos atrasados para sala de aula e por manter alguns contatos com os pais ou responsáveis. É comum que as primeiras fases fiquem em salas próximas da orientação de turno. A isso, podemos refletir, acompanhados por Foucault (1987), sobre a construção de escolas e

espaços no século XVIII, que objetivam o disciplinamento<sup>11</sup> e controle dos alunos, a fim de se obter um bom comportamento das pessoas, especialmente daquelas que precisam conhecer as regras iniciais e apresentarem uma boa conduta ou disciplina.

## **2.2. A organização da Educação Física na Escola**

O IFSC apresenta uma organização da Educação Física diferenciada, o que nos motivou a buscá-lo como foco de nossa pesquisa. Os professores da instituição realizaram um trabalho que gerou a publicação de Bitencout *et. al.* (2005). Neste trabalho, os autores (professores) apresentaram suas premissas do planejamento de ensino, construído coletivamente no e pelo movimento histórico das ideias e práticas dos próprios professores que compõem o corpo docente da Educação Física na instituição escolar. Conforme Bitencourt *et. al.* (2005): “foi uma tentativa de organizar os saberes e modos de fazer pertinentes a nossa disciplina, constituindo-se numa abertura para o conhecimento, para a reflexão crítica e para a educação” (p. 720).

Refletindo que podemos inferir que toda a educação está vinculada a uma visão de mundo, de sociedade, de ser humano e, no caso da Educação Física, uma visão de corpo e movimento, nos aproximamos da proposta realizada pelos professores, demonstrando interesse pela organização sistemática de conteúdos da Educação Física apresentada para aquela instituição. Após realizado os primeiros contatos, solicitamos o plano de ensino da disciplina para os professores.

---

<sup>11</sup> Para maiores detalhes, ver a obra de Michel Foucault (1987): *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*.

Tal planejamento para o Ensino Médio realizado pelos professores da escola apresentava em cada fase um conteúdo teórico específico – que serviria como tema gerador – e aulas práticas ligadas aos esportes tradicionais, atividades recreativas e jogos populares, além de eventuais atividades ligadas à cultura que não se resumem às tradicionais já citadas aqui. A divisão das temáticas, também apresentada por Bitencourt *et. al.* (2005) e encontrada no planejamento de ensino, foi a seguinte de acordo com as fases:

- 1ª fase – Estilo e qualidade de vida; promoção de atividade física; stress;
- 2ª fase – Sistemas muscular e cardiovascular; exercício físico;
- 3ª fase – Nutrição, controle de peso e primeiros socorros;
- 4ª fase – Mídia e Educação Física;
- 5ª fase – A construção cultural do corpo;
- 6ª fase – Sociologia do esporte.

Como podemos perceber, a mídia aparece como um dos conteúdos programáticos para o Ensino Médio, especificamente a quarta fase. O objeto de interesse dos professores na quarta fase era abranger os conhecimentos sobre os meios de comunicação de um ponto de vista teórico-prático, conectado às demandas escolares, na perspectiva de melhor entender a mídia para criticamente vivê-las. Nas palavras dos autores:

Nosso objetivo ao introduzir esta temática é o de colaborar na compreensão, por parte dos alunos, da estrutura dos meios de comunicação, seu papel quando conectados à indústria cultural na mercadorização do corpo e do esporte especificamente, e das demais áreas da vida em geral. (...) O objetivo é de formá-los para a análise crítica desta indústria que nos atinge (BITENCOURT *et. al.*, 2005, p. 720).



Por essas características, por interesse da temática a ser trabalhada e pelo entendimento que os alunos já nos apresentariam conhecimentos sobre saúde apreendidos na primeira fase, optamos por realizar a pesquisa com a quarta fase.

Em relação à estrutura escolar, IF-SC *Campus* São José apresenta instalações plausíveis para o desenvolvimento da Educação Física, além de uma sala onde ficam os materiais da disciplina, em quantidade considerável. Dentre os materiais, o *Campus* dispõe não somente materiais esportivos tradicionais, mas, por exemplo, bolas utilizadas para Pilates, bolas de tênis de campo, cordas, etc., material que usualmente não encontramos em escolas públicas municipais e estaduais. A minha própria experiência como professora de Educação Física para Ensino Médio no estado do Rio de Janeiro contribui para minha surpresa em relação às muitas diferenças encontradas entre uma escola estadual e outra federal, como o caso do IF-SC *Campus* São José. As diferenças não se remetem apenas em nível de materiais disponíveis para o ensino da Educação Física, mas para além, corpo docente, grupo pedagógico responsável pelos alunos, atendimentos psicológicos e odontológicos para os alunos, entre outros.

A Educação Física na escola estava organizada de forma que ela acontecia uma vez por semana, correspondendo a dois tempos de aula de 45 minutos. Está incluída na grade curricular dentro do horário conjunto das demais disciplinas (não em turno oposto).

### **2.3. Caracterização da turma – uma aproximação aos alunos-sujeitos**

Como argumentado anteriormente, sabíamos da importância de realizar a intervenção com os alunos que estivessem orientados com a temática da pesquisa, nos remetendo então à turma que teria os estudos sobre mídia como parte dos conteúdos programáticos para o Ensino Médio na Escola. Após a identificação desta, realizamos o primeiro contato. A classe era composta por 22 alunos, destes, 13 alunos do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Em relação à idade, 7 alunos possuíam 17 anos, 14 alunos possuíam 16 anos e 1 aluno possuía 15 anos.

No momento escolhido para a primeira aproximação com a turma, a fim de conhecer os alunos, o professor responsável pela mesma realizou a discussão de um texto sobre cultura com os alunos. Neste momento, nos detivemos (a pesquisadora) à observação dos sujeitos, tendo ao início, minha apresentação aos alunos. A apresentação da pesquisadora discorreu brevemente a partir da explanação das intenções da pesquisa, dos objetivos, e de como seriam realizados os encontros, ou seja, semanalmente. Em tal momento, dialogamos com os alunos que buscaríamos um equilíbrio em relação às intervenções, de forma que não retiraríamos de todos os encontros, a prática da qual eles estavam acostumados. Para tanto, inicialmente, as aulas práticas que os alunos estavam adaptados seriam intercaladas com a proposta da pesquisa, mesmo para não realizarmos uma mudança repentina no cotidiano dos sujeitos. Aos poucos, fomos organizando nossa intervenção semanalmente.

Neste esforço de um primeiro olhar sobre os sujeitos investigados, durante a discussão do texto proposto pelo professor, no qual ele relatava sobre a cultura ser manipulada e organizada a partir de interesses explícitos, uma aluna permitiu escapar o seguinte comentário: *“Nós descobrimos que somos um bando de manipulados”* (Fala registrada em diário de campo, 02/03/2010). Em tal momento, a aluna expressou seu encantamento por uma descoberta e demonstrou sua percepção sobre o poder de alguns sobre muitos em relação à cultura.

Muito observado durante a aproximação foi o posicionamento crítico<sup>12</sup> que muitos alunos demonstravam possuir, além de opiniões das mais diversificadas, o que nos motivou ainda mais na escolha de tal turma. A primeira impressão de uma turma com posicionamentos demarcados e opiniões fortes foi reafirmada com intensidade na participação da pesquisadora em uma reunião pedagógica. Esta reunião pedagógica realizada no início do semestre foi dividida em duas partes: em um primeiro momento, os alunos que sentissem vontade de

---

<sup>12</sup> Consideramos aqui nesta pesquisa o termo posicionamento crítico como uma forma de qualificar uma postura de questionamento dos alunos à realidade dada e a perspicácia que os alunos apresentaram ao dialogarem e exporem suas opiniões. No sentido antigo, crítica é a parte da lógica que trata do julgamento. Hoje, exame de um fato, de uma obra de arte, de um comportamento com o intuito de fazer um julgamento de apreciação, que pode ser lógico, estético, moral, etc. (DUROZOI, 1996).

participar poderiam participar; em um segundo momento, era solicitado aos alunos que eles saíssem da sala, para que as reflexões entre os professores da turma, a coordenadora pedagógica e o professor regente pudessem ser realizadas.

A participação da pesquisadora se restringiu à observação, permitindo inclusive registros no diário de campo. Durante a observação, algo já percebido foi reforçado, que foi a participação e posicionamento forte da maioria das meninas, enquanto os meninos que participaram pouco realizaram intervenções. Uma fala interessante realizada por T.M.<sup>13</sup> foi a importância da busca de aulas inovadoras entre os professores, ressaltando a importância daqueles que buscam se apropriar das mídias, mas restringindo seu elogio à utilização das mídias como um meio de ensino (perspectiva instrumental). Mendes (2005) realizou uma pesquisa com professores e demonstrou que a maneira como eles se remetem à mídia em suas aulas foca-se no uso instrumental da mesma, desconsiderando as dimensões crítica e produtiva como possibilidade para uma educação para as mídias. Como podemos perceber, a dimensão valorizada pelos alunos naquele momento foi a instrumental, com o intuito de desenvolver aulas inovadoras. Mas justamente pelo conhecimento do fato que a mídia produz uma cultura descontextualizada e que a sociedade, muitas vezes, naturaliza as informações provenientes da mídia, é que refletimos a importância de uma relação crítica com os meios, capaz de superar uma leitura superficial dos seus conteúdos e formas.

Como comenta Mendes (2008), utilizar-se da mídia em aulas faz parte de cenas ditas como inovadoras que se repetem em diferentes escolas por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, não podemos esquecer que quando um professor resolve passar algum filme ou vídeo para seus alunos, e abdica de dialogar sobre o mesmo, a mídia acaba por se transformar no novo mestre, pois é transmitida ao vídeo a responsabilidade de ensinar. Uma maneira de não permitir este fato acontecer, ampliando as possibilidades do uso de um vídeo em aula é a mediação escolar, no qual o professor torna-se não

---

<sup>13</sup> Por respeito ao anonimato dos alunos, utilizamos as iniciais dos nomes para nos referirmos a eles.

mero espectador como os alunos, mas aquele que promove o debate e que intercede criticamente.

O diálogo aberto em torno de questões pedagógicas na referida reunião possibilita aos alunos comentários acerca da didática dos professores. Importante realçar a coragem dos alunos para também criticarem diretamente as posturas de alguns professores, o que por constrangimento, instigou uma professora a justificar-se sobre sua postura vista pelos alunos como rígida e ríspida. Este fato gerou em certo mal estar nos participantes, e implicou na intervenção de outros professores. Tal passagem foi assim registrada no diário de campo:

*Após a fala de T.M., a professora fez uma fala um tanto incomodativa, constrangedora, demonstrando poder e autoridade sobre os alunos, dizendo que não admite certas coisas, parecendo bastante inflexível. Ela argumentou, dando como exemplo, suas aulas da Universidade, onde todos os alunos ficavam calados e tinham milhares de exercícios para fazerem (achando que assim deve ser com os alunos do Ensino Médio). Achei inviável utilizar esse exemplo, pois estamos em um ambiente escolar com nível de exigência e formação mesmo muito diferente. P.H., o professor moderador e regente de turma, após a fala da professora fez uma fala sobre violência, a partir de Hannah Arendt, que a violência passa a existir quando não encontramos ou possuímos mais o poder. (Notas de diário de campo, 13/04/2010).*

No processo de aproximação aos alunos e inserção no campo – ocasiões iniciais de observação – foi possível perceber a forma “naturalizada” pela qual os alunos entendiam o espaço destinado à Educação Física. Os meninos, nas aulas de Educação Física, iam diretamente para a quadra (espaço que na maioria das vezes era utilizado para a prática de futebol). As meninas, enquanto os meninos jogavam futebol, ficavam na sala de Cultura, que é uma sala que possui diferentes jogos (xadrez, ping-pong, dama, entre outros), além de dois grandes sofás diante de uma televisão. Naqueles momentos, me dispus a ficar

com as meninas, na tentativa de me aproximar delas e pude perceber que poucas eram as vezes que elas se envolviam em algum jogo de mesa, estando na maioria das vezes sentadas ou deitadas no sofá assistindo TV e conversando.

Outra maneira de nos achegarmos e conhecermos mais os alunos-sujeitos da pesquisa foi a utilização de um questionário, contendo questões fechadas e abertas (Apêndice I) e que permitiu um conhecimento preliminar da relação existente entre os alunos e os meios de comunicação de massa. Tal questionário além de buscar conhecer quais meios de comunicação os alunos mais tinham acesso, tinha como foco também o conhecimento de quais programas os alunos assistiam com mais frequência, quais programas os mesmos assistiam sobre saúde (se assistiam), e o grau de interesse deles com informações veiculadas nos meios sobre saúde e atividade física. Neste momento, além da entrega do questionário, entregamos também a autorização a ser preenchida pelos pais/responsáveis (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – de acordo com o Comitê de Ética<sup>14</sup> - ver Apêndice II).

A seguir, apresentamos as sínteses e alguns dados dos questionários que foram respondidos por 22 alunos (sendo 13 do sexo masculino e 9 do sexo feminino). Algumas questões estão organizadas em valores absolutos e relativos, outras, por permitir ao aluno opinar em mais de uma opção, estão dispostas de forma a apresentar a distribuição das respostas.

Todos os alunos pesquisados possuem televisão em casa e quando questionados se gostam de assistir, 16 (72,7%) alunos afirmaram que sim e 6 (27,3%) que não.

Os alunos também foram questionados sobre a frequência com que se ocupam de ver televisão. Cabe destacar que dos seis acima que não gostam de assistir TV, apenas um de fato não assiste. Os dados encontram-se no quadro abaixo (Quadro 1):

### **Quadro 1: Distribuição de alunos pela frequência de assistência à televisão**

---

<sup>14</sup> Convém ressaltar que a pesquisa foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo parecer favorável à aprovação para o seu desenvolvimento (N. 727/10).

Qual a frequência?	Alunos	
	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Todos os dias	13	59,1%
Cinco vezes por semana	1	4,5%
Poucas vezes, quase raramente	3	13,7%
Nunca	1	4,5%
Não sabe exatamente/sem resposta	4	18,2%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Em relação à quantidade de alunos que possuem televisão por assinatura, o quadro abaixo demonstra o resultado:

**Quadro 2: Quantidade de alunos que possuem televisão por assinatura**

Possui TV por assinatura?	Alunos	
	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim	13	59%
Não	9	41%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Como podemos perceber, a maioria dos alunos possui TV por assinatura, tendo acesso a mais canais (fechados) dos que os que não possuem TV por assinatura. O número de alunos que possuem TV no quarto é significativo, sendo 12 (54,6%) alunos que possuem televisão, enquanto 10 (45,4%) não possuem em seus quartos.

Entre as respostas dos alunos sobre os principais programas que assistem na televisão, o quadro abaixo apresenta esta distribuição. Sendo esta questão aberta, o aluno poderia citar mais de um programa:

**Quadro 3: Distribuição de referências feitas pelos alunos à assistência de programas televisivos**

<b>Programas citados pelos alunos</b>	<b>Número de Referências</b>
Jornal do Almoço	2
Filmes	4
Fantástico	2
Reality-show e BBB (Big Brother Brasil)	2
Discovery Channel	3
Novelas diversas	4
Dr. House	3
The Big Bang Theory	3
Jornal da Globo	5
Mais Você e Home & Health	1
Sport TV, Globo Esporte e futebol	9

Dentre os 4 (quatro) alunos que citaram assistir novelas, um (1) era do sexo masculino e três (3) eram do sexo feminino e, dentre os 9 (nove) que comentaram gostar também de assistir Sport TV, Globo Esporte e futebol, 8 (oito) eram do sexo masculino e um (1) era do sexo feminino. Percebemos assim que os meninos dão preferência a programas que se relacionem com esporte, mais enfatizada ainda quando o desporto é futebol. Betti (2001) comenta sobre a existência do esporte *da* mídia, excluindo a possibilidade da existência do esporte *na* mídia, já que este exigiria aceitar o pressuposto de que a mídia fosse capaz de abordar o esporte em sua inteireza. De acordo com o autor, tal termo foi criado para enfatizar o fato de que a mídia se apropria do termo “esporte”, impondo sentidos e significados conforme seus interesses, com características específicas. Uma característica é a monocultura esportiva, pelo fato da programação da mídia predominar esse desporto, especialmente no Brasil, já que a relação custo-benefício para a publicidade é relevante.

Enfatizamos também que entre os programas mais citados que se relacionam com o tema saúde, encontram-se: Mais Você e Home & Health, ambos citados pela mesma aluna e o segundo acessível apenas por canal fechado.

Em relação à questão sobre se os alunos se interessam por programas que informam algo sobre saúde, tais como programas sobre

dietas, atividades físicas, beleza corporal e estética, apenas 7 (32%) alunos responderam que sim e 15 (68%) responderam que não. Importante salientar que dentre os sete (7) que responderam, três (3) eram meninas e quatro (4) eram meninos, e na visão destes, os programas mais citados relacionados com o tema saúde que eles assistem são aqueles que envolvem também a temática esporte e atividade física, como Globo Esporte. Houve apenas um aluno, que além de citar o Globo Esporte, citou o programa Dr. Hollywood, que não é relacionado ao esporte. As três meninas nos deram mais possibilidades, citando mais programas que acompanham a temática saúde e beleza: Glamour Superstar, Esquadrão da Moda, 10 anos mais jovem, Globo Repórter, Mais Você e Dr. Hollywood.

É senso comum que o consumo de mercadorias ou produtos é estimulado pela publicidade e em seu conjunto com os diferentes programas televisivos – sistema já investigado por Adorno e Horkheimer (1985) em seus estudos sobre a Indústria Cultural. Dada tal consideração, quando questionados se, enquanto assistem a TV, assistem também à publicidade/propaganda que é veiculada nos intervalos das programações, a maioria dos alunos respondeu que não (14 alunos – 63,6%) e 8 alunos (36,4%) que sim, assistem.

As respostas que se mantiveram negativas, ou seja, os alunos que não vêem publicidade/propaganda nos intervalos da programação, fizeram comentários que demonstram a manipulação exercida das propagandas e geralmente trocam de canal no momento em que a propaganda é veiculada. Um aluno ainda fez o seguinte comentário no questionário: “*Me sinto manipulado quando vejo*”. Sobre as respostas positivas, a maioria dos comentários se voltou para a liberdade de obterem informações sobre os preços e produtos novos e que mesmo algumas propagandas sendo exageradas, outras são criativas.

Adorno e Horkheimer (1985), ao anunciarem o conceito de Indústria Cultural, nos explanam que ela se apresenta como um progresso na sociedade, propiciando sustento a seus atores. Entretanto, este progresso continua sendo o revestimento do sempre igual a busca do lucro, e qualquer bem comercializado agora que aparente novo apresenta o mesmo esqueleto de antes, que não mudou mais. Sua (pseudo) mudança encontra-se na aparência sedutora, que torna o sujeito desta indústria cultural em um ser submisso. Os bens culturais, que devem ser engolidos em qualquer caso, aparentam também uma



emancipação: o próprio sujeito, agora objeto da indústria, procura os bens, a partir do seu inconsciente consentimento geral e acrítico, a busca de uma falsa liberdade e satisfação imediata.

Baseados em Bauman, os professores Almeida, Gomes e Bracht (2010) comentam que a questão da liberdade contemporânea se concretiza a partir da liberdade de opção e na liberdade da escolha sobre o que é oferecido, assim, tal liberdade só pode ser alcançada em conjunto com o consumo, pois só podem desfrutar dela aqueles que são consumidores. Já Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a escolha é aparentemente nova, pois é a seleção do sempre o mesmo.

A questão a seguir refere-se à publicidade e propaganda, discutindo se estas influenciam os padrões de comportamentos e de consumo. O quadro abaixo demonstra os resultados.

**Quadro 4: Distribuição dos alunos por acreditarem que a publicidade/propaganda influencia os padrões de comportamentos e de consumo.**

Você acha que a publicidade/propaganda influencia os padrões de comportamentos e de consumo?	Alunos	
	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim	21	95,5%
Não	1	4,5%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

O quadro acima nos revela um dado importante: ainda que quase todos (95%) os alunos percebam que a publicidade e propaganda influenciam os padrões de comportamentos e de consumo, ainda existe uma parte deles que assiste durante as programações televisivas, mesmo reconhecendo tal influência (lembramos que o quantitativo de alunos que admitiram assistir as propagandas e publicidade durante as programações televisivas foi significativo: oito (8) alunos). Um aluno, ao concordar que a publicidade e propaganda influenciam os padrões de comportamento e de consumo, comenta que tal influência é realizada, na

tentativa de ordenar um padrão digno para acompanhar o mercado consumidor (Fala retirada do questionário e adaptada).

Em relação ao uso da internet, todos os alunos afirmaram possuir acesso. No mundo contemporâneo, é talvez de senso comum que pensemos que a internet já tenha alcançado todos os lares, entretanto, alguns dados não revelam isso: um estudo realizado pelo *NIC.BR* (Núcleo de informação e coordenação do Ponto BR)<sup>15</sup> lançou uma notícia em 2010, referente ao ano de 2009 sobre a posse de computadores e internet em domicílios urbanos. O resultado foi que dos domicílios urbanos estudados, 36% possuíam computador em casa, e 27% dos locais domiciliares declararam possuir acesso à internet. A região sudeste apresentava a maior proporção de domicílios com acesso à internet, sendo a região sul a segunda colocada.

De todos os alunos pesquisados, 20 acessavam uma ou mais vezes ao dia. Ainda, quando questionados o local em que acessavam a internet, todos comentaram que o acesso era realizado em casa principalmente.

Em relação ao conteúdo que acessam na internet, todo o grupo disse acessar conteúdos de sites de relacionamentos, tais como: orkut, blog, bate-papo, facebook, msn, entre outros. Nessa questão, assim como outras já descritas, o aluno poderia marcar mais de uma opção, além de escrever outros exemplos de conteúdos que acessa na internet. O quadro abaixo descreve melhor essa distribuição:

---

<sup>15</sup> Encontrado em [www.nic.br](http://www.nic.br) ou [www.labomidia.ufsc.br](http://www.labomidia.ufsc.br) (opção *blog*).

**Quadro 5: Distribuição dos alunos por informações que eles costumam acessar na internet.**

Ao navegar a internet, que tipo de informação você costuma se interessar?	Alunos
	Frequência
E-mail	17
Sites de relacionamentos	22
Esporte	9
Sites sobre alimentação, dietas, moda e beleza.	4
Outros: entretenimento, jogos, youtube, revistas.	6

Dos alunos, quando questionados se possuíam conhecimentos de sites que veiculavam informações sobre saúde e atividade física na internet, 19 (86,4%) responderam que não, enquanto 3 (13,6%) sim. Todos os que responderam positivamente em relação ao conhecimento de sites que veiculam informações sobre saúde e atividade física eram do sexo feminino e os sites mais citados informados por elas eram: Discovery, Globo Esporte, Blogs do Terra e da Capricho e SOS Corpo e Cabelo.

Como última questão, considerando a utilização de jornais impressos ou revistas como mídias, perguntamos aos alunos se eles gostavam de ler jornais ou revistas. Dentre os 22 alunos, 16 responderam que sim, enquanto 6 responderam que não. Para aqueles que gostam da leitura de jornais e revistas, os assuntos mais procurados estão assim distribuídos, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 6: Distribuição de referências citadas pelos alunos em relação aos assuntos que eles procuram em jornais e revistas**

Assuntos mais procurados pelos alunos em jornais e revistas	Número de Referências
Moda	4
Esporte	9

Saúde	7
Estética	6
Nutrição	7
Outros (tecnologia, meio ambiente, ciência, entretenimento, eventos).	8

Finalizando, pode-se sugerir que o perfil aproximado da turma, quando no início da intervenção, demonstrava a predominância das seguintes características:

a – Os alunos, de uma forma geral, não apresentam interesse por programas televisivos ou sites de internet que informem saúde, entretanto, quando comparados, as meninas apresentam maior acesso (ou motivação?) a informações sobre saúde, principalmente vinculadas à estética.

b – Os meninos quando descrevem que possuem acesso a informações sobre saúde (as poucas vezes), estão, na sua grande maioria, vinculadas ao esporte e atividade física.

c – Existe uma predominância dos sites de relacionamento no acesso à internet pelos alunos.

d – Os alunos demonstram possuir opiniões críticas com referência ao tema desta pesquisa, especialmente as meninas.

e – O discurso midiático e as TIC's (Tecnologias de informação e comunicação) aparentam estar presentes e de fácil acesso nos lares dos alunos.

f – Maior envolvimento dos meninos em práticas esportivas nas aulas de Educação Física.

## CAPÍTULO III

### DESCRIÇÃO DA MEDIAÇÃO ESCOLAR

A descrição dos dados da pesquisa foi realizada considerando diferentes momentos. É importante explicitar que apresentamos o campo de pesquisa a partir das intervenções postulando uma seqüência lógica, mas não linear. Tal escolha se deve a uma questão meramente didática, para permitir ao leitor maior compreensão e apreciação sobre as características e particularidades de cada parte e de cada estratégia adotada, pois todas as descrições, situações, momentos e interações aqui fazem parte de um processo unívoco e contínuo. De forma sintética, o Apêndice III apresenta uma leitura cronológica das atividades e estratégias implementadas, possibilitando uma visão de temporalidade à pesquisa.

Nesta ocasião, realizamos previamente algumas análises, sendo o aprofundamento da análise do campo realizado no capítulo seguinte.

#### **3.1. Levantamento de temáticas significativas para o objeto de estudo (o uso do vídeo-sensibilização e a tempestade de idéias)**

Ainda nesta etapa inicial, a primeira estratégia (além do uso do questionário) utilizada para o levantamento sobre o que os alunos pensavam a respeito de mídia e saúde foi um vídeo-sensibilização<sup>16</sup>, elaborado a partir de reportagens retiradas de programas televisivos. Mesmo que saibamos que essa aproximação da pesquisadora aos alunos já implique, de certa forma, em uma mediação escolar, pois todo encontro teve sua intenção, descreveremos aqui esta estratégia em forma de levantamento de temáticas significativas para as futuras estratégias (a mediação escolar propriamente dita).

---

<sup>16</sup> O roteiro para a construção do vídeo-sensibilização encontra-se ao final (Apêndice IV).

A ideia da utilização de um vídeo-sensibilização surgiu da necessidade de incentivar um debate, no qual os alunos expressassem suas opiniões. Tais opiniões serviriam como fontes de temáticas significativas a serem abordadas/construídas durante a intervenção, refletidas a partir do momento deste vídeo-sensibilização. Este vídeo buscou relatar como a mídia expõe informações sobre saúde e atividade física, demonstrando a necessidade de se movimentar, ser ativo e alguns casos extremos de pessoas que adquirem distúrbios a partir da possível necessidade de realizar atividade física, como anorexia e vigorexia. O vídeo foi visualizado pelos alunos em duas ocasiões: no primeiro momento, após sua visualização, foi solicitado aos alunos que eles colocassem frases ou mesmo comentários que viessem a mente após o vídeo, em uma folha de papel; no segundo momento, após a segunda visualização, foi pedido aos alunos citarem palavras para que a pesquisadora esboçasse na lousa, iniciando uma tempestade de idéias. O significado de tempestade de ideias se refere a uma técnica de trabalho em grupo, na qual todos contribuem livremente com palavras, ideias e opiniões para a movimentação de um debate. Cabe destacar que as fontes de dados deste momento foram, além do registro no diário de campo, os escritos que os alunos entregaram à pesquisadora.

De uma forma geral, diferentes comentários foram feitos e diferentes frases foram escritas. Uma frase comentada por uma aluna<sup>17</sup> durante a tempestade de idéias foi que “*muitas vezes ser magro, realizar atividade física é sinônimo de saúde*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/10). A grande maioria silenciou diante deste argumento, porém, um aluno, J.A., contrapôs essa ideia, ao dizer que “*nem sempre ser magro é sinônimo de saúde*”, comentando ainda que “*qualidade de vida não é apenas o físico*”. De acordo com Caponi (*apud* Gomes, 2006), ao referenciar o conceito de saúde presente na OMS, nos aponta que além da preocupação deste conceito apresentar um caráter utópico e subjetivo, é interessante refletir que o mesmo, politicamente, se mostra conveniente para legitimar estratégias de controle e de exclusão de tudo aquilo que consideramos fora do normal, indesejado ou perigoso. A partir do momento em que se afirma o “bem-estar” como valor (físico,

---

<sup>17</sup> Algumas frases ditas pelos alunos não aparecem as iniciais do nome, pois foram anotadas rapidamente no diário de campo, sem referência ao autor (aluno) da fala.

psíquico e social), reconhece-se como pertencente ao âmbito da saúde tudo aquilo que em uma sociedade e em momento histórico preciso, nós qualificamos de modo positivo: a laboriosidade, a convivência social, a vida familiar, o controle dos excessos. Isso se torna visível no escrito de uma aluna ao dizer que a atividade física deve ser realizada sem exageros, pois os exageros podem levar a doenças, como anorexia<sup>18</sup> e que saudável é quem não exagera ou deixa de fazer atividade física. Outro comentário de um aluno escrito no papel entregue à pesquisadora, após a visualização do vídeo-sensibilização, também demonstra tal relação colocada entre saudável e controle de excessos, visando o bem-estar enquanto um valor:

*“O sedentarismo é uma das principais causas de morte. Por isso nós temos que fazer exercícios físicos, pois é o que equilibra a nossa saúde e o nosso bem estar. É importante lembrar que o excesso de exercício físico faz mal, mas se mantermos certo ponto, com certeza nosso corpo sempre estará em forma e a nossa saúde boa”.*  
(Retirados dos escritos dos alunos).

Nesta concepção, o anorexo ou o sedentário são vistos como anormais, pois não se enquadram ao valor concebido sobre o que é saúde. Neste comentário incitamos a reflexão de que, ao concebermos um conceito ou uma perspectiva sobre o que é qualidade de vida e saúde, naturalmente excluímos algo que não nos remete ao significado daquilo que concebemos como saudável. Outro comentário de uma aluna também enfatiza isso, ainda que discretamente: *Anorexia freqüente demonstrada no vídeo como resultado de querer ser magro e saudável* (Retirado dos escritos dos alunos).

Tal reflexão pode também ser realizada em um comentário sobre o uso de anabolizantes por indivíduos que querem aumentar a massa muscular: *“Nem sempre o volume de músculos quer dizer saúde, e o anabolizante causa um inchaço momentâneo”* (Fala registrada em diário

---

<sup>18</sup> Reconhecemos que muito dificilmente o distúrbio da anorexia pode ser resultado da prática de atividade física demasiada, entretanto, respeitamos o comentário da aluna e assim o colocamos integralmente no texto.

de campo, 23/03/2010). Ser saudável neste comentário exige não possuir muitos músculos, porque muitos músculos pode ser sinal de uso de anabolizantes, mas quem disse que ter uma massa muscular considerável não pode ser sinônimo de saudável? Talvez seja do senso comum idealizar em uma relação muito íntima a prática de atividade física como sinônima de saúde, tal como dito por um aluno: “*a falta de atividade física pode ser tão prejudicial quanto fumar um maço de cigarro por dia*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010) e “*saudável é quem não exagera ou deixa de fazer atividade física*” (Retirado dos escritos dos alunos).

Ademais, outro comentário dito durante a tempestade de idéias foi realizado por B.R.: “*A mídia coloca o que ela quer, agora está aparecendo mais atrizes gordinhas para valorizar que elas podem ser gordinhas e felizes*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010). Bauman (2001) comenta que na sociedade contemporânea, diferentes, ambíguos e contraditórios elementos coexistem nas prateleiras, mas não apenas para romper com os princípios e tentativas de exclusão típica de uma sociedade estritamente controlada e ordenada, mas principalmente para alcançar a todos, e não deixar ninguém fora da meta principal: o consumo. Essa passagem um tanto crítica exposta pela aluna se apresenta também na percepção de outra aluna, T.M., registrada no diário de campo, em relação à contradição exposta pelos meios de comunicação, ou seja, a ambigüidade presente na mídia, na qual coexistem diferentes opções em prol de uma promoção da saúde: “*ao mesmo tempo em que aparece na mídia a necessidade de consumir McDonalds, vendem uma cirurgia para emagrecer*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010).

Já diziam Guareschi e Biz (2005) sobre as mensagens serem passadas como inquestionáveis, normais, naturais, entretanto elas não são, pois contêm valores, interesses, nunca são neutras. Essa passagem aparenta um comentário crítico, pois a aluna percebe a ambigüidade presente na mídia, já que o interesse nessa era é o consumo, a tudo somos influenciados a consumir, seja para fazer parte do “normal” na sociedade, seja para espantar o que é dito como “anormal”. Lefèbvre (1991, *apud* PALMA *et al.*, 2003) lembra que a saúde está sempre associada a bens de consumo que objetivam “aparentemente” promover a própria saúde. Ainda sobre a questão da ambigüidade da mídia e saúde, A.D. comentou que em uma “Semana de Moda” enfatizada na



mídia, colocaram um banner expondo “não à anorexia” e que as modelos deveriam ter um IMC mínimo para desfilar, visando o combate à anorexia. Entretanto, todos nós sabemos das exigências corporais, às vezes não tão ocultas, postas a uma modelo.

Uma passagem citada mais de uma vez por T.A. e T.M., e registrada em diário de campo, foi a de existir na sociedade padrões corporais influenciados pela mídia: “*mídia impondo padrão de beleza*”, “*mídia implica um modelo de beleza a ser seguido*” (Falas registradas em diário de campo, 23/03/2010). Outro exemplo foi um comentário ressaltando o desejo do homem em ser forte (mas não tão forte – porque o extremo é feio, anormal) e da mulher em ser magra, pois a mídia mostra essa importância. Ainda, em alguns comentários apareceram a ideia de que quem não tem o corpo fisicamente bonito precisa arranjar algum meio para tê-lo. Para complemento, uma informação interessante sobre a proximidade dos discursos midiáticos e os padrões corporais, dada por uma das pesquisadas:

*Fizeram uma pesquisa comparando a mulher “melancia” e a Gisele Bündchen. O resultado relatado por ela foi que os homens votaram na melancia e as mulheres na Gisele; essa informação passou no Jornal Hora* (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010).

Algo ocorrido, que merece destaque, foi que na visão de uma aluna, os homens já fazem atividade física mais que as mulheres, devido a necessidade do homem expor massa muscular, enquanto a mulher expor uma beleza magra (Notas de diário de campo, 23/03/2010). Outros alunos também comentaram sobre a mulher ser muito mais vaidosa que os homens, por isso elas buscam mais informações sobre saúde e beleza. Essa informação torna-se novamente presente e reforçada neste momento, já que nos dados encontrados a partir do questionário, as meninas demonstraram maior acesso a informações relacionadas à saúde, ainda que relacionado à temática beleza com mais frequência do que atividade física, enquanto poucos meninos, quando se interessam pela temática saúde, envolvem sempre as práticas esportivas, com maior atenção ao futebol.

Um fato revelador da relação entre beleza, padrão corporal e mídia presente entre os jovens foi o conhecimento por parte da pesquisadora que uma aluna, de 17 anos, acabara de colocar silicone nos seios, com a autorização dos pais. Como percebemos, existe uma relação muito próxima dos discursos midiáticos e os desejos, talvez colocados como necessidade para muitos da sociedade.

Ao final do debate, uma aluna se aproximou e desdobramos a conversa que se focalizou na necessidade imposta pela mãe dela em que ela se torne mais gordinha, pois está muito fraca, aparentando doente aos olhos da mãe. Essa mesma aluna ainda comentou que sua mãe acabara de realizar uma lipoaspiração há aproximadamente três meses. Esta passagem pode indiciar que os discursos ambíguos enfatizados pelos meios de comunicação de massa se relacionam com nossos discursos também, tal ponto que muitas vezes, nós mesmos reproduzimos tal ambigüidade.

Um aluno também comentou que o sedentarismo é posto pela mídia como uma doença. Essa passagem obteve ocorrência tanto no diário de campo, como no escritos que eles entregaram neste dia: “*Sedentarismo é como inimigo, entre os principais fatores de risco de morte*”, “*sedentarismo mata*” (Retirados dos escritos de alunos). Interessante também o escrito de outro aluno que ao fazer referência ao vídeo, comenta que “*o sedentarismo está em todo lugar, mesmo sendo tão fácil de combater*”. Durante a intervenção, alguns questionamentos por mim foram colocados:

*Eu questionei: Qual será que é doença: obesidade mórbida ou sedentarismo? Eles responderam ser a obesidade. Eu questionei por que existe tanto a participação da ciência em participar da promoção de saúde? Uma aluna respondeu que é para vender cirurgias, remédios. Eu perguntei se eles achavam que a mídia influencia nosso modo de ser e pensar. Uma aluna respondeu que sim e que exemplo disso é a beleza corporal em forma de padrão. Outra aluna completou dizendo que cada vez mais a beleza está virando artificial, para exibição. (Notas de diário de campo, 23/03/2010).*

Vale comentar que não somente o sedentarismo aparece como um risco na visão de alguns alunos, mas também a obesidade é percebida pelos mesmos como uma anormalidade. É recorrente em discursos atuais que enfocam estilos de vida saudáveis a preocupação com a obesidade, principalmente atrelada ao sedentarismo, entretanto, ao mesmo tempo em que a sociedade do consumo disponibiliza diferentes oportunidades (mercadorias) que colaboram para a “criação” do obeso, trata essa mesma obesidade como uma “doença” que deve ser combatida. Fazemos menção novamente ao comentário da aluna ao dizer que ao mesmo tempo em que vendem McDonalds, vendem cirurgias (Fala comentada por T.M. e registrada em diário de campo, 23/03/2010).

Outro comentário também interessante de uma aluna:

*“Sobre o vídeo... faz uma relação entre esporte e saúde; pessoas gordas fazendo exercícios para emagrecer; pessoas gordas como “doentes” e magras como “saudáveis”; sedentarismo como risco à saúde; mostra mais pessoas magras fazendo exercícios que pessoas gordas; excesso de preocupação com a beleza, chegando a banalizar e superficializar a beleza”. (Retirado dos escritos dos alunos).*

Essa passagem do diário de campo nos traz à lembrança a leitura de uma entrevista realizada com o filósofo francês Gilles Lipovetsky, no Portal Ciência e Vida em 2010<sup>19</sup>, na qual ele comenta que hoje em dia é muito menos importante ter vestimentas caras, demonstrar ser uma pessoa rica ou pobre. Hoje em dia, na visão do autor, em uma contemporaneidade qualificada por ele como hipermodernidade, o corpo sim é mais importante, basta atentarmos para as quantidades de cirurgias plásticas realizadas por ano e o avanço das academias de ginástica. Hoje, é muito mais importante parecer jovem do que mais rico.

---

<sup>19</sup> A entrevista encontra-se no link:

<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/49/entrevista-gilles-lipovetsky-a-pos-modernidade-nao-existe-179777-1.asp>

Em suma, as palavras anotadas na lousa, durante a tempestade de idéias, que moveram as discussões já descritas aqui foram: exagero; banalização; obsessão; superficialismo; ironia; crítica; estereótipo; padrão de beleza; academia; photoshop; anorexia; fisiculturismo; alongamento; sedentarismo; mídia; esporte; mulher sarada; cirurgia; gordura; celulite. Tais palavras, como comentado no início desta estratégia, foram citadas pelos alunos após a visualização do vídeo-sensibilização no segundo momento e guiaram o debate aqui explanado. Algumas, entretanto, foram citadas, mas pelo tempo destinado para o debate, não puderam ser discutidas.

De forma geral, percebemos que os alunos atribuem importância à prática de atividade física, reproduzindo, de certa forma, a versão do discurso midiático - exemplo foi um escrito deixado por uma aluna com as seguintes palavras: *“Por que não ficar parado? Pois se ficar muito parado pode causar doenças, problemas no futuro”* (Retirado dos escritos dos alunos). Do mesmo modo, percebem que o discurso midiático sobre saúde alcança nossas subjetividades, de forma ambígua. Entretanto, como esperado e como alvo das intenções deste trabalho, os alunos não consideraram alguns elementos que rodeiam esta prática e que não favorecem uma prática compreensiva, permitindo a concretização e manutenção da semicultura (cf. anunciada por ADORNO, 1996). A expressão dessa não compreensão ou pouca compreensão por partes dos alunos pode ser percebida também no seguinte comentário escrito por um aluno:

*“Hoje em dia a atividade física é tão importante para nós, não para ter beleza e se tornar uma pessoa perfeita, mas que de algum jeito melhore a nossa saúde. Ao invés de ser sedentário, todos devem fazer atividade física”* (Retirado dos escritos dos alunos).

Por fim, abaixo apresentamos um quadro que sintetiza as intenções, os instrumentos e técnicas utilizadas nesta ocasião do uso do vídeo-sensibilização, assim como algumas unidades de registro encontradas:

<b>Síntese do levantamento de temáticas significativas</b>			
<b>Objetivo</b>	<b>Instrumentos e técnicas</b>	<b>Percebido</b>	<b>Unidades de registro</b>
<i>Levantamento de informações sobre o significado da relação saúde, atividade física e mídia para os alunos, que norteariam as estratégias seguintes.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeo-sensibilização.</li> <li>- Tempestade de ideias.</li> <li>- Diário de campo.</li> <li>- Escritos dos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reflexão a partir do vídeo-sensibilização trouxe o conhecimento vindo dos alunos.</li> <li>- satisfação em fazerem parte de uma pesquisa e surpresa pela existência de pesquisas na Educação Física.</li> <li>- alunos demonstraram fortes posicionamentos, com momentos de criticidade relevante e com momentos de reprodução do discurso midiático.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atividade física sinônimo de saúde.</li> <li>- obesidade como doença.</li> <li>- ambigüidade da mídia.</li> <li>- mídia atrelada ao consumo.</li> <li>- questões de gênero (mulher mais vaidosa e homens praticam mais atividade física).</li> <li>- sedentarismo na mídia como inimigo (anormalidade)</li> <li>- mídia influenciando padrões de beleza.</li> <li>- sedentarismo como algo fácil a ser combatido.</li> <li>- importância da atividade física para a saúde, sem exageros.</li> </ul>

Após a ocasião que realizamos um levantamento de informações sobre a relação saúde e atividade física para os alunos, organizamos um roteiro que compõe as setes estratégias de mediação escolar. Cada estratégia temática nem sempre se limitou à apenas um encontro. As estratégias serão ao longo do estudo descritas.

Antes de iniciarmos a exposição de cada estratégia utilizada visando à descrição da mediação escolar, apresentaremos quadros sintéticos contendo os objetivos de cada momento da intervenção, bem como as técnicas e instrumentos utilizados.

### **3.2. Estratégia 1 – Refletindo a cultura enquanto mercadoria (discussão do texto sobre Indústria Cultural).**

<b>Estratégia 1</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a discussão e reflexão sobre a mercadorização da cultura e a relação da mídia enquanto um braço operacional.</li> <li>- Trazer a reflexão que mesmo os bens culturais, que envolvem os conteúdos da Educação Física tem passado por um processo de rebaixamento ao serem comercializados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Texto elaborado pela pesquisadora sobre Indústria Cultural.</li> <li>-Debate registrado em diário de campo e gravador de voz.</li> </ul>

Em todos os momentos, consideramos fundamental em nossas intervenções promover a interação com os alunos, provocar reflexões das quais eles pudessem expressar o significado da saúde na mídia e se, em conjunto com nossas reflexões, um discurso diferente do discurso midiático viria à tona.

Para tanto, em conjunto com o professor responsável pela turma, construímos um texto sobre Indústria Cultural (Apêndice V) para uma aproximação desse fenômeno que consideramos ainda presente, buscando trazer a reflexão sobre os bens culturais hoje em dia passarem por um processo de mercadorização, incluídos os conteúdos temáticos da Educação Física. No momento em questão, enfatizamos a relação presente entre saúde e mídia posta como naturalizada pelos meios de comunicação de massa. Para surpresa de alguns alunos, o significado de cultura no texto apresentado era diferente do conceito de cultura que eles haviam recentemente estudado na disciplina de Sociologia:

*A questão do que era cultura para os alunos foi bastante discutida; alguns alunos disseram que cultura para eles era algo dinâmico (como eles estavam aprendendo na aula de Sociologia), e não esse sentido de cultura que significa ilustração<sup>20</sup>. Eu e o professor enfatizamos bastante que a cultura para Adorno ao desenvolver esse conceito era ilustração. (Notas de diário de campo, 06/04/2010).*

Em nossas observações, pudemos perceber que o fenômeno da Indústria Cultural era parcialmente compreendido, revelado pelo fato que não dominam o conceito e suas implicações filosóficas e sociológicas. Anunciando as características ambivalentes, ou mesmo contraditórias do discurso dos alunos sobre Indústria Cultural, uma aluna, F.R., pediu a fala e se posicionou a favor do aperfeiçoamento de celulares (exemplo inicialmente dado para nos referirmos ao aperfeiçoamento da técnica e a serialização), afirmando que “*considero muito bom poder ter um celular que ao mesmo tempo em que faz ligações, me permite tirar fotos e ouvir música*” (Fala registrada em diário de campo, 06/04/2010). Adorno e Horkheimer (1985) organizaram um pensamento na obra Dialética do Esclarecimento argumentando que a diferenciação dos produtos é uma aparência, estabelecida essencialmente para o progresso do consumo e que a padronização é a característica essencial, estrutural, resultante das articulações internas do modo de produção capitalista, instigando o desejo de consumir. Os autores ainda comentam sobre tal diferenciação:

O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por revelar sempre a mesma

---

<sup>20</sup> Para os frankfurtianos, no momento em que conceituam Indústria Cultural, cultura (*Kultur*) se remetia ao mundo privilegiado das ideias e das produções do espírito (representadas, essencialmente, pelas arte e pela experiência estética). Tal dimensão de cultura se diferenciava de civilização (*Zivilization*), que se aproxima da orientação sociológica anglo-saxônica de cultura e diz respeito a hábitos e valores desejáveis na vida social. Entretanto, *Bildung* (formação humana no idealismo alemão) refere-se tanto à *Kultur*, quanto à *Zivilization* (PIRES, 2002).

coisa. (...) As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. (...) Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade; nos filmes, ao número de estrelas, à exuberância da técnica. O critério unitário de valor consiste na dosagem da produção ostensiva, do investimento ostensivo (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 116).

Poderíamos assim dizer que o valor está essencialmente na técnica e na performance. Aproveitando tal reflexão realizada pela aluna, conduzimos o debate (o professor e a pesquisadora) no sentido de refletir sobre o valor de troca enfatizado e o valor de uso reduzido no seio da Indústria Cultural. Alguns alunos demonstraram algum entendimento, lembrando já terem estudado tais questões sobre valor de uso e valor de troca.

Durante o debate, enfatizamos também que a cultura ao ser vista como mercadoria, reduz a experiência<sup>21</sup>. O professor, ao fazer referência à experiência, comentou sobre o cinema e a fotografia como exemplos de produtos culturais que estavam passando por um processo de produção em série. Durante o debate, um grupo de meninas que fazem parte de uma equipe de teatro argumentou sobre tal arte ser uma das poucas que não pode ser reproduzida e nós consideramos relevante tal reflexão das meninas.

A intenção de organizar este texto introdutório sobre Indústria Cultural foi, acima de tudo, pontuar a mídia como o braço operacional para a mercadorização da cultura. Na perspectiva de envolver os alunos acerca do problema da IC, contextualizamos o processo de banalização da cultura a partir dos meios de comunicação de massa. Questionados sobre os modos de veiculação de produtos para o consumo, de forma

---

<sup>21</sup> O conceito de experiência formativa humana como integrante da formação cultural na visão de Newton Ramos-de-Oliveira pode ser caracterizado pelas palavras do autor, ao diferenciar tal termo de vivência: “Vivência versus Experiência: a vida como objeto ou a vida como sujeito: a vida como reflexo ou a vida como reflexão” (PIRES, 2010).



homogênea e consensual, os alunos apontaram os meios de comunicação de massa (a mídia) como principal veiculador.

### **3.3. Estratégia 2 – Material midiático com a temática saúde como apoio para reflexões sobre a atuação da Indústria Cultural.**

<b>Estratégia 2</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Suscitar reflexões concretas a partir do texto discutido no encontro anterior sobre Indústria Cultural, atreladas à temática da pesquisa.</i></li> <li>- <i>Promover interação entre os alunos à busca de novas compreensões a respeito do discurso médico-científico sobre saúde e atividade física presente nos meios de comunicação de massa.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Reportagens trazidas de casa pelos alunos sobre saúde e atividade física.</i></li> <li>- <i>Debate registrado em diário de campo e gravador de voz.</i></li> <li>- <i>Textos escritos de cada grupo sobre as reflexões realizadas por eles, baseadas na discussão anterior sobre o conceito de Indústria Cultural.</i></li> </ul>

Uma das estratégias de intervenção, objetivando unir a temática saúde, atividade física e as reflexões sobre o conceito de Indústria Cultural já discutido em encontros anteriores foi um pedido realizado pela pesquisadora e pelo professor responsável aos alunos para trazerem alguma reportagem midiática que possuísse relação com saúde, atividade física e Educação Física, de forma que eles mesmos realizassem um link com o texto discutido.

Para tal, organizamos a turma em 5 grupos e solicitamos que cada grupo trouxesse de casa alguma reportagem que relacionasse a temática já explicada, para posteriormente, em forma de seminários curtos, pudessem expor as reflexões realizadas por eles, e a partir delas, iniciarmos um debate após cada apresentação. Além deste, solicitamos aos alunos que trouxessem, de forma resumida, os *links* realizados por eles em papel com a justificativa que teriam nota sobre a avaliação da reflexão realizada.

No dia do encontro em que eles realizariam os seminários curtos, de forma a deixá-los mais a vontade, mostramos um vídeo curto com a intenção de motivá-los. O conteúdo do vídeo passado era de pessoas com vigorexia e anorexia. Durante a visualização do curto vídeo, antes mesmo de iniciarmos as apresentações de cada grupo, um aluno, F.A., comentou: *“a própria música que está no fundo do vídeo já influencia o que vamos ver e pensar a respeito do vídeo”* (Fala registrada em diário de campo, 27/04/2010).

As temáticas (notícias) por eles escolhidos foram: a relação do esporte e o atleta na mídia (Grupo 1); alimentação e mídia (Grupo 2); corrida na Beira-Mar de Florianópolis (Grupo 3); padronização corporal e mídia (Grupo 4) e vigorexia entre homens (Grupo 5).

De uma forma geral, os grupos se destacaram, com reflexões significativas. O Grupo 1, que trouxe contribuições sobre esporte, ser atleta e mídia demarcou bem o posicionamento da mídia contribuindo para a exaltação de um atleta, afirmando que a mídia idolatra o atleta que vence e une ao vencedor ícones que ilustram a propaganda e venda de marcas, além de excluir o perdedor. Ainda, o grupo expôs de forma crítica a ascensão social e financeira que ser atleta pode gerar, e que não necessariamente é assim, mas a mídia enfatiza esta linearidade:

*“Se você for fazer esporte, vai ganhar dinheiro, é isso que a mídia prega”. Os alunos neste dia comentaram que a mídia enfatiza esse discurso no sentido de estimular as pessoas a serem atletas porque dá dinheiro* (Fala e notas registradas em diário de campo, 03/05/2010).

*“O esporte não é mais visto como meio de promover saúde, competições saudáveis e sim como meio de ganhar dinheiro”* (Retirado dos escritos dos alunos).

Sobre essa visão de ascensão promovida pelo esporte, o professor realizou uma intervenção e comentou que na década de 90 foi realizada uma pesquisa com jogadores de futebol e o estudo mostrou que cerca de 90% dos jogadores profissionais no Brasil recebiam de 1 a 4 salários mínimos, demonstrando que os meios de comunicação não informam tudo, mas sim o que a eles é de interesse.

O grupo comentou que a mídia tem dado mais ênfase na beleza corporal do que a saúde, ao destacarem que os meios de comunicação utilizam da atividade física para este alcance, mas privilegiando a beleza corporal: “*O esporte ou a atividade física sempre aparece na mídia enfatizando também a beleza, a saúde vem em segundo plano*” (Fala registrada em diário de campo, 03/05/2010). Um aluno, J.A., se posicionou dizendo que ele não faz isso, ao buscar atividade física, pois busca saúde.

O grupo também comentou reconhecer que a mídia promove os espetáculos esportivos cada vez mais elaborados e ajustados aos interesses dela. Em conjunto com o professor, fizemos uma intervenção e pontuamos como a partir do esporte, a indústria veio crescendo, principalmente em relação a vestimentas, tanto que na fala do professor “*nunca estive tanto na moda ir com roupa da ‘Adidas’ para alguma festa*” e pontuamos o quanto o esporte tem sido utilizado para vender, comercializar e padronizar uma cultura de consumidores assíduos. Uma reflexão realizada também foi que o esporte tem sido mediatizado a ponto de criar nas pessoas a cultura que ele só pode ser praticado caso for com os aparatos que a mídia enfatiza como necessária, tal como: se quer correr, use tal tênis, se precisa nadar, use tal roupa para se proteger de algo e a partir dessas condições postas pela mídia é que o esporte é aproveitado para vender e ser consumido, enquanto uma cultura mercadorizada.

De forma talvez ambígua, o grupo 2 comentou sobre mídia e alimentação e apresentou alguma criticidade, entretanto, enfatizaram com bastante frequência posicionamentos que remetiam a importância da mídia em informar o que é saudável e o que não é saudável para a sociedade e a importância da alimentação saudável para o bem-estar (um discurso similar ao discurso dos meios). Nesse momento, dialogamos com Deleuze, em seu texto *Post-Scriptum* sobre as sociedades de controle, quando o autor comenta que, cada vez mais vivemos em meios diferenciados de controle, que se diferenciam dos disciplinares, e um simples “recomendar uma alimentação adequada para uma sociedade” já pode estar relacionado a um controle contínuo, na busca de homogeneizar e normalizar a sociedade.

Tal ênfase da importância da alimentação pode ser percebida em uma passagem:

*“A boa alimentação é importante para o bom funcionamento do corpo e da mente, uma das frases usadas em propagandas e revistas sobre dietas e alimentação; um objetivo além de cuidar de sua saúde pode ser a padronização da beleza, com uma alimentação que segue suas regras, mas tais padronizações custam caro”* (Retirado dos escritos dos alunos).

Além da passagem acima, apresentando alguma criticidade, o grupo comentou no curto seminário que percebem com frequência propagandas estimulando lanches do Bobs ou Mc'Donalds para o consumo da sociedade e o sujeito consome, gasta e engorda e nesse meio tempo *“você se olha e vê que está cheio(a) de estrias, celulites e excesso de pele, e aí começa a buscar corridas frenéticas, os anúncios de cirurgias plásticas e lipoaspiração; aí mais uma vez você segue essa tendência, gastando muito dinheiro para ficar com seu corpo no padrão que a mídia impôs e a sociedade permitiu”* (Fala registrada em diário de campo, 03/05/2010).

Cabe mencionar que Fraga (2006) argumenta em seu livro que, buscando a promoção de “estilos de vida”, o McDonald’s dos Estados Unidos, com o escopo de responder as agressões que estava sofrendo pelo documentário lançado *Super Size Me*, lançou em 2004 o *McDonald’s Go Active! American Challenge*, no intuito de oferecer uma refeição baseada em saladas e sucos naturais e um pedômetro, incentivando a adoção de um estilo de vida ativo entre os frequentadores de tal lanchonete. Como podemos perceber, tais estratégias mercadológicas, além de buscar conter os efeitos negativos gerados pelo documentário, parecem:

(...) fazer a cabeça dos consumidores que são aquelas que dão “vida” ao produto e “humanizam” a empresa que o produz, as que vendem um conceito de estilo de vida ou ainda as que conseguem transformar a vida no próprio objeto de consumo (FRAGA, 2006, p. 38).

A ambiguidade promovida pelos meios de comunicação de massa é percebida pelos alunos, de tal forma que reconhecem que o produto (no caso, o lanche) necessita ser vendido e fomenta estratégias de venda

para tal. Entretanto, em contradição, as características pouco saudáveis do lanche são omitidas e ao mesmo tempo, é incentivado o cuidado com a saúde e a beleza magra, ou no caso citado por Fraga, um estilo de vida saudável a partir de tal lanche.

O grupo 3 se organizou para falar sobre atividade física na Beira-Mar. Demonstraram a percepção de, a partir do esporte, serem veiculadas propagandas como alvo para um público específico (“*a divulgação de marcas procura captar a imagem que esses eventos proporcionam como saúde, sucesso e felicidade do atleta*”; “*O esporte é utilizado como forma de publicidade, para abranger um mercado de jovens e adultos*” [Retirado dos escritos do grupo]). Apontaram também a compreensão do esporte como um produto mercadológico para ser consumido no nosso dia-a-dia, além de sua manifestação midiaticizada como um interesse de apreciação:

*“As notícias são voltadas apenas para as premiações, enquanto o que deveria ser veiculado é que o esporte é uma forma em que nós seres humanos necessitamos para manter o nosso bem-estar e recuperar a cultura, que deixamos com nossos antepassados”* (Retirado dos escritos do grupo).

Existem nesses discursos dos alunos uma apropriação do discurso midiático sobre saúde, enfatizando a importância da prática esportiva para o bem-estar, entretanto, pouco demonstram - ou talvez, ainda de maneira limitada - recorrer às dimensões interpretativas mais profundas sobre o tema (o que de fato corresponde às nossas intenções da pesquisa). Ainda sim, apontam algum olhar crítico ao perceberem as relações de mercadorização existentes entre o esporte, a cultura e a sociedade, conforme notas registradas em diário de campo:

*R.U. e J.A comentaram que artigos esportivos são padronizados e vendidos como fontes fundamentais para sua atividade física, após seu auge logo são considerados obsoletos e desapropriados para seu rendimento. Comentaram que até a cultura do atleta é padronizada a fim de arrecadar com vendas de*

*alimentos e vitaminas e que tais vendas são sempre reforçadas com palavras comuns de fácil entendimento e imagens, que deixam o consumidor tão acostumado com a idéia, que passa a ser apenas normal praticar exercícios com as respectivas marcas e seus equipamentos. Nesse dia, me recorro da palavra descartabilidade e da busca incessante pelo novo que Bauman comenta nesta fase da modernidade. (Notas de diário de campo, 03/05/2010).*

Gomes (2008), baseado em Bauman, aponta que as mudanças presenciadas na modernidade proporcionam novas imagens e significações referentes ao corpo, assim como ao trato em relação a ele e acabam por ressaltar o ato de consumir (aquisição e descartabilidade), sendo tal ato o caminho descrito para alcançar a realização individual e a liberdade. Essas novas formas contemporâneas de poder sobre a vida colocam os indivíduos diante de diversas (e sempre renovadas e atualizadas) escolhas mercantis para seu deleite, e no mesmo instante, os responsabiliza pela escolha.

O grupo 4 se organizou para falar sobre padronização corporal. Ao se apresentarem, apontaram relações diretas entre o conceito de Indústria Cultural trabalhado no encontro anterior, a mídia e a reportagem escolhida por eles. De forma resumida, o grupo focou em uma reportagem que falava sobre japonesas e chinesas que faziam intervenções em partes de seu corpo, como o nariz, os seios, para adquirirem feições de atrizes famosas. Apontaram também para o fato dos meios de comunicação de massa veicular informações que contribuem para a padronização corporal. Os alunos assim contribuíram:

*“As pessoas acabam perdendo sua identidade por terem como modelo as “pessoas perfeitas” e idealizadas, apresentadas pela Indústria Cultural. Os meios de comunicação social são os principais transmissores da cultura de um país. As atrizes famosas são idolatradas, consideradas tudo o que uma mulher deve ser/parecer, o que leva muitas outras, “fora do padrão”, a apelar para cirurgias a fim de se tornarem mais “belas”, seguindo um*

*padrão imposto pela mídia*” (Retirado dos escritos dos alunos, 03/05/2010).

Durante a discussão, T.M. perguntou-se, em voz alta, *“até que ponto nós podemos deixar de sermos nós mesmos para conseguir nos relacionar com outras pessoas, para sermos aceitos na sociedade? Talvez acabamos por deixar nossa essência de lado por uma cirurgia, um nariz bonito, ou um “olho puxado”* (Fala registrada em diário de campo, 03/05/2010). Tal passagem demonstra a reflexão realizada pela aluna sobre a possibilidade de pessoas realizarem diferentes intervenções no corpo para se tornarem aceitas na sociedade, de modo que, muitas vezes, acabam por perder sua autenticidade. Mais uma vez, liberdade aqui extremamente relacionada com a capacidade de consumo, ainda que de cirurgias.

Por fim, o grupo 5 se organizou para falar sobre vigorexia e expôs informações consideradas por nós como relevantes, percebendo que as pessoas que a possuem apresentam um quadro de baixa auto-estima e demonstram uma fobia obsessiva e compulsiva pela auto-imagem, e para serem aceitas para si e diante da sociedade, muitas vezes se utilizam da atividade física, de suplementos, de anabolizantes para esta realização. Além disto, demonstraram perceber as relações entre os meios de comunicação de massa influenciando muitos destes comportamentos, especialmente os homens, pois *“para as mulheres, os padrões corporais exigidos e difundidos pela mídia não são o excesso de massa muscular”* (Fala transcrita de uma aluna, 03/05/2010). Ao final da apresentação, colocamos para o grupo como eles percebem o papel da mídia nesta situação e os alunos do grupo comentaram a respeito da maneira como a mídia impõe certos padrões na sociedade. Uma aluna exemplifica isso:

*“Eles nunca vão colocar um gordinho para fazer propaganda de cuecas, tu nunca vais ver isso...”*  
(Fala transcrita de uma aluna a partir do gravador de voz utilizado durante a apresentação, 03/05/2010).

Neste encontro, os alunos demonstraram, em alguns momentos, posicionamentos críticos. Entretanto, como já mencionamos, seus

discursos apresentam-se por vezes ambíguos, tal fato pode ser demonstrado em uma atitude de uma aluna ao argumentar que a tecnologia tem servido como benéfica, e do quanto é bom ter um celular que possui todas as funções. O comentário da aluna promoveu uma intervenção do professor na tentativa de diferenciar para os alunos algumas compreensões talvez reducionistas. O professor, em conjunto com a pesquisadora, fez uma fala apontando que a relação está no modo como o desejo é instigado, ou seja, a ciência e a tecnologia surgiram em virtude da necessidade, para buscar solucionar algo; hoje a tecnologia inventa algo, cria um produto, para posteriormente criar a necessidade, estimulando o desejo de posse na sociedade. O professor demonstrou através dessa passagem a inversão desses momentos e apontou o momento atual da produção em série e produção de desejos, por meio da cultura, como foi enfatizado no texto discutido sobre Indústria Cultural.

### 3.4. Estratégia 3 – Aula com discussão sobre saúde salutogênica.

<b>Estratégia 3</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<p><i>- Suscitar novas reflexões sobre o conceito de saúde usualmente enfatizado pelos meios de comunicação de massa e experimentar diferentes formas à busca do seu próprio equilíbrio saudável.</i></p>	<p><i>- Aula prática gravada em vídeo. - Aula registrada em diário de campo. - Uso de bolas utilizadas em Pilates.</i></p>

Conforme Bauman (2001), os moradores da modernidade líquida preferem seguir os inúmeros conselheiros, que mostram uma dentre as várias possibilidades de como seguir na vida, ao invés de escutar aquele professor preocupado em oferecer propostas de reflexões críticas. E os conselheiros, como tudo o mais na sociedade de consumo, atuam não com mecanismos de repressão, mas de sedução.

A mídia nesse sentido pode fornecer um saber que é capaz de seduzir e gerar um interesse maior nos alunos do que um aprendizado no



ambiente escolar. Portanto, o saber compartilhado na Escola pode ser percebido pelos alunos como algo que não encanta ou que não motiva, mesmo porque, o que eles esperam da escola são conteúdos tradicionais.

Cientes que uma proposta que vise romper com o esperado dos alunos pode aparentar-se estranha em um primeiro olhar, trouxemos uma discussão para os alunos inovadora, uma discussão que provocaria a reflexão sobre saúde em uma perspectiva incomum ou não esperada.

Nesta estratégia, vista por muitos dos alunos como diferenciada, se tratava de práticas que eles não encontravam, experimentavam ou percebiam no cotidiano, sendo assim, alguns alunos não estiveram presentes, e dentre estes, os meninos que se autodenominaram “os boleiros” da turma. Contando então com a participação de quase 2/3 do grupo de alunos investigados e na sua maioria mulheres (apenas 2 meninos), organizamos e colocamos em prática uma aula experimental baseada numa concepção de saúde diferenciada: a salutogênica.

Antes de descrevermos essa ação, faremos uma aproximação aqui escrita para o melhor entendimento. A concepção de saúde denominada salutogênica tem como principal estudioso o médico e sociólogo Aaron Antonovsky; e busca transcender as visões que saúde é a mera ausência de doenças ou que saúde é um perfeito estado de bem-estar físico, mental e social (OMS). Para o autor, a saúde é algo instável e depende de outros fatores, denominados por ele por fatores de proteção que um indivíduo desenvolve a partir de suas experiências em seu meio social. Os fatores de proteção desenvolvidos pelo sujeito o ajudam a buscar um constante e também instável equilíbrio, já que até mesmo uma crise de relacionamento pode contribuir para este desequilíbrio, contribuindo de tal forma com o desenvolvimento ou maturação do senso de coerência. O centro de coerência é a base do modelo salutogênico e é a partir de seu fortalecimento que o sujeito consegue viver bem e melhor. Esse modelo de saúde ajuda, a partir das idéias lançadas pelo autor, a repensar a saúde e o stress fora do determinismo bio-médico, mas a partir principalmente de fatores que a visão biomédica não alcança, como por exemplo: como se sentir saudável mesmo sendo qualificado pelos parâmetros deterministas como um ser doente, no caso de um diabético, ou como se sentir saudável apesar de estar em convívio íntimo com uma poluição sonora e visual. De uma forma geral, apresenta diferentes maneiras de pensar saúde, tematizando uma

autocompreensão sobre saúde, baseada na própria experiência e equilibrando os fatores externos que cotidianamente nos alcançam.

Reconhecemos como importante a visão da salutogenia, ao buscar a superação do modelo comportamentalista/biomédico. Entretanto, destacamos a necessidade de pensá-la associada aos pressupostos da saúde coletiva, que não desconsidera o indivíduo, mas se orienta também à busca sistemática e colaborativa de superação dos fatores sociais deletérios que a sociedade cotidianamente enfrenta.

A partir desta visão geral descrita e resumida, a intenção desta estratégia foi discutir com os alunos uma outra forma de se pensar saúde e buscar, em conjunto com eles, relações existentes ou não da mídia com essa concepção de saúde, ou melhor, qual modelo de saúde, patogênico ou salutogênico, predomina nos meios de comunicação de massa.

Para este encontro, foram realizadas, além de uma introdução sobre o modelo de saúde, experiências e atividades práticas que os permitiram refletir qual saúde podemos buscar<sup>22</sup> e ampliar este olhar sobre o conceito de saúde que estamos acostumados a conceber. Para tal, utilizamos bolas grandes, utilizadas para Pilates, disponíveis na própria Escola. Convém aqui realçar a quantidade e qualidade de material que a Educação Física possui na Instituição. Para exemplificar o encontro, apresentamos duas fotos do encontro:

---

<sup>22</sup> Cabe ressaltar que a proposta salutogênica é coerente com uma concepção individualista de saúde, ao buscar em si ou no “eu” os fatores que colaboram para o “sentir-se saudável”. No momento desta intervenção, tais limites eram pouco reconhecidos pela pesquisadora. Alguns meses após a finalização do campo, a mesma foi convidada a explanar sobre essa concepção em uma aula na Universidade Federal de Sergipe, por convite do professor Cristiano Mezzaroba, o que permitiu, a partir de mais estudos e diálogos realizados, a compreensão desta limitação da proposta, reconhecendo assim, a perspectiva da Saúde Coletiva como mais abrangente.



**Foto registrada pela pesquisadora durante a estratégia**



**Foto 2 registrada durante a estratégia**

Durante a prática, alguns alunos apontaram certa resistência na participação, mas, com o desenvolvimento da atividade, se permitiram um maior envolvimento na mesma. Experimentaram novas formas de se sentirem, de buscarem confiança em si e confiança no outro, de encontrarem o seu equilíbrio utilizando a bola. Resumidamente, experimentaram novas maneiras de buscar e de entender o que pode ser

saúde a partir da atividade física, que não seja aquela que cotidianamente estamos acostumados: correr, se exercitar e suar. Houve um consenso, ao final da aula que os meios de comunicação de massa não expressam similaridades com essa concepção ampliada de saúde (em relação à visão biomédica), e, se fazem, buscam promover a mercadorização de produtos aliados à saúde.

Ainda que pensássemos que os alunos apresentariam certa resistência a práticas ditas como inovadoras, os alunos que neste encontro estiveram visivelmente se envolveram com efetividade, o que nos causou certa satisfação pela possibilidade em propor “algo” inovador. Convém ressaltar que houve muitos momentos, não somente neste encontro, em que os meninos não participaram das práticas, em especial o grupo dos “boleiros”. O nosso ponto de encontro semanal era no espaço da sala de aula, e a partir daquele momento, conversávamos e explicávamos a proposta do dia, porém, em alguns encontros, os alunos não passavam pelo nosso ponto de encontro, indo diretamente para a quadra e jogar o futebol que eles consideravam como aula de Educação Física. Neste encontro, os alunos afirmaram que a temática trabalhada também pelo professor de Sociologia, envolvia os meios de comunicação de massa. Tal conhecimento nos motivou a encontrá-lo e propormos uma interdisciplinaridade entre nossas propostas.

Por esta reflexão, resolvemos conversar com o professor de Sociologia, a fim de visualizarmos o que estávamos trabalhando com os alunos. Percebemos assim que estávamos “falando a mesma língua” e resolvemos tematizar mídia em conjunto, para não sermos repetitivos com os alunos, e para realizarmos um diálogo entre as disciplinas.

### **3.5. Estratégia 4 - Interdisciplinaridade com Sociologia a respeito dos discursos midiáticos**

<b>Estratégia 4</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
- Promover interdisciplinaridade entre as disciplinas de Sociologia e Educação Física, com relação ao tema transversal mídia.	- Encontros registrados em diário de campo e gravador de voz. - Escritos entregues à

---

*pesquisadora durante alguns encontros.*

---

A intenção de um trabalho interdisciplinar é ultrapassar fronteiras que por ventura, nos delimitam com outras áreas de conhecimento. O trabalho interdisciplinar promovido e proposto entre a Educação Física e a Sociologia permitiu um diálogo mais tranqüilo e menos individualista entre os conhecimentos, estabelecendo um campo interdisciplinar de pesquisa, sem desprezeitar cada objeto de estudo.

As aulas de Sociologia aconteciam as terças e quintas-feiras, com 50 minutos cada encontro e após o combinado entre o professor e a pesquisadora, todos os trabalhos e propostas eram desenvolvidos em conjunto. Os encontros com os alunos na Educação Física continuaram acontecendo, independente dos encontros nas aulas de Sociologia.

O primeiro momento interdisciplinar que tivemos foi um convite realizado pelo professor de Sociologia, com fins de expor e debater o texto sobre Indústria Cultural já mencionado aqui, porém em uma outra turma do Ensino Médio na Escola, especificamente a quarta fase do turno da manhã. Porém, a turma escolhida para a realização da proposta interdisciplinar não foi esta, sendo a turma a qual já estávamos realizando a presente pesquisa (a quarta fase do turno da tarde). O único encontro com a turma da fase matutina nos ajudou a refletir melhor de como seria o trabalho com a fase da tarde.

Na tentativa de propor então tal intervenção conjunta, em que pudéssemos construir na Educação Física uma unidade dialética entre teoria e prática, ou seja, uma unidade em que ambos os pólos dependem um do outro, se negam e se contrapõem, formando a *práxis*, e nas aulas de Sociologia, trazer aos alunos questões tidas por eles como teóricas, realizamos planos de aula em conjunto (a pesquisadora e o professor de Sociologia). No primeiro encontro entre os sujeitos envolvidos: a pesquisadora, o professor de Sociologia e a turma em questão, foi debatido um texto sobre Cidadania e Mídia (Apêndice VI). Neste texto, as ideias discutidas se pautavam em quatro afirmações enfatizadas por Pedrinho Guareshi e Osvaldo Biz (2005) a respeito dos meios de comunicação de massa: a) a comunicação hoje constrói a realidade; b) a mídia fornece uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro

à realidade existente; c) a mídia prepara a agenda de discussão na sociedade e, por fim, d) a mídia contribui para construir nossa subjetividade. Durante a discussão deste texto, diferentes comentários foram citados, tal como este de uma aluna, ao debatermos sobre a possibilidade dos meios de comunicação construir uma pauta de discussão para a sociedade:

*“A mídia deixa por tempos algo sendo veiculado para omitir outras tantas coisas importantes e é interessante que quando estamos em época eleitoral, os candidatos que ganham são geralmente aqueles que mais aparecem na mídia”*  
(Fala registrada em diário de campo, 01/06/2010).

Ao final deste texto, colocamos algumas questões direcionadas para a relação mídia e atividade física que seriam debatidas e refletidas no momento da aula de Educação Física, mas que deveriam ser entregues na aula seguinte. O objetivo destas questões era refletir sobre as possíveis (re)significações dos alunos a respeito do discurso médico sobre saúde e atividade física após um curto período de mediação escolar. Tais questões foram comentadas após uma prática de basquete com os alunos e as respostas foram pouco a pouco sendo entregues à pesquisadora.

As respostas dos alunos demonstraram diferentes compreensões. Muitas possibilidades de novas reflexões forma possíveis de serem percebidas, entretanto, como já esperado, o discurso sobre saúde criou raízes profundas, difíceis de serem tematizadas, inclusive em pouco tempo. Historicamente, a necessidade de realizar atividade física em prol da saúde foi difundida e talvez, faça parte do senso comum a maneira linear que as pessoas percebem a relação entre saúde e atividade física.

A questão de número 1 mostrou-se ambígua e as respostas assim também foram. A pergunta realizada foi se existe relação entre o que é veiculado na mídia em relação à promoção de saúde, seus espaços e seus heróis esportistas com a realidade da maioria da população e o porquê. Algumas respostas apresentaram-se críticas, demonstrando que tais discursos sobre esporte e saúde aparecem com o intuito de vincular seus telespectadores (no caso da televisão) ao consumo, como comentado por

alguns alunos. Talvez por pouca compreensão a respeito da formulação da questão, alguns alunos respondiam SIM, outros NÃO, mas no complemento da resposta, demonstravam argumentos considerados por nós críticos:

*“Na mídia, o que mais se vê é uma suposta facilidade ao acesso à saúde e esporte que não é alcançada realmente pela maior parte da população”; “(...) A mídia fornece uma imagem idealizada de saúde e esporte, como se todo garoto pobre um dia venha a se tornar um jogador de futebol muito bem pago ou todo catador de lata vai se tornar campeão mundial de atletismo”; “A mídia monta um espetáculo a fim de associar saúde com felicidade e sucesso profissional, de forma clara, mostrando para a população a sua verdade montada com seu patrocinador, que não é a verdade da maioria da população, mas a população busca essa verdade”; “A realidade social de hoje é muito diferente do que a mídia passa, na TV, por exemplo, só aparecem atletas bem sucedidos, que ganham muito dinheiro, muito diferente da sociedade hoje, onde poucos conseguem chegar a tais postos” (Compilação de escritos dos alunos entregue à pesquisadora).*

Outro comentário enfatiza que, além das informações provenientes dos meios serem, muitas das vezes, incompletas, mostra que a saúde e o esporte só podem ser buscados em lugares onde nem todos possuem acesso, como grandes clubes e academias.

Sobre a questão de número 2, se a partir da discussão do texto, os conteúdos veiculados na mídia a respeito da saúde são todos verdadeiros, a maioria dos alunos respondeu que não ou nem sempre, pois enfatizaram perceber o controle dos meios sobre as pessoas, no intuito de *“criar a ilusão para que as pessoas consumam coisas, como um simulador de caminhada”* (Retirado dos escritos dos alunos); *“nem sempre o interesse da mídia é somente promover saúde, mas sim o consumo”* (Retirado dos escritos dos alunos); *“a mídia tem um grande poder de manipular os fatos a favor do que ela realmente quer mostrar*

*e do que quer que as pessoas pensem” (Retirado dos escritos dos alunos).*

Entretanto, dois alunos demonstraram certa ingenuidade idealista a respeito dos conteúdos sobre saúde veiculados na mídia:

*“Sim, a mídia deve informar a verdade, pois como o texto afirma, ela nos constrói, assim, o papel da mídia em relação à saúde das pessoas é fundamental”.*

*“Sim, pois a mídia é a chave mestra que faz abrir portas para as pessoas terem maior conhecimento a respeito da saúde” (Retirado dos escritos dos alunos).*

Tais comentários acima demonstram um desejo de que a mídia seja a responsável pela divulgação do conhecimento e que ela deve informar a verdade, porém, não apresentam afirmações de que os conteúdos que os meios de comunicação veiculam sejam de fato verdadeiros.

A ciência e o desenvolvimento da tecnologia são temas que interessam aos meios de comunicação de massa, e estes deveriam ser veiculados com a preocupação de evitar distorções e informar o conteúdo devido. Entretanto, o apelo noticioso-sensacional atrelado à ficção científica afeta o caráter formador que os meios de comunicação apresentam, podendo levar ao não esclarecimento ou a não preocupação com conceitos detalhados. Ainda, quando buscam apresentar a informação científica, muitas vezes, reduzem a verdade científica como aquela produzida em laboratórios tecnológicos, não privilegiando campos de conhecimento ligados às ciências humanas e sociais. Siqueira (2008) lança algumas questões sobre a formação proveniente dos meios de comunicação de massa: “Educam para quê? Para um olhar crítico, cidadão, responsável sobre o espaço ou para o consumo e o desperdício? Ou ainda para se adotar determinados pontos de vista guiados por posições políticas e econômicas que atendem a interesses de poucos?” Podemos assim, nos questionar sobre a validade dessa verdade que os meios nos apresentam ou se, muitas vezes, não estamos sendo guiados por explicações reducionistas.



Em relação à questão de número 3, se os assuntos nos meios de comunicação de massa podem ser omitidos e se tal omissão contribui para um entendimento superficializado sobre algum tema, os alunos, de uma forma geral, percebem que muitos dos assuntos são omitidos:

*“Sim, em alguns casos, porque tais fatos, quando omitidos, podem ser de importância para um entendimento mais aprofundado na sociedade e nem sempre a mídia deseja isso”.*

*“Sim, porque a maior parte da população possui poucas fontes de mídia para obter informações e verificar sua veracidade, logo o assunto que é manipulado torna-se superficial pela falta de interesse em expor da mídia”.* (Retirado dos escritos dos alunos)

Outro comentário, demonstrando certa dúvida ou talvez concordando que alguns assuntos devam de fato ser omitidos, é o que segue:

*“Se são assuntos omitidos, são assuntos que não existem para a sociedade e somos dependentes desse meio de comunicação e se eles viessem a tona, será que não estaríamos no caos?”* (Retirado dos escritos dos alunos).

Tal comentário nos traz algumas reflexões: o quanto a mídia ou os meios de comunicação de massa contribuem na construção da realidade, atribuindo existência aos fatos, além da conotação valorativa, de que algo é bom ou verdadeiro à realidade existente.

A questão de número 4, se a busca incessante para atividade física sempre gerará saúde, os alunos concordaram que não, fazendo sempre referência ao equilíbrio da atividade e exagero/excesso, sendo o exagero o responsável pelos males à saúde: *“O exagero de atividades físicas pode trazer tantos problemas quanto não fazer”* (Retirado do escrito de uma aluna). O normal, o aceitável na visão dos alunos, esbarra em um padrão que deve ser o equilíbrio, a moderação e a prática regular de atividade física controlada:

*“A atividade física traz benefícios apenas quando é realizada corretamente e regularmente; exageros trazem apenas prejuízos para a saúde das pessoas”* (Retirado do escrito de uma aluna).

Sobre a questão número 5, na qual é questionado aos alunos se eles acham que todo esportista é saudável e praticar esporte sempre levará a saúde, da mesma forma que a questão anterior, responsabilizam o exagero, a prática incorreta e o uso de anabolizantes como formas de não alcançar a saúde: *“Os atletas são saudáveis sim, a não ser que façam uso de anabolizantes ou forcem o corpo exageradamente”* (Retirado do escrito de uma aluna). Outra aluna, F.R., respondeu que não, argumentando que os conceitos de saúde são muito complexos e que a prática de atividade pode levar ao aparecimento de lesões.

Percebemos a partir dos comentários acima que a relação inconstante entre atividade física e saúde é percebida pelos alunos. Os exageros são como formas de instrumentalização sobre o corpo, correspondente a extrapolação dos limites corporais; o uso de anabolizantes não corresponde à saúde, sendo tais recursos exigidos em prol de um desempenho, que não necessariamente acompanha a saúde. Além disso, a visão da aluna que a prática de atividade física pode gerar lesões demonstra que tal relação entre atividade física e saúde pode deixar de ser linear.

Dois comentários escritos pelos alunos nesta questão também merecem destaque:

*“A maioria dos esportistas tenta nos passar a imagem de pessoas saudáveis, sendo que por trás dessa “saúde” escondem os vícios em drogas, esteróides e suplementos ilícitos para a melhoria de seu desempenho”.*

*“Para ser um esportista profissional, o indivíduo muitas vezes é exposto a baterias massantes de treinamento, que exigem mais do que o corpo precisa para ser saudável e acabam ganhando aposentadorias precoces, pois não rendem tanto mais, mas... a aposentadoria vale por tudo”.*

Ainda, algo que cabe aqui a ser destacado foi o seguinte comentário de um aluno: *“Os esportistas que chegam ao sucesso abrem mão da saúde pelo sucesso”*, demonstrando-nos que o sucesso, o dinheiro adquirido pelo esporte pode valer mais que do que consideramos saúde, assim como uma boa aposentadoria pode valer todo esforço empreendido e toda saúde “perdida”. Tal pensamento aproxima-se dos discursos midiáticos sobre saúde e esporte que defendem a vitória, o sucesso, a saúde alcançada pela prática esportiva.

O corpo aqui visto como máquina, aquele que ao ser colocado sob fortes treinamentos, corresponde ao esperado, mesmo que em prol do nexos dinheiro. Parece-nos, a partir de tais comentários dos alunos, que os mesmos percebem a instabilidade presente na atividade de ser atleta: aquele que esperamos que esteja no topo da saúde, pode ser o mesmo que abandonou cedo sua atividade, em função de alguma lesão precoce, entretanto, demonstram que o sucesso vinculado ao dinheiro adquirido pode valer por tal esforço, mesmo que a saúde seja prejudicada com tal esforço.

Apenas dois alunos argumentaram a favor da questão:

*“não se pode dizer que o esporte sempre levará à saúde, mas proporcionará uma vida mais saudável” e “acho sim, praticar esportes é uma forma de prevenção de vários problemas de saúde, traz melhorias de qualidade de vida e traz benefícios à saúde. Todos nós, de alguma maneira, temos que praticar algum tipo de atividade física”.*

Este último, mais enfaticamente, demonstra certa similaridade com o discurso proveniente dos meios de comunicação. O primeiro comentário nos apresenta uma visão de que, mesmo apesar do esportista ou atleta apresentar alguns elementos ou fatores de resistência (pensando na visão de saúde salutogênica) próximos da saúde, esporte e saúde não necessariamente caminham em conjunto.

Por fim, as questões de número 6 e 7, questionamos aos alunos se eles acham que todo jogador de futebol fica fora dos riscos de sofrer algum problema cardíaco por ser atleta, se eles acham que a vida de um atleta é longa e se o esporte pode matar. A maioria respondeu que não

acham a vida de um atleta necessariamente longa e que o esporte pode levar à morte, face às ocorrentes mortes de atletas em campos de futebol. Como também nas questões anteriores, os exageros dos atletas aparecem como responsável pela não saúde:

*“sim, porque intensas exposições à resistência, que vão além do limite, podem causar a morte”;*  
*“sim, devido principalmente pelo excesso e exagero de exercícios físicos e a falta de acompanhamento médico”;*  
*“o esporte pode matar porque você estará levando o seu corpo ao máximo, ultimamente muitos jogadores estão morrendo em campo com parada cardíaca por causa do esporte”.*

O não acompanhamento do médico, como também podemos percebermos, foi citado com frequência: *“O esporte pode matar se feito sem o auxílio de um profissional de saúde, pois cada pessoa tem seus limites”*, *“o esporte pode matar devido ao exagero de exercícios sem um acompanhante médico”*.

Assim, apoiados em Martins (2004), percebemos que o saber médico parece conferir a doutrina da “verdade científica”, tornando-se o guardião da verdade que deve ser imposta e aceita por todos, pois fornece certa garantia racional aos que dele depende. Para muitos autores, tais como Foucault e seus seguidores, é atribuído um poder ao médico pelo seu saber, e nesse entrelace de poder entre sujeitos, o corpo passa a ser:

(...) visto como um amontoado de órgãos, como uma máquina que “deu defeito” e que precisa ser reparada segundo o que a CIÊNCIA do médico diz. É esta crença na “verdade científica” que faz com o que o médico acredite que pode, ou mesmo deve, se dar o direito de invadir a autonomia do indivíduo para lhe impor a “verdade”, ou mesmo, o discurso da “verdade científica” é o que lhe serve como álibi para o exercício de poder sobre o paciente (MARTINS, 2004, p. 25).

Um comentário escrito por uma aluna merece também destaque, pois demonstra sua percepção em não responsabilizar apenas o esporte ou a atividade física na obtenção da saúde:

*“Nós nunca saberemos quem terá vida longa, pois nem todo problema de saúde pode ser resolvido através do esporte, como câncer, DST's, além do mais, muitos podem aparecer devido ao acúmulo de exercício físico”.*

Um único comentário de uma aluna demonstra uma oposição em relação às outras respostas: *“A vida de um atleta é prolongada, e ele corre menos riscos de problemas cardíacos”.*

Após a descrição das respostas, os encontros seguintes com os alunos na aula de Sociologia foram revelando novas reflexões com os alunos, permitindo que a mediação escolar pretendida pudesse ser aprimorada com a presença e envolvimento do professor de Sociologia.

Um ponto interessante que foi alvo de um debate realizado com os alunos pontuou a visão apocalíptica posta por muitos autores sobre os meios de comunicação de massa, ao se pensar que todo o conhecimento proveniente da mídia é maléfico. O professor buscou transcender essa perspectiva e fomentar novos olhares sobre as possibilidades dos meios de comunicação de massa. Considerando os meios de comunicação de massa, ou a mídia, como um espaço simbólico rico em mediações, estes não devem ser tomados como puro entretenimento, porque o divertimento que promovem veicula valores, representações, visões de mundo e reforça formas de pensar (SIQUEIRA, 2008); entretanto, também devem ser reconhecidos, dentro de suas possibilidades e características, como úteis a sociedade, como o comprometimento (ainda que limitado) em veicular informações significativas, estendendo o conhecimento científico a um público vasto. A intenção principal deste debate promovido em um encontro foi de refletir que os meios de comunicação de massa podem e devem divulgar o conhecimento, seja científico ou não, sem reduzi-lo a uma perspectiva que interesse somente aos organizadores do meio midiático.

Uma tarefa requisitada pelo professor de Sociologia para os alunos, em grupos, foi a apresentação de exemplos de situações onde os meios de comunicação de massa apresentassem contribuições para a

construção de nossas subjetividades, podendo também procurar a pesquisadora e incluir reflexões que envolvessem a Educação Física. Para instigar exemplos reais e vívidos, de forma colaborativa, entregamos um questionário para os alunos responderem naquele momento. Em tal questionário (Apêndice VII), havia questões sobre doenças sexualmente transmitidas e sexualidade, e antes mesmo dos alunos responderem anonimamente, questionamos em quais mídias eles usualmente adquiriam essas informações e qual era o meio que mais tinham acesso. A grande maioria dos alunos argumentou que buscam tais informações em mídias como revistas, blogs e televisão e apenas uma aluna comentou que “fica sabendo por meio das conversas com amigas” (Diário de campo, 08/06/2010). Com uma fala bem reflexiva, o professor contra-argumentou que antes de falarmos com “nossos amigos” sobre isso, provavelmente tais amigos adquirem conhecimento a partir de algum meio de comunicação e, a Escola pouco se encontra presente em tais discussões, tanto que alunos concordaram.

Para tal, pensamos na importância da Escola e a mediação escolar como importante formadora de sujeitos autônomos e esclarecidos. Cabe citar o objetivo desta tarefa, que além de saber quais meios de comunicação os alunos se utilizam para buscar entendimentos que a Escola não propicia, foi também buscar o entendimento e a reflexão sobre a validade dos meios de comunicação para informar, pois incrivelmente, a grande maioria dos alunos, ao responderem tais questões assinalando SIM ou NÃO, percebeu que seus próprios entendimentos adquiridos a partir dos meios de comunicação não eram coerentes com os resultados depois revelados pelo professor, a partir das respostas corretas. Isso possibilitou a reflexão se estamos sendo realmente bem informados pela mídia, se a partir das informações obtidas na mídia podemos nos sentir esclarecidos, como também podemos refletir sobre o compromisso dos meios em informar “bem” e se realmente os meios tem buscado tal compromisso.

A apresentação dos grupos ocorreu em diferentes encontros, em que a pesquisadora auxiliava o professor de Sociologia a conduzir o debate, já estruturado anteriormente, pois a cada aula, nos encontrávamos antes para organizamos os eixos que seriam também debatidos, além das reflexões realizadas momentaneamente após as apresentações dos grupos. O primeiro grupo demonstrou a relação entre cortes de cabelos de ídolos na mídia e a moda atual, que repercute entre

os próprios alunos. Outro grupo, bastante reflexivo, argumentou sobre a mídia contribuir para a difusão do preconceito e um aluno comentou que na época do nazismo, Hitler se utilizava dos meios de comunicação de massa para difundir seus pressupostos e o poder do Estado, divulgando e enfatizando o preconceito contra os judeus.

O terceiro grupo, ao falar da relação mídia e subjetividade, como requisitado pelo professor, demonstrou um exemplo na atualidade, de pessoas que cotidianamente usam vestimentas das marcas que estão no momento patrocinando a COPA, como a Nike e Adidas. Enfatizaram a marca das chuteiras e das camisetas que os jogadores do Brasil utilizam e um dos componentes do grupo comentou:

*“Hoje em dia, já não é ridículo como antes, sair com um casaco ou blusa da Nike ou Adidas, é moda. Antes era feio vestir roupas esportivas em algumas situações, era como se saísse de havaianas em uma festa, mas hoje, usar roupas esportivas à noite, por exemplo, faz parte da moda, influenciada pela mídia, que chega até nós”* (Fala registrada em diário de campo, 01/07/2010).

O professor de Sociologia, para aprofundar o debate, questionou ao grupo qual seria a diferença entre as marcas de chuteiras atualmente e pediu para citarem ao menos 10 (dez) marcas. As respostas foram as mais diversas: *“Ah, eu acho que a TOPPER é melhor, pois no meu caso durou mais”* (Fala registrada em diário de campo, 01/07/2010), entretanto, os alunos aparentavam dificuldade em diferenciar ou mesmo citarem a quantidade solicitada pelo professor, nos trazendo à reflexão uma advertência de Adorno e Horkheimer (1985), levada a efeito na obra *Dialética do Esclarecimento*: *“a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”*, impossibilitando a capacidade dos alunos em apontarem diferenças concretas, que não se baseassem somente no nome da marca. Adorno ainda comenta em *Mínima Moral*: *“(…), no entanto, ver semelhanças em tudo e tornar tudo igual é sinal de vista fraca”* (apud PUCCI, 1997).

Segundo os autores, os produtos ilusoriamente diferenciados acabam por revelar a mesma coisa e os aparatos culturais são

mediadores entre as demandas comportamentais societárias e a psique do indivíduo, que se tornou manipulável.

### 3.6. Estratégia 5 - Produção midiática 1 – vídeo-minuto

<b>Estratégia 5</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover uma aproximação dos alunos à dimensão produtiva da mídia-educação.</li> <li>- Observar quais olhares sobre o discurso a respeito de saúde e atividade física na mídia os alunos apresentam.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encontros registrados em diário de campo.</li> <li>- Vídeos de 1 minuto apresentados e entregues à pesquisadora.</li> <li>- Síntese da explanação sobre as escolhas das imagens pelos alunos por grupo, em papel, entregue à pesquisadora.</li> </ul>

Uma das estratégias em busca de novas reflexões em conjunto com os alunos foi a concretização de uma tarefa cujo objetivo foi que os alunos tirassem fotos do cotidiano deles, proporcionando alguma reflexão para eles sobre saúde e atividade física e que expusessem tais fotos em formato de vídeo em um minuto. Esta proposta inicialmente foi bem aceita pelos alunos, que se motivaram bastante para a construção do vídeo. Para possibilitar a tarefa, a turma foi dividida em grupos e cada grupo, no momento em que fosse apresentar o vídeo, deveria expor oralmente (e em papel) suas reflexões sobre a escolha das fotos, em formato de curtos seminários.

O primeiro grupo (1) organizou um vídeo com fotos que eles retiraram da internet e outras, que eles mesmos tiraram com recurso da máquina fotográfica. Tal exposição nos possibilitou uma discussão ética sobre autoria das fotos e o uso que delas eles fizeram, sem mesmo citar nomes. O grupo enfatizou bastante a necessidade de realizarem alongamentos e aquecimentos antes de iniciar uma atividade física, expuseram fotos deles próprios se alongando e aquecendo. O vídeo apresentou dois momentos: uma parte com fotos deles, ao som de uma



música agitada; e uma segunda parte, com fotos retiradas da internet, demonstrando idosos buscando “qualidade de vida” a partir da atividade física (vide foto abaixo). Na posição de mediadora, indaguei o grupo sobre o público e faixa etária que mais se encontra na Beira-Mar de São José – SC e se eles poderiam comentar algo sobre. Eles comentaram serem os idosos.

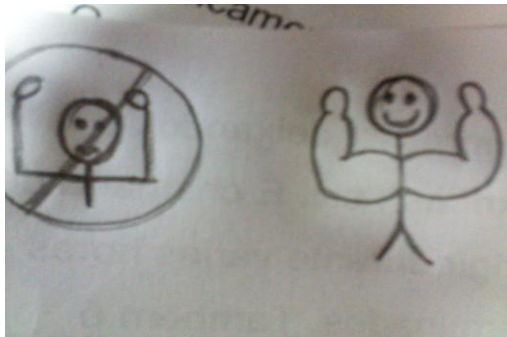


**Foto retirada da internet pelo primeiro grupo e apresentada no vídeo**

Uma aluna, anterior a resposta do grupo, comentou: “*Pode ser que agora que eles perceberam o peso por não terem feito atividade física antes e estão correndo atrás do tempo perdido*” (Diário de campo, 10/06/2010). Em tal comentário da aluna, percebemos embutida a ideia ingênua de saúde enquanto um valor que se acumula, um componente aspirativo que pode ser conquistado, recuperado, preservado, e caso não foi ainda, é de responsabilidade do indivíduo sua falta e as consequências por não tê-la. É como se coubesse individualmente a prerrogativa de sobrepor-se aos determinantes maiores da realidade social da saúde-doença e às características regionais e locais dos serviços de saúde (GONÇALVES e PIRES, 1999).

Além disso, podemos inferir certa ambigüidade presente nos discursos dos alunos: algumas vezes eles demonstram certa autonomia e criticidade, em outros, como estes, apresentam atitudes e discursos similares ao discurso presente na mídia sobre saúde e atividade física.

O grupo seguinte (2), ao apresentar o vídeo, demonstrou fotos de lugares enfatizando a não necessidade de estar presente em um espaço “maquinário” (referência feita por eles a espaços como academias e outros, com máquinas de exercitação) para se buscar saúde, podendo tal lugar ser uma praia, uma cachoeira, inclusive apresentaram no vídeo fotos deles próprios em momentos de lazer com amigos. Percebemos a partir da apresentação do grupo, a visão dos alunos que a busca da atividade física não necessariamente necessita de espaços como academias e o próprio grupo demonstra valorizar a dimensão prazerosa do bem-estar a partir da proximidade com a natureza. Por fim, relacionando mais com a mídia, o grupo colocou uma foto de dois desenhos que eles mesmos fizeram (abaixo) e explicaram com aquele desenho fotografado o valor imposto pela mídia: “*Homem não pode ser magro, tem que ser forte*” – “*Mulher não pode ser gordinha, tem que ser magra*” (Fala registrada em diário de campo, 10/06/2010).



**Uma das fotos utilizadas no vídeo de 1 minuto**

Outro grupo (3) demonstrou fotos de pessoas, principalmente idosas, caminhando e realizando atividade física em espaços como ATI (Academia para Terceira Idade, disponível em praças públicas nas cidades de São José e Florianópolis), e fotos tiradas de *outdoor* com propagandas de roupas para todos os tamanhos, tanto P quanto GG (“*na mídia aparecem produtos para todos os gostos: biquínis para magras e gordinhas, com fotos de outdoors*” – Fala registrada em diário de campo, 10/06/2010). Em relação a essas fotos, o grupo comentou a

necessidade de a Indústria Cultural buscar expansão, atingindo todos os nichos possíveis, de forma que agrade a todos e ninguém esteja excluído.

Um grupo (4) realizou um vídeo, ao som de uma música bem calma, com fotos iniciais tiradas de pessoas realizando exercícios físicos em academias e antes de iniciarem o vídeo, a primeira foto descrevia uma pergunta: “*Qualidade de vida: uma obrigação?*” Após a passagem das fotos tiradas em academia, ao meio, dispuseram o seguinte questionamento: “*Por que não fazer isso de forma mais leve?*” (Retirado do vídeo dos alunos, 10/06/2010). Para contrapor tal questão, terminaram o vídeo com fotos tiradas dos integrantes do grupo realizando atividades (não necessariamente tidas como físicas), tais como: observar o mar, ir ao mercado e ser feliz comprando chocolate, momentos de socialização, como a época do Natal e reunião com amigos. A explicação dada pelo grupo se resume no seguinte comentário feito por uma das integrantes:

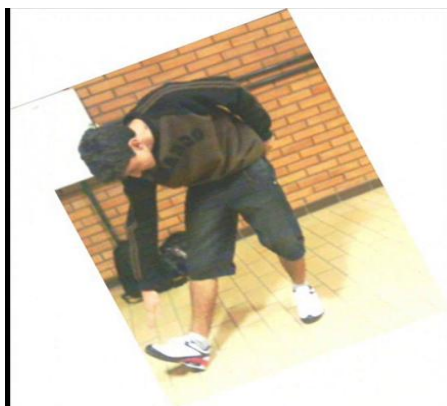
*“A ideia principal do vídeo é mostrar que a qualidade de vida não precisa ser maçante, não tem um lugar específico para conseguir, e não é igual para todos. Exercícios fazem bem sim, esportes devem ser praticados, mas desde que seja de forma gostosa e feliz. E se você não gosta de fazer atividades físicas, sair com os amigos, rir, também significa qualidade de vida, afinal, esta é sinônimo de felicidade”* (Retirado dos escritos dos alunos, 10/06/2010).

Novamente, o grupo demonstra uma visão menos domesticada, valorizando a dimensão estética do prazer, da alegria, do bem-estar. Outros três grupos apresentaram no vídeo fotos bem similares, demonstrando pouco ou, algumas vezes, nenhuma (re)significação do discurso médico sobre saúde e atividade física, tendo inclusive uma reprodução do discurso midiático, por meio das necessidades de realizar atividade física e a padronização corporal, em seu caráter individualista. Em sua grande maioria, as explicações sobre as fotos eram baseadas na importância de se fazer atividade física, que a mesma pode amenizar depressão e estresse, que a atividade física é importante para o sistema cardíaco, que todos devem realizar atividade física com

acompanhamento médico e que não se deve esquecer de alongar e aquecer antes da prática, vide fotos abaixo:



**Foto tirada pelo grupo e colocada em vídeo-minuto.**



**Foto tirada pelo grupo e colocada em vídeo-minuto.**

Pode-se destacar que algumas fotos apresentavam militares realizando exercícios físicos específicos. Práticas militares e tecnicistas apresentam-se fortemente no meio da sociedade ainda em pleno século XXI. Um destes três grupos hipervalorizou a prática de futebol, como

conteúdo tido por eles como principal conteúdo da Educação Física, demonstrando fotos de jogadores de futebol e, ao final, este grupo mostrou algumas lesões em jogadores de futebol, comentando que: *“nem sempre o futebol traz somente saúde”* (Fala registrada em diário de campo, 10/06/2010).

Por fim, uma foto (abaixo) retirada da internet pelo aluno demonstra a importância de se praticar atividade física, com o seguinte comentário dito por um integrante do grupo: *“esta foto do Ronald McDonald significa uma conscientização que pelo fato de sua comida não ser saudável, necessitaria fazer exercícios para viver mais confortavelmente”*.



**Foto retirada da internet e colocada em vídeo-minuto.**

A foto escolhida pelo grupo nos permite refletir o quanto os discursos midiáticos estão presentes no nosso cotidiano, pois o personagem da foto representa o Ronald McDonald obeso, necessitando realizar atividade física após uma alimentação rica em carboidratos (uma reprodução do discurso midiático sobre atividade física e saúde, enfatizando a necessidade de realizar atividade física, além do seu caráter ambíguo: coma, mas seja magro!).

Outra foto utilizada no mesmo vídeo, que cabe uma reflexão sobre a reprodução do discurso midiático é esta abaixo, na qual para

explicar a presença de tal foto, o grupo comenta: *“Esta foto do garoto com várias comidas não saudáveis e pensando em exercícios, significa quantos exercícios aqueles lanches podem valer para combater as calorias que ele vem adquirindo”* (Retirado dos escritos dos alunos):



**Foto retirada da internet e colocada em vídeo-minuto.**

Uma outra foto posta pelo grupo no mesmo vídeo, também retirada da internet, demonstra uma atitude que direciona uma responsabilização para os sujeitos quanto à forma de administrar sua saúde, tendo como foco o sedentarismo como uma ameaça à saúde. É uma forma de prescrever o que as pessoas devem fazer, prevalecendo um discurso para se adequarem a um estilo de vida saudável que dependeria apenas delas. O comentário explicativo do aluno sobre a foto declara tal atitude:

*“E por fim, um muro com uma escada e um arco íris, significando que é possível e não muito difícil alcançar seu objetivo, que é a saúde e que depende de você”* (Fala registrada em diário de campo, 10/06/2010).



**Foto retirada da internet e colocada em vídeo-minuto.**

Pautados nessas imagens, ao final do encontro em que os alunos apresentaram seus vídeos, propusemos alguns questionamentos para os mesmos refletirem, tais como: Quais são os interesses em promover saúde e utilizar-se da mídia para tal divulgação? Será que pela necessidade imposta pela mídia em ser saudável, não são divulgados outros interesses como comprar aquela roupa para fazer tal atividade física, ou se alimentar com tal produto que é dito com mais valor que outro? Será que a informação sobre saúde que é dita é realmente verídica, bem explicada e esclarecedora ao ser veiculada pela mídia?

Todas as fotos retiradas da internet nos serviram para replanejarmos os planos de aula seguintes, pois percebemos poucas demonstrações de novos olhares dos alunos sobre o discurso médico-científico a respeito de saúde e atividade física presente na mídia.

### **3.7. Estratégia 6 - Copa, Esporte e Saúde – em busca de novas e diferentes reflexões**

<b>Estratégia 6</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<p><i>- Realizar reflexões em conjunto com os alunos a respeito da mídia e saúde, aproveitando o momento vivido pela Copa do Mundo.</i></p>	<p><i>- Encontros registrados em diário de campo.</i></p>

A estratégia de refletir sobre a Copa do Mundo da África do Sul/2010, esporte e saúde ocorreu motivada pelo momento em que estávamos vivendo. A mídia, todos os dias, em praticamente todos os canais televisivos, veiculava centenas de informações sobre as partidas. Estávamos vivendo um momento em que o assunto da agenda era a Copa Mundial. Escalada para garantir visibilidade à sociedade e proporcionar oportunidades de associação de vários outros setores com o evento, a mídia se institui como um vetor das possibilidades de negócios e de realização de lucros para o empresariado nacional e internacional, fato este que possibilita que as intenções de veiculação ultrapassem as meras disputas esportivas que constituem sua essência fundadora (CAETANO *et. al.*, 2010).

As ruas do Brasil estavam “de verde e amarelo”, as pessoas quase não saíam de casa em prol das partidas, mesmos aquelas em que o Brasil não estivesse jogando. O som da Escola investigada repetia muitas vezes a música “top” do evento, denominada Wavin’ Flag<sup>23</sup>. A televisão ligada o tempo todo transmitindo as partidas, atletas brasileiros sendo escolhidos pela mídia para demonstrar que jogavam com dor, com protetores na coluna lombar, sendo praticamente idolatrados como “aqueles que doam seu sangue pelo Brasil”, esse era o momento em que estávamos vivendo.

Não contávamos no início da intervenção em trabalhar com os alunos assuntos da Copa, mas a oportunidade estava aberta a possibilidades para tratarmos do tema central da pesquisa: saúde na mídia.

A estratégia de aproveitarmos o momento atual e tematizarmos saúde na mídia pelo viés esportivo (até porque os meninos demonstravam respostas associando saúde ao esporte) nos possibilitou trabalharmos mais intensamente com a prática de futebol, bastante requisitada pelos meninos, porém um outro desafio encontrávamos: incluir as meninas na prática de futebol, já que estas estavam acostumadas a estar na Sala de Cultura enquanto os meninos jogavam o futebol.

---

<sup>23</sup> Tal música é cantada por K'naan , denominada Waving’ Flag (Coca-cola Celebration) de composição adaptada pelo grupo Skank e patrocinada pela Coca-Cola.



Assim, respeitando as intenções da pesquisa e a prática desejada pelos alunos e reconhecendo que ambas não podem simplesmente serem vistas de forma dicotômica entre teoria e prática, mas que ambas são portadoras de saberes, seguimos os encontros com momentos vistos pelos alunos como práticos, mas para nós, característicos de uma práxis social.

Ao iniciarmos um encontro, o Brasil havia acabado de participar da partida contra Costa de Marfim, em que o jogador Luiz Fabiano realizou um gol utilizando-se do braço (algo inquestionavelmente inconcebível pelas regras esportivas do futebol mundial) e o árbitro, de forma surpreendente chegou próximo ao jogador e questionou se ele havia realmente utilizado o braço. O jogador respondeu que não, sendo que a imagem foi explicitamente tendenciosa a acreditar que o jogador estava sendo pouco ético. Em tal partida, além deste episódio, o jogador Kaká foi expulso, sendo acusado de ter dado uma cotovelada em um jogador do time africano.

A pauta do dia, e portanto, também da semana, eram esses acontecimentos, além disto, a mídia divulgou, especialmente pela internet, que o jogador Kaká estava participando da Copa com dores e que, pelo seu *status* de bom moço e religioso, não teria coragem de agir antieticamente. Novamente reconhecemos como assim comenta Guareschi e Biz (2005), que a mídia fornece certo juízo de valores aos fatos, deixando de ser neutra e enfatizando algo como “bom” ou “ruim”. Além de Kaká, Júlio César, o goleiro do Brasil, foi descoberto com protetores na lombar, por possíveis dores lombares, o que gerou muitas notícias na semana a partir da mídia.

Na intenção de aproveitarmos a pauta do dia posta pela mídia, tematizamos com os alunos a relação dor e saúde, em uma perspectiva filosófica e promovemos com os alunos a reflexão sobre a dor ser um sintoma que se distancia da saúde e talvez, se aproxima da morte. Essa reflexão se baseou em alguns textos, tais como: “Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal”, de Alexandre Fernandez Vaz; e “Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo”, de Giselle Torri, Jaison José Bassani e Alexandre Fernandez Vaz.

A respeito desta discussão, uma aluna argumentou: “*Um técnico sabendo que o atleta está morrendo de dor e pode morrer, o técnico deve permitir isso: arriscar a vida, a saúde do atleta pelo jogo?*”. Outro

aluno argumentou: “*é uma opção do atleta e o técnico pouco tem a ver com isso*” (Diário de campo, 22/06/2010). A partir destes comentários, podemos percebermos que muitos alunos apresentam ainda um discurso de que pela vitória vale qualquer coisa, até arriscar sua própria saúde; de certa forma, um discurso similar ao da mídia. Basta relembrarmos o quanto o fato ocorrido em 1984, por uma atleta chamada Gabrielle Andersen Schiess, que marcou o mundo ao completar a maratona feminina cambaleando, ficando em 37<sup>a</sup> colocação. Existem comentários que afirmam que até hoje, a atleta sofre por problemas físicos/cerebrais por “tamanho esforço” em busca da realização, da vitória, e obviamente, isto pouco é divulgado em favor da superação.

Após um breve debate iniciamos a segunda etapa proposta para aquele encontro – uma aula com movimentação corporal dividida em dois momentos: altamente tecnicista, para que eles experimentassem momentos rigorosos que atletas, em treinamento, passam; e uma parte de jogar um futebol lúdico, com quatro goleiros. Como resultado do primeiro momento, os alunos foram aos poucos desistindo porque percebiam que não agüentavam e não estavam preparados para isso e que provavelmente o treinamento de atletas ultrapassa algumas vezes o limite deles próprios. Como não esperado, no segundo momento, os alunos, principalmente os “boleiros”, os quais imaginávamos um efetivo envolvimento, já que a atividade era menos diretiva e mais lúdica, se afastaram da atividade, demonstrando certa insatisfação por aquela prática realizada, a ponto de um aluno, considerado o líder do grupo dos “boleiros”, que no momento era o goleiro, permitir, sem se esforçar para impedir, um gol a favor do outro time.

Aquele momento tornou-se vital, especificamente porque não pretendíamos aplicar uma teoria na prática, já que os alunos assim nos viam, mas sim (re)construir e (re)inventar nossa prática com referência em experiências e em reflexões e teorias. No entanto, questionamos o aluno o porquê de tal atitude, e ele nos respondeu: “*Quero na aula esporte qualificado e isto que você está dando não é esporte qualificado, quero ao menos o nosso futebol, sem intervenções...*” (Fala registrada em diário de campo, 22/06/2010). A esse comentário podemos refletir sobre qual a concepção de Educação Física que este aluno nos apresenta, a ponto de descartar a presença do professor.

### 3. 8. Estratégia 7 - A produção midiática final: jornal, blog e vídeos

<b>Estratégia 7</b>	
<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas e instrumentos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular autonomia nos alunos a partir da dimensão produtiva da mídia-educação, relacionando o tema da pesquisa.</li> <li>- Observar se os alunos apresentam novos significados ao discurso sobre saúde e atividade física.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encontro registrado em diário de campo.</li> <li>- Produção midiática construída pelos alunos: dois vídeos, blog e jornalzinho.</li> </ul>

Reconhecendo que, muitas vezes, em Educação, a apropriação instrumental, quando valorizada, se opõe à formulação de saberes críticos concomitantemente, a intenção desta estratégia foi exatamente romper esta dicotomia talvez já naturalizada no cotidiano escolar, partindo do pressuposto de que é possível a apropriação instrumental com a apropriação crítica e produtiva, por meio de uma síntese integradora. Visava-se também, a partir da reflexão sobre o uso da técnica em sua dimensão política, que os alunos refletissem sobre as estratégias utilizadas, bem como aquelas que são possíveis de serem utilizadas, ao serem colocadas com o saber-fazer.

Sendo assim, tal estratégia se concretizou a partir da divisão da turma em grupos. A cada grupo, seria possibilitada a escolha sobre qual mídia iriam utilizar enquanto o fio condutor de seus discursos e entendimentos, respeitando a temática já previamente estudada e combinada com os alunos: saúde e atividade física. Os alunos tiveram aproximadamente um mês para a elaboração da produção midiática, enquanto os encontros e a mediação escolar iam sendo realizados. Foi também combinado que a produção de cada grupo seria apresentada no último encontro entre a pesquisadora, o professor e os alunos, ou seja, no último dia de aula na Educação Física, anterior ao início das férias de meio de ano. Foram organizados 4 (quatro) grupos, um realizou um jornalzinho, outro um blog e dois grupos realizaram um vídeo cada.

O grupo 1 escolheu construir um jornalzinho com comentários sobre atividade física, saúde e Copa. A ideia inicial do mesmo correspondia à elaboração de um jornal que fosse estendido a todos os alunos da Escola, entretanto, pelo momento de início de férias, o grupo resolveu realizar apenas algumas cópias e entregar a todos da turma e aos professores em geral.

O material contido no jornalzinho (Anexo I) correspondia a diferentes assuntos, todos escolhidos pelos próprios alunos. Os assuntos/temas presentes eram: duas matérias escritas pelas alunas (“Qualidade de vida” e “A Ilusão da Copa do Mundo”), uma matéria retirada de um blog com o título de “Rede Globo quase provocou a suspensão do Dunga e fiasco da seleção”<sup>24</sup>, outras duas matérias correspondiam a informações do IFSC sobre a escola adotar exclusivamente o ENEM para ingresso em cursos superiores e sobre a escola regulamentar uso de nome social de travestis e transexuais na Instituição.

Na matéria “Qualidade de Vida”, as alunas apresentaram novas reflexões sobre o que é qualidade de vida, pontuando o papel da mídia na formação “interesseira” em moldar conceitos e padrões sobre o que é ser saudável, articulando com o estereótipo da beleza magra. Além, demonstraram uma crítica à necessidade de possuir dinheiro, muitas vezes enfatizada pela mídia, para se alcançar saúde. Apresentaram também uma concepção de saúde que transcende a visão comportamentalista/biomédica de saúde:

*“Não é porque você tem alguma doença ou algum tipo de deficiência que você não tem saúde; o conceito de saúde vai muito além do nosso corpo, ele engloba nossa mente, nosso estado de espírito”* (Retirado do jornalzinho).

O grupo ainda pontua no jornalzinho, a necessidade de muitos homens em chamarem a atenção, tornando-se homens “marombados”,

---

<sup>24</sup> Presente em <http://colunadileitor.blogspot.com/2010/06/rede-globo-quase-provocou-suspensao-do.html>

ênfatizando que tais pessoas chamam a atenção, por terem tornados seus corpos em algo “bizarro”, ou um conjunto de músculos crescidos à base de suplementos. Além disto, de maneira crítica, argumentam que a beleza enfatizada nas propagandas é algo artificial, posta para que as pessoas almejem aquela beleza, e para tanto, comprem aquele produto.

Ao apresentarem a matéria, as meninas explicaram as intencoes em escrevê-la:

*“Escrevemos isso para tentar mostrar que podemos buscar saúde, qualidade de vida de forma tranqüila, sem ter que necessariamente ter tal roupa ou tal tenis que a mídia nos coloca e enfatiza”* (Fala registrada em diário de campo, 01/07/2010).

Sobre a outra matéria escrita também pelas alunas, que enfocava discussões sobre a Copa do Mundo, a crítica construída por elas baseava-se primordialmente nos gastos realizados pelo país sede, remetendo-se  África do Sul (atual sede) e ao Brasil, que será o país sede em 2014. Além dos gastos de infra-estrutura e das dívidas que cada país adquire, o grupo também pontuou o “sufocamento” feito pelos meios de comunicao de massa nos dias da Copa (“e quem não gosta de futebol, o que faz durante esse tempo da Copa? Não importa para qual canal de TV você mude, você encontrará notícias sobre a Copa”) e outras necessidades que cada país apresenta internamente, que pela realizao da Copa, são deixadas de lado:

*“Há coisas mais importantes com o que se preocupar, no território da África do Sul há lugares que não possuem energia elétrica, saneamento básico e as pessoas morrem de fome, enquanto isso, o Governo adquire uma dívida com a construo de estruturas para suportar um evento a nível mundial (inicialmente, o governo planejava gastar com a Copa 2,15 bilhões de reais, mas o montante ultrapassou os R\$ 8 bilhões); acontece que há uma troca de prioridades nesse sentido”* (Retirado do jornalzinho).

Ao apresentarem, o grupo demonstrou adquirir olhares críticos a respeito da temática, ressaltando que o comércio permitido nos redores dos locais onde acontecem os jogos somente beneficia aqueles que patrocinam, e a população brasileira, ou mesmo, os vendedores ambulantes, não podem se aproximar para venderem seus produtos. Ainda, em relação à Copa de 2014 no Brasil, os alunos argumentaram que:

*“Sem levar em consideração que a maioria dos brasileiros não assistirão os jogos por causa dos preços caríssimos dos ingressos. Também vi em uma reportagem que falava sobre legados, na qual as construções simplesmente são construídas e depois ficam largadas, pois não aproveitam, talvez também porque a manutenção de tal espaço deve ser de alto custo”* (Fala registrada em diário de campo, 01/07/2010).

Em relação ao segundo grupo (2) que organizou o blog, a pesquisadora teve um encontro com os alunos e a construção ocorreu de forma colaborativa. O grupo era formado por dois meninos e ao apresentarem, apenas apresentaram o corpo do blog, com apenas duas postagens, sendo que uma era da pesquisadora. O professor, no intuito de motivar a participação de todos os alunos, pediu aos que apresentariam seus respectivos vídeos e o jornalzinho, enviassem para o blog, possibilitado a extensão do uso de tal ferramenta pedagógica. Contudo, esta extensão pouco foi promovida pelos próprios alunos que construíram o blog.

A vivência da produção do blog explicitou certo desinteresse dos alunos com a temática estudada, pois o objetivo dos alunos era a construção de uma ferramenta pedagógica, na qual os acontecimentos realizados durante e principalmente ao final da pesquisa pudessem ser registrados, no entanto, não foram.

O vídeo construído e apresentado pelo grupo (3) apresentava uma encenação na qual expressavam comportamentos das pessoas influenciadas pela mídia, tais como um menino que fazia uso de anabolizantes, em função de estar na moda músculos vigorosos: *“Estou fortinho, né! Hoje em dia sou um cara saudável”* (Fala transcrita do aluno no vídeo); uma menina anoréxica, que gostaria de ser igual às

modelos das revistas; uma menina que fez cirurgias para não ter que fazer dietas; um menino que utilizava as vestimentas com marcas usadas por jogadores de futebol: “*Só me visto assim porque os atletas campeões usam essa roupa, né?*” (Fala transcrita do aluno no vídeo).

Durante o vídeo, uma professora de Educação Física e um médico, representados também pelos alunos, apontaram as relações da mídia e as escolhas/comportamentos de todo o restante dos alunos envolvidos no vídeo, de forma que eles se mostravam como os responsáveis por um saber confiável – a palavra do médico em companhia com a palavra do educador físico. Ao final do vídeo, o próprio “garoto propaganda” comenta que não se sente bem, mas que usa aquela vestimenta porque está na moda. Ao final, aparece uma fala de fundo, comentando:

*“Não dá para sair por aí confiando em tudo o que a mídia diz e comprando, sem saber de verdade se vai fazer bem ou mal à saúde. As pessoas pensam que tudo que passa na TV é verdadeiro, muita coisa é explicada de maneira errada. Como podemos perceber, nem tudo o que passa na TV é certo, pois passam uma visão distorcida ou mesmo errada de saúde. Saúde não é ser magro, musculoso, ser definido. Ter saúde é uma relação entre mente e corpo, responsável pelo nosso bem-estar. A imagem que nós somos obrigados a realizar determinados exercícios pode se tornar uma “neura” e contribuir para perdemos a essência do que é realmente qualidade de vida”* (Fala transcrita de um aluno no vídeo).

Como podemos perceber, ainda que os alunos apresentem criticidade aos discursos médico-científicos, responsabilizam a medicina e seus especialistas (o que Ivan Gomes, em sua tese, baseada em Foucault e Bauman, denomina de conselheiros modernos, e no caso, os professores de Educação Física) como os representantes da verdade, do saber científico de cunho anátomo-fisiológico, fornecendo a eles certa garantia de solução racional para os infortúnios enfrentados pelos sujeitos. Contudo, como apontado por Gomes (2008), as ações sugeridas por conselheiros (na linguagem baumaniana) e apoiadas aos saberes de

especialistas (como os médicos) sugerem o que o autor chama de ‘pedagogização do social’, ou seja, formas de “dever ser” que implicam tanto em estratégias individuais quanto em estratégias de controle, conforme Gomes argumenta baseado em Michel Foucault.

Por fim, na última produção midiática apresentada, que também correspondia a um vídeo, houve a demonstração da importância do aquecimento e alongamento para a prática de futebol. Durante uma passagem, deixaram o seguinte comentário: “*os meios deveriam informar bem, mas nem sempre fazem, como percebemos nosso ator fazendo alongamento errado, fruto do saber midiático*” (Retirado do vídeo).

Tal vídeo foi construído pelos alunos que se autodenominaram “os boleiros”. Durante todo o vídeo enfatizaram que qualidade de vida deve estar associada ao que você gosta, e como, no caso deles, eles gostam de futebol, essa era a prática que lhes fornecia satisfação. Para enfatizar o futebol, colocaram como fundo do vídeo, a música: “É uma partida de futebol” do grupo Skank, ao serem filmados jogos em que o grupo participou.

Fizeram alguns comentários que nem todo o atleta é saudável, mostrando apenas cenas de jogadores que se lesionam durante a prática e que as vestimentas que eles utilizam apresentam relação com as sugestões midiáticas de uso. Por fim, finalizam com o seguinte comentário: “Mude, porque você é a única pessoa capaz disso, e não é um equipamento ou marcas que farão você se tornar saudável... Boleragem também é cultura” (Recorte escrito no vídeo, 08/07/2010).

Novamente, os discursos dos alunos voltam-se para o processo de individualização característico na contemporaneidade, enfatizando as preocupações no trato corporal e ampliando a responsabilização do indivíduo sobre a defesa da sua saúde e a beleza do seu corpo.



## CAPÍTULO IV

### TECENDO OS FIOS: REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE O CAMPO

*“O intelectual não cria o mundo no qual vive. Ele já faz muito quando consegue ajudar a compreendê-lo e explicá-lo como ponto de partida para sua alteração real”.*

*(Florestan Fernandes)*

Apresentada a descrição horizontal de todo o campo de investigação, este capítulo se destina à análise (uma possível compreensão) transversal às descrições das estratégias, ou seja, aos pontos ou recorrências que merecem destaque no estudo. A formação de eixos de pesquisa a seguir se faz presente em função dos elementos de interpretação se perpetuarem por toda a pesquisa e serem passíveis de reflexão em diferentes momentos durante a discussão. Ademais, os pressupostos teóricos a seguir são empregados, respeitando suas diferenças epistemológicas, em função das possibilidades percebidas após a inserção do campo, visualizadas na riqueza que os dados apresentaram, nos levando à busca de diferentes referenciais teóricos para a interpretação. Assim, a partir da análise dos dados provenientes do diário de campo, do questionário inicial, do material midiático produzido pelos alunos, dos escritos entregues por eles à pesquisadora e da entrevista<sup>25</sup> final realizada, foi possível a composição de quatro eixos de discussão. Foram eles:

1) *Teoria e prática pedagógica na Educação Física* – Este primeiro eixo de análise tratou dos significados expressos e incorporados historicamente pelos alunos a respeito da relação teoria e prática no contexto escolar da Educação Física. Buscou-se evidenciar a práxis social como base para o ensino que visa à mudança social, aliada à pesquisa-ação efetivada durante o estudo. No entanto, se desdobra em

---

<sup>25</sup> O roteiro da entrevista encontra-se ao final do trabalho (Apêndice VIII)

dois sub-eixos para uma compreensão didática: a) configurações de um “praticismo” nos discursos dos alunos e b) representações de gênero nas práticas corporais escolares.

2) *Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo* – Neste eixo, ampliamos e enfatizamos a discussão de representações de gênero, agora relacionada à temática central da pesquisa, saúde e corpo. Nele, podemos observar diferenças das possibilidades e interesses a respeito de discussão sobre a temática, em se tratando de meninos e meninas. Sugerimos também a presença de esquemas da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e dispositivos biopolíticos como controle sobre os corpos na contemporaneidade (FOUCAULT, 2005).

3) *A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e as implicações para a Educação Física* – O eixo que se apresenta leva em consideração as concepções de ser saudável, de saúde, de um corpo saudável associadas às práticas corporais, respaldadas no saber médico, que alcançam a Educação Física. Destacamos a ocorrência do processo de medicalização da sociedade e medicalização das práticas corporais como produto da racionalização instrumental.

4) *Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada* – Este último eixo trata de relacionar os discursos ambíguos dos alunos em diferentes momentos da pesquisa. Dialogamos com os pressupostos da teoria da semicultura (ADORNO, 1996), contextualizada na modernidade líquida (BAUMAN, 2001), para apontar que os alunos, mesmo após a intervenção da pesquisa, ainda expressam discursos que reproduzem a ideologia vigente. Em alguns momentos, em conjunto com a conscientização crítica fomentada, importante para o desenvolvimento da formação cultural, apontamos também discursos dos alunos que podem representar novas reflexões.

Assim, de forma ilustrativa, a visualização dos eixos da pesquisa pode assim ser esclarecida:



### Teoria e Prática Pedagógica na Educação Física

- Configurações de um "praticismo"
- Representações de gênero nas práticas corporais escolares



### Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo



### A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e a implicações para a Educação Física



### Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada

## 4.1. Eixo 1 – Teoria e Prática Pedagógica na Educação Física

A construção deste eixo ocorreu a partir dos atravessamentos percebidos no campo a respeito da temática do estudo, decorrentes das diferentes concepções ou representações de teoria e prática pedagógica na Educação Física para os alunos, incluindo as construções históricas presentes em seus discursos, que ao serem manifestadas, demonstraram resistências à temática do estudo. Neste diálogo a ser apresentado, a interdiscursividade e intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2008) são recorrentes.

Integrando as representações sobre teoria e prática na Educação Física, os alunos expressaram estereótipos sexuais que ajudam/ajudaram a demarcar as diferenças de gênero e de envolvimento nos encontros da pesquisa. Romero (1990) nos alerta sobre a problemática da rigidez de muitos estereótipos na sociedade, pois eles influem no processo de percepção das pessoas e simplificam a realidade objetiva, criando

resistência às mudanças. Assim, tais representações sobre teoria e prática na Educação Física, na presença de manifestações de gênero socialmente construídas, interagiram com a mediação escolar proposta, nos direcionando à discussão em dois aspectos: a compreensão da relação teoria-prática na Educação Física pelos alunos, revelando-nos um certo “praticismo” e as questões relativas ao gênero que atravessam suas práticas discursivas e sociais, seus envolvimento e participação aos encontros da pesquisa.

#### **4.1.1. Configurações de um “praticismo” nos discursos dos alunos**

*“Teoria/Prática” vem carregados de uma divisão, de uma cisão, que se apresenta como antagonica, muitas vezes, e que não deveria sê-lo, pelo próprio significado de cada um deles. Mas ainda, deveriam ser entendidos, englobados em um único conceito, que não lhes esgotasse a extensão, e não os colocassem em campos contraditórios (MARCELLINO, 1995, p. 74).*

Fazemos o início dessa discussão com o apoio da epígrafe acima para assinalarmos que o entorno dessa reflexão se dará entre a dicotomia teoria e prática percebida durante o campo, que de certa forma, no caso da Educação Física, podemos também associá-la à dicotomia corpo e mente. Esta última, comum na perspectiva de um trabalho intelectual tradicional da sala de aula versus a dimensão corporal e “não intelectual”, correspondente ao trabalho fora da sala de aula, se apresenta como discursos bastante recorrentes no campo da Educação Física e também, no campo de investigação, o que faz a importância deste eixo. Para além deste apontamento, mostraremos que é impossível considerarmos só a teoria ou só a prática como pura busca de respostas, sem uma relação íntima entre elas.

Ao começo da intervenção foi feita uma negociação com os alunos, na qual acertamos respeitar os momentos considerados por eles como de prática, de modo que não retiraríamos tais momentos do calendário da pesquisa, em especial aos meninos, já que as meninas

pouco se envolviam em práticas corporais. Ao pensarmos que a Educação Física inserida no currículo escolar deve buscar intervir no sentido de transformar o nível de compreensão do aluno a respeito da cultura de movimento, passando de um saber ao nível do senso comum (prático), para um saber elaborado (prática refletida), sabíamos da possibilidade de certa resistência dos meninos à proposta de intervenção. Portanto, nos organizamos para que esse processo fosse cauteloso e que uma práxis (uma proposta pedagógica que postula uma concepção dialética de ensino, considerando as dimensões de teoria e prática em forma de unidade) pudesse ser realizada admitindo o tema transversal mídia com as práticas escolares, as quais eles estavam acostumados.

A realização do estudo propiciou a análise da relação teoria e prática no cotidiano escolar dos alunos e na instituição envolvida na investigação. Sobre esta questão, podemos assim aferir qual a representação de Educação Física os alunos demonstraram possuir, a partir de seus discursos durante o período de campo e também na entrevista realizada ao final da pesquisa. Isso nos propiciou uma reflexão sobre o papel do professor e da Educação Física na escola, assim como um entendimento histórico-contextual a respeito das concepções de teoria-prática na Educação Física presentes nos discursos dos alunos.

Com base nos dados obtidos, nos momentos vivenciados e numa primeira percepção sobre o campo, verificamos evidências da concepção dos alunos de uma Educação Física voltada à valorização da prática, ou seja, a primazia encontra-se na validade do sentido que a prática representa para a disciplina. Poderíamos sugerir que os alunos demonstravam a representação de uma Educação Física enquanto prática ‘coisificada’, resistindo à necessária abstração e adotando comportamentos que reproduzem as manifestações culturais, em especial o futebol. De acordo com Pereira (1982, *apud* PIRES, 1995), ao adotar um ativismo, visto aqui como um fazer pelo fazer, deixa-se de refletir sobre os fatores sociais e culturais que condicionam a prática (ação), resultando na incorporação de um conhecimento pretensamente “neutro”, incapaz de se colocar como subsídio para uma ação projetada, consciente, humanizada.

Assim, foram frequentes as situações em que os alunos solicitavam nas intervenções da pesquisa, momentos práticos,

especialmente os meninos: “*Eu gostaria que as intervenções da sua pesquisa tivessem mais prática*” (Fala registrada em diário de campo, 18/05/2010). Tal comentário não nos aflige, diante do nosso reconhecimento que a uma proposta pedagógica que vise mudanças, não basta desenvolver uma atividade teórica ou puramente prática, mas é preciso consolidar uma ação refletida. O que de fato nos inquieta é a continuação de tal comentário do mesmo aluno: “*Toda semana a gente estuda teoria [nos demais componentes curriculares] e aí o único momento da gente extravasar é na Educação Física*”. A afirmação do aluno aparenta existir na escola certa hierarquia de saberes, cabendo às disciplinas essenciais, vistas com mais *status* porque naturalmente correspondem àquelas ligadas ao trabalho intelectual tradicional de sala de aula, enquanto a Educação Física estaria incluída no rol daquelas que não exercitam a dimensão intelectual, já que seu foco é o movimento e corresponde numa visão de senso comum, ao trabalho fora da sala de aula.

Uma pesquisa realizada por Carvalho (2007) com professores de outras disciplinas a respeito do papel da Educação Física na concepção deles no currículo escolar, demonstra que uma das categorias elaboradas ressalta a ênfase da Educação Física aparentar uma atribuição que não ultrapassa a condição recreacionista; e que os mesmos professores das demais disciplinas a enxergam como um alívio das matérias, que retiram os alunos dos momentos extremamente teóricos pelos quais passam nas disciplinas com *status* intelectual. Ainda segundo a pesquisa supracitada, as percepções dos professores corresponderiam ao que eles conseguiam compreender diante da visualização das aulas de Educação Física.

As representações dos professores e alunos são comuns no âmbito escolar. As práticas cotidianas interferem nas representações de todos os atores-sujeito do processo educativo, e estas interferem nas práticas, ou seja, a representação social é constituída pela realidade social na qual as práticas se inserem e constitui essa mesma realidade.

Considerando que uma prática social constitui uma prática discursiva<sup>26</sup>, podemos dizer que as práticas pedagógicas, as percepções e

---

<sup>26</sup> Vale lembrar que para Fairclough (2008), uma prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades

concepções dos sujeitos escolares constituem uma prática discursiva que envolve não somente os discursos dos alunos, mas dos professores de Educação Física e de professores de outras disciplinas, enfim, de todos envolvidos no trato pedagógico. O discurso<sup>27</sup>, na sua dimensão de prática discursiva não é apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91).

Ao falarmos em prática social, podemos refletir acompanhados de Fairclough (2008) que a prática social constitui uma prática discursiva (referente ao discurso dos atores em um determinado contexto); da mesma forma, a prática discursiva constitui a realidade, ou seja, os sujeitos sociais são moldados pelas práticas discursivas, mas também capazes de remodelar e reestruturar essas práticas, e uma intenção pedagógica pode contribuir com tal dimensão. De fato, a intenção desta pesquisa vai ao encontro desta vertente.

Assim, cientes que uma realidade social constitui uma prática discursiva, tais percepções dos professores da pesquisa de Carvalho (2007) apresentam coincidências com as percepções dos alunos do presente estudo (estes não como os que olham de fora a realidade da Educação Física, mas como aqueles que vivenciam tal realidade), expressas pelos seus discursos, demonstrando que a Educação Física assume perante eles talvez um papel secundário, face ao domínio intelectual que as outras disciplinas oferecem e ao espaço não intelectual e de lazer que a Educação Física parece prometer. Jeber (1995) comenta que neste sentido, a Educação Física torna-se sinônimo de prática, de educação do físico, “deixando a entender que existem outros espaços na escola que se ocupariam da educação intelectual, da educação espiritual e da educação social” (p. 83).

Segundo Bracht *et al.* (2003), pensar a Educação Física como um complemento ou compensação de outras disciplinas – ainda que para a

---

sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como é, mas também contribui para transformá-la.

<sup>27</sup> Discurso enquanto um termo corresponde mais ou menos às dimensões textuais que, tradicionalmente, tem sido tratada por conteúdos, significados ideacionais, tópico, assunto etc (PEDROSA, 2008). Como já comentamos, Fairclough (2008) confere ao discurso uma concepção tridimensional que reúne as seguintes dimensões: discurso enquanto texto, enquanto prática social e enquanto prática discursiva.

simples movimentação necessária a uma quebra da rotina teórica – confere uma característica em enxergá-la como um prolongamento da aprendizagem da sala de aula, mesmo que vista como um descanso para os alunos. Entretanto, de acordo com os autores, quando a importância da Educação Física limita-se a uma compensação da atividade de sala de aula de outras disciplinas, a mesma deixa de ser um prolongamento, “mas a própria negação dos momentos vivenciados pelos alunos nas outras disciplinas” (p. 59).

Nesse contexto, a Educação Física para os alunos da pesquisa representa uma quebra dessa rotina “teórica” e toda tentativa de um esforço teórico, que não somente embasasse as práticas, mas que delas também contribuíssem para o olhar sobre a teoria, foi, em muitos momentos da pesquisa, uma violação ou um incômodo às práticas consolidadas (também historicamente) em seus cotidianos escolares. Um exemplo disto pode ser visualizado no seguinte comentário de F.R. (sexo feminino) em uma conversa informal durante o período da pesquisa:

*“O único momento de relaxamento para os meninos é na Educação Física e mesmo que sua proposta seja de uma prática com reflexão, eles consideram sua intervenção como a retirada daquilo que eles gostam e que estão acostumados ao longo das séries, que é jogar o futebol deles”* (Fala registrada em diário de campo, 05/04/2010).

Ainda, quando realizamos uma entrevista ao final da pesquisa, com um dos grupos de alunos e comentamos sobre o que eles pensavam a respeito da dificuldade da inserção da proposta da pesquisa, B.R. comentou:

*“a válvula de escape sempre foi a Educação Física... era o momento mais tranquilo que não tinha tanta pressão, não tinha... ninguém sufocava a gente com reflexão, era o momento de fazer nada, não pensar... e aí aparece você, que acaba quebrando essa rotina nossa”* (Fala transcrita retirada da entrevista, 08/07/2010).

Assim, percebemos o “ponto-de-vista” dos alunos numa visão do senso comum, também representada pela sociedade e pelos meios de



comunicação de massa, qual seja: uma Educação Física prática; prática sem teoria, ou então, com o mínimo dela. A questão encontra-se aliada aos ditames ou exigências de uma prática esvaziada de elementos teóricos. Em lugar destes, temos toda uma rede de verdades estereotipadas e, em alguns casos, superstições de uma concepção irracional de mundo. A prática se basta a si mesma, e o senso-comum situa-se passivamente, numa atitude acrítica em relação a ela. Tais concepções de verdade aproximam-se de uma tendência de hipervalorização da prática, colocando-a como superior a qualquer outra coisa. Nesse sentido, resta aos alunos pensar a Educação Física como um espaço pedagógico onde não se deve falar, não se deve sentar e discutir, nem utilizar recursos pouco típicos em aulas, tais como textos, fotos, cartazes, vídeos, seminários, grupos de discussões, pesquisa, etc.

Para além de um pragmatismo-utilitarista, que adiante falaremos, a Educação Física presente nos discursos dos alunos aparenta privilegiar uma determinada prática, não como critério de validação da teoria, mas também como negação do aspecto teórico da prática, tornando-se uma prática pela prática, ou mero “praticismo”. Neste sentido, corre-se o risco de desconsiderar o questionamento teórico sistemático das práticas e considerar a reprodução acrítica de fazeres estereotipados, contribuindo para a condição de inferioridade em que se encontra hoje a Educação Física na maioria dos currículos escolares. Esta, como um fazer por fazer, acaba por justificar sua presença na escola enquanto mera experiência limitada em si mesma, ou compensação para o esforço intelectual empreendido nas demais disciplinas. Está, pois, destituída da sistematização e compreensão do conhecimento, existindo apenas empiricamente como exercitação do físico.

Durante a entrevista, um aluno comentou: *“É difícil, só consigo pensar em Educação Física com prática, as pessoas jogando livremente, eu aprendi assim...”* (Fala transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Em uma das estratégias realizadas, a que trabalhamos a relação teoria-prática como unidade dialética a respeito da concepção de saúde salutogênica (Estratégia 3), os meninos pensaram que iríamos trabalhar em sala de aula (“teoria!”), e antes do ponto de encontro, foram para a quadra, que fica no andar superior no colégio e jogaram futebol, enquanto as meninas foram com a pesquisadora para a Sala de Cultura

participar daquele momento. Ao final do encontro, os alunos foram até a pesquisadora, e um deles comentou:

*“Até acho legal se fazer uma pesquisa em Educação Física, mas quando a gente ficou sabendo que hoje seria aula teórica, resolvemos ir para a quadra jogar o nosso futebol”* (Fala registrada em diário de campo, 18/05/2010). Aqui, além de uma aversão a momentos que não sejam de práticas corporais, nos parece que o espaço da aula visa reforçar, em especial para os meninos, a dicotomia tão presente na Educação Física, ou seja, na concepção deles, a aula, quando em espaços outros que não na quadra, é visualizada como teórica. Isto nos demonstra uma concepção que avigora uma separação entre teoria e prática.

Em contraponto, em uma conversa informal com uma aluna, B.B., podemos constatar percepções diferenciadas entre os alunos:

*“Os meninos, na sua grande maioria comentaram que as aulas estavam sendo ruins, que queriam o futebol deles, pois a pesquisa estava quebrando a estrutura que eles estavam acostumados e as gêmeas (alunas da turma) estavam de acordo com esse pensamento deles. Na visão deles, discutir mídia e Educação Física já estava muito cansativo, mas eu e as meninas estamos gostando muito, pois realmente estamos tendo aula de Educação Física e eu confesso que os meninos sempre atrapalharam a evolução da turma em todos os sentidos”* (Fala registrada em diário de campo, 24/05/2010).

Nesse sentido, além da Educação Física apresentar para alguns alunos uma visão secundária, no qual o momento destinado não é para refletir, pois já fazem isso durante quase todo o horário escolar, percebemos na Educação Física uma redundância ao papel de exercitar/treinar/ensinar esportes, e na turma em questão, em especial os meninos com o futebol. Tal reflexão pode ser visualizada em dois comentários em momentos distintos da pesquisa. Primeiro durante uma conversa com um aluno: *“A Educação Física é o único momento que podemos jogar o nosso futebol”* (Diário de campo, 18/05/2010). Por segundo, ao final da pesquisa, durante a entrevista realizada em grupo,

um aluno comentou que, antes da intervenção da pesquisadora: [a aula de Educação Física] “*sempre foi prática, estamos acostumados a jogar duas aulas seguidas, perdia uma aula treinando e depois jogava [o futebol] na última aula*” (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Existe uma prática que se repete com o passar das séries para aos alunos e com o passar dos anos para realidade da Educação Física, na qual o modelo consolidado historicamente acaba ocupando a posição de correto e as tentativas de esclarecer estas construções muitas vezes acabam não possibilitando os efeitos esperados pelos professores. No fragmento a seguir, é possível observar como existe uma realidade que acaba ocupando uma posição de verdade, respaldada em um parâmetro do que seria a Educação Física na concepção de muitos alunos e distanciando as tentativas de reflexão sobre pensamento hegemônico:

*“Quero na aula esporte qualificado e isto que você está dando não é esporte qualificado, quero ao menos o nosso futebol, sem intervenções...”*  
(Fala registrada em diário de campo, 22/06/2010).

O discurso dos alunos apresenta ainda uma tendência utilitarista de Educação Física, já estabelecida anteriormente em sua história, cujo conteúdo primordial para atingir os objetivos foi a ginástica e hoje, se mantém no esporte, conforme comentam Gueriero e Araújo (2004). Contudo, podemos pensar, a partir daí, certa ambigüidade de interesses dos alunos, em relação ao esporte na Educação Física escolar.

Por um lado, ao solicitarem o “futebol deles” demonstram uma mudança na perspectiva tecnicista (uso da aula de Educação Física para a formação de atletas e a visualização de um professor como formador de atletas), abandonando a crença de que é na Educação Física escolar o suporte ‘sustentador’ do esporte de rendimento e o professor como fomentador deste. Como comenta Bracht (2001), está cada vez mais difícil para a Educação Física escolar sustentar o esporte de rendimento e sua articulação com a saúde, mesmo porque o esporte de rendimento encontra outros espaços para sua concretização, como clubes e escolinhas, e ainda, o esporte de rendimento é hoje um problema relacionado à saúde e não o fator de sua promoção (ainda que insistentemente, no senso comum, as pessoas acreditam que o esporte de rendimento pode promover saúde). O fato de “perder um tempo

treinando” e ao desconsiderarem a intervenção pedagógica reforça essa descrença dos alunos em relação ao esporte de rendimento e formação de atletas na Educação Física escolar.

Por outro lado, ao exigirem um “esporte qualificado”, os alunos demonstram requerer um futebol apreendido a partir de suas vivências e experiências, o que inclui a mídia para a construção do imaginário deste esporte qualificado. Além, apresentam uma tradução e reprodução das regras naturalizadas socialmente para o espaço escolar, ou seja, esporte qualificado que contenha competição, rendimento, performance, técnica, não necessitando a presença do professor.

Não esgotando, o binômio esporte-Educação Física nos encaminha para algumas reflexões. Uma delas é o laço histórico que o esporte traçou com a Educação Física entre as décadas de 60 e 70, atendendo a interesses políticos que visavam se beneficiar desta condição. Dessa forma, o esporte foi se tornando o conteúdo principal no âmbito escolar, aplicado de maneira tecnicista e sendo privilegiado desde as primeiras séries do ensino fundamental. O próprio discurso dos alunos, tanto durante o campo, quanto na entrevista realizada no último encontro, demarcam essa historicidade, tal como os comentários abaixo (de um menino e de uma menina respectivamente):

*“A minha Educação Física até a oitava série era só futebol, daí quando me formei, fui para outro colégio e aí começou a mudar um pouco. Era todo o tipo de esporte e corrida. Quando passei para cá, a primeira professora mostrou para a gente o que era qualidade de vida, com um monte de dinâmicas... esse negócio, depois, com os outros professores, eles acabam liberando a quadra”* (Fala transcrita retirada da entrevista, 08/07/2010).

*“A minha Educação Física sempre foi futebol para os meninos e vôlei para as meninas, até eu entrar aqui na Escola e ter algo diferente, principalmente com a sua pesquisa”* (Fala registrada em diário de campo, 18/05/2010).

Por segundo, além de nos fazer refletir a proximidade histórica nos discursos de que buscavam a legitimidade da Educação Física através do esporte e os discursos presentes dos alunos, nos apontam também outra questão: a falta de conhecimento por parte dos alunos sobre outros conteúdos que fazem parte da cultura corporal de movimento e que são pouco trabalhados no cotidiano escolar, limitando aos alunos à aprendizagem de esportes, como nos assinala a pesquisa de Gueriero e Araújo (2004). Assim, percebemos que o discurso hegemônico-ideológico na Educação Física vivido pelos alunos em fases anteriores é o esportivo.

A importância dada pelos alunos ao conteúdo esportivo nas aulas de Educação Física, e no caso em questão, ao futebol, pode ser percebida por um comentário realizado por J.O. durante a entrevista a respeito de suas aulas anteriores no ensino fundamental:

*“Na oitava série eu fui para um colégio público, e lá eu só tinha futebol, futebol e futebol, e quando o professor tentava dar outra coisa, ele não conseguia, não dava – Pesquisadora – ele não conseguia por quê? – ele não conseguia..., ele acaba se rendendo, sabe...tipo: ah, vai futebol mesmo!”* (Fala transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Sobre essa questão a respeito dos discursos dos alunos, Fairclough (2008) comenta que existe uma relação instável de elementos históricos nos discursos presentes em uma prática discursiva: “qualquer prática discursiva é gerada de combinações de outras e é definida por suas relações com outras práticas discursivas” (p. 64). Assim, os elementos textuais sempre recorrem a outros textos contemporâneos ou historicamente anteriores e em uma rede, vão consolidando “temporariamente” uma prática discursiva, que como sabemos, é instável, pois depende das regras sócio-contextuais da formação discursiva. O autor denomina isto como interdiscursividade e intertextualidade. Conforme Fairclough (2008), uma perspectiva intertextual acentua a historicidade dos textos e é baseada na ênfase bakhtiniana: maneira como o discurso sempre constitui acréscimos às cadeias de comunicação verbal existentes.

Com esse entendimento, podemos refletir nos discursos dos alunos a presença de elementos históricos que anteriormente buscaram legitimar a Educação Física, como a presença do conteúdo esportivo nas aulas. Entretanto, o discurso como prática social, para além da perspectiva histórica, se focaliza em dois conceitos, trabalhados por Fairclough (2008): ideologia<sup>28</sup> e hegemonia.

Dessa forma, o discurso como prática político-hegemônica estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas entre as quais existem relações de poder; o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Sobre a ideologia, ela tem existência nas práticas discursivas dos sujeitos, da sociedade, e abre para a reflexão que, semelhante à posição de Thompson (1984, 1990), e comentada na obra de Fairclough, determinados usos de linguagem e de outras “formas simbólicas” são ideológicas, isto é, os que servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação.

Cabe por fim ainda uma última reflexão sobre o comentário [*“Quero na aula esporte qualificado e isto que você está dando não é esporte qualificado, quero ao menos o nosso futebol, sem intervenções...”*]. Embora seja verdade que as formas e o conteúdo do discurso (mesmo na dimensão textual) tragam traços dos processos e das estruturas ideológicas, não é possível “ler” as ideologias no texto; assim, buscamos reflexões e não apontamentos verídicos e únicos de elementos ideológicos presentes nos discursos dos alunos. Porém, o comentário do aluno nos move a dois questionamentos que trazem à tona uma reflexão relacionada a ideologia: Qual é o esporte qualificado que ele deseja? Como é o futebol “deles” que não necessita de uma intervenção pedagógica?

Sabemos que as ideologias são significações/construções da realidade e são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas, contribuindo para a produção, a reprodução ou a

---

<sup>28</sup> Ideologia é um termo utilizado para indicar o estabelecimento e conservação de relações desiguais de poder (PEDROSA, 2008, p. 123).

transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2008). As ideologias embutidas nas práticas discursivas, tanto midiáticas, como dos sujeitos, são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de senso comum. Cientes então que, uma interpretação ideológica exata é muito questionada, nos apoiamos em Fairclough (2008) ao refutarmos a ideia que os eventos discursivos são meras reproduções de estruturas, privilegiando a perspectiva da reprodução ideológica e não a transformação. O autor, por fim, defende: “prefiro a concepção de que a ideologia está localizada tanto nas estruturas que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras” (p. 119).

Sendo assim, o discurso do aluno nos demonstra orientações de possíveis pressupostos ideológicos de estruturas condicionadoras, na qual a história da Educação Física aconselhava um discurso do esporte como controle político da sociedade, fase em que o Brasil percorreu historicamente nos anos 60 e 70, e foi também uma das tentativas de legitimação da Educação Física na escola. Hoje, nos aponta um discurso com elementos ideológicos que envolve o esporte, porém próprio do momento atual que a Educação Física e a sociedade passam, qual seja: o esporte deixa de ser pautado enquanto controle político, para tornar-se parte de uma cultura esportiva atrelada aos detentores de poder e a interesses explícitos, o que inclui a mídia.

Assim, a presença do esporte na escola é pautada na reprodução de um esporte que eles não conhecem pela escola, mas por outros meios, com características próprias articuladas ao consumo do mesmo enquanto uma mercadoria. Além disso, o discurso aponta também o desconhecimento de outros conteúdos possíveis na Educação Física escolar, limitando-se ao ensino do esporte; talvez porque outros conteúdos não possuem representatividade nos meios de comunicação, não contribuindo, no entanto para a sustentação de um mercado consumidor.

A escolha do conteúdo futebol pelos alunos representa claramente essa relação entre conteúdo escolar e conteúdo midiático. Portanto, questões como: “para quê um professor de Educação Física se podemos realizar o nosso esporte (ou o nosso futebol)” parecem ser cotidianamente realizadas, já que a cultura da mídia, a partir dos seus discursos midiáticos, contribui para possíveis formas simbólicas e

ideológicas que alcançam tanto a Escola como a sociedade. Cabe ressaltar que as formas simbólicas e, portanto, ideológicas, presentes no discurso da mídia sobre esporte se relacionam com a prática discursiva dos professores, de tal forma que muitos reproduzem tais discursos, especialmente de forma naturalizada e alcançam os discursos dos alunos, por meio das práticas pedagógicas dos professores. Além disso, as ideologias possuem manifestações que variam de acordo com o contexto social e histórico, isso nos retorna a reflexão do momento que os alunos se encontravam durante a pesquisa (Copa do Mundo), assim como as práticas pedagógicas as quais estavam acostumados, expressas em seus discursos já citados anteriormente.

Dentro deste discurso midiático, o esporte é abrangido nos moldes de um *esporte da mídia*, referenciado por Betti (2001) e Pires (2002). Betti (2001) aponta as características do esporte da mídia, para além do binômio vitória-derrota, recompensa extrínseca e esporte de rendimento que foca o desempenho, quais são: ênfase na falação esportiva, monocultura esportiva, sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, superficialidade e prevalência dos interesses econômicos<sup>29</sup>. Lisbôa (2007) referencia “esporte-da-mídia” ao longo de seu trabalho para enfatizar que a instituição mídia apropria-se e dá sentidos/significados a essa manifestação cultural de acordo com os interesses em questão, lhe conferindo algumas características peculiares.

No discurso dos alunos, muitas destas características aproximam-se do “futebol” solicitado por eles. A dicotomia esporte da mídia/esporte na mídia foi referida por Pires (2002), parafraseando igual exercício lingüístico proposto por Bracht (1992) sobre esporte na escola/esporte da escola.

Sobre o esporte na escola, Bracht descreve:

(...) a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição [a instituição esporte], e de tal forma que temos então *não o esporte da escola e sim o esporte na escola*, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um

---

<sup>29</sup> Sobre as características do esporte na mídia ou esporte da mídia, ver o texto de Betti (2002), disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/5929/5441>



prolongamento da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física (BRACHT, 1992, p. 22).

De fato, quando Bracht (1992) comenta sobre o conceito de esporte na escola, ele anuncia a entrada da “instituição esporte” na escola, na Educação Física. Hoje percebemos não mais essa adoção, mas que ambas as instituições (esporte e escola), ao serem concebidas de forma naturalizada, mesclaram-se a ponto de tornarem-se inseparáveis para a sociedade e para a expectativa dos alunos. Deste modo, podemos estimular uma reflexão se o “futebol deles, que eles desejam, sem intervenções” não teria uma estreita relação com o discurso midiático sobre esporte presente nos meios de comunicação de massa, em especial a monocultura futebolística (BETTI, 2001) e também uma aproximação com as características do esporte na escola, conceito explicado anteriormente. Tal ponderação pode ser novamente visualizada quando um aluno, F.A., durante uma aula, solicitou que trabalhássemos futebol e comentou: *“É o país do futebol e é o melhor conteúdo da Educação Física para mim”*. Como podemos perceber, existe uma relação muito próxima sobre os conteúdos a respeito de esporte veiculado pela mídia, em especial o futebol, ainda mais porque estávamos em momentos de Copa, e os conteúdos solicitados pelos alunos a serem trabalhados nos encontros da pesquisa. É desejável, no entanto, como um ideal, que tenhamos um esporte da escola e não um esporte da mídia (esta que se apropria do esporte aos seus moldes).

A própria Educação Física, quando resiste a uma abstração necessária e adota procedimentos reprodutivos da cultura, não ascende à condição de práxis, muito menos contribui para a mudança social que Fairclough (2008) aponta, a partir de uma prática discursiva própria. Inclui-se neste âmbito, o próprio esporte-espetáculo promovido pela mídia, a não discussão sobre ele e um entendimento de prática e teoria que não supera a desvinculação hoje existente, em especial, na

Educação Física. Por práxis, entendemos como um conceito que, baseado em Marx, é utilizado para explicar a intervenção humana (ação), intencional e refletida (teoria), no sentido da transformação da natureza e da sociedade.

Isso reflete na formação de professores de Educação Física para a ascensão de práticas pedagógicas concernentes com determinadas concepções de critério de verdade para a promoção de conhecimento e opções mesmo políticas, envolvendo a relação teoria-prática. Essas práticas pedagógicas docentes constituem-se a partir de diferentes concepções.

A literatura nos apresenta três concepções, sendo as duas primeiras, abordagens representativas que se localizam em pólos opostos de um contínuo de interpretação que tem em comum a busca da união ou equilíbrio entre a teoria e prática. Estas negam conseqüentemente, o conflito e a tensão dialética entre esses fatores. Essas duas concepções representam: a) o que denominamos de racional-idealismo, na qual a teoria tem primazia e a prática vem a ser uma projeção e extensão das ideias; e b) a que se coloca no pólo oposto ao racional-idealismo, o pragmatismo-utilitarista, que defende a prática como critério de verdade, (GAMBOA, 1995). Nesta última, a prioridade absoluta corresponde à prática, e tanto mais compreende a uma verdade, quanto menos impregnada estiver de elementos teóricos (VÁZQUEZ, 1986). Para seus seguidores, a prática experimental é o único critério da verdade científica e a teoria forma-se com base nos resultados eficazes da ação humana. Convém ressaltar que o pragmatismo é a expressão de uma posição empirista e uma das tendências do espírito positivista, interessado em descobrir os critérios objetivos que permitem avaliar as ideias morais e as instituições políticas.

Por último, e diferente das abordagens anteriores, a literatura ressalta a concepção dialética que concebe a relação entre teoria e prática não como o ajuste entre uma e outra, seja adequando a teoria à prática ou vice-versa, mas como uma relação que expressa conflito, tensão e confronto entre elas, resultando na práxis como síntese dinâmica. Essa tensão gera um movimento dinâmico de superação.

A *práxis* envolve uma atividade. De acordo com Vázquez (1986), toda atividade propriamente humana só se verifica quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, ou finalidade, e terminam com um resultado, real. Em virtude

dessa antecipação do resultado que se deseja obter, a atividade propriamente humana tem um caráter consciente.

(...) Nesse caso, os atos não só são determinados casualmente por um estado anterior que se verificou efetivamente – determinação do passado pelo presente – como também por algo que ainda não tem uma existência efetiva e que, não obstante, determina e regula os diferentes atos antes de culminar num resultado real (p. 187).

Sendo essa atividade própria do homem, que não pode reduzir-se a sua mera expressão exterior, a consciência faz parte essencialmente desta atividade. Assim, essa atividade se desenvolve como produção de objetivos que prefiguram idealmente o resultado real que se pretende obter, mas se manifesta, também, como produção de conhecimentos, isto é, em forma de conceitos, hipóteses, teorias ou leis mediante os quais o homem conhece a realidade. Ao conceber uma realidade presente, e com base em seu conhecimento (um conhecimento de seu objeto, dos meios e instrumentos para transformá-lo e das condições que abrem ou fecham as possibilidades dessa realização) pode prever uma fase de seu desenvolvimento que ainda não ocorre. “Tal é legítima função da previsão científica, pois com ela, antecipa-se idealmente o que ainda não existe” (VÁZQUEZ, 1986, p. 191).

A atividade da consciência possui um caráter teórico na medida em que não pode buscar um resultado, por si só, a uma transformação da realidade, natural ou social; e também apresenta um resultado, que é uma ação, assim como Pinto (1995) comenta: “Toda práxis tem um lado teórico ideal e um prático concreto possível” (p. 137).

Por muito tempo, a Educação Física enfrentou (e ainda enfrenta) esse embate, com expressões comumente ditas por professores: “eu sou do agir, não tenho tempo com falatório” ou “é bonita a sua teoria, quero ver você fazer isso na prática”. Isso se dá, em parte, pelo entendimento do senso comum que se articula sobre os conceitos de teoria e prática. Estas expressões apresentam uma concepção de que a verdadeira prática é a que coincide com o pensamento e o pensamento verdadeiro é o que coincide com o real. Uma situação muito comum nos anos 70 refere à formação profissional de professores “capacitados” a um “saber fazer

prático”, em que muito visivelmente a condição de ex-atleta era o maior certificado de competência para “ensinar” Educação Física. Entretanto, a partir especialmente dos anos 80, novas reflexões foram surgindo na tentativa de legitimar a Educação Física escolar, transcendendo a visão exclusivamente prática que até então nos apresentava. E aí, apareceram expressões, igualmente de senso comum, tais como: “ele é visivelmente teórico”.

Ambas as abordagens, racionalista e pragmatista, ainda que apresentem uma aparente oposição, a primazia da teoria ou primazia da prática, promovem a aproximação por justaposição entre elas, afastando-se de uma possível práxis. No campo da Educação Física, essa dicotomia entre teoria e prática tornou-se mais visível. No senso comum, a prática tende a se associar a alguma modalidade de atividade corporal, de movimento, como exercício, e corresponde à teoria situações de ensino em que a reflexão e observação são o fim (talvez o modo de conceber aulas em sala de aula e aula em quadra). Isso também reflete a maneira como a relação corpo e mente foi concebida na sociedade ocidental cristã e historicamente apropriada pela Educação Física. Assim, a “prática” na Educação Física é compreendida, inclusive pelos alunos da pesquisa, como exercitação do corpo (atividade física), desvinculada da “teoria”, o que a transforma, via de regra, em tarefa, ou ação desprovida de sentido. Um comentário de uma aluna, T.M., durante a entrevista nos releva isso:

*“Eu acho que a Educação Física deveria ser um retorno para os alunos se exercitarem fisicamente porque a gente já fica muito tempo dentro da sala de aula, tendo aula teórica”* (Fala transcrita de uma aluna, 08/07/2010).

O que se percebe então é que, no caso da Educação Física, em que a dicotomia teoria/prática é mais perceptível, para além da valorização da prática como fruto de saber, como defendido pelo pragmatismo-utilitarista, essa prática tem se tornado cada vez mais valorizada, entretanto não como um critério que reside no valor prático, no sucesso e na eficácia (GAMBOA, 1995), mas um fazer pelo fazer, o

dito “rola bola”<sup>30</sup>, um verdadeiro praticismo, em que a prática é vista pelos alunos não como produtora de conhecimentos, mas como momento de reprodução de uma Educação Física destinada à prática inconseqüente de algumas práticas corporais, em especial, a prática esportiva e que dispensa qualquer reflexão. Pires (1995) comenta que a Educação Física acaba privilegiando uma determinada prática, não como critério de validação da teoria, mas como a chamada prática pela prática, negando-se ao aspecto teórico da prática, isto é, ao questionamento teórico sistemático das práticas.

Tal concepção de prática na Educação Física chega ao limite de dispensar até mesmo a própria escola (e o conseqüente projeto político pedagógico), transferindo sua responsabilidade para outras instâncias ou instituições. Durante a entrevista realizada no último encontro com os alunos, um aluno comentou que a Educação Física escolar dele antes da entrada no ensino médio poderia ser validada como qualquer prática, inclusive aquela realizada fora da escola:

*“Eu podia fazer fanfarra no colégio, ou karatê, ou natação, e aí ao invés de fazer aula de Educação Física, eu escolhi fazer natação fora. Tinha gente que podia também fazer academia e o próprio professor da academia mandava nota, validando a Educação Física”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Como podemos perceber, a Educação Física nos discursos dos alunos tornou-se aliada a uma concepção de prática irrefletida. Os resultados encontrados indicam que a produção desta representação ocorre por influência de fatores advindos de fora da escola, da própria Educação Física, tais como as influências institucionais e a visão dicotômica do ser humano.

Pensar as duas (teoria e prática) em uma relação dicotômica ou mesmo hipervalorizar a prática, como aplicação de receitas prontas que

---

<sup>30</sup> Rola-bola é uma expressão utilizada no universo escolar (especificamente na Educação Física) para descrever práticas em que os docentes permitem que os alunos joguem sem qualquer intervenção pedagógica, evitando conflitos e os agradando.

não levam a um novo conhecimento e afastam de uma verdadeira práxis social e da mudança social que Vázquez e Fairclough direcionam.

Neste sentido, a inserção do tema transversal mídia e saúde na Educação Física escolar pressupôs na pesquisa um entendimento a respeito de teoria e prática, qual seja: tanto a prática como a teoria não podem ser entendidas separadas ou isoladas em si mesmas. Toda prática está inserida no contexto maior da ação história da humanidade que busca e constrói um novo projeto, uma nova realidade. Toda teoria, por sua vez, além de ser a racionalização de uma prática, e constituir-se também em instrumental da prática, na medida em que presta auxílio para a solução de problemas concretos, deve ser fundamentalmente crítica, crítica da prática na medida em que a questiona constantemente.

Interessante finalizar este eixo demonstrando que houve em alguns poucos casos percepções dos alunos, enfatizadas em seus discursos, a respeito de uma Educação Física diferente, que fosse além do ensino de esportes, ou de uma prática esvaziada, tal como os comentários de alunos, colhidos na entrevista:

*“Pensar a Educação Física com o ensino de futebol... isso não é Educação Física. Tipo, muitos pensam assim: Educação Física é jogar futebol, isso é ridículo, é desnecessário”* (Fala transcrita de M.T. na entrevista, 12/07/2010).

O mesmo aluno comentou que seria interessante estudar música e Educação Física, para ampliar em relação ao ensino restrito de esportes.

Outra aluna, B.B., também comentou que seria interessante atrelar à Educação Física reflexões sobre sexualidade e estereótipos.

Isto nos move à necessidade de uma práxis social, aquela que corresponda a uma prática refletida, em que a teoria a embase, e que a reflexão seja utilizada para a própria crítica sobre esta prática. Além disso, uma teoria não deve servir para ser encaixada em uma prática. A práxis já requer um professor que seja consciente de sua ação, refletindo sobre sua prática, criticando tal prática, a partir dos instrumentos e teorias já apropriadas.

Nesta perspectiva, é preciso ter claro alguns pontos: é fundamental compreender o fato de que não devemos basear nossa prática pedagógica em referenciais de prática já socialmente

consolidadas (como o futebol, por exemplo), em aulas que apenas as reproduzam, sem a reflexão da unidade dialética concebida em uma práxis social. Isto não significa que devemos abandonar nossas referências históricas, o crescimento que a Educação Física nos apresenta; ao contrário, as referências são peças-chave que nos ajudam na reflexão de nossa ação pedagógica, de nosso trabalho docente. Ainda, uma ação pedagógica reclama por um exercício constante de prospecção, de ideal a ser atingido, o que de certa forma, implica no abandono de uma rigidez planificadora, a favor de uma postura na qual os delineamentos são pensados tendo em conta que é da tensão permanente entre a dimensão da realidade e a dimensão do que se idealiza que se materializa a vida possível (CAPARROZ e BRACHT, 2007), ou dita de outra forma, uma educ‘ação’ possível.

#### ***4.1.2. Representações de gêneros nas práticas corporais escolares***

A ciência racional, idealizada no rendimento, na técnica, na busca de provas experimentais possibilitou o achado de diferenças, de classificações entre o ideal a ser seguido e o não ideal, entre a verdade e não verdade. Com esse entendimento, exigiram-se e desenvolveram-se padrões de rendimento e valores que condicionam o comportamento do indivíduo. Em relação ao sexo, enfatizaram-se que as qualidades pertencentes às mulheres não pertencem ao homem e vice-versa. A diferenciação desses padrões de rendimento e as possibilidades de ação segundo a razão, os valores adotados pela família moderna e burguesa contribuíram e ainda contribuem para manter a mulher subalterna na sociedade ocidental contemporânea. Nesse sentido, fica a mulher, historicamente, submetida à dominação masculina e inferiorizada nos vários campos sociais. Culturalmente, características como sensibilidade, solidariedade e passividade opõem-se às peculiaridades que a sociedade espera que os homens apresentem.

O caráter de exclusão que se dá entre as especificidades femininas e masculinas na socialização em geral, a partir da sociedade burguesa, vai se configurar no fenômeno esportivo, a partir do século XX, e influenciam as aulas de Educação Física até hoje. Com a

consolidação das especificidades de “cada sexo”, as mulheres como tímidas, menos musculosas e os homens biologicamente fortes, empreendedores, a educação, tanto familiar quanto a escola disciplinadora, consente a reprodução destas características estereotipadas. Assim, percebe-se a correlação desses papéis com o sistema de rendimento e da racionalização instrumental, assim como o desempenho no Esporte e na Educação Física.

A prática tradicional de separação de turmas por sexo nas aulas de Educação Física fundamentou-se, por muito tempo, em concepções “científicas” e em preconceitos, baseados nas ciências naturais e aplicadas à Educação Física. Na visão racionalista o corpo passou a ser visto como objeto, como máquina. Nas análises dessa máquina, a preocupação centra-se nas suas possibilidades de ação, rendimento motor, e com o produto final dessa ação. As aptidões validadas pela ciência positivista conferem ao corpo limites classificados pelo sexo e baseado em uma concepção biologicista, o que restringe ao portador do físico, atividades ou exercícios correspondentes com suas possibilidades e utilidades “descobertas” biologicamente e afirmadas culturalmente (SARAIVA, 2005).

A história do esporte na Educação Física diz que este foi executado sob a orientação dos valores e das normas masculinas dominantes, bastava-nos olhar a entrada paulatinamente da mulher adequando-se ao melhor esporte para ela, o esporte pouco agressivo, de pouco contato com o outro.

Diz-se que “racionalizando-se” o esporte, no sentido de se obter nele o máximo de rendimento, ele conota uma instância de atuação predominantemente masculina.

A fala de uma aluna durante a entrevista nos mostra a presença marcante do esporte, em especial, o futebol como marca registrada da expressão masculina. Atrélado ao futebol, determinados comportamentos como agressividade, força, coragem para enfrentamento, entre outros, demarcam o distanciamento das alunas de práticas coletivas com os meninos:

*“Mas é assim, é meio difícil, complicado fazer aula junto e jogar futebol com eles. (...) É meio ruim porque é difícil tu jogar contra um time que é teoricamente bem mais forte que tu, né?... e*



*ainda, são muito mais violentos, agressivos, e reclamam o tempo todo de jogar conosco. (...) Também acho que as mulheres não nasceram para o futebol”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

A produção midiática final elaborada pelo grupo dos “boleiros” comprova a identidade masculina do esporte nas aulas de Educação Física, no caso do vídeo, o futebol. O vídeo elaborado pelo grupo apresenta um jogo, em que não somente os componentes do grupo participaram, mas outros alunos de outras turmas. Estes foram “convocados” para a filmagem, demonstrando a prática do futebol (Diário de campo, 01/07/2010). E nesse caso, podemos nos questionar: Por que não convidaram as meninas? Seria para eles uma monstruosidade ver as mulheres correndo desordenadamente por uma bola? Caso sim, seria então bonito e normal ver homens correndo violentamente, desgraciosos e sem delicadeza por uma bola?

O esporte, como aponta Moraes e Silva (2009), contribui para a fabricação de seres generificados através de práticas sexistas utilizadas ainda em espaços escolares. Um discurso relevante que podemos considerar como de resistência às práticas sexistas presentes nas aulas de Educação Física foi dito por uma aluna, B.B., durante a entrevista, argumentando que:

*“Eu acho que os meninos têm confundido aula de Educação Física com aula só de esporte, sabe? Eu acho que tem muita coisa além disso, tipo dinâmicas como a outra professora fazia conosco... Foi muito diferente, tivemos aulas que nunca tivemos, dinâmicas que sacam coisas que estão na cara, e o ser humano não vê”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

A adequação da mulher ao esporte, portanto, às aulas de Educação Física, ocorreu com a presença do mito da fragilidade feminina. Este discurso coloca o gênero feminino como alguém frágil fisicamente, incapaz de suportar atividades com um maior grau de desgaste físico como o futebol e não obter o mesmo desempenho ou rendimento que um homem.

Sobre a agressividade e brutalidade atribuída ao homem no esporte e na Educação Física, parece que este discurso já foi concebido como pertencente ao “mundo masculino”. Altmann (1998) demonstra em sua pesquisa que meninos ocupavam espaços mais amplos que as meninas por meio do esporte, o qual está vinculado a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa. Próximos à isso, observamos no presente estudo que os meninos apresentam maior proximidade com a prática esportiva em relação às meninas, estas, provavelmente uma recusa à participação em momentos que os meninos atuam “masculinizadamente”:

*“A gente acaba não aproveitando a aula de Educação Física, porque eu já disse que não jogo com os meninos, eles são muito violentos”.* (Fala transcrita retirada da entrevista, 08/07/2010).

*“A T.A. outro dia levou uma cotovelada quando a professora insistiu em um jogo que participava todos os alunos”* (Fala transcrita retirada da entrevista, 08/07/2010).

Por essa proximidade dos meninos com práticas esportivas e pelo não desejo de abandonarem suas práticas cotidianas para compartilhar encontros referentes à temática da pesquisa é que na estratégia da aula baseada na concepção da salutogenia, apenas dois participaram do momento. Cientes que o encontro estaria ocorrendo no espaço da sala de cultura, os demais meninos estiveram na quadra, jogando futebol (Diário de campo, 23/05/2010). Eles são vistos pelas meninas como detentores de características socialmente construídas como agressividade, força física e violência. Uma aluna argumentou sobre a ausência da maioria dos meninos naquele encontro: *“Foi bom, né? Eles atrapalham a evolução da aula e são muito violentos”* (Fala registrada em diário de campo, 23/05/2010).

As correntes positivistas e tradicionalistas concebem a Educação Física no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, e tendem a adotar pontos de vistas biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de meninas e meninos, justificando assim a separação em sua prática, pois se acredita que, desta forma, se estaria respeitando as peculiaridades

biológicas de cada sexo (SARAIVA, 2005). Entretanto, não se pode atribuir uma razão especificamente biológica para fatores de origem cultural e social.

Como já mencionado por Fairclough (2008) e Pedrosa (2008), a prática discursiva apresenta duas características fundamentais para seu entendimento no contexto real da linguagem: a interdiscursividade e intertextualidade. Estas apresentam características de outros textos, de outros momentos histórico-sociais. Tais características podem contribuir para preservar e reproduzir as relações e hegemonias tradicionais de gênero, como é o caso do contexto histórico que a Educação Física viveu e é revelado pelos alunos na entrevista realizada, tanto se remetendo ao presente em que vivem e ao passado que viveram.

Os alunos, em diferentes momentos da pesquisa, demonstraram certa aceitação em aulas separadas, resistindo assim a aulas co-educativas na Educação Física. Na entrevista realizada ao final da pesquisa, ao comentar que as meninas não participavam da aula durante as aulas no seu ensino fundamental e que elas próprias não buscavam tal aproximação, A.N. argumentou ainda que as meninas, como não gostavam de esportes coletivos, ficavam apenas sentadas assistindo, ou conversando, e o professor responsável não contradizia (Recortes da entrevista realizada, 08/07/2010).

O histórico da maior parte dos alunos demonstra que eles sempre tiveram aulas separadas, além das meninas jogarem modalidades diferentes das dos meninos:

*“A minha Educação Física no ensino fundamental era bem dividida... eram duas quadras, em uma ficavam os meninos jogando futebol e na outra, as meninas jogando vôlei. O próprio professor organizava assim”* (Fala de F.R. transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Além disso, um comentário durante a entrevista realizado por J.O. nos chamou a atenção quando questionado sobre aulas separadas e modalidades diferentes para meninos e meninas:

*“O professor no ensino fundamental, quando estudei, não conseguia muito dar aulas em*

*conjunto com as meninas. Chegou um momento que ele mesmo desistiu, parece que se rendeu, aí ele acabou liberando futebol para os meninos e para as meninas, o vôlei, mas se elas não queria fazer aula, ele chegou a um ponto de não se preocupar”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Desse modo, os discursos dos alunos apontam práticas realizadas por professores que apontam uma Educação Física digna de legitimar valores e hábitos de acordo com o sexo e o gênero tido socialmente como adequado (FREITAS, 2003), além de indicar uma não preocupação com o trato pedagógico, revelando-nos o “rola-bola” já comentado anteriormente. Tais práticas docentes alcançavam os alunos, pois aparece como um espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente, e se quem tem esse saber/poder libera, por que os alunos devem se preocupar?

As práticas discursivas, tanto dos professores, como dos alunos são investidas ideologicamente, como aponta Fairclough (2008). À medida que incorporam significações anteriores, podem contribuir para manter ou reestruturar as relações de poder. Isso quer dizer que, num contexto onde não se objetivem mudanças, o esporte pode fornecer, tanto ao aluno quanto ao professor, a possibilidade de confirmar “o que está aí”, a ideologia hegemônica.

Durante a entrevista, alguns comentários de alunos (as) nos apresentam que as oportunidades e diferenças de gênero são atuantes ainda em pleno século XXI, nas escolas e incorporados nas práticas discursivas e sociais presentes:

*“As aulas de Educação Física aqui no IFSC é um pouco liberado: os meninos correm para a quadra e quem não quer ir, vai para sala de cultura, fica vendo televisão, jogando ping-pong, xadrez, montando quebra-cabeça...”* (Fala da aluna B.B. transcrita da entrevista, 08/07/2010).

*“Teve algumas vezes que nós tivemos Educação Física juntos, porque tem meninas que também jogam futebol, só que assim..., foi um pouco de*

*atrato, então a gente dividiu, para não gerar atrato, ficamos na sala de cultura” (Fala de B.R. transcrita da entrevista, 08/07/2010).*

Ainda que várias escolas e professores venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações.

Souza e Altmann (1999) comentam que mulheres interessam-se predominantemente por atividades esportivas relacionadas à modelação do corpo e à apresentação estética, especialmente a partir da década de 70. Isso em detrimento de sua participação do esporte propriamente dito apresentar o risco de confrontar-se com outros corpos. A participação e talvez interesse das meninas aproxima-se a uma prática referida ao seu próprio bem-estar e a uma ênfase na estética individual, o que reforça um distanciamento de práticas coletivas com os meninos, já que estes apresentam possibilidades e riscos de agressividade, enfrentamento competitivo. Além disso, Bauman (2001) comenta que na presente modernidade, a preocupação com o corpo tornou-se algo primordial, especialmente em tempos “hipermordernos” (termo conceituado por Gilles Lipovetsky), basta conferirmos o crescimento de academias e a indústria cosmética atualmente.

Finalizamos este com uma fala transcrita da entrevista, na qual a aluna demonstrou a importância de aulas de Educação Física na academia que o IFSC possui, registrando sua preocupação com o corpo e com a saúde. Importante registrar que a utilização da academia da escola é mencionada na maioria das vezes pelas meninas:

*“Eu acho que é importante a gente ter um espaço para se exercitar sim, para buscar a saúde do corpo, já que a quadra é de domínio dos meninos. (...) Desde o semestre passado, a gente pede ao professor para que nossas aulas sejam na academia da escola, mas não... e a gente acaba não aproveitando a aula de Educação Física, porque eu já disse que não jogo com os meninos, pois eles são muito violentos” (Fala de T.M. transcrita da entrevista, 08/07/2010).*

A temática de gênero, percebida como interveniente na prática pedagógica da Educação Física escolar (e no presente trabalho) incide também sobre a questão de corpo e saúde, constituindo assim o segundo eixo de discussão do campo.

#### **4.2. Eixo 2 – Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo**

*“Uma mulher foi levada às pressas para o CTI de um hospital. Lá chegando, teve a chamada ‘quase morte’, que é uma situação pré-coma, e neste estado, encontrou-se a morte:*

*- Que é isso? – perguntou – Eu morri?*

*- Não, pelos meus cálculos, você morrerá daqui a 43 anos, 8 meses, 9 dias e 16 horas.*

*Ao voltar a si, refletindo o quanto tempo ainda tinha de vida, resolveu ficar ali mesmo naquele hospital e fez uma lipoaspiração, uma plástica de restauração dos seios, plástica no rosto, correção de nariz, na barriga, tirou os excessos, as ruguinhas e tudo mais que podia mexer para ficar mais linda, mais jovial e mais magra, uma verdadeira transformação corporal!*

*Após alguns dias de sua alta médica, ao atravessar a rua, veio um veículo em alta velocidade e a atropelou, matando-a na hora.*

*Ao encontrar-se de novo com a morte, ela perguntou irritada:*

*- Puxa, você me disse que eu tinha mais 43 anos de vida. Por que morri depois de toda aquela despesa com cirurgias plásticas, para ficar mais bela, mais magra?*

*E a morte aproximou-se bem dela e, olhando-a diretamente nos olhos, respondeu:*

*- CRIATURA, NÃO TE RECONHECI!”*

(E-mail recebido da amiga Iracema, para descontrair, em novembro/2010);

*(...) Hoje, as fisionomias produzidas sinteticamente mostram que já se esqueceu até mesmo de que já houve uma noção da vida humana. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 146).*

Desde os anseios em maior participação feminina em atividades corporais, as mulheres têm direcionado essa busca para os aspectos da saúde, da estética, e do bem-estar consigo mesmas, para o cuidado do seu próprio corpo. Isto pôde ser observado em diversos momentos do campo, em que as meninas demonstraram maior receptividade no trato com o tema da pesquisa. Não queremos dizer aqui que tematizar saúde com os meninos nas aulas de Educação Física tenha sido radicalmente impossível; entretanto, a diferença se faz em que os meninos relacionam saúde principalmente à prática esportiva, enquanto as meninas atribuem importância à saúde aliada a questões de beleza e estética corporal, o que se reafirma na ausência delas em práticas esportivas escolares.

Na discussão prévia a este eixo, relatamos a proximidade dos meninos com o esporte nas aulas de Educação Física, em especial o futebol, o que de certa forma, dificultou a tematização do objeto de estudo da pesquisa, pois eles próprios haviam solidificado uma prática esportiva autônoma, até mesmo dispensando a presença de um professor com intenções pedagógicas.

Neste item, daremos um foco maior à discussão de corpo e saúde, e como pareceu-nos visível essa maior proximidade com as meninas. Pode parecer que estaremos dando importância maior em torno do gênero feminino, mas enfatizamos que nossa intenção não se encontra aí, apesar de reconhecermos as proximidades do tema com as meninas. Trata-se, antes de tudo, de uma evidência do campo, que nos compete relatar e interpretar.

Essa maior aceitação das meninas com o objeto de estudo mostrou-se presente no decorrer da pesquisa, em especial nos primeiros contatos com elas. Quando, no questionário inicial, todos os alunos foram questionados se havia interesse dos meios de comunicação de massa pela temática saúde, as meninas demonstraram maior procura, além de apresentarem conhecimentos ligados à saúde e estética, informando-nos programas televisivos que assistiam com frequência e

nos relatando os cuidados para si que buscavam a partir das informações obtidas na mídia. Quanto aos meninos, quando faziam referência ao discurso midiático, a prática esportiva se sobrepunha à saúde.

As meninas relataram ainda que buscavam informações sobre saúde em revistas, especialmente na parte do cuidado com o corpo e beleza. Seus distanciamentos de práticas esportivas coletivas com os meninos corroboram para nos indicar um entendimento de saúde diferenciado dos meninos, mais próximo à estética e cuidado pessoal do corpo. Um momento que demonstra a maior receptividade das meninas sobre a temática foi a fala de F.R. a respeito da inserção do tema saúde, mídia e atividade física nas aulas de Educação Física em um dos encontros:

*Na visão dos meninos, discutir mídia e Educação Física está muito cansativo, porque eles só sabem jogar futebol, mas eu e as meninas gostamos muito, pois realmente conseguimos perceber um valor na Educação Física, algo que não se distancia muito de nossos interesses, que se volta para a saúde e o corpo, porque é difícil participar do futebol com eles. (Fala registrada em diário de campo, 24/05/2010).*

No momento da tempestade de ideias realizada na primeira intervenção, o aluno R.U. comentou que a discussão de saúde e beleza é mais apropriada para as mulheres, pois “*elas possuem a necessidade de serem mais vaidosas*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010). Parece ratificar que o olhar do outro, do homem, é importante para designar o corpo da mulher; basta olharmos algumas revistas que apresentam matérias cujos títulos tradicionalmente estabelecem: “*o que os homens desejam numa mulher*” ou “*os 10 mandamentos para um conquistar um homem: na visão deles!*”.

Em contraposição, as mulheres também destacam a forma contemporânea de ser homem. Na visão de T.A., os homens possuem maior necessidade de fazerem atividade física que as mulheres em função da importância de exporem massa muscular, enquanto a mulher precisa expor a beleza magra (Notas de diário de campo, 23/03/2010).

Bourdieu (1995, *apud* SOUZA e ALTMANN, 1999), comenta que o mundo social constrói o corpo por meio de um processo



permanente e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças de gênero socialmente construídas acabam tornando-se naturalizadas, embasadas em aspectos biológicos, sendo legitimadoras de uma relação cultural de dominação.

Há, assim, uma estreita relação entre o social e o biológico, conduzindo um jeito de ser “socialmente” masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e preferências corporais entendidas como naturais de cada sexo. Parece-nos que o cuidado com um corpo saudável (OLIVEIRA *et al.*, 2009) e certo distanciamento de práticas esportivas coletivas (SARAIVA, 2005) é marca registrada do gênero feminino.

O cuidado com o corpo, como uma necessidade de realizar um investimento em si mesmo, cresce na medida em que a ciência e a razão passam a exercer poder e legitimar as ações humanas, em especial as manifestadas pelo corpo. O corpo, da mesma forma que a natureza, passa a ser instrumentalizado, dividido, esquadrinhado para que nele possa ser realizado um trabalho minucioso e eficiente, concretizando o domínio do homem sobre o corpo, visto agora em partes observáveis.

O corpo passa a ser pensado de modo não complexo, de forma holística; corpo é aparência física, um objeto constituído de partes. Homens e mulheres são persuadidos a um maior cuidado com o corpo, para alcançar a aparência desejável, com suas partes tidas como objetos externos a si, mesmo que para isso sejam necessários diversos tipos de manipulações, como exercícios intensos, dietas nem sempre saudáveis e, no extremo, cirurgias plásticas (MÓL, 2005).

Costa e Venâncio (2004) comentam que as pessoas começam a crer que manter um corpo em forma significa melhor aparência física, saúde, beleza. “Vive-se entre a imagem real e a ideal” (p. 66). A sociedade do consumo parece atribuir ao indivíduo a responsabilidade pela plasticidade de seu corpo (SIQUEIRA e FARIA, 2007). As imagens em capas de revistas, embalagens de comércio, etc., são de pessoas esbeltas, corpos quase despidos, vestidos com roupas de ginástica ou biquínis, tudo em prol do consumo, para que este corpo, agora detalhado, possa ser investido e objeto de consumo, como resultante da ambigüidade criada entre saúde e estética (MÓL, 2005).

Goellner (2001) apresenta que já nas primeiras décadas do século XX, se fazia presente uma responsabilização da mulher para com seu corpo. Esse cuidado com o corpo cresce em continuidade com a necessidade da sua exibição pública. Os implantes de silicone e a

lipoaspiração retratam a imagem “enlatada” da mulher norte-americana no Brasil. Os recursos cirúrgicos foram associados à biotecnologia para alterar forma, tamanho, composição do corpo e conseqüentemente atender ao interesse da saúde/beleza feminina (COSTA e VENÂNCIO, 2004).

Como comentam Albino e Vaz (2008):

Há uma “moralidade” na beleza que pode ser outorgada como um dom, mas que é, sobretudo, o resultado possível de uma conduta vinculada a um asceticismo necessário ao embelezamento (p. 205).

Cabe fazer referência ao caso de uma aluna participante da pesquisa, menor de 18 anos, que alguns meses antes da nossa pesquisa, fizera cirurgia nos seios, colocando próteses de silicone (por tal motivo, justificava a sua não participação nas aulas de Educação Física que tivesse atividades práticas). Tal fato parece ilustrar o entendimento de que, na contemporaneidade, as pessoas percebem o corpo (em suas partes) como puro instrumento, passível de ser transformado; as partes precisam estar em forma para ser mostrado, exibido, apreciado, desejado, ou apenas ser notado, contando que seja adequado para isso (ALBINO e VAZ, 2008). Seria talvez imoral não possuir um corpo desejado, tanto para o homem quanto para a mulher.

O corpo da mulher (e também o do homem), as formas como ela deve se apresentar à sociedade, encontra na mídia um espaço no qual representações a seu respeito são cotidianamente construídas e reproduzidas. Fotos, televisão, internet, e revistas veiculam discursos sobre como o corpo deve ser produzido, mantido, desejado, segundo padrões de ser feminina e ser masculino na sociedade. Tais mídias atuam como condutoras de verdades, bem aceitas quando aparatos aparentemente científicos se encontram por detrás de tais verdades. Gomes, Vaz e Assman (2010) comentam que o caderno *Equilíbrio* da Folha de São Paulo, como um suplemento midiático, respalda seus conteúdos em saberes especializados, constituindo uma miragem de fortaleza para os indivíduos em um mundo que se apresenta movediço (GIDDENS, 1991). Essa confiança especializada expressa no Caderno *Equilíbrio* valoriza o saber e sua procura e é uma característica que se

apresenta em todas as seções, oferecendo uma espécie de garantia aos leitores. Ao ser legitimado pelo saber de especialistas, o Caderno apresenta-se como mais um conselheiro, nos termos de Bauman (2001); além de valorizar a procura pelo serviço de novos conselheiros que poderão expandir os conselhos contidos no suplemento midiático.

Entretanto, Oliveira *et al.* (2009) argumenta que nas revistas estudadas (Veja, Época e IstoÉ), com uma amostra de 146 textos sobre saúde da mulher, nem todos os textos tinham como base uma fonte só científica, encontrada em 41% dos textos.

Homens e mulheres são representados em veículos midiáticos de formas diferenciadas. Às mulheres, muitas são as indicações de produtos cosméticos, que enfatizam o cuidado de si e do corpo (magro); aos homens, a ênfase esportiva é elevada, basta olharmos a parte de esportes dos jornais, em que a maioria das informações relata atletas (e equipes) “masculinos” em campeonatos esportivos. As representações são as mais diversas, e os próprios alunos, durante a primeira produção midiática, realizada como estratégia de pesquisa, nos demonstraram isso:

Um grupo expôs uma foto de dois desenhos que eles próprios haviam feito – um bonequinho forte e outro magro – e explicaram com ele as demandas midiáticas impostas: “*homem não pode ser magro, tem que ser forte*”; “*mulher não pode ser gordinha, tem que ser magra*”. (Notas de diário de campo, 10/06/2010).

Fischer (2002), com o conceito de “dispositivo pedagógica da mídia<sup>31</sup>”, desenvolvido a partir do pensamento de Foucault, mostra em sua pesquisa o modo como a mídia opera no sentido de participar efetivamente na constituição dos sujeitos, de suas subjetividades, nos saberes que de alguma forma se dirigem à educação das pessoas, nas formas de ser, de se comportar na cultura em que vivem. Sem dúvidas,

---

<sup>31</sup> Fisher (2002, p 155) descreve o dispositivo pedagógico da mídia como “um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem”.

tais formas de ser se conectam com os estereótipos construídos socialmente, sobretudo aos de homem e de mulher.

Em nosso cotidiano, essa pedagogia social exercida pelos meios de comunicação contribui francamente para expansão de tais estereótipos. Com relação às mulheres, como boas reprodutoras, divulgadoras, formadoras de conceitos de corpo saudável, as revistas femininas estampam na capa, há décadas, “modelos de mulheres”, exemplos a ser seguidos para alcançar um objetivo: o corpo ideal, aliando saúde à beleza estética (SIQUEIRA e FARIA, 2007). A beleza é tida como um dever cultural e, atualmente, o discurso nas revistas é que a mulher pode ser bela se quiser, basta se esforçar (comprar, consumir, imitar, malhar e até se mutilar), reproduzindo a beleza como uma questão de escolha e vontade. Durante a estratégia 5 (fotos), um grupo apresentou a imagem abaixo, considerando que a mídia contribui para o fortalecimento de “formas de ser!” para a mulher, aliada à estética corporal e à venda de vestimentas. A exposição de corpos parece hoje, demonstrar o atestado de pessoas saudáveis articulada com uma beleza padronizada como magra. Mól e Pires (2005), em um estudo realizado com algumas revistas semanais brasileiras, comentam que mesmo que aparentem “sérias”, as revistas não escapam do apelo barato à sensualidade nas fotos de capas e páginas internas de sua publicação. Como a foto abaixo, há um discreto erotismo que se expressa por uma vestimenta mínima em um corpo modelado esteticamente e que parece atestar como devem ser as pessoas ‘felizes, saudáveis e belas’.



**Imagem capturada do vídeo realizado pelo grupo na produção midiática 1**

As representações das revistas citadas em pesquisas acima nos fornecem uma prática discursiva que busca constituir-se em prática social. Fairclough (2008) argumenta que as práticas das pessoas são moldadas, muitas vezes, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos. Entretanto, o foco de Fairclough (2008) e também o da presente pesquisa é a perspectiva da mudança social, é a percepção que o sujeito não é passivo diante do mundo social, que a prática dos sujeitos pode ter resultados e efeitos sobre essas estruturas sociais, sobre as relações sociais e as lutas sociais, em uma relação dialética, dos quais, possivelmente não possuem consciência.

Como parte da incorporação de estereótipos, o sistema da indústria cultural cria e recria tais representações, especialmente pelos meios de comunicação de massa, o que facilita tal incorporação aliada ao processo de desejo. Apropriando-se de determinados aspectos culturais e explorando-os em larga escala, como no caso dos “cuidados de si”, a mídia mostra como sendo comum a todos o que é relativo a determinado grupo e busca, a partir daí, uma generalização de representações atrelada ao consumo. Apresenta-se aí como ideologia, na visão de Fairclough (2008). O discurso (no caso, o midiático), como prática política, estabelece, mantém e transforma as relações de poder; o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém ou transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2008). No caso do discurso midiático, as proposições ideológicas inerentes aos discursos, ao contribuir para as representações sobre corpo e saúde, direcionadas aos gêneros feminino e masculino, mantém as relações de poder e consumo, possibilitando a expansão dos aparatos do sistema da indústria cultural.

Siqueira e Faria (2007), em estudos sobre representações sociais femininas em algumas revistas “indicadas para mulheres” tais como: Cláudia, Boa Forma, Nova, Saúde e Bons Fluídos, apresentam contributos para a construção social de um corpo saudável para as mulheres. Na década de 60, de acordo com os autores, a revista Cláudia apresenta uma resistência da mulher à dominação masculina, o assunto em destaque era a não submissão feminina diante do homem. Na década seguinte, fala-se ainda das conquistas femininas, dos desejos da mulher que é mãe, esposa e, alguns casos, também profissional, mas começa-se a falar da vaidade e beleza da mulher, uma saúde aliada ao ser atraente e

bela. O conceito de corpo saudável, no estudo dos autores, se altera com a história e de acordo com características que também são externas ao corpo, à mulher, ou melhor, que fazem parte de um corpo social e cultural e como comenta Fairclough (2008), fazem parte de um contexto social, que não somente se relaciona com a prática social, mas que é por ela influenciado.

Nos anos 80, as revistas do estudo apontam para outro momento histórico: com o *bum* das academias, a visão de saúde é então associada a músculos, tanto para as mulheres como para os homens. Nos anos 90, reclama-se por mais relaxamento, por uma saúde mais leve, e nesses moldes, a mídia apresenta uma mulher magra, que faz exercícios leves e prazerosos. Chega-se assim, nos anos 2000 almejando um corpo saudável que mescle boa forma física (a magreza) com atividades que gerem bem-estar (para a mulher). Siqueira e Faria (2007) apontam que em 2002, na revista Cláudia, começam a enfatizar uma beleza “express” para a mulher que possui pouco tempo e se desdobra em ser mãe-esposa-profissional, em como ficar bela em pouco tempo. Técnicas estéticas e médicas e produtos cosméticos ajudam a busca pela suposta beleza magra, que se torna alvo no mundo contemporâneo. Assuntos polêmicos ou de emancipação feminina ficam sem espaço. Neste caso, podemos suscitar uma reflexão: a falta de espaço de assuntos relevantes como emancipação feminina seria uma estratégia biopolítica de não agendamento midiático ou reforço do senso comum, ou seja, já não era mais necessário às mulheres lutar pela emancipação?

Fazemos referência a um momento da pesquisa, em que uma aluna comentou que gostaria que na aula de Educação Física tivesse apenas momentos práticos e leves, para que todas as alunas conseguissem se tornar magras (convém assinalar que a aluna era incrivelmente magra):

*“M.A. comentou comigo durante a aula de basquete que o professor estava lecionando que, precisava emagrecer, que queria suar para emagrecer, mas que não era adepta a esportes coletivos, junto com os meninos, que preferia aulas leves. Comentei que o suor não é sinônimo de emagrecimento e a perguntei por que ela gostaria de emagrecer. Ela disse que está se*

*achando gorda e que não era assim. Ainda, questionei se ela não acha que precisa emagrecer porque a sociedade estipula um corpo padrão e veicula pela mídia. Ela disse que com certeza sim, mas que ainda assim, não está se sentindo bem, e estava até pensando em voltar para a Academia”* (Notas em diário de campo, 25/05/2010).

Esse convite realizado pela pesquisadora à aluna para o olhar para si, para se perceber nesse sistema de poder, que impele o indivíduo a possuir um corpo preparado, desejado e normal<sup>32</sup> perante a sociedade, vai ao encontro do que sustenta Fischer (2002), baseada essencialmente em Foucault, ao dizer que, ao mesmo tempo em que o sujeito está sempre submetido, de alguma forma, a relações de controle e dependência, ele está também imerso em práticas, em diferentes espaços institucionais (até mesmo na escola), em que é chamado a olhar para si, a conhecer-se, a construir para si ou mesmo renovar verdades sobre si e para si mesmo. Tal forma de buscar a si, de acordo com a autora, indica formas de resistência, ou possibilidades de ultrapassar o controle e a submissão (que nem sempre são absolutos), uma forma de luta contra as formas de sujeição. Fairclough (2008) vai nos dizer que as práticas discursivas reconstruídas também podem atingir o social, ou nas palavras dele, influem numa mudança social.

Também podemos identificar nas palavras da aluna a possibilidade da existência do processo de controle-estimulação (FOUCAULT, 2000), a partir de um domínio que se realiza de forma diferente do controle sobre o corpo disciplinar, por exemplo, no trecho em que ela admite não estar se sentindo bem com o seu corpo. Essa se apresenta em uma dominação por meio de uma necessidade e valor de se mostrar e ser desejada, o que incita a buscar outras formas de configuração corporal que não a atual, exigida pelas demandas de consumo. Como comenta Fraga (2006):

---

<sup>32</sup> Normal aqui, numa perspectiva antropológica e baseada nos pressupostos de Canguilhem, é entendida como uma qualidade que pertence e consolida relações do biopoder, este que produz o regramento e a norma como uma exigência a uma existência; uma exigência que inclusive é fundamental ao fazer viver explanado por Foucault. Esta discussão será aprofundada no próximo eixo de discussão.

(...) a possibilidade de alcançar um estado de plenitude logo ali adiante, mas que nunca chega. É o retorno de uma promessa que nunca se cumpre, pois oscila entre algo já passado e algo a ser conquistado (p. 11).

A velha disciplina vai abrindo espaço para esse novo modo de dominação do indivíduo que se realiza pela difusão de pretensas possibilidades, ainda que saibamos que o poder disciplinar não tenha dado seu fim, e ajude a complementar o mecanismo de (auto)controle das condutas e comportamentos. É nessa nova forma de poder, na biopolítica, que encontramos um controle-estimulação “Fique nu, mas seja magro, bonito, bronzado!” (FOUCAULT, 2005, p. 146).

Ainda de acordo com o autor supracitado, o poder não age somente na repressão, ele age também na estimulação, produzindo efeitos no âmbito do desejo no ser humano. O objetivo desta biopolítica é a implementação de um gerenciamento planejado das populações, em que suscitar o desejo é fundamental para sua concretização. E, como Adorno e Horkheimer (1985) argumentam, “quem resiste só pode sobreviver integrando-se” (p. 123), pois participar desta cultura pressupõe antecipadamente um levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz essa cultura no domínio da administração.

Um comentário de uma aluna, L.U. durante a entrevista nos demonstra a importância do cuidado de si, do seu próprio corpo na contemporaneidade, quando questionada sobre a relação saúde e Indústria Cultural:

*Ah, eu acho que tem tudo a ver (...). A mulher precisa se juntar a um grupo, ser feliz, arrumar um namorado, um casamento, por isso precisa de aparatos cosméticos, promovidos pela Indústria Cultural. (...) Imagina, se a mulher é muito gorda, não dá! Não consegue! Se for muito magra também pode parecer doente... (Fala transcrita da entrevista, 10/07/2010).*

Parece-nos um modelo de dominação e controle, com prescrições, que mostra esquemas da indústria cultural com dispositivos biopolíticos,



pois é no corpo que o contemporâneo encontra seu momento de plena realização (ALBINO e VAZ, 2008).

Tal forma de controle, que se estende também no discurso midiático, nos apresenta formas simbólicas ideológicas, que buscam, em circunstâncias específicas estabelecer ou manter relações de dominação, e alcança os meninos também, pois a aparência de um corpo com músculos rígidos, como de um atleta (na visão deles) poderia ser indício de saúde, revelando-nos o poder que a exaltação e exibição do corpo assumem no mundo contemporâneo masculino. Ao fim de um dos encontros, foi questionado aos alunos o que eles pensavam a respeito de saúde e ser atleta, ou seja, se os atletas são indivíduos saudáveis. Três alunos, pertencentes ao grupo dos “boleiros”, comentaram que sim (Diário de campo, 01/06/2010). Aparenta-nos, neste exemplo, certa hegemonia do pensamento médico-científico, configurado no discurso midiático-esportivo.

Os estereótipos, mantidos e incentivados pelos meios de comunicação de massa, alcançam a Educação Física escolar. A estereotipia corresponde à atribuição de características típicas a pessoas de determinados grupos, que no caso se baseiam na divisão de sexo e, como comenta Saraiva (2005),

Essa atribuição de características específicas às pessoas resulta na internalização, por parte de indivíduos e grupos, das características que diferenciam os papéis que cada um dos sexos pode desempenhar na sociedade (p. 37).

A estereotipia ligada ao gênero feminino com “formas de dever ser” veiculadas na mídia (as meninas argumentaram no questionário assistirem programas que discutem saúde e beleza, como Glamour Superstar, Esquadrão da Moda, 10 anos mais jovem, Mais Você e Dr. Hollywood) reforça as tendências de comportamento e propicia a instauração de novos valores, novos produtos, aqueles ligados à sociedade administrada contemporânea, dando certo aval para que determinados comportamentos se solidifiquem. Para tal, o próprio sistema da Indústria Cultural contribui para renovar os novos valores, com produtos ditos como novos. Entretanto, as novas mudanças

somente aparentam ser novas, pois como nos ensina Adorno e Horkheimer (1985, p. 116):

Para todos algo está previsto; para que nada escape, as distinções são acentuadas e difundidas. [...] Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa [...] O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. [...] As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha.

Findando este eixo, podemos perceber que o interesse pelo corpo na contemporaneidade tem sido a visão dele como produto de comercialização, transformação, consumo e controle. Mulheres com “corpos magros” e homens com “músculos hipertrofiados” (termos vigentes na mídia como sinônimos de saúde e beleza) são rotineiramente promovidos com os discursos da atividade física e saúde; estes interessam à sociedade do controle, ao padrão moral e ao discurso científico de cada época (COSTA e VENÂNCIO, 2004). Sem dúvidas, os discursos alcançam os alunos, em formas de representações direcionadas ao gênero feminino e masculino, desconstruindo um pensar sobre corpo e saúde à medida que o torna objeto (olhado por partes) de consumo e manipulação do próprio ser humano, o que contribui para um discurso da saúde revestido na beleza e direcionado para o consumo.

Como percebemos, as meninas nos apresentaram mais interesse e mais conhecimentos sobre saúde e corpo, enquanto para os meninos a saúde parecia estar posta em segundo plano, ou uma mera justificativa para a prática esportiva. Embora os interesses sejam diferenciados, o que respalda as escolhas, opções e envolvimento em práticas corporais de meninos e meninas parece ser o saber médico, como veremos no eixo a seguir.

### 4.3. Eixo 3 – A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e a implicações para a Educação Física

*“Ainda hoje, o corpo é, segundo o povo e com freqüência, um corpo dividido. A difusão de uma ideologia médica faz com que o corpo seja quase sempre vivido como se fosse uma bateria de órgãos. (...) do interesse concedido à relação intersubjetiva médico-doente e da assimilação, por alguns médicos, de seu poder de presença ao próprio poder de um medicamento”* (CANGUILHEM, 2005, p. 47 e 50).

A importância deste eixo baseia-se na freqüência, durante o campo, de práticas discursivas dos alunos que enfatizam concepções de ser saudável, de saúde, de um corpo saudável e, principalmente, a importância do saber médico nas práticas corporais relacionadas à saúde, alcançando a Educação Física. Poderíamos sugerir a respeito desta última, o que adiante, em algum momento, será melhor detalhado, a ocorrência do processo de medicalização da sociedade, e no caso específico, medicalização das práticas corporais.

Na discussão do eixo anterior, comentamos sobre o corpo ser alvo de estratégias sutis, visto como objeto e constituído de partes a serem investigadas. Essa visão de corpo enquanto objeto, corpo que se une mais estreitamente à máquina (MOULIN, 2008) caminhou com o processo de modernização da sociedade e com o desenvolvimento da racionalização (diga-se por passagem, em especial, a instrumental). Tal período se convencionou chamar de Iluminista e teve por base o desenvolvimento do saber científico, do positivismo e o “enlace matrimonial” do saber médico com a técnica. Em conjunto, suscitaram-se novas formas de estruturação e controle social que vieram a influenciar os séculos seguintes, o que Foucault (1997) chama de tecnologia de poder, ao colocar uma nova ordem no mundo “desorganizado” (*apud* BITENCOURT, 2009).

A partir da ideia da existência de um projeto de modernização, da ciência e a técnica como meio unificador deste processo, o conhecimento médico torna-se um dos principais suportes reguladores

para a consolidação de tal projeto. Apoiado pelo Estado, o corpo médico formaliza saberes para a sociedade, os quais firmam procedimentos, olham e invadem os corpos, investem no controle dos corpos, registram. Almeida, Gomes e Bracht (2009) baseados em Bauman, comentam que para facilitar uma nova ordem ao mundo visto como “desordenado”, a união perfeita entre o poder estatal e um discurso intelectual, representado pelos *legisladores*, permitiu que a razão científica fosse convocada para legitimar uma sociedade governada pela razão. O saber médico, enquanto também legislador, teve pouca dificuldade em formular sua própria pretensão (a universalidade era seu domínio e seu campo de especialização). Bauman (1999) ainda comenta que enquanto os poderes modernos (Estado-Nação) mantiveram a ambição, guiados pela razão, de universalizar um determinado projeto de vida, ordenado, os intelectuais tiveram pouquíssima dificuldade em concretizar suas também ambições em conjunto, pois consideraram seu ofício (a promoção de uma racionalidade universalmente válida) um veículo importante e uma forma propulsora do progresso, além de contarem com o apoio estatal à sua autoridade de julgar o verdadeiro do falso.

Em seu desenvolvimento, a técnica torna-se aliada à legitimação do saber médico, saber este que se liga à própria técnica: como meio em busca de fins, como instrumento e maquinaria e, fundamentalmente, aquilo que nos provoca ao conhecimento. Afinal, este é o corpo “médico” capaz de recomendar exames, de utilizar o maquinário a favor de seu saber, e de desvelar o corpo como objeto do conhecimento, portanto, objeto de poder.

Canguilhem (2006) asserta que a reforma da medicina como teoria se baseia, por sua vez, pelo menos no que diz respeito à França, na reforma da medicina como prática, à reforma hospitalar. Tal reforma exprime uma exigência de racionalização, que se manifesta sob a influência de um maquinismo industrial que levará ao que o autor chamou de normalização. Para o autor, o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma; esta multiplica a regra, ao mesmo tempo em que a indica. É preciso passar pela norma para chegar à normalização. Uma norma, segundo Canguilhem (2006, p.201) “é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar”. Seus sentidos, função e valor são retirados do fato de existir algo que não se enquadra à exigência que a mesma obedece. Assim, “normalizar é impor uma exigência a uma existência, a um dado cuja variedade e disparidade se

apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda que estranho” e “(...) as normas comparam o real a valores, exprimem discriminações de qualidades de acordo com a oposição de um positivo e um negativo” (p. 203-204).

Bitencourt (2009) afirma que a partir de uma perspectiva antropológica, a norma, para ser norma, precisa convencionar-se norma:

(...) É um processo de construção de normalidades através de relações culturais e históricas – que em Foucault poderíamos estabelecer como relações de saber-poder – que produz o regramento e a norma e impõe, nos princípios políticos daquela relação saber-poder, a normalização. (...) A norma, ainda naquela perspectiva antropológica, caminha ao lado da técnica, ora como um corolário, ora, depois de estabelecida, como a mesma. (p. 185).

Canguilhem (2006) ainda comenta que a normalização dos meios técnicos da saúde é a expressão de exigências coletivas cujo conjunto define, em determinada sociedade histórica, seu modo de relacionar sua estrutura com “aquilo que ela considera seu bem particular, mesmo que não haja uma tomada de consciência por parte dos indivíduos” (p. 200). Aí a presença, que tanto Foucault, a partir de seus trabalhos arqueológicos e Fairclough (2008) argumentam sobre elementos históricos constituindo o discurso, a prática social, e que hoje, como percebemos, vivemos em conjunto com tais práticas discursivas – a intertextualidade relacionando-se com o social. Em muitos momentos da pesquisa, os alunos demonstravam a importância de seguir certos discursos normalizantes, talvez de forma assistemática e inconsciente, vinculadas ao ser saudável, como por exemplo, a importância de praticar atividade física para não ser sedentário ou obeso, estes considerados na modernidade como “anormais”. Algumas falas registradas em diário de campo podem aqui ser citadas para uma simples demonstração; a primeira, no momento da tempestade de ideias enfatiza uma “normalidade” a ser seguida, que é a prática de atividade física para obtenção de saúde (sobre isto, aprofundaremos no decorrer deste eixo): “*a falta de atividade física pode ser tão prejudicial quanto fumar um maço de cigarro por dia*” (Fala registrada em diário de campo,

23/03/2010); um segundo exemplo ocorreu durante a estratégia 4, quando um aluno comentou que existe uma quantidade equilibrada de exercício para a obtenção de saúde e que o exagero ou excesso pode prejudicar a saúde.

Gomes (2009) comenta que é interessante a forma como o campo médico consolidou estratégias para tornar os indivíduos saudáveis, a partir das normas. Canguilhem (2006) afirma que tal normalidade para o campo médico se estabeleceu em confusão com o conceito de frequência, ou seja, o conceito de média e o conceito de normal se confundem.

Essas estratégias modernas, de acordo com Gomes (2009) foram organizadas por duas vias principais: a primeira devido à necessidade de intervenções (em especial apoiada pelo Estado) de atenção aos indivíduos enfermos, que isolava e focava ou individualizava o “deficiente”, específico do modelo disciplinar de poder que Foucault (1987) discorre e situa como exemplo os hospitais. Estratégias potencializadas no século XVIII e XIX. O médico era a figura específica que detinha o saber, e em conjunto com este, o saber-poder. As pretensões eram objetivas, universalizantes e focavam a deficiência, e a preocupação central destas políticas estava na reinserção dos indivíduos ao mundo do trabalho (Castel, 1981 *apud* GOMES, 2009).

Por segundo, novas estratégias foram sendo organizadas no século XX, a ampliação das possibilidades tecnológicas contribuiu para o “aperfeiçoamento” do poder, principalmente no que se refere aos altos custos causados pelo aparato da vigilância. Castel (1981, *apud* GOMES, 2009) comenta que essa transição de função exercida pelos especialistas (médicos) indica um distanciamento de um modelo disciplinar que aproximava os profissionais dos alvos identificados (os sujeitos-pacientes). Atualmente, a função dos especialistas se caracteriza mais fortemente como um instrumento na gestão de populações. Foucault (2005), em sua aula de 17 de março de 1976, na obra *Em defesa da sociedade*, comenta que não existe uma superação do disciplinamento ao que ele denomina de biopolítica, mas que ambos atuam em conjunto. Mas o que seria essa biopolítica?

Essa nova forma de governo aparece, como Foucault (2005) descreve, no final do século XVIII e se dirige ao corpo, a vida dos homens, ao homem vivo e ser vivo, ao homem-espécie. A nova

tecnologia se instala direcionada à multiplicidade dos homens, a uma massa global, e como o próprio autor discorre:

Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma biopolítica da espécie humana. (...) São os processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos, constituirão, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (p. 289 e 290).

Agora, o foco não é mais sobre o corpo de um indivíduo em luta contra uma enfermidade, mas um corpo coletivo, que perpassa por normas de avaliação e normalidades estatísticas: o corpo da população. Segundo Moulin (2008), o corpo da população é um corpo em movimento que a ciência deve reduzir a um pequeno número de variáveis pela medida matemática: introduz-se assim o controle social na diversidade biológica dos corpos. Nas palavras de Foucault (2005), sobre essa nova tecnologia de poder:

E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos. (...) Dizer que o poder, no século XIX tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra – com o

pólo do corpo e o pólo da população. (p. 296 e 302).

Assim, diante das tecnologias de poder, o saber médico vai ser um elemento, talvez o mais importante, que estabelecerá vínculos com as influências científicas sobre os processos biológicos e orgânicos, isto é, sobre a população e sobre o corpo. Ela torna-se o saber-poder que incide, ao mesmo tempo, sobre o organismo e os processos biológicos, portanto, apresenta efeitos disciplinares e regulamentadores. Vale destacar que, para o autor, o elemento que circula entre o disciplinar e o regulamentador e que se aplica da mesma forma, ao corpo e à população é a norma.

A medicina do século XX implantou assim, um gerenciamento planejado da vida das populações, introduzindo por meio da atuação específica do biopoder não somente um indivíduo dócil e útil, mas uma gestão calculada da vida do corpo social, apresentando regras (com princípios higienistas) que garantem a longevidade ótima da população (FOUCAULT, 2005).

A introdução desta nova prática regulatória da medicina passa a ter uma maior preocupação com a higiene pública, com organismos de coordenação de tratamentos médicos, de centralização e normalização do saber, e adquire também um aspecto de campanha de aprendizado da higiene e medicalização da população. Foucault (2005) sugere que a própria velhice vira um problema. Surgem então mecanismos mais sutis, mais racionais, de seguros, de seguridade, ou até mesmo espaços públicos para atividade física, em prol da extensão da vida, pois ser “velho” lembra incapacidade, ser pouco útil – é neste sentido que ao mesmo tempo em que se busca o desenvolvimento e prolongamento da vida, a velhice torna-se “peso morto econômico”; uma vez que não mais produz, torna-se inútil, resta à “terceira idade” o consumo. Aparecem em conjunto mecanismos disciplinares e regulamentadores, para um estado ótimo da população. Os próprios alunos, em um vídeo correspondente à produção midiática 1, colocaram fotos demonstrando idosos praticando atividades físicas. Vejamos este comentário e a foto abaixo: *“Pode ser que agora que eles perceberam o peso por não terem feito atividade física antes e estão correndo atrás do tempo perdido”* (Diário de campo, 10/06/2010). O cuidado geral para com a população que o biopoder fornece também induz ao desejo de seu próprio corpo



sadio, um investimento do corpo pelo poder, que será adiante melhor explicado.



**Foto registrada pelos alunos e apresentada no vídeo-minuto.**

Moulin (2008) comenta que o século XX é o da “medicalização sem equivalentes” (p. 15), pois enfatiza que a medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso para o combate às doenças recorrentes, mas principalmente, um guia de vida, que promulga regras de comportamentos e aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. Martins (2004) diz que a medicina se tornaria assim, uma moral, que passa a ter um discurso criterioso a favor do bem à saúde, um ideal de saúde, e que não necessariamente carece do espaço do hospital para impor suas recomendações, pois estas vão além deste.

Com o conhecimento sobre o funcionamento do organismo e as vitórias sem precedentes perante as enfermidades, a medicina, argumenta Moulin (2008), a partir da multiplicação de suas intervenções, algumas delas tocando a integridade da pessoa, “suscitou a inquietação na própria corporação, que permitiu ao seu lado um lugar para a sociedade civil e para as autoridades políticas e religiosas” (p. 15).

Com a experiência da doença e a morte mantida à distância, as pessoas, acompanhadas por um sentimento de um novo nascimento,

tornou-se freqüente a gratidão para com a natureza e para com os médicos. Cabe ressaltar que Canguilhem (2006), em sua tese *O normal e o patológico* (1943), diante de tantas buscas, pesquisas e explicações entre diferentes filósofos (e médicos) para o conceito de doença-saúde, vai dizer que a enfermidade não é no fundo senão uma prova inevitável da vida, visando em princípio testar e reforçar as defesas do organismo, ou seja, a doença não é um estigma, muito ao contrário, ela caracteriza de certo modo o ser vivo.

A doença amedronta a sociedade, pois acarreta o risco de morte. Mais importante que a doença, no século XX, é a saúde, é o ideal de manter-se saudável. Não podemos esquecer que foi neste século que apareceram as preocupações legitimadas pelo Estado para conceituar saúde, como a OMS, ao referenciar saúde como o completo bem-estar físico, mental e social. Tal organização coloca a noção positiva de saúde no lugar da ausência da enfermidade. Ainda, com a definição posterior de saúde, a organização propõe um ideal dificilmente acessível e Moulin (2008) comenta:

A extensão dos fatores que intervêm na definição da saúde, que cobrem a totalidade do campo biológico e social, torna de fato improvável a posse desse estado de bem-aventurança, privilégio inatingível: não apenas a saúde no silêncio resignado dos órgãos, definição minimalista do fisiologista e cirurgião Leriche, mas a saúde exuberante, a grande saúde como proclama com eloqüência Nietzsche. A saúde passou a ser a verdade e também a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justas, no conjunto do mundo (p. 18).

Assim, o direito à saúde foi tornando-se efetivamente monopolizado pela única corporação que possuía uma ideia precisa daquilo que queria dizer. A medicalização, encetada em meados do século XIX, bastante enfatizada no século XX, e apoiada pelo Estado, fez dos médicos os intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de comportamentos e obrigações. Por medicalização, podemos entendê-la como um processo de expansão progressiva do campo de intervenção da biomedicina por meio da

redefinição de experiências e comportamentos humanos como se fossem problemas médicos (Tesser, 2006, *apud* FRAGA, 2009). A saúde agora é de domínio daqueles que são os únicos sábios a respeito, os médicos, que produzem, a partir de suas intervenções, o aumento da longevidade.

Sobre o domínio do saber, Foucault (2006) comenta sobre o desaparecimento do intelectual, aquele que possuía conhecimento universal, com a modernização. O intelectual, na visão do autor, era por excelência o escritor, o dono da verdade e de justiça. As pessoas o ouviam, ou ele pretendia se fazer ouvir como representante do universal. Nas palavras do autor, “o intelectual seria a figura clara e individual de uma universalidade da qual o proletariado seria a forma obscura e coletiva” (p. 9) – com uma ideia transposta ao marxismo. Em contraposição, aparece uma figura intelectual, acostumado a trabalhar em setores determinados, em pontos precisos em que os situavam, os que Foucault denomina de intelectuais específicos em oposição ao intelectual universal.

Essa figura nova, de acordo com o autor, permitiu rearticular categorias bastante vizinhas, até então separadas. De certa forma, podemos pensar essa especificidade do intelectual acompanhada com o progresso da ciência e a modernização política. A politização se realiza a partir da especificidade de cada um, e a figura do intelectual universal vai desaparecendo, permitindo ligações transversais de saber para saber. É assim que as figuras do médico, do assistente social, do psiquiatra surgem, em contraposição ao intelectual universal e participam de uma politização global dos intelectuais.

A extensão das estruturas técnico-científicas na ordem da economia e da estratégia deu aos intelectuais específicos sua real importância e foi com a biologia e a física as primeiras zonas de formação dessa nova figura. Ele torna-se o “cientista absoluto” que produz efeitos específicos dos discursos consolidados por eles como verdadeiros. Foucault (2006) continua ao dizer que a verdade é produzida no mundo graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Nesse meio, os procedimentos técnicos são valorizados para a obtenção da verdade, fundamentando o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro e deve ser seguido pela sociedade. E como comenta Galimberti (2006 *apud* BITENCOURT, 2009), a técnica é a essência da ciência.

Por verdade, Foucault entende como o conjunto de regras segundo os quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder, em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. Pensamos assim, o intelectual específico, que possui o saber absoluto em termos de verdade/poder. Destarte, o médico, apoiado pela ciência racional, que disputa sua verdade, em uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo, desenvolve seu campo de atuação.

Assim sendo, a ciência moderna (absoluta) é um esforço para se chegar à ordem das coisas, portanto, sua normatividade (BITENCOURT, 2009). A normalização é que permite a implementação do poder biomédico sobre a população, pois é ao mesmo tempo medicalização e pedagogia. Sob a ordem médica, os investimentos sobre o corpo são instaurados e através da pedagogia, do exercício, de uma boa alimentação, de um estilo de vida saudável, o corpo é controlado, coordenado. As próprias obrigatoriedades de vacinação em prol da saúde pública, a entrada da criança na Escola vacinada já nos demonstra uma concretização da relação saber-poder. Já estamos talvez tão acostumados a isto que não vemos mais imediatamente que aí ocorre um caso de coerção sobre o corpo. Foucault (2006) denuncia o poder médico e a medicalização da vida e ainda comenta que a medicina é um saber-poder que tem efeitos disciplinares e regulamentadores da vida.

Na foto abaixo, para a produção midiática final, um grupo encenou uma estória e colocou a figura do médico, ao lado da figura do professor de Educação Física, correspondendo ao aluno e à aluna de blusa amarela respectivamente. Os conselhos realizados pelo médico correspondem no exato momento da cena, a uma alimentação melhor para a aluna de jeans, já que ela se encontrava com anorexia (no vídeo). O aluno também comentou que neste momento *“ela não deveria fazer atividade física, já que se encontrava muito magra”*.



**Momento capturado do vídeo realizado pelo grupo na produção midiática 2**

O vídeo realizado pelo grupo apresentou uma dimensão crítica a respeito da mídia, pois a aluna de jeans apresentava-se como anoréxica (na cena) em função das revistas que lia, mas precisou-se da figura do médico para legitimar os conselhos do professor de Educação Física (personagem da aluna com blusa amarela). Bauman (2001) comenta sobre a existência dos legisladores que apresentam discursos científico-modernos (no caso o médico), que caminham em conjunto com os jardineiros (o Estado) – recorrente ao que o autor denomina de modernidade sólida – e apoiada pelos seus conselheiros [o (a) professor (a) de Educação Física], estes últimos presentes no que o autor chama de modernidade líquida. A função dos conselheiros é atuar com mecanismos de sedução e não de repressão e cuidam para nunca pisarem fora das preocupações privadas ou deixar de referenciar os saberes dos legisladores (dos médicos). Assim, fica evidente que a professora de Educação Física, no caso do vídeo, só é uma figura confiável porque está vinculada à mesma prática discursiva que o médico, mas em uma posição subordinada ao seu saber, no processo de medicalização da sociedade. Como apontado por Gomes (2008) e já argumentado anteriormente no desenvolvimento da pesquisa, as ações sugeridas por conselheiros (na linguagem baumaniana) e apoiadas aos saberes de especialistas (como os médicos) sugerem uma pedagogia e formas de

“dever ser” que implicam em estratégias individuais e estratégias de controle.

Martins (2004) afirma que o médico positivista e cientificista é um reflexo dos interesses financeiros mundiais, que em nome de ciência programam uma medicalização da vida, para fins financeiros e a saúde torna-se uma mercadoria como outra qualquer.

Da medicalização da população, Fraga (2006) vai comentar sobre a questão central do sedentarismo no processo de medicalização das práticas corporais.

Foi comum no presente estudo, por exemplo, responsabilizar a atividade física para a obtenção de saúde, visando afastar doenças cardíacas, dores no corpo, e problemas relacionados ao ócio, ou ao sedentarismo.

Também na produção midiática, durante um vídeo elaborado por um grupo, foi comum aparecer frases como: *“É importante manter o movimento, em busca da saúde, do bem-estar”* ou *“O movimento é uma forma de melhorar o organismo, o conjunto, principalmente o cardiovascular”* (Trechos retirados do vídeo, referente à produção midiática 1). Esta última frase apresenta-se sob a figura abaixo, também capturada do vídeo:



**Imagem capturada do vídeo realizado pelo grupo na produção midiática 1**

A questão central que nos invoca a refletir não se direciona para o fato da atividade física fazer bem ao organismo ou mal, mas que, sob este olhar, a saúde torna-se um produto e a atividade física, um remédio para o mal que a sociedade precisa encarar: o sedentarismo. O comentário a seguir de um aluno nos demonstra a percepção dele da atividade física, no caso, o esporte, como um remédio para evitar males à saúde: “*acho sim, praticar esportes é uma forma de prevenção de vários problemas de saúde, traz melhorias de qualidade de vida e traz benefícios à saúde*” (Transcritos dos alunos entregue à pesquisadora durante a estratégia 4).

É elaborado um traço moral em torno da “certeza científica” de que a atividade física faz sempre bem à saúde; por vezes, esquece-se que em certas ocasiões, a atividade física pode ser prejudicial à saúde. O comentário de um aluno abaixo, que foi recorrente nas práticas discursivas de quase todos os alunos, nos apresenta a importância da prática de atividade física e o alvará médico na concepção discente:

*“Todos nós, de alguma forma, precisamos realizar atividade física, e esta deve ser acompanhada por um médico”* (Fala anotada em diário de campo, 01/07/2010).

Como comenta Fraga (2009) que:

(...) a medicalização das práticas corporais pode ser entendida como um dos efeitos do movimento político-sanitário mundial em favor da promoção da saúde, que, apesar de ser um movimento centrado no princípio da desmedicalização do cuidado em saúde, paradoxalmente vem contribuindo com o processo de medicalização da sociedade como um todo (SANTOS, 2002).

Um processo que se evidencia na responsabilização cada vez maior dos sujeitos pela sua própria saúde através da disseminação de comportamentos a ser evitados: comer mal, não praticar exercícios físicos, não dormir, expor-se ao sol, fumar entre outras tantas interdições

prescritas por um ordem médica que, em nome da longevidade, “cadaveriza a vida” (FOUCAULT, 2001, p. 190).

A própria pesquisa de Fraga (2009) aponta que os sujeitos indicam os sedentários como figuras prejudiciais ao bem-estar individual e apresentam aspectos negativos sob o olhar da razão médica, que distancia os preceitos do bem-viver.

O conhecimento médico agora passa para muito além dos sintomas englobando órgãos e funções silenciosas e é no (através do) corpo (*se necessário com a ajuda do professor de Educação Física, mas este como subordinado*<sup>33</sup>) que a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde (MOULIN, 2008). Talvez por isso, com frequência, as pessoas associam o obeso (visto corporalmente) como um enfermo, o que também foi recorrente nas práticas discursivas dos alunos, especialmente no início da intervenção.

Gomes (2009), em um texto denominado “E se Ivan Ilitch fizesse atividade física? Reflexões sobre tormentos modernos” nos traz uma passagem que o próprio autor viveu. Estando em uma consulta, diante de sua filha e com os exames solicitados em dia, demonstrando um ótimo estado de saúde, o médico, sem nada para dizer a respeito do cansaço que o autor relatava estar sentido, comenta:

“Pelos exames você está bem”... Logo em seguida, indaga: “Você faz atividade física?”... O autor responde que muito pouco... Após este breve momento, o médico olha para a filha do autor e pergunta se a filha é dele; o autor responde que sim e o médico continua: “Veja bem, preste atenção. Ou você caminha assiduamente ou talvez você não brincará mais com sua filha. A escolha é sua”.

Este pequeno trecho nos incita algumas reflexões, primeiro um exemplo clássico de medicalização das práticas corporais, ou seja, o saber médico ditando comportamentos relacionados à atividade física e saúde. Por segundo, ordena ao indivíduo um empenho próprio, demonstrando-nos que a necessidade de ser ativo também é um remédio na vida das pessoas e que deve ser buscado por si próprio para o enfrentamento dos riscos. Gomes (2009) afirma que os riscos

---

<sup>33</sup> Inclusão realizada pela autora.



estipulados pelos especialistas são vivenciados pelos sujeitos como sendo de sua inteira responsabilidade, gerando assim, uma sensação “real” de vulnerabilidade. Ser sedentário ou ser obeso são características abomináveis na modernidade, pois distancia os indivíduos de uma “estética saudável”, ditada pelos preceitos médicos (como recorrente na pesquisa de campo). Vejamos esta imagem abaixo, capturada de um vídeo na estratégia da produção midiática 1 e o discurso do aluno:



*“Esta foto do garoto com várias comidas não saudáveis e pensando em exercícios, significa quantos exercícios aqueles lanches podem valer para combater as calorias que ele vem adquirindo” (Retirado dos escritos dos alunos entregue à pesquisadora durante a estratégia 5).*

A explicação fornecida pelo grupo para a existência de tal imagem no vídeo aponta de forma explícita que os riscos a serem encarados pelo indivíduo são de sua única e exclusiva responsabilidade, pois ser obeso ou sedentário são parâmetros anormais em uma sociedade que busca os preceitos médicos para referenciar a vida, uma vida controlada/normalizada. Cabe destacar aqui que a obesidade e o sedentarismo foram comentados pelos alunos como algo a ser eliminado na sociedade, daí a necessidade e importância da prática de atividade física: *“A obesidade e o sedentarismo matam... Ao invés de ser*

*sedentário, todos devem fazer atividade física”* (Falas anotadas em diário de campo, 05/06/2010).

Conforme Pelbart (2009), o fazer viver a que se refere Foucault, característico do biopoder, se reveste de duas formas: a disciplina e a biopolítica. Mas e o deixar morrer que Foucault comenta, a quem se refere, se o poder trata de aumentar a vida, de estimular a longevidade?

Foucault (2005) responde por meio do conceito de racismo – e talvez Bauman (2001) responderia a partir da ambivalência da modernidade sólida quando discorre sobre as ervas daninhas “atrapalhando” o projeto ordenador – que para ele não corresponde exclusivamente ao preconceito entre raças, mas a uma maneira de discriminar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. “Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico” (FOUCAULT, 2005, p. 304). Além de fragmentar a população no interior de um contínuo biológico, a segunda função do racismo é apresentar uma relação positiva, ou seja, quanto mais você exterminar o outro, mais você viverá, perfeitamente compatível com o exercício do biopoder. A noção de racismo foucaultiano pode ser visualizada na seguinte frase: quanto mais indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie. Não é assim, uma relação militar, guerreira ou política, mas biológica. Estes “adversários” são os perigos externos ou internos que ameaçam a população ou o fortalecimento da própria espécie. Somente este tipo de racismo é convincente no biopoder. Voltando à normalização, já discutido anteriormente, o racismo é a condição para manter uma sociedade normalizada “cientificamente”.

Nas palavras de Pelbart (2009):

Gerir a vida mais do que exigir a morte. E quando exige a morte, é em nome da defesa da vida que ele se encarregou de administrar. (...) – o poder de morte se dá como um complemento de um poder que se exerce sobre a vida de maneira positiva (p. 56).

Este breve comentário sobre o racismo, que de certa forma confere ao poder o poder de normalização, sendo a norma o fio condutor

do exercício do biopoder, não se refere a tirar a vida de alguém diretamente, mas a tudo o que pode ser um assassinio indireto: a morte política, a expulsão, a rejeição, o preconceito (FOUCAULT, 2005). É deste modo que o obeso, o sedentário e/ou aquele que apresenta uma vida em estado ócio, tornam-se adversários da sociedade administrada e ordenada.

Com tais argumentos pode-se compreender o vínculo entre a biomedicina e o discurso do poder, marcadamente a partir do século XIX. A vestimenta científica classifica, categoriza e hierarquiza o normal e o anormal (em nosso caso, o magro e o obeso, o ativo e o sedentário, o saudável e o doente). A medicalização das práticas corporais, a atividade física e o esporte, tornam-se, em conjunto com uma rede de saberes dispersos, os principais condutores para a saúde (o normal).

Bitencourt (2009) afirma em sua pesquisa realizada em um centro de treinamento de futebol, que a ordem médica e a prática do treinamento esportivo escoram a possibilidade dos atletas apresentarem em seus discursos uma visão maquínica de seus próprios corpos, ou seja, estes incorporam os dispositivos técnico-científicos da estrutura esportiva em sua própria natureza. Tal incorporação exprime o paradoxo da medicina no campo esportivo de rendimento, a saber, manter saudáveis atletas que atuam no máximo de suas potencialidades – numa profissão de risco a saúde – e permitem o sofrimento induzido pelo treinamento esportivo ao próprio corpo, uma vez justificada ideologicamente, através dos discursos sobre saúde, o esporte como um dos pilares da vida saudável.

Foi também recorrente na pesquisa práticas discursivas dos alunos, especialmente no início da intervenção, de que ser atleta e praticar esportes gera, de forma linear, saúde, desde que amparada por preceitos médicos. Vejamos alguns comentários dos alunos:

*“Os atletas são saudáveis sim... (...) Todos nós de alguma maneira precisamos praticar esportes”*  
(Fala anotada em diário de campo, 01/07/2010).

*“O esporte pode matar se for feito sem o auxílio de um profissional da saúde”* (Escrito entregue à pesquisadora durante a estratégia 4).

Propõe-se ao homem da *presente* modernidade, uma prestação de contas de seu corpo, um cuidado extra, a inclusão de atividades físicas e do esporte em prol da saúde. Esta intervenção de poderes em matéria de saúde pública comprova o que Foucault (2006) denomina de governamentalidade da vida, estimulando o cuidado consigo mesmo. Assim, a partir das normas direcionadas pelo poder dos médicos, o corpo se torna objeto de incessantes negociações. Cotidianamente, no esporte, por exemplo, atletas são submetidos a cargas de treinamento, que acompanham normas alimentícias, normas diárias... é uma verdadeira concessão de confiança e vigilância à equipe médica. Bitencourt (2009), a partir de sua pesquisa em um centro de treinamento de futebol, afirma que a normalização imposta pela via biomédica implica, no interior do sistema de treinamento, à exposição dos atletas, seus corpos, suas vidas aos cálculos e controles que, por sua vez, favorece o que Foucault chama de biopoder.

De acordo com César e Duarte (2009), o objetivo das novas formas de governo dos corpos e das almas – sejam elas ativadas por meio de políticas públicas estatais ou por meio das demandas flexíveis do mercado, mesmo que muitas vezes estas estratégias atuem de forma combinada – é a aquisição de competências adequadas ao mercado neoliberal, que se associam exigências de prolongamento da saúde, da juventude e da beleza dos corpos produtivos. O autor ainda comenta que segundo a perspectiva neoliberal do autoempreendedorismo contemporâneo, a saúde e a educação escolarizada devem se reorganizar com o objetivo de produzir o capital humano dotado de um belo corpo, excelente saúde juvenil e habilidades informacionais e cognitivas extraordinárias. Para tal, a atividade física apresenta-se como “um dever” de cada cidadão.

O melhor condutor para parâmetros sobre saúde a serem seguidos na sociedade é a mídia, que alimenta com informação à sociedade. Fraga (2006), baseado nas formulações de Gilles Deleuze sobre as sociedades de controle, anuncia o termo “biopolítica informacional”. Este se refere a uma forma de controle que não depende da relação corpo a corpo, mas que depende de:

“um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam os estilos de vida da população (...) hoje estão pulverizados em redes de poder flexíveis que monitoram os corpos

através da regulação dos fluxos e dos acessos à informação” (p. 13).

A mídia poderia aqui ser vista como uma forma de poder flexível que monitora, controla, padroniza e incentiva o conhecimento das pessoas, alcançando suas subjetividades. Fraga (2006) argumenta que o exercício da informação, aliada aos meios de comunicação, atuam como uma forma de governo dos corpos no mercado da vida ativa. Precisamos enfatizar que o que faz com que o controle seja mantido ou aceito (não considerando o consumidor como passivo) é que, como diz Foucault (2006):

Ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, ao desejo, a formas saber. Deve considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir, mas estimular (p. 8).

Portanto, não existe nesse governo dos corpos apenas a repressão, mas também a estimulação. Assim, a mídia é mais um elemento que enfatiza um modelo de saúde guiado pelo poder médico, não somente substituindo a abordagem direta entre médico-paciente, mas permitindo uma abordagem mais global em termos de administração da população e controle dos sujeitos, produzindo indivíduos flexíveis e adaptados. Flexíveis e adaptados às demandas do mercado, aos produtos elaborados pela Indústria Cultural.

O que Fraga (2006) comenta é que em uma sociedade que busca a vida, a longevidade e, para tal, um estilo de vida saudável, vale muito mais fazer valer determinadas recomendações pela mídia do que “exercer controle do tipo *real time* sobre a movimentação corporal” (p. 26). Deleuze comenta ser necessário “fazer circular uma palavra de ordem (...) o que equivale dizer que a informação é exatamente o sistema de controle”, *apud* Fraga (2006).

Assim, a mídia atua, por meio da indução de desejo e do estímulo à sociedade para ativar seus corpos:

“o exercício da informação passa a ser a forma privilegiada de ativar o corpo e regular a vida nas sociedades contemporâneas, as quais ‘funcionam

não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea”’. (Deleuze, 1998, p. 216 *apud* FRAGA, 2006).

Esta pesquisa corrobora as reflexões de Gomes (2008) e Fraga (2006), pois nos demonstra que as recomendações provenientes dos meios de comunicação de massa, para serem confiáveis, precisam apresentar as credenciais dos cientistas ou instituições de pesquisas, ou seja, um especialista da área fornecendo recomendações. Essa reflexão pode ser percebida em um comentário de um aluno durante o campo, em que ele afirma que, como a revista *Veja* apresenta muitos dizeres de especialistas de diferentes áreas, pode-se confiar, até mesmo quando a questão é saúde (Notas de diário de campo, 05/06/2010).

Moraes e Silva (2009), baseado em Carmem Lucia Soares, comenta que a instituição escolar e a Educação Física em especial, foram criadas para disciplinar e regular o corpo-espécie. A inserção inicial de exercícios físicos foi fundamental para justificar sua presença na Escola para a produção de um corpo saudável exigido no ordenamento social. Como relatamos, o conhecimento da biomedicina foi decisivo para sua consolidação. A Educação Física brasileira contemporânea, considerado seu histórico, mantém viva os preceitos de uma Educação Física destinada à promoção de saúde, ou como queiramos, de estilos de vida saudáveis.

A recorrência discursiva acerca do tema da saúde, ancorada na biomedicina, transparece nas referências que os alunos nos dão em seus discursos, ao serem questionados na entrevista final sobre qual conteúdo gostariam de aprender, que também poderia corresponder ao ensino da Educação Física. Muitas das respostas se referiram ao ensino do estado do organismo quando se pratica alguma atividade física, ou como outra aluna citou: “*poderia ensinar o nosso sistema nervoso quando estamos praticando alguma atividade física*” (Recorte da entrevista, 08/07/2010). Isto reforça a hegemonia da biomedicina legitimando os conteúdos da Educação Física.

Os argumentos até aqui apresentados trataram de analisar o discurso dos alunos numa perspectiva que atualiza um modelo de Educação Física baseado na ordem biomédica. O próximo eixo tratará de discutir as possíveis inflexões do discurso na direção crítica, abrindo

espaços para os limites e possibilidades de diferentes reflexões que emergiram com a interlocução.

#### **4.4. Eixo 4 – Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada**

*Como nos ensina Foucault, o grande exercício do pensamento é justamente aceitar pensar de uma forma diferente daquela que nós mesmos pensamos (FISCHER, 2002, p. 160).*

*“Aquele que pensa põe resistência (...) Só pensa quem não se limita a aceitar passivamente o desde sempre dado” (ADORNO, 1995).*

*“À medida que as pessoas combinam convenções discursivas, elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens de discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças podem afetar a ordem de discurso local e/ou societária”. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 128).*

Iniciamos este eixo com um fato ocorrido durante a pesquisa que ilustra o encadeamento das epígrafes acima citadas e caminha junto com a intenção macro deste estudo, qual seja: promover novas possibilidades aos alunos de estabelecer relações com os conteúdos relacionados à saúde, presentes na mídia. Durante a entrevista final, um aluno, R.U., ao ser questionado se, na sua percepção, o desenvolvimento da pesquisa o ajudou a ampliar suas reflexões a respeito da temática, ele responde:

*“Então, achei muito interessante porque nós falamos sobre os conteúdos provenientes da mídia como se ela fosse algo externo a nós (objeto de estudo?), porque ao tu trazeres sua pesquisa para nós, nos promove o pensar, e nós nunca olhamos*

*como nós reagimos diante dessas relações dominadoras, dessas influências (...) Quando eu falei com meu pai, sobre os assuntos que eu estava vendo na escola, meus pais ficaram olhando para mim e acharam que era coisa de outro mundo, que eu era mentiroso e que a mídia só dizia a verdade, aí eu comecei a explicar para eles (...)*” (Fala transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Pensar, na concepção desta pesquisa é ir contra corrente, contra o instituído. Há assim, uma potencialidade de intervenção no pensamento crítico, já que a reflexão pode trazer novas práticas discursivas que, dialeticamente, alcançam a prática social.

Antes de tudo, devemos ter em mente que, hoje em dia, é impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação, ao lado da escola, da família, das instituições religiosas (FISCHER, 2002). Os meios de comunicação, a todo tempo, buscam formar e constituir um sujeito contemporâneo. Sabemos que os saberes, aprendidos nas mais diferentes dinâmicas de poder e saber, não são totalmente compactos e definitivos, mas sempre existem possibilidades, fendas e interstícios não pensados pelo poder em jogo, eis porque a nossa pesquisa.

Buscar conteúdos extra-escolares, que não correspondam aos programas curriculares tradicionais é considerar que a dinâmica da vida, de formação de um sujeito que busca o constante esclarecimento vai além do espaço estrito designado escola, mas que nela e a partir dela, é possível a inserção de assuntos que nos alcançam nas diferentes e diversas esferas da vida.

A Escola vive um grande dilema atualmente. Se na modernidade sólida, termo designado por Bauman como antecessor da modernidade líquida (1999, 2001), a Escola tinha um projeto ordenador, ancorado pelo Estado-Nação, hoje vivemos sob a égide de conhecimentos e informações que nos são trazidos de diferentes espaços formadores, espaços estes que disputam o olhar e a atenção dos sujeitos. A escola na modernidade sólida era a sede a partir da qual se universalizavam os valores reconhecidos pela sociedade, e os intelectuais (professores) eram os únicos capazes de fornecer o



conhecimento àquelas pessoas consideradas incultas a respeito de uma vida correta e moral.

Baseados em Bauman, os autores Almeida, Gomes e Bracht (2009) comentam que “o mundo do lado de fora” das escolas cresceu de forma diferenciada do tipo de mundo para o qual as escolas haviam sido preparadas para educar os alunos. Preparar para a toda a vida e fornecer um conhecimento duradouro aos alunos era tarefa da educação na modernidade sólida; hoje, o cenário vai adquirir um novo significado diante das tais circunstâncias sociais.

Segundo Orozco (2002), a Escola a partir de uma postura comunicacional, não é mais o centro depositário do conhecimento e saber, mas “o centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações que circulam, usualmente, para orientar os educandos sobre a forma de como associá-los para seus fins de aprendizado” (p. 68).

Na modernidade líquida, os sujeitos não devem e não podem se sentir apegados ao conhecimento, mesmo aquele que seja proveniente da escola, já que todo conhecimento, transformado agora em informação, pode se tornar ultrapassado, portanto, passível de renovação (BAUMAN, 2001). Por ser informação, pode talvez mostrar-se enganoso em vez de proporcionar uma orientação confiável, até mesmo pelo sentido que a informação vem adquirindo nas sociedades contemporâneas, a ser falado mais adiante.

Em tom de metáfora, o sociólogo Bauman diz que esta forma de se conceber o conhecimento (traduzido como informação) guarda relação com o hábito de tomar café: só é bom quando forte e quente, esfriando rapidamente antes que seu gosto possa ser saboreado e avaliado por completo.

Assim, novas formas de pensar, de se informar, de comunicar-se estão sendo introduzidas como hábitos corriqueiros na vida das pessoas, poupando suas próprias reflexões e contribuindo para o emaranhado de informações e produtos que são consumidos cotidianamente. Como comenta Porto (2006), as mídias invadem os espaços de relações, mediatizando estas e criando ilusão de uma sociedade de iguais.

A informação adquire neste novo cenário (modernidade líquida) uma importância até segunda ordem, até o momento que outra já esteja em circulação, que a antiga abra espaço para a nova. A cada dia aparecem informações nas diferentes mídias renovando a informação de

ontem. Gomes, Vaz e Assmann (2010) comentam que o Caderno Equilíbrio é mais um exemplo de mídia imersa na sociedade de consumo com seus incessantes e renováveis saberes sobre o que é uma vida saudável. Para Almeida, Gomes e Bracht (2009), o que era antes estranho e retirado da ordem é agora disponível para o consumidor em forma de privatização da ambivalência, ou seja, não há mais a tentativa de eliminar as indesejáveis ambivalências, em definir o certo ou errado, as escolhas e decisões são agora enfrentadas individualmente, no âmbito privado. A sociedade hoje em dia, diante deste excesso de informações e opções, encontra-se em uma difícil tarefa, qual seja: saber de maneira autônoma criar mecanismos de filtragem deste excesso, em busca de uma formação cultural crítica. Ainda, os refugos dos novos tempos não são mais os improdutivos de uma sociedade de produtores (como na modernidade sólida), mas os não consumidores ou os consumidores não assíduos, aqueles que não estão por dentro de tudo. Mesmo que se consuma de forma acrítica ou fragmentada, é importante estar informado e atualizado sobre tudo. Como afirma Bauman em entrevista concedida a Porcheddu (2009):

(...) o crescimento impetuoso do novo conhecimento e o envelhecimento igualmente rápido do velho se combinam para produzir, em larga escala, ignorância humana que continuamente reabastece (e até mesmo alimenta) as suas provisões (p. 674).

Em seu trabalho já antes referido, Gomes (2008) nos apresenta que os conselhos midiáticos observados fornecem modos de viver bem, como: propostas para ações individuais na qual a própria escolha é fundamental para a felicidade; diferentes saberes sobre o que é corpo saudável; soluções para os indivíduos enfrentarem seus problemas, e grande parte das soluções direcionadas ao âmbito privado e ao consumo; isso tudo em um contexto da modernidade líquida, ou como queiramos, na contemporaneidade. Assim, no Caderno Equilíbrio estudado pelo autor, as informações fornecidas na mídia direcionam o sujeito para um mundo de soluções prontas, em que a único esforço que o leitor terá é decidir qual opção deve escolher.

Como Horkheimer e Adorno (1985) comentaram: “Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo de produção” (p. 17). Um comentário de um aluno demonstra essa percepção, sobre um vídeo realizado pela pesquisadora e editado a partir de recortes midiáticos em que o assunto era saúde, bulimia e anorexia: “*a própria música que está no fundo do vídeo já influencia o que vamos ver e pensar a respeito do vídeo*” (Fala registrada em diário de campo, 27/04/2010).

A questão ratifica que os produtos culturais e o próprio conhecimento (disponível agora como informação) têm sido orientados pela dinâmica do mercado. Nesse contexto, a mídia participa como mais um agente (de)formador (?), que alcança os jovens e precisam ser tematizadas na Escola.

Quando o conhecimento, também veiculado pela mídia se aproxima dos interesses do mercado, convertido em mercadoria pela Indústria Cultural, encontramos as bases para a consolidação do que, para Adorno, constitui o processo de semiformação (ADORNO, 1996). A semiformação institui o resultado de um processo sistemático de dominação da formação cultural pelos mecanismos político-econômicos dominantes. Quando Adorno nos aponta a indústria cultural como um processo que impede a “formação cultural”, ele também nos aponta a semicultura como o estado resultante de uma pseudoformação.

No ensaio sobre a *Teoria da Semicultura* (1996), Adorno defende que a cultura (*Bildung*), na tradição germânica, ao mesmo tempo em que compreende o conjunto de criações espirituais (intelectuais, artísticas e religiosas), traz em si a exigência de formar seres humanos que, por sua vez, são consumidores/criadores de cultura, portanto, apresenta um duplo caráter: ela é, ao mesmo tempo, adaptação, conformação à vida real e autonomia, liberdade do sujeito. Pucci (1997) comenta que o conceito revela uma tensão em aceitar o mundo, negando-o continuamente e afirmar o espírito, contraponto-lhe a natureza.

De acordo com Adorno, quando o campo de forças, se paralisa em categorias fixas ou se absolutiza em qualquer de seus pólos antagonísticos, significa negar a potencialidade e mesmo a realidade, coloca-se em contradição com seu sentido original e fortalecendo a ideologia. Fairclough (2008) corrobora tal assertiva ao nos alertar que práticas discursivas em relação dialética com as práticas sociais podem se consolidar em diferentes contextos societários, objetivando uma

transformação social ou a mera reprodução ideológica e hegemônica, se não refletida.

A formação cultural perde sua potencialidade à medida que o conhecimento, enquanto parte da cultura, torna-se pertencente ao mercado, ou quando o mesmo torna-se mera informação. Pucci (1997) comenta que a consciência da massa, formada por bens “culturais”, neutralizados e petrificados, por conhecimentos veiculados pelas avançadas tecnologias integradas à lógica do mercado, leva ao desenvolvimento de valores de consumo imediatos, o que dificulta a compreensão crítica da vida real e favorece manifestações irracionais. Nesta dimensão, a configuração da vida real destaca unidimensionalmente o momento da adaptação:

Na adaptação predomina o esquema da dominação progressiva, a sujeição do existente por outro existente, acomodação à natureza, auto-limitação de suas potencialidades (PUCCI, 1997, p. 91).

Conforme Adorno, “a adaptação é, de modo imediato, o esquema da dominação progressiva” (1996, p. 390). Para o frankfurtiano, o experimentado medianamente (semi-entendido) não representa um processo de formação que ainda não se completou, mas sim um inimigo deste processo, pois os elementos não assimilados “fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação” (ADORNO, 1996, p. 403). O indivíduo semiculto é aquele que demonstra estar sempre bem informado, a par de tudo o que supostamente acontece, mas de uma forma acrítica, sem conseguir relacionar os fatos entre si de forma a produzir uma opinião crítica sobre os assuntos em questão. Pucci (2001) comenta que existe uma diferença entre o não-saber ou a não-cultura e a semicultura. Para o autor, a incorporação do “novo” conhecimento na consciência do homem simples trabalhador a partir da contradição entre a formação cultural e sociedade do consumo não se dá via não-saber > saber e sim pelo trajeto não-saber > semi-saber ou semicultura. Conforme Pucci (1997, p. 96): “no não-saber - saber há uma predisposição do homem para a busca do *saber* ou uma abertura e no semi-saber a pessoa se julga sabedora e se fecha às possibilidades da sabedoria”, ou se abre para o conhecimento dos produtos da indústria cultural.

O comentário de um aluno, abaixo, colhido durante a entrevista final, quando questionado se consegue apresentar novos olhares a respeito do tema da pesquisa e o que isso representa para ele, serve para ilustrar essa situação:

*“Na verdade, eu acho que mesmo após sua pesquisa, eu diria que as pessoas vão continuar assistindo do mesmo jeito a TV, por exemplo, talvez não vão dar tanta importância assim para o que assistem e acho que vão dar a mesma atenção que antes. (...) Eu mesmo, não considero que sou influenciado pela mídia, você comentou que todos estamos no mesmo sistema, mas eu não me considero assim”* (Fala de A.N. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Ainda sobre a reflexão semi-saber e não saber, Adorno (1996, p. 397) ressalta: “a não cultura, como mera ingenuidade e simples ignorância, permitia uma relação imediata com os objetos e, em virtude do potencial de ceticismo, engenho e ironia – qualidades que se desenvolvem naqueles que não são interiramente domesticados – podia elevá-los à consciência crítica. Eis aí algo fora do alcance da semiformação cultural”.

Por outro lado, uma aluna expressa diferente significado a respeito da formação cultural e a relação com a indústria cultural e mídia, durante a entrevista:

*“Eu acho que indústria cultural tem a ver com mídia, pois, depois de estudar globalização, tudo o que a gente investe, a gente gosta, a gente deseja, a gente vê na televisão (...) então eu acho que a gente é super influenciado pela mídia. A gente escolhe como se a televisão fosse um catálogo assim...”* (Fala de B.B. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Vejamos estas duas passagens abaixo realizadas em dois momentos distintos da pesquisa. No primeiro, uma aluna se posicionou a favor do aperfeiçoamento técnico de celulares, registrando-nos suas

vantagens. No segundo momento, durante uma atividade de reflexão realizada com os alunos a respeito da confiabilidade e veracidade dos meios para nos informar sobre saúde.

*“Eu considero muito bom ter um celular que ao mesmo tempo em que faz ligações, me permite tirar fotos e ouvir música”* (Fala registrada em diário de campo, 06/04/2010).

*“Se são assuntos omitidos, são assuntos que não existem para a sociedade e somos dependentes desse meio de comunicação e se eles viessem à tona, será que não estaríamos no caos?”* (Retirado dos escritos dos alunos durante a estratégia 4).

Como podemos perceber, são respostas imediatistas, que fornecem pouca ou nenhuma reflexão crítica a respeito das discussões que estavam ocorrendo. São formas de apreensão da realidade que demonstram uma simples absorção acrítica de algo que é veiculado, que se faz acreditar por mecanismos de sedução, contribuindo para a semiformação.

A semicultura, sob as condições do capitalismo tardio, converteu-se no espírito objetivo e como Adorno e Horkheimer (1985, p. 182) comentam que “a semicultura hipostasia o saber limitado como verdade”, produzindo a consciência correspondente aos ditames da indústria cultural veiculados na mídia.

Vejamos como estes comentários dos alunos podem servir de ilustração:

*“Dizem que a mídia padroniza, mas ela mostra tanta coisa, tipo, tantos jogadores com diferentes cortes de cabelo, tipo... ela está dando várias opções para as pessoas fazerem, não acho que é bem um padrão...”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).

*“Sim, a mídia deve informar a verdade (...), ela nos constrói, assim o papel da mídia em relação à saúde das pessoas é fundamental, pois ela é a chave mestra que faz abrir as portas para as*

*peessoas terem maior conhecimento a respeito da saúde” (Retirado dos escritos dos alunos na estratégia 4).*

Na mesma direção, Pucci (1997) argumenta que:

(...) a semicultura, desvinculada dos pressupostos básicos que lhe poderiam propiciar continuidade para a formação cultural, se transforma em substâncias tóxicas que envenenam e deturpam o espírito, em elementos formativos inassimilados que reificam a consciência e não ajudam a formá-la (p. 97).

Um dado inicial da pesquisa que merece destaque se refere ao obtido através do questionário inicial entregue aos alunos, visando perceber um possível perfil dos alunos sobre a temática estudada. Nele, constatamos que apenas 36% deles (8 alunos do total de 22) gostavam de assistir aos comerciais durante as programações televisivas; entretanto, 21 alunos admitiam que tais propagandas e publicidades influenciam os padrões de comportamento e de consumo. São discursos mesmo ambíguos, pois ao mesmo tempo em que percebem a relação, existe a aceitação, nos demonstrando que se desenvolve a unilateralidade do momento da adaptação nos sujeitos, favorecendo a semicultura, mas faltando o princípio propulsor da formação cultural, o momento emancipador.

A ambigüidade está presente nos próprios meios de comunicação de massa, conforme já anunciada por Guareschi e Biz (2005), tendo sido referida por uma aluna: *“Ao mesmo tempo em que aparece na mídia a necessidade de consumir McDonalds, vendem uma cirurgia para emagrecer”* (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010). Em outro momento, na primeira produção midiática realizada pelos alunos, um grupo colocou a foto abaixo, alusiva ao personagem Ronald McDonald, da conhecida rede de *fast-food*, acrescido do seguinte comentário: *“Coma, mas seja magro! (...) A mídia prega isso!”*.



**Foto retirada da internet e colocada em vídeo-minuto.**

A ambigüidade presente nos meios de comunicação de massa pode ser também percebida nos discursos dos alunos, enquanto sujeitos que realizam tais discursos. Fairclough (2008) enfatiza a visão constitutiva do discurso (aqui referenciamos o midiático), contribuindo para a formação de objetos, de sujeitos e suas relações sociais e que, se não refletidos, implicam a reprodução dos objetos na vida social, mantendo a ideologia dominante, portanto, a semiformação. Como sabemos, o autor contrapõe essa ideia ao afirmar que mudanças discursivas podem gerar novas práticas sociais.

Cabe destacar que o mesmo aluno que comentou anteriormente sobre não acreditar muito na relação mídia e padronização corporal, ao citar cortes de cabelo; comentou, segundos depois, durante a entrevista:

*“(...) Sim, eles [os organizadores/detentores da mídia] estão pondo padrões de beleza e saúde, a pessoa sarada ou bombada para os homens e para as mulheres, devem ser extremamente magras e as pessoas buscam vários meios para conseguir isso, muitas vezes até perdem a saúde para conseguirem isso” (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).*

Assim, percebemos os pressupostos da semiformação fazendo-se presente de forma intensa nos vários discursos sociais, ressaltando que



na cultura moderno-líquida não se concebe mais uma cultura de aprendizagem e acumulação, mas preconiza mais a desvinculação, a vivência em lugar da experiência, a descontinuidade, as informações fragmentadas veiculadas pelos meios de comunicação de massa, o consumo imediato dos produtos, inclusive da informação.

Este reducionismo influenciado pela razão instrumental limita a reflexão crítica a respeito dos discursos e suas verdades. Vejamos esta fala de um aluno, durante o campo, sobre a saúde do atleta concebida pela mídia, demonstrando indícios de momentos de adaptação:

*“A vida de um atleta é prolongada [em relação a sua saúde] e ele corre menos riscos de problemas cardíacos do que uma pessoa normal (...) bastanos olhar as pesquisas científicas, as estatísticas e a mídia nos informando isso”* (Recorte dos alunos entregue à pesquisadora na estratégia 4).

Apesar da onipresença da semicultura assumida por Adorno, ele sugere antídoto contra ela. Como comenta Pucci (1997), interessa a ele expor a negatividade intrínseca às condições dadas e levá-las ao seu limite. Adorno comenta que a formação cultural não desapareceu como um todo, ela ainda se manifesta e pode ser buscada, cabe ao sujeito estar atento às possibilidades de autoformação cultural. Como Pucci argumenta:

A semicultura, embora se apresente como uma segunda natureza, é fruto da dominação e da imposição hegemônica, portanto “é coisa dos homens”; logo, contém em si mesma o germen de sua destruição (1997, p. 107).

Investir na educação para a contradição, para a resistência e para a auto-reflexão crítica podem ser indícios que ela não está totalmente perdida. Vejamos este comentário de um aluno, durante a entrevista final, comentando sobre a indústria cultural e saúde:

*“É um mercado, sabe... eles até se preocupam com a saúde das pessoas, no momento em que a pessoa saudável consegue trabalhar e produzir para comprar. Se a pessoa não é saudável ela não*

*vai conseguir fazer isso, então não é negócio... Eles vendem a doença... eles dão a doença, mas eles vendem o remédio.* (Fala de A.D. transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Adorno admite a possibilidade de o indivíduo não se deixar integrar completamente pelo sistema, de reagir, de afirmar sua subjetividade, de se utilizar da indústria cultural a seu serviço (especialmente quando o autor argumenta sobre o tempo livre em *Dialética do Esclarecimento*), pois na tentativa contra a semicultura, ainda existem reservas vivas que poderão servir de base para o resgate da formação cultural.

Pensando na educação, Adorno admite o cuidado pela formação cultural e a ênfase pela autonomia do espírito frente à sociedade. Seria a necessidade de resistir e de se assumir no anacronismo libertário (PUCCI, 2001).

Marr (2003) comenta que a emancipação não é elemento central da educação, mas que a educação, para ser real e efetiva, precisa ser tematizada na sua heteronomia. Nesse sentido, é válido que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência – crítica da semiformação real e resistente na sociedade material presente, no existente. O autor ainda complementa:

A contradição real objetiva aponta imanentemente para além de si, por meio da possibilidade de uma negação determinada – não abstrata – da ordem vigente. A “consciência” faz o papel de objetivação da contradição, por ser inversora na medida em que adequa. (MARR, 2003, p. 473).

Para Pucci (2001), uma abertura para a educação em relação à teoria crítica é enfatizar o poder educativo do pensamento crítico e a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu. O autor ainda comenta sobre a função educativa do refletir, apontando o potencial pedagógico fecundo presente no ato de repensar, pois ao retomar um objeto, tenta-se ir além do repetitivo e esse ato de retomar pode formar a sensibilidade, a percepção e o pensamento.

Como já comentado anteriormente, coube aos alunos a tarefa de uma produção midiática final de autoria deles próprios para

encerramento da unidade e da pesquisa. Um grupo nos apresentou reflexões que parecem demonstrar ter conseguido ir um pouco além da mera reprodução dos discursos midiáticos. Ao comentarem sobre a Copa, os alunos apontaram a existência de um “sufocamento” feito pelos meios de comunicação de massa: “(...) *Não importa o canal que você mude, você encontrará somente notícias sobre a Copa. (...) Há mais coisas importantes para se preocupar. (...) Acontece que há uma troca de prioridade nesse sentido*” (Retirado do jornalzinho).

De acordo com Pucci (2001), ao se refletir sobre uma situação, a análise não se esgota na adaptação a ela, mas coloca em evidência outros elementos desconhecidos, que podem conduzir para além da violência percebida, mostrando possibilidades que uma primeira abordagem não captava. “Sempre que o pensamento alcança algo importante, ele produz um impulso prático, mesmo que oculto a ele” (Adorno, 1995, *apud* PUCCI, 2001).

O próprio Adorno (1995) nos fornece um exemplo para pensarmos uma educação para a contradição e para a resistência, apoiados na reflexão crítica que permite ir além do plano da reconstrução cultural e da vigência da semiformação:

“(...) Mostrando-se aos alunos as falsidades presentes na vida da sociedade culturalmente construída e despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente”.

Vejamos dois comentários em passagens distintas na pesquisa:

“*Olha, às vezes eu acho que a mídia fornece uma imagem idealizada de saúde e esporte, como se todo garoto pobre um dia venha a se tornar um atleta muito bem pago ou todo catador de lata vai se tornar um campeão mundial de atletismo*” (Retirado dos escritos dos alunos na estratégia 4).

“*Não é porque você tem alguma doença ou algum tipo de deficiência que você não tenha saúde; o conceito de saúde vai muito além do nosso corpo,*

*ele engloba nossa mente, nosso estado de espírito” (Retirado do jornalzinho).*

Ao final do vídeo realizado por um grupo na produção midiática final, os alunos apresentaram um fechamento, que podemos considerar como fruto das reflexões geradas durante a pesquisa:

*“Não dá para sair por aí confiando em tudo o que a mídia diz e comprando, sem saber de verdade se vai fazer bem ou mal à saúde. As pessoas pensam que tudo que passa na TV é verdadeiro (...) Como podemos perceber, nem tudo o que passa na TV é certo, pois passam uma visão distorcida ou mesmo errada de saúde. Saúde não é ser magro, musculoso, ser definido. Ter saúde é uma relação entre mente e corpo, responsável pelo nosso bem-estar. A imagem que nós somos obrigados a realizar determinados exercícios pode se tornar uma “neura” e contribuir para perdemos a essência do que é realmente qualidade de vida” (Fala de J.O. transcrita do vídeo).*

Marr (2003) comenta que para a busca da formação cultural é necessário resgatar no processo educacional a experiência formativa. Ainda comenta que a perda da capacidade de fazer experiências formativas corresponde a um processo amplo, a um tendência objetiva da sociedade, ao próprio modo de produzir-se e reproduzir-se; uma sociedade que vem se tornando cada vez mais objetiva (ao se aproximar da racionalidade instrumental), veloz, líquida; e que prega o agora, o estar pronto para o novo e imediato (BAUMAN, 2001), pronto para os aparentes novos produtos da Indústria Cultural. Maar (2003) finaliza que a cultura tomada pelo lado de sua apreensão subjetiva é a formação.

Influenciado por Benjamin, Adorno admite o potencial formativo presente na categoria experiência (*Erfahrung*) em oposição à vivência (*Erlebnis*); esta última é a vivência do indivíduo num processo contínuo, acelerado, fragmentário, onde a impressão forte e factual, a imediaticidade o deformam em sua capacidade de pensar, entender e sentir. Assim, resgatar a experiência formativa não significa apenas aspirar uma educação que nos ajude a reavivar a aptidão à formação.

Significa uma crítica a todos os momentos, situações e realizações que impeçam o homem de viver plenamente sua capacidade de realizar a experiência, e ao mesmo tempo, o desenvolvimento criativo e crítico de ações que busquem exercitá-la.

É evidente que a escolarização é um dos momentos fundamentais no processo formativo e pode se transformar em um momento privilegiado na busca do resgate da experiência formativa.

Alguns autores defendem que a mídia tem fornecido um contexto privilegiado para apreender o “esquema da cultura de massas” semiformador e diminuir as experiências formativas na escola, se utilizada como um instrumento que substitui o professor ou como um elemento acrítico (MARR, 2003; PUCCI e OLIVEIRA, 2007). Se a escola tem enfatizado cada vez mais experiências formativas pobres e tem sido impossível impedir que as mídias adentrem seu espaço (e não é isso que desejamos), é preciso pensar e criar relações escolares e ambientes que propiciem “fazer experiências”, que permitam uma leitura mais consciente sobre a mídia, promova um olhar crítico do aluno sobre a semiformação presente, para assim, fazer da escola, uma escola do seu tempo.

Em muitos momentos, identificamos nos comentários dos alunos, práticas discursivas imediatistas e buscamos, através da nossa pesquisa incentivá-los à auto-reflexão crítica, oferecendo-se como uma possibilidade de experiência formativa aos alunos. Estamos desejando aqui que, mesmo que a própria expressão consciência crítica tenha sido despotencializada em seu sentido próprio pelo processo da semicultura, há de se ter esperanças, de resistir criticamente a esse processo, que nos permitam uma melhor compreensão sobre as formas concretas com que somos diariamente informados.

Se seguirmos Bauman, é a comunicação e o diálogo com os distintos textos e informações que chegam até a escola e que não podem ser ignorados, o potente para envolver os sujeitos e contribuir com algum grau de compreensão e colaboração entre as diversas perspectivas que representam.

Finalizamos este eixo com uma passagem encontrada no texto de Pucci (2001), que se aproxima da intenção maior dessa pesquisa ser realizada com os alunos, em espaço escolar; e que, por mais que saibamos que as resistências contra o pensamento, o refletir, importantes para uma formação humana, estejam sendo despotencializadas em nosso

meio, não podemos, enquanto professores, desistir da busca do esclarecimento de todos, inclusive de nós mesmos:

“Pode-se desaprender a pensar. Tudo concorre para isso. Entregar-se ao pensamento demanda até mesmo audácia quando tudo se opõe, e, em primeiro lugar, com muita frequência, a própria pessoa! Engajar-se no pensamento reclama algum exercício, como esquecer os adjetivos que o apresentam como austero, árduo, repugnante, inerte, elitista, paralisante e de um tédio sem limites. (...) Porque não há nada mais mobilizador do que o pensamento. Longe de representar uma sombria demissão, ele é o ato em sua própria quintessência. Não existe atividade mais subversiva do que ele. Mais temida. Mais difamada também; e não é por acaso, não é inocente: o pensamento é político. (...) Só o fato de pensar já é político. Daí a luta insidiosa, cada vez mais eficaz, hoje mais do que nunca, contra o pensamento. Contra a capacidade de pensar”. (FORRESTER, apud PUCCI, 2001, p. ).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Traçar linhas de fuga é o mesmo que ser estrangeiro em sua própria língua. É lançar um olhar diferenciado, capaz de abalar seu próprio modelo e produzir acontecimentos no cotidiano vivido afetando o sistema e impedindo-o de ser homogêneo, propiciando encontros que seriam, a priori, o em-si”*

(Gilles Deleuze).

Refletir sobre as possibilidades de tematização crítica dos discursos sobre saúde na escola não é uma tarefa fácil, ainda mais fazendo parte de um mundo em que a descartabilidade, o excesso de informações e as relações humanas cada vez mais prejudicadas são tidas como naturais. O quadro se torna ainda mais complexo quando alcança um discurso que tem se mostrado hegemônico qual seja, o discurso midiático sobre saúde e o convidamos para o debate escolar.

Adentrar em um movimento de complexas redes de saberes pessoais e trazer conteúdos “de fora” para dentro no espaço escolar é um processo árduo, mas rico de significados. Árduo porque tematizar conteúdos que usualmente e aparentemente não correspondem ao que se espera da Educação Física, pode mostrar-se estranho, em um primeiro olhar; e rico de significados, porque a intenção aqui não é promover um jogo de verdades, sobrepondo uma contra a outra, mas possibilitar ao aluno, a partir deste componente curricular escolar, refletir, se perceber, se reconhecer enquanto sujeito pertencente a uma cultura e saber-se capaz também de (re)construí-la criticamente.

As relações de poder são, muitas vezes, ocultas no discurso midiático sobre saúde; e não é porque isto é complexo que deva ser deixado de lado ou mesmo abandonado no âmbito escolar, pois como Fantin (2006) argumenta, “estamos sendo educados por imagens, sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos” (p. 27). Não é suficiente saber sobre a técnica dos meios (dimensão instrumental) ou colecionar imagens, sons, informações midiáticas com a pretensão de que isso bastaria. É necessário saber intervir no meio

comunicacional com autonomia. Portanto, a simples utilização (ou mesmo reprodução) de conteúdos midiáticos no âmbito escolar não pressupõe um trabalho educativo, mas talvez mais uma contribuição a favor da ideologia predominante, o que certamente vai de encontro à essa proposta do estudo.

O que propomos foi, como afirma Fischer (2002), tentar ampliar as compreensões sobre as informações ou assuntos que são diariamente veiculados pela mídia. O ato de olhar crítica e criteriosamente os conteúdos midiáticos remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado ver de imediato.

Assim, reconhecendo a presença dos meios de comunicação de massa na sociedade e propor, na perspectiva da mídia-educação, a tematização dos discursos sobre saúde com alunos do Ensino Médio, por meio de uma pesquisa-ação, apresenta-se um passo necessário na conscientização de que a Educação Física não pode se resumir à reprodução de uma prática esvaziada de crítica, subsumida ao argumento da promoção de saúde através da atividade física ou o esporte; mesmo porque o trinômio esporte-educação-saúde, se defendido de forma linear e objetivando o rendimento, tornou-se um elemento complexo e passível de crítica na Educação Física.

Sob a orientação geral da nossa questão central de pesquisa, que nos inquiria quanto aos limites e possibilidades para a tematização crítica do discurso midiático sobre saúde na Educação Física no Ensino Médio, passamos a expor aqui algumas reflexões reconhecidamente demarcadas pelas interpretações pessoais desta pesquisadora.

Inicialmente, é importante enfatizar que a pesquisa ocorreu em uma escola federal, que possivelmente apresenta condições diferenciadas do que se encontraria caso fosse realizada em outras instituições públicas ou mesmo de caráter privado. Cabe também destacar que os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados, mesmo porque não são e não é de nosso interesse generalizar, mas se remete a uma realidade educacional muito específica.

Revisitando as questões norteadoras do estudo, podemos dizer que ficou evidenciado o acesso à cultura midiática (em especial a sites de relacionamentos e televisão) e aos conteúdos por ela veiculados por parte dos alunos de uma forma geral, de maneira que seus



conhecimentos a respeito de saúde são expressos em diferentes possibilidades, mas, sobretudo marcados por essa condição. As meninas demonstraram maiores conhecimentos sobre saúde, em especial, na entrada do campo, revelando-nos uma preocupação com o corpo saudável aliada à beleza (estética). Os meninos, quando referenciavam saúde, remetiam-na como consequência direta da prática esportiva, portanto, seus interesses na mídia apresentavam-se vinculados a conteúdos esportivos, especificamente o futebol.

No âmbito da prática pedagógica, a tematização do discurso midiático sobre saúde encontrou maior receptividade junto às meninas e isso parece estar ligado aos seus interesses antes referidos. Não temos dúvidas que o governo dos corpos na contemporaneidade alcança a todos, todavia, a administração do corpo saudável, entendido aqui ao modelo contemporâneo hegemônico (magro, leve e flexível) na pesquisa, aproximou-se mais às instâncias femininas. Essa situação inicial apresentou-se como problemática, pois os meninos, muitas das vezes, distanciavam-se ou mesmo recusavam-se a participar dos encontros da pesquisa. Isto se deveu principalmente ao modelo de Educação Física com o qual estavam acostumados e aos seus distanciamentos em relação à temática central da pesquisa, conforme citado.

A inclusão de temas transversais à cultura corporal de movimento em aulas de Educação Física, buscando ir além do tradicional modelo esportivo é, em pleno século XXI, visto como surpreendente, e avesso aos interesses dos alunos, no caso dos meninos especificamente, porque isso, ao olhar deles, significa a (re)significação da prática que eles estão imersos e que é historicamente consolidada nas aulas de Educação Física. Desta forma, como os meninos não se identificavam com a temática proposta, demonstraram resistências às situações de aprendizagem inovadoras. Em suma, constatou-se que a inclusão de um tema transversal na Educação Física apresentou-se constrangedora aos meninos; e as práticas corporais anteriormente consolidadas pelos alunos, assim como a forma como foram conduzidas historicamente, podem ser responsáveis por tal distanciamento.

Assim, podemos refletir que o “praticismo” encontrado na Educação Física pode apresentar-se como limitante às propostas inovadoras, porque no bojo de tal “praticismo” verdades sobre a Educação Física são consolidadas e construídas, porém ricas de práticas

acríticas, irrefletidas, a ponto de em muitos momentos os alunos reproduzirem o discurso midiático sobre o tema em questão.

Além disto, pudemos constatar a presença de questões relativas a gênero durante todo o campo, ora facilitando as discussões e as interlocuções da pesquisa, como no caso das meninas, ora como elemento limitante, em momentos de intervenção que tanto os meninos quanto as meninas se recusavam a participar nas interações propostas, uma recusa também já construída anteriormente. Julgamos importante que, nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos possam se reconhecer e vivenciar as mesmas práticas, pois os padrões de conduta e de comportamento dos sexos são socialmente construídos, e com isso, transformáveis e não de ordem natural.

Referenciado em Betti, Mendes (2008) comenta que a possibilidade de implementar à cultura de movimento uma ação pedagógica sistematizada e crítica caracteriza-se como um avanço, já que a área tem limitado o potencial crítico de suas interlocuções escolares, fundamentando-se em alguns pressupostos reducionistas que tem a Educação Física apenas como forma de domínio e desenvolvimento do aspecto motor (incluída no paradigma biológico).

Diante deste fato, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar uma experiência formativa escolar relacionada aos discursos midiáticos sobre saúde, abrangendo especificamente a dimensão crítica da mídia-educação (meios como objeto de estudo), já que as dimensões instrumental e produtiva faziam parte de seus cotidianos. Em relação à produção, basta observarmos os diferentes conteúdos midiáticos que os alunos produziam com frequência, sem mesmo o auxílio de oficinas ou mediadores, como blogs, twitters, facebook, além de suas facilidades na dimensão técnica (instrumental).

Entretanto, Preto (2001) comenta que o uso instrumental das tecnologias e da mídia na escola não incorpora sua dimensão crítico-criativa, ou melhor, seu uso *com fundamento*. Ainda que seja de domínio dos alunos a operacionalidade dos meios e a produção, não correspondia a uma produção crítica sobre seus conteúdos.

No entanto, os alunos, durante este trabalho, tiveram a oportunidade de ampliar e rever suas compreensões a respeito dos discursos veiculados na mídia que correspondiam à temática de estudo. Entendemos que os alunos, por meio do contexto produtivo da mídia-educação, puderam exercitar críticas aos meios, talvez, ainda, de forma

assistemática e pouco consciente para eles. Um vídeo realizado pelos alunos na produção midiática final nos explicita isso, ao ser comentado por uma aluna, que na cena gravada em questão, representava uma professora de Educação Física, que a mídia trazia informações à sociedade, muitas delas fragmentadas e com uma linguagem de fácil entendimento para seduzir o consumidor.

A pesquisa nos revelou as práticas discursivas dos alunos relacionadas ao discurso midiático durante a intervenção e possíveis mudanças nas práticas discursivas correntes. Durante o campo e ainda na finalização deste, alguns pressupostos do discurso midiático sobre saúde foram encontradas nos discursos dos alunos. A triangulação dos dados permitiu constatar que a mídia contribui para estimular subjetividades ocupadas pelo regramento das práticas alimentares e da vida ativa, balizadas na ciência e estimuladas de acordo com o mercado vigente. Ainda, os meios de comunicação de massa enfatizam uma gestão individualista sobre o corpo e saúde, reproduzida nos discursos dos alunos, por meio de uma alimentação cientificamente balanceada, pela importância e necessidade da prática regular de atividade física e pelo crescimento dos riscos à saúde, que devem ser combatidos pelo próprio indivíduo.

Foram recorrentes, no campo, práticas discursivas dos alunos enfatizando uma vida ativa ou saudável, amparada pelo saber do especialista, ou seja, o saber médico, legitimando e fornecendo valores à ordem social. A legitimidade do saber médico é atribuída à credibilidade adquirida perante a sociedade por razão de suas práticas experimentais historicamente consolidadas. Além disso, sabemos que foi muito em função da importância do saber médico que a Educação Física consolidou-se no contexto escolar historicamente, sendo sua repercussão realizada até os dias de hoje.

Os alunos, ao reproduzirem o discurso da necessidade de profissionais/especialistas amparando suas práticas corporais, limitam a possibilidade de se conhecerem e “ouvirem” o seu corpo, uma vez que o discurso induz acreditar que o ser humano não tem a possibilidade de conhecimento sobre si, inclusive sobre suas sensações e percepções. Kunz (2004) afirma que em função do discurso de especialistas na modernidade, estamos perdendo a capacidade de ouvir e reconhecer os sinais que nosso corpo manifesta, pois se a orientação do especialista prescreve, por exemplo, que tenhamos que correr 30 minutos para

chegar a um objetivo, ainda que este seja a saúde, devemos irrefletidamente seguir essa recomendação, mesmo que o nosso organismo já esteja nos informando que, em algum dado momento, 5 minutos seria o suficiente, ou talvez demasiado.

Em relação às possibilidades de novas interpretações críticas suscitadas pelas estratégias de mediação escolar, os participantes da pesquisa expressaram ambigüamente que, ao mesmo tempo em que ainda reproduzem as verdades sobre saúde veiculadas pela mídia, conseguem realizar novas interpretações que partem da dimensão técnica da mídia à crítica aos conteúdos veiculados, uma vez que o contexto escolar pode propiciar situações para a contradição e para a resistência, a partir de experiências formativas que visem à reflexão crítica sobre os meios e as condições sociais presentes.

Essa situação pode assim ser fruto de uma hegemonia já consolidada e ainda presente que prega verdades por meio da mídia para a sociedade e de uma escola que, mesmo diante de tantas dificuldades, procura preparar o jovem para a auto-reflexão crítica sobre essas verdades e sobre a semiformação cultural, em que a sociedade converteu-se. Isto nos leva a pensar que uma leitura criteriosa da esfera cultural – tarefa que inclui o debate a respeito das formas de controle na sociedade sobre aquilo que é veiculado na mídia – é fundamental durante todo processo escolar, não para sobrepor um discurso perito sobre o outro ou uma verdade sobre outra, mas para suscitar, a partir do espaço escolar, a reflexão crítica no aluno a respeito de conhecimentos e informações sobre corpo e saúde que são cotidianamente veiculados.

A escola, neste sentido, pode se constituir num tempo-espaço receptivo à pluralidade e à multiplicidade de significados das muitas culturas e valores que cotidianamente alcançam os jovens. Não apenas para reforçar as diferentes informações, ou mesmo adaptar as capacidades humanas ao ritmo desenfreado das mudanças do mundo, mas, sobretudo para tornar o mundo, em contínua e rápida mudança, um campo que forneça possibilidades ao sujeito de buscar sua própria autonomia.

Sobre a tematização dos discursos sobre saúde na mídia, alguns alunos participantes da pesquisa expressaram satisfação:

*“(...) eu achei que foi bom, porque deu aquela visão de todos, tanto da Educação Física, do*

*esporte, da saúde, como das propagandas que passam na televisão, deu uma certa visão para a gente, talvez até no futuro...”* (Fala de L.U. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Quanto à inserção da mídia-educação na escola, podemos dizer que inserida na Educação Física escolar no desenvolvimento de um tema específico da cultura corporal de movimento ou em interlocuções coletivas propostas por um professor-mediador, na condição de tema transversal, conforme sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997), pode proporcionar espaços para a construção de jovens críticos e reflexivos frente à cultura midiática. Assim, pensar a escola enquanto espaço fértil de discussão social pode contribuir para o fortalecimento da recepção crítica e a (re)significação das diversas informações que alcançam à cultura dos jovens; caso contrário, seria como contribuir para a reprodução acrítica e manutenção das perspectivas reprodutivistas dos discursos midiáticos e representações de ser saudável veiculadas pela mídia.

Isso significa considerar a mídia como um eixo longitudinal e se possível, de integração com diferentes disciplinas (como foi percebido pelo trabalho em conjunto entre Educação Física e Sociologia) que podem gerar conhecimentos na união entre as áreas de conhecimento para um diálogo com os meios. Isto nos revela a pertinência do trato do conteúdo escolar de forma multi/interdisciplinar e como um tema transversal, que perpassasse os diferentes âmbitos curriculares (MENDES, 2008). Entretanto, alguns alunos reconheceram que a proximidade interdisciplinar ocorrida entre a Educação Física e Sociologia durante a pesquisa mostrou-se acumulativa, portanto, cansativa em um semestre.

Podemos assim refletir que a mídia-educação enquanto tema transversal deveria estar atrelada a qualquer conhecimento da cultura escolar, à maneira longitudinal ou em longo prazo (não focadas em um único semestre), pois os sujeitos convivem com a cultura midiática dia-a-dia, portanto, uma educação para a mídia deve também acompanhar o seu ritmo, paulatinamente, ao longo do curso. Nessas circunstâncias, necessitamos ressuscitar a arte de interação e diálogo com os outros sempre e fomentar uma educação para a cidadania [e para a mídia] ao longo de toda a vida (BAUMAN, 2007). Para tal, se exige tempo,

planejamento coletivo, trabalho árduo, reflexões intensas, tentativas múltiplas e nunca a desistência..

Dentro desta perspectiva, as experiências aqui relatadas e as reflexões apresentadas configuram-se como tentativas de uma outra maneira de pensar Educação Física na escola; uma Educação Física que introduza os alunos no universo da cultura corporal de movimento de maneira que eles possam agir de forma autônoma e crítica, e não somente reproduzir práticas escolares que acontecem conforme os valores de uma ordem social vigente. Isso reforça a importância da mídia-educação no âmbito escolar para a abertura de novas possibilidades, de novas experiências formativas e novas reflexões para o trato com os conteúdos da cultura corporal de movimento, especialmente porque:

*A arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver (BAUMAN, em entrevista concedida a PORCHEDDU, 2009, p. 667).*

Cabe ressaltar o exercício de investigação-ação do presente estudo, ao trazer para o campo das ideias e para uma pesquisa de mestrado, dificuldades também recorrentes na prática pedagógica da pesquisadora, enquanto professora do Estado do Rio de Janeiro, e novas maneiras de “olhar” a cultura corporal de movimento com alunos do Ensino Médio. É uma forma de buscar novas maneiras de ir contra a ideologia dominante em uma Educação Física que luta por se legitimar, já que suas justificativas de legitimação estão sendo e precisam ser constantemente revistas, para não cairmos no abismo de uma educação que reproduza acriticamente as práticas escolares vigentes ou mesmo tornando a Educação Física um mero espaço de “consumo” de práticas corporais.

Por fim, reconhecendo que as dúvidas, curiosidade e tentativas foram e são muitas, não pretendemos fechar este trabalho afirmando que com a pesquisa resolveremos todas as questões relativas à necessidade de legitimação da Educação Física. Longe disso, acreditamos que estamos vivendo o início de uma possível busca, que não pode ser

resumida a esta tentativa, mas que dela podem-se promover novas reflexões e novas buscas. Afinal, de acordo com Bertolt Brecht, também entendemos que *a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana*, e não sobrepor uma verdade sobre a outra. Enfim...

São pinceladas ao vento essas que produzimos na exposição da temática. São, ao mesmo tempo, pinceladas vivas, de cores e tons diferentes, que podem pintar algo com sentido se forem percebidas sem sentido. Quem sabe, a observação atenta e, do mesmo modo, desinteressada desses traços, coloridos, por pessoas interessadas em formar sonhos, possam improvisar configurações tímidas, mas inovadoras, nesse perigoso ateliê que é o ensinar. A sala de aula — campo intenso de forças e pulsões, desativado — pode se tornar mais carregada, inquieta, pétrea, com as tentativas de fazer os gemidos do passado, represados, fluírem. E depois que as lágrimas de ira e de sangue rolarem, dos que ensinam e dos que aprendem, quem sabe, novas pinceladas podem brotar (PUCCI, 2001, p. 21).





## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W.; “Teoria da Semicultura”. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: **Educação e Sociedade**. Campinas: Papyrus, p.388-411, 1996.

ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 199-223, 2008.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ANTUNES, Sheila E. **O País do Futebol na Copa do Mundo**: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2007.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. **Saúde Coletiva e Educação Física: aproximando campos, garimpando sentidos**. In: A saúde em debate na Educação Física, v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação. Polêmicas do nosso tempo**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Revista Motrivivência**. Ano XII, n. 17, set. 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

\_\_\_\_\_. **Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular**. In: Caparróz *et. al.* (Org). **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**, v. 1. Vitória, Espírito Santo: Proteoria, 2001.

BRACHT, Valter *et al.* **Pesquisa em ação: educação física na escola**. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves *et al.* **Educação Física e meios de comunicação: relações dialógicas para a prática escolar – um relato de experiência no CEFETSC/SJ**. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Rio Grande do Sul, 2005.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de**

**futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido.** Tese de doutorado (Doutorado em Antropologia Social). UFSC, Florianópolis, 2009.

CAETANO, Angélica *et. al.* **Tá na Copa, tá na Globo: o agendamento na mídia sobre a COPA de 2014 no Brasil a partir da cobertura do Mundial na África do Sul.** In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5, 2010, Anais... . Itajai/SC: CBCE/SOAC, set/2010.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a medicina.** Tradução Vera Avellar Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CARVALHO, Fernando Luiz Seixas Faria de. O papel da Educação Física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas. *Anais...* XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Olinda (Pernambuco), 2007.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do *fitness*. **Revista Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 119-134, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**, 5 ed. São Paulo: Ática, 1996.

COSTA, Elaine Melo de Brito; VENÂNCIO, Silvana. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 7, n. 01, p. 59-74, 2004.

COSTA, Antônio Galdino da. **Moda/Indumentária em Culturas Juvenis:** símbolos de comunicação e formação de identidades corporais

provisórias em jovens de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2006.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**. In: Conversações. Rio de Janeiro. Ed. 34. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1992.

DEMO, Pedro. **Questões para a Teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Durozoi, Gerard, 1942. **Dicionário de Filosofia**. André Russel; 2ª edição. Campinas, SP: Papirus, 1996

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, reimpressão (2008).

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na Crise da Modernidade**. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação / UNICAMP, Campinas, 1999.

FILHO, Ari Lazzaroti *et al.* O termo “práticas corporais” na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009, p. 1-12.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe; TEIXEIRA, Ivana dos Santos; NUNES, Rute Viégas; ZIBENBERG, Igor Ghelman Sordi. **“Sedentarismo é...”:** concepções de praticantes de caminhada e a medicalização das práticas corporais. *In:* FRAGA, A. *et al.* (Org.) **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos.** Porto Alegre: Gênese, 2009.

FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e Futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da Educação Física.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t236.pdf>. Acesso em dezembro/2010.

\_\_\_\_\_. Futebol Feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa, PB. **Dissertação** (Mestrado em Educação). UFPB, João Pessoa, 2003.

GAMBOA, Sílvio Sanchez. Teoria e Prática: uma relação dinâmica e contraditória. **Revista Motrivivência**, Ano 7, n. 8, dezembro de 1995.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em educação:** métodos e epistemologias. Chapecó (SC): ARGOS, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física e a construção do corpo feminino no Brasil: imagens de feminilidade. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 12, n. 16, p. 35-52, 2001.

GONÇALVES, Aguinaldo; BASSO, Ana Carolina. **Atividade Física**. In: GONZÁLES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) Dicionário Crítico de Educação Física, 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

GOMES, Ivan Marcelo. **Conselheiros Modernos**: propostas para a educação do indivíduo saudável. 2008. 231f. Tese de doutorado – PPGICH/UFSC, Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. E se Ivan Ilitch fizesse atividade física?: Reflexões sobre tormentos modernos. **Pensar A Prática**, Goiás, v. 01, n. 12, p.1-11, janeiro/abr. 2009.

GOMES, Ivan Marcelo; VAZ, Alexandre Fernandez; ASSMANN, Selvino José. Conselheiros midiáticos: o “Caderno Equilíbrio” da Folha de São Paulo e suas ponderações na formação do indivíduo saudável. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 117-134, 2010.

GONÇALVEZ, Aguinaldo; PIRES, Giovani De Lorenzi. Educação Física e Saúde. **Revista Motriz**, v. 5, n. 1, 1999.

GONDRA, José G. Combater a “Poética Pallidez”: a questão da higienização dos corpos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 121-161, jul/dez. 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUERIERO, Djane Aparecida; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Educação Física escolar ou esportivização escolar? **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 78 - Noviembre de 2004.

JEBER, Leornado José. A relação teoria e prática no ensino e suas implicações na área da Educação Física escolar. **Revista Motrivivência**, Ano 7, n. 8, dezembro de 1995.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é o iluminismo?** In: \_\_\_\_\_. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, s/d.

KUNZ, Elenor. Práticas Didáticas para um conhecimento de Si de crianças e jovens na Educação Física. In: KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física 2**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004, p. 15-52.

LISBOA, Mariana Mendonça. **Representações do Esporte-da-Mídia na Cultura Lúdica das Crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2007.

LOVISOLO, Hugo. **Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde)**. In: A saúde em debate na Educação Física, v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, Semiformação e Educação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A dicotomia Teoria/Prática na Educação Física. **Revista Motrivivência**, Ano 7, n. 8, dezembro de 1995.

MARTINS, André. Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.21-32, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MENDES, Diego de Sousa. **Educação Física e novas linguagens educacionais**: sentidos e significados da produção de recursos audiovisuais na formação de professores da área. Monografia (Licenciatura em Educação Física). CDS/UFSC. Florianópolis: UFSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Luz, Câmara e Pesquisa-ação**: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de Educação Física. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). CDS/UFSC. Florianópolis: UFSC, 2008.

MEZZAROBBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiáticoesportivo**: um estudo de recepção com escolares. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MÓL, Mellyssa da Costa. **Feliz na contemporaneidade**: dos cuidados com a saúde aos cânones da estética. E vice-versa? Analisando o discurso midiático da VEJA. 2005. 58f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). CDS/UFSC, Florianópolis: UFSC, 2005.

MOL, Mellyssa da Costa; PIRES, Giovani De Lorenzi. **Corpo, saúde e estética no discurso de revistas semanais brasileiras**. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14, Anais... Porto Alegre/RS, 4 a 9/set/2005.

MORAES E SILVA, Marcelo. Escola e Educação Física: maquinários disciplinares biopolíticos e generificantes. *Anais... In: I Seminário Nacional Sociologia e Política*, UFPR, 2009.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina**. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Mariella Silva de; PAIVA, Lucia Helena Costa; COSTA, José Vilton; PINTO-NETO, Aarão Mendes. Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras. *Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 32, n. 01, p. 109-128, 2009.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.



OROZCO, Guilherme G.. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-70, 2002.

PALMA, Alexandre. Educação Física, Corpo e Saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Rev. Bras. Ciências Esporte**, v. 22, n. 2, p. 23-39, jan. 2001.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise Crítica do Discurso: do lingüístico ao social no gênero midiático**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracajú: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios da biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Ponto de vista: na prática a teoria é outra. Será mesmo? **Revista Motrivivência**, Ano 7, n. 8, dezembro de 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e o Discurso Midiático: Abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **Possíveis limites à experiência formativa lúdica no âmbito das tecnologias digitais**. Texto apresentado na Mesa Redonda: Formação Inicial e continuada e atuação profissional: a necessidade da tensão permanente no âmbito do lazer. *In*: V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Itajaí, 2010. Disponível em: [www.labomidia.ufsc.br](http://www.labomidia.ufsc.br)

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida/Segunda parte da entrevista: Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças. **Caderno de Pesquisas**, v. 39, n. 137, 2009.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, 2006.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma Escola sem/com Futuro**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

PUCCI, Bruno. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação**. In: ZUIN, A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

\_\_\_\_\_. Teoria Crítica e Educação: contribuições da teoria crítica para a formação do professor. **Espaço Pedagógico**, v. 8, p. 13-30, 2001. Disponível em:

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. O enfraquecimento da experiência na sala de aula. **Pro-Posições**, v. 18, n.1(52), 2007.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física**. São Paulo: USP. Tese de doutorado, 1990.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Teoria e Prática: a relação possível e necessária. **Revista Motrivivência**, Ano 7, n. 8, dezembro de 1995.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito**. 2 ed., Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SCHALLER, Klaus; SCHÄFER, Karl-Hermann. **Ciência educadora crítica e didática comunicativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, vol. 4, n. 9, p. 171-188, 2007.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Televisão e Divulgação científica. **Revista ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2008. Disponível em:

<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=444>

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 48, agosto/1999.

SOUZA, Daniel Minuzzi; CAETANO, Angélica; PIRES, Giovani De Lorenzi. Construindo diálogos em mídia-educação e Educação Física: algumas reflexões a partir de estudos do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. **Revista Conhecimento Online**, n. 1, v. 1, p. 01-22, set. 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global**. In: ZUIN, A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.



## APÊNDICE I

Universidade Federal de Santa Catarina  
Mestrado em Educação Física  
Pesquisadora: Angélica Caetano da Silva  
Questionário

**Identificação:**

**Sexo:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_

**Período de estudo:** Matutino ( ) Vespertino ( ) Noturno ( )

**1. Gosta de assistir televisão?** Sim ( ) Não ( )

**2. Qual a frequência?**

---

**3. Possui TV por assinatura?** Sim ( ) Não ( )

**4. Quantos aparelhos de televisão há em sua casa?**

---

**5. Você possui uma televisão em seu quarto?** Sim ( ) Não ( )

**6. No geral, quanto tempo por dia você acha que assiste à televisão?**

( ) menos de 1 hora/dia

( ) entre 1 a 2 horas/dia

( ) mais que 2 horas por dia.

**7. Quais os principais programas que você assiste na televisão?**

---

**8. Você se interessa por programas que informem sobre saúde (dietas, atividade física, beleza corporal, estética)? Se sim, qual?**

Sim ( ) Não ( ) \_\_\_\_\_

**9. Enquanto assiste TV, você geralmente vê a publicidade/propaganda que é veiculada nos intervalos da programação?**

Sim ( ) Não ( )

Comentários: \_\_\_\_\_

**10. Você acha que a publicidade/propaganda influencia os padrões de comportamento e de consumo?**

Sim ( ) Não ( )

Comentários: \_\_\_\_\_

**11. Costuma acessar a internet?** Sim ( ) Não ( )

**12. Qual a frequência?**

- ( ) várias vezes ao dia
- ( ) ao menos uma vez por dia
- ( ) mais de uma vez por semana
- ( ) apenas ocasionalmente

**13. Quando tempo por dia, aproximadamente, você navega pela internet?**

- ( ) menos de 1 hora/dia
- ( ) entre 1 a 2 horas/dia
- ( ) mais que 2 horas por dia.

**14. Onde você geralmente acessa a internet?**

Casa ( ) Escola ( ) Outros ( )

**15. Ao navegar a internet, que tipo de informação você costuma se interessar?**

- ( ) e-mail.
- ( ) sites de relacionamento (Orkut, blog, bate-papo, facebook, MSN...)
- ( ) esporte
- ( ) sites sobre alimentação, dietas, moda, beleza.
- ( ) outros \_\_\_\_\_

**16. Você tem conhecimento de sites que veiculam informações sobre saúde e atividade física na internet? Caso positivo, quais?**

---

**17. Gosta de ler jornais ou revistas?** Sim ( ) Não ( )

**18. Qual tipo de informação você busca ao ler revistas ou jornais?**

- ( ) moda
- ( ) esporte
- ( ) saúde
- ( ) estética
- ( ) nutrição
- ( ) outros \_\_\_\_\_

**19. Existe algum outro meio de comunicação que você costuma de acessar? Qual(is)?** \_\_\_\_\_

Obrigada por responder!



## APÊNDICE II

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE DESPORTOS

Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física  
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis/SC – CEP: 88040-900  
Fone: (048) 37219926 Fax (48) 3721-9792

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Meu nome é Angélica Caetano da Silva, sou aluna de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e pretendo desenvolver a pesquisa “O discurso sobre saúde na mídia: possibilidades educativas de (re)significação na Educação Física escolar”, com o objetivo de entender como ocorre e que formas assume o discurso sobre saúde baseado na ciência médica ao ser veiculado pelas mídias e se existe possibilidades de se discutir criticamente e de ressignificá-lo na prática pedagógica do componente curricular Educação Física. Trata-se de uma proposta cuja intenção é a de promover a reflexão sobre a relevância de novas maneiras de se tematizar esses discursos na Educação Física escolar. Justificamos o estudo por reconhecermos que os discursos sobre saúde e atividade física perpassam pela sociedade e chegam até a escola, o que implica a necessidade de refletir a influência da mídia sobre a educação dos alunos, principalmente na Educação Física. O desenvolvimento desta pesquisa ocorrerá até o final do presente semestre letivo, com encontros semanais, com uma turma do Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina, *campus* São José, e contará com o apoio do professor de Educação Física responsável pela turma. Para a concretização da proposta, serão desenvolvidos debates sobre vídeos, materiais de revistas, discussões sobre textos de jornais e práticas que envolvam o conteúdo mídia, saúde e atividade física. O registro dessa intervenção será feito por observação, fotos, filmagens, diário de campo, registros escritos dos alunos, etc. Como tarefa coletiva de final do semestre, pretende-se desenvolver uma produção midiática (que poderá ser vídeos, fotos, textos em jornais ou revistas) coletiva com todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, como expressão de novas compreensões sobre o discurso de saúde na mídia, numa estratégia de mídia-educação.

**Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, por favor, sinta-se a vontade para entrar em contato pelo telefone: (48) 99943769.**

Se você estiver de acordo em participar, garanto-lhe que as informações fornecidas somente serão utilizadas neste trabalho, com o máximo de sigilo. Assinaturas:

Pesquisadora principal: \_\_\_\_\_  
Angélica Caetano da Silva (angelica@cds.ufsc.br)

Pesquisador responsável:

\_\_\_\_\_  
Giovani De Lorenzi Pires (giovanipires@cds.ufsc.br)

Eu, \_\_\_\_\_  
(responsável pelo/a menor

\_\_\_\_\_, se for o caso) fui devidamente esclarecido(a) sobre a pesquisa “O discurso sobre saúde na mídia: possibilidades educativas de resignificação na Educação Física Escolar” e concordo que os meus dados (ou do/a meu/minha filho/a ou tutelado/a) sejam utilizados exclusivamente na realização da pesquisa.

Florianópolis, 20 de março de 2010.

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_



## APÊNDICE III

<b>Estratégia</b>	<b>Datas realizadas</b>	<b>Temática central de cada intervenção<sup>34</sup></b>
Levantamento de temáticas significativas para o objeto de estudo	03/03/2010 a 23/03/10	Aproximação com a turma, aplicação do questionário, do termo de consentimento livre uso do vídeo-sensibilização para levantamento dos dados referentes à temática de estudo.
1	30/03/2010 a 06/04/2010	Discussão do texto sobre Indústria Cultural e debate a respeito do tema, envolvendo o objeto de estudo: saúde e mídia.
2	15/04/2010 a 11/05/2010	Material midiático trazido pelos alunos sobre a temática do saúde como apoio para as reflexões sobre Indústria Cultural.
3	18/05/2010	Apresentação e discussão da concepção de saúde salutogênica e experimentação de práticas corporais.
4	20/05/2010 a 22/06/2010	Interdisciplinaridade com Sociologia envolvendo discussões sobre mídia.
5	01/06/2010 a 10/06/2010	Apresentação e discussão do produto midiático vídeo-minuto sobre saúde, realizado pelos alunos.
6	22/06/2010	Discussão envolvendo a temática Copa do Mundo, Esporte e saúde
7	01/07/2010 a 08/07/20	Apresentação e discussão da produção midiática final, envolvendo jornal, vídeos e blog.
Entrevista	08/07/2010 e 10/07/2010	Entrevista realizada com os alunos em grupos.

---

<sup>34</sup> Durante todas as estratégias da mediação, tivemos alguns momentos livres para os alunos, em que eles realizavam práticas corporais que o professor organizava e momentos em que as práticas corporais foram organizadas pela pesquisadora e pelo professor envolvendo a temática do estudo.

## APÊNDICE IV

### Roteiro – Vídeo-sensibilização

Ordem	Vídeo	Áudio/legenda
01	Contagem regressiva com jogo de imagens	Música Rock com batida encontrando com o número.
02	Imagem de um quadro dizendo que os meios de comunicação advertem: diga não ao sedentarismo.	Som de uma música do Titãs.
03	Imagens lentas e depois aceleradas	Música do Titãs.
04	Fala da repórter (ao meio aparecendo uma imagem de pessoas correndo na Beira-Mar/Florianópolis)	Áudio natural.
05	Fala de uma reportagem	Áudio natural – do comentarista.
06	Jogo de imagens sobre pessoas malhando, fazendo atividade física, de padrões de beleza, de pessoas com anorexia	Música com batida forte.
07	Trecho com um rosto olhando para a câmera e com a frase: Quais os valores que a mídia tem nos deixado?	Música com batida lenta, reduzindo o volume

## APÊNDICE V

## INDÚSTRIA CULTURAL – A BANALIZAÇÃO DA CULTURA

Por Angélica Caetano

Indústria Cultural... o que seria isso?

Os judeus-alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer passaram por um período de exílio nos Estados Unidos em virtude da Segunda Guerra Mundial. Eles perceberam particularidades em sua estada em solo Estadunidense, as quais os deixaram espantados. Tal espanto os fez desenvolver um conceito que passou a expressar as preocupações com o processo de rebaixamento da cultura que estavam presenciando. Estes autores descrevem como os conteúdos artístico-culturais passam a ser organizados/produzidos no contexto das relações de produção e consumo de mercadorias da sociedade capitalista. De acordo com eles, o aperfeiçoamento dos processos tecnológicos permitiu a reprodução indefinida dos bens culturais, agregando-lhes um valor de troca (e não mais apenas um valor de uso) e atribuindo-lhes, assim, o *status* de mercadoria.

A Indústria Cultural é a transformação da cultura em mercadoria, através de sua padronização e produção em série, o que favorece sua banalização.

Naquele momento estava em moda o termo “cultura das massas”, para designar a grande população que começava a ter acesso aos meios de comunicação e aos produtos industrializados. O termo Indústria Cultural aparece para caracterizar o modo pelo qual esta nova forma de “cultura” passa a ser produzida e distribuída, sujeita à mesma lógica de produção dos bens materiais, através da estandardização<sup>35</sup> e serialização<sup>36</sup> dos produtos culturais com vistas a sua comercialização e consumo; e também para que não se pensasse que a cultura era produzida PELAS massas (de fato, a cultura era produzida PARA as massas).

---

<sup>35</sup> Estandarização significa o processo de padronização dos bens culturais, que desconsidera as individualidades, ao contrário, faz com que os sujeitos se adaptem aos modelos disponíveis para o consumo.

<sup>36</sup> Serialização é a produção em série e em grandes quantidades, o que reduz os custos de produção e “inunda” o mercado consumidor com bens pouco diferenciados entre si.

As principais conseqüências da Indústria Cultural podem ser assim resumidas:

- ela banaliza a produção cultural, dissolvendo sua unicidade (perda da aura) e sua dimensão crítica da realidade.
- ela seduz e cega o consumidor desta cultura rebaixada, que deixa de se perceber nas relações de exploração em que está inserido.
- na medida em que iguala produção de bens materiais e simbólicos, torna a tudo mercadoria.

Para que todos tenham acesso aos elementos da Indústria Cultural, o nível de exigência intelectual dos bens precisa ser rebaixado, para facilitar o acesso de todos à sua lógica e estrutura, isto é, integrar a todos, independentemente da formação cultural de cada um. A estratégia para tanto, como dizem os próprios autores, é que “o espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve antecipadamente esse pensamento”.

De acordo com os autores, na Indústria Cultural, a diferenciação dos produtos é uma aparência. A padronização é a característica essencial, estrutural, resultante das articulações internas do modo de produção capitalista:

Para todos há algo previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas (...). O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa<sup>37</sup>

Com base nesta afirmação podemos dizer, por exemplo, que a diferença entre o programa Big Brother Brasil, da Globo, e o programa A Fazenda, da Record, é ilusória. Mas essa ilusão é socialmente necessária: a crença na existência da concorrência e na liberdade de escolha é um componente essencial da ideologia dominante no capitalismo. Outro exemplo claro para isso é a venda de tênis da Nike, tanto em lojas de grife (venda de originais) quanto em camelódromos (venda de falsificados), pois a idéia é que todos sejam atingidos, ainda que os produtos tenham que se adequar à classe social de cada indivíduo.

Na década de 40 do século passado, Adorno e Horkheimer chamavam atenção para a tendência de a publicidade tornar-se o

---

<sup>37</sup> Em Dialética do Esclarecimento, p. 116.

principal veículo ideológico da sociedade capitalista. Hoje, essa tendência concretizou-se plenamente: com a total transformação da cultura e dos processos comunicacionais em mercadorias, a cultura e a comunicação passaram a ser dominadas pela linguagem criada para a venda das mercadorias, a publicidade. Isso quer dizer que, a cultura ao ser adaptada à linguagem midiática passa por um processo de banalização, no intuito de que todos possam compreender o seu sentido. Isso sugere, ao processo de compreensão, sobrepõe-se o consumo.

O avanço moderno das tecnologias permite a consolidação e tendência da mídia em espetacularizar toda e qualquer manifestação cultural, inclusive assumindo a condição de co-produtora, de modo que as condições necessárias para o espetáculo e consumo estejam garantidas.

Interessante afirmar que o comportamento das pessoas obedece a um esquema pré-determinado (esquematismo<sup>38</sup>) e a adesão a um padrão comportamental parece, inclusive para as pessoas, espontânea, mas não é. Após décadas de concretização da Indústria Cultural, com a apresentação em escala industrial de padrões de comportamentos em filmes, revistas, telenovelas, incluindo como devemos ser, agir, pensar, não é de se estranhar, por exemplo, que os participantes do Big Brother saibam como se comportar, ou seja, como desempenhar seus papéis em sintonia com as aspirações do público, sem a exigência de um roteiro. O público deseja uma mulher bonita, um homem sarado, e os participantes deste sabem que até para se candidatar, ser belo ou magro conta muito.

As formas de produção, os meios de comunicação e, inclusive, os aparatos de lazer são todos submetidos a um controle sutil, porém rigoroso: direcionar os interesses dos consumidores para aquilo que se oferece, de tal forma que esse direcionamento não seja percebido, havendo a falsa impressão de que há uma liberdade de escolha. Tal artifício sugere nos consumidores a percepção de que suas escolhas são

---

<sup>38</sup> O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela [a IC] ao cliente, na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado. Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposto a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional, apesar de toda racionalização (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 117).

únicas, pessoais, customizadas, quando na verdade há uma velada padronização nesta oferta das supostas “múltiplas escolhas”, na medida em que se inserem numa prévia gama de possibilidades. Assim, os bens culturais estão disponíveis, de acordo com sua condição social, para você escolher; mas não deixe de escolher, não deixe de fazer parte. Esse é o *slogan*.

E a saúde, o esporte, o que tem haver? Será que as atividades físicas massificadas que são impulsionadas e patrocinadas por interesses econômicos nacionais e internacionais não desqualificam as necessidades individuais construídas na história social de cada um? Será que essas atividades massificadas não atuam, assim, na assimilação de trajes, vocabulários e, acima de tudo, de modelos corporais produzidos de acordo com padrões criados para progredir o consumo, enriquecer o capital dos detentores do poder e permitir as pessoas cada vez mais uma distância do pensamento e da reflexão, rumo ao que se encontra na moda, ao que todos fazem, vestem e usam?

Bibliografia utilizada:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. O conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea. Revista *Communicare*, v. 2, n. 2, 2002.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Análise do Esporte Mediatizado a partir do conceito da Indústria Cultural. Texto didático produzido para a disciplina Pedagogia do Esporte no semestre 1998/2 e revisto em 2001.

Sobre a mídia e Cidadania

*Adaptado por Angélica Caetano, com base na obra Mídia, Educação e Cidadania, de Pedrinho Guareshi e Osvaldo Biz.*

Há milhares de coisas que acontecem nesse nosso Brasil e nosso mundo que nós nunca chegaremos a saber, se a mídia decidir não contar. É nesse sentido, principalmente, que a mídia nos cerca: numa situação em que a mídia, contra a própria Constituição, passa a ter donos, ficamos sabendo e falamos apenas o que ela quer e não ficamos sabendo aquilo que ela não quer que saibamos. Essa a grande questão: sua força de criar, ou de fazer desaparecer, a realidade social. Explicaremos melhor isso adiante.

O interessante seria a própria mídia desempenhar um papel formativo e crítico dos conteúdos que ela mesmo veicula, mas você já viu a mídia educar para uma leitura crítica da mídia? Ao contrário de outras instituições sociais, a mídia não se sente na obrigação de prestar conta do que faz e do que fala. Por isso ela nunca critica a si mesma.

Não há instância de nossa sociedade hoje que não tenha uma relação profunda com a mídia, onde a mídia não interfira de maneira específica. A mídia é o coração da sociedade da informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento do sistema capitalista nos dias de hoje. Quem detém a informação, de modo geral, e dentro dela a mídia, detém o fator central de desenvolvimento. A mídia modifica a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem, compram, namoram, votam, consultam médicos, etc.

A realidade de hoje exige, cada vez mais, que os sujeitos saibam lidar com uma imensa gama de informações que invadem diariamente sua vida cotidiana, de uma forma desconhecida para as gerações anteriores.

Bourdieu faz uma afirmação em relação à televisão que pode ser estendida aos outros meios de comunicação de massa:

*E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo ao universos em que o mundo social é descrito/prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política (1997, p. 29).*

No intuito de poder compreender mais a função e detalhar, com exemplos, essa descrição/prescrição do mundo social realizado pela televisão e também outros meios de comunicação, discutiremos, a seguir, quatro afirmações organizadas pelos autores do livro citado no título, que podem nos ajudar a tomar consciência da importância dos fenômenos dos meios de comunicação hoje.

A **primeira** é a seguinte: **a comunicação hoje constrói a realidade.** Pensamos coerente dizer aqui que realidade significa o que existe, o que tem valor, aquilo que nos propicia as respostas, o que legitima o nosso cotidiano comunicação.

Assim nos referimos: alguma realidade, algum fato, nos dias de hoje, existe ou deixa de existir, se é ou não veiculado pelos meios de comunicação.



A mídia tem, na contemporaneidade, o poder de insistir o que é, ou não, real, existente.

A **segunda** afirmativa: *a mídia não só diz o que existe e, conseqüentemente, o que não existe, por não ser veiculado, mas dá uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro, à realidade existente.* É nessa instância que são criados e legitimados determinados valores. E são eles que nos impulsionam a agir.

As coisas veiculadas pela mídia, pelo simples fato de estarem na mídia, são boas e verdadeiras, a não ser que seja dito expressamente o contrário. O que está na mídia não é só, então, o existente. Ela cria e reproduz, de igual modo, crenças e valores que levam à ação. Os pressupostos dos ouvintes ou telespectadores são de que as pessoas que “aparecem” na mídia são as que existem e são importantes, dignas de respeito.

A **terceira** afirmativa vem complementar as outras: *a mídia, hoje, coloca a agenda de discussão.* Isto é, ao redor de 80% dos temas e assuntos que são falados no trânsito, na escola, em casa, são colocados à discussão pela mídia. Alguém ao ler essa afirmativa, pode retrucar: “tudo bem, até pode ser verdade que a mídia coloca os assuntos em pauta, mas nós podemos discordar deles, criticá-los, não aceitá-los”. Que bom se assim fosse! Há algo, contudo, que nós não podemos fazer – e aqui está a conseqüência terrível desta questão: se os detentores da mídia decidirem que algum assunto, ou algum tema, não deva ser discutido pela população, eles (os detentores) tem o poder de excluí-lo da pauta! Uma população inteira fica impossibilitada de saber e conhecer que tal problema ou tal assunto existe na sociedade. Essa a força de quem detém o poder de decidir sobre o conteúdo da pauta.

Na grande discussão nacional que a mídia tem como tarefa fundamental instituir, como veremos logo adiante, ela tem o poder de selecionar e criar a pauta, podendo incluir apenas temas que lhe interessam e excluir os que podem vir a contestá-la.

Por fim, a **quarta** afirmação: *a mídia nos constrói, constrói nossa subjetividade.* Passamos a nos relacionar hoje com um personagem chamado mídia, em casa mesmo, que tem a ver com a constituição e construção de nossa subjetividade. Examinemos, por exemplo, as relações da televisão e seus interlocutores: ela é única que fala, praticamente; a relação de comunicação estabelecida é vertical, de cima para baixo; não faz perguntas, apenas dá respostas. Já imaginaram o poder de tal personagem?

Diante de tais argumentações, nesse turbilhão informacional, não interessa mais tanto se aquilo que é comunicado é verdade ou não, interessa se é, se existe, se *está*. Da parte dos receptores, esse mundo revolucionado e volúvel passa a ser verdadeiro o que se apresenta no momento, o que está em cena, o que está em vitrine. Se aquilo corresponde ou não à verdade dos fatos, torna-se secundário, interessa que esteja aí. Em palavras bem claras: a realidade e a verdade passam a ter uma outra definição: a realidade é que está aí, e a verdade é o agora.





Bibliografia utilizada:

GUARESCHI, Pedrinho; OSVALDO, Biz. **Mídia, Educação e Cidadania** (2005).

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. (1997).

#### REFLEXÕES A FAZER:

1- Existe relação entre o que é veiculado na mídia em relação à promoção de saúde, seus espaços e seus heróis esportistas com a realidade da maioria da população? Por quê?

2- Diante do conhecimento deste texto, você acredita que os conteúdos veiculados na mídia a respeito da saúde são verdadeiros? Por quê?

3- Você acha que alguns assuntos são omitidos nos meios de comunicação de massa e isso contribui para nosso entendimento superficializado sobre algum tema? Por quê?

4- Você acredita que necessariamente a busca incessante pela atividade física sempre gerará saúde?

5- Você acha que todo esportista é saudável e praticar esporte sempre levará à saúde? Por quê?

6- Você acha que todo jogador de futebol fica fora dos riscos de sofrer algum problema cardíaco por ser atleta? Sua vida é longa? Dê exemplos.

7- Esporte pode matar? Por quê?



## APÊNDICE VII

Instituto Federal de Santa Catarina  
Campus São José  
Professor: Paulo Henrique  
Colaboradora: Angélica

As questões abaixo foram elaboradas a partir de informações transmitidas pela grande mídia (televisão, internet, rádio...).

- 1) Corrimento vaginal sempre quer dizer que a pessoa tem DST?
- 2) Suponha que um dia após se expor a uma situação de risco, uma pessoa faz teste para saber se contraiu HIV. O resultado dessa análise pode ser considerado definitivo?
- 3) O vírus HPV é transmitido por pessoas que ainda não manifestaram a doença (assintomáticas)?
- 4) Sexo oral em mulheres pode transmitir DST?
- 5) É preciso penetração para que haja relação sexual?
- 6) É preciso evitar relações sexuais durante a menstruação?
- 7) Pode-se considerar a masturbação uma prática normal e sadia?
- 8) No Brasil, viver portando o vírus HIV pode ser considerado privilégio das pessoas mais ricas?
- 9) No caso de tratamento mensal com pílulas contraceptivas, há risco de gravidez em caso de esquecimento de uma das doses?
- 10) Em relações heterossexuais, a probabilidade de um homem contaminado transmitir o vírus HIV para a mulher é igual à situação inversa (mulher transmitir o vírus para o homem)?

### Respostas

Perguntas	Sim	Não
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

## APÊNDICE VIII

### Roteiro Entrevista

Antes de começar, quero saber como era a Educação Física de vocês no Ensino Fundamental e nas fases anteriores aqui no IFSC.

---

1- Nesse semestre vocês tiveram a oportunidade de refletir sobre diferentes assuntos relacionados à mídia. O que vocês acharam sobre estudar mídia na Escola?

2- Esses estudos contribuíram na formação pessoal de vocês? De que maneira?

3- Quais foram os temas mais significativos...?

4- Sobre o texto Indústria Cultural...

Qual a relação que pode ser percebida entre IC e mídia? E os seus desdobramentos na nossa vida cotidiana?

5- Sobre a IC e a COPA...

Você vê relações entre o que estudamos sobre IC e a COPA?

6- E sobre saúde? Você vê relação entre IC e saúde? Quais são essas relações?

7- Muitas vezes comentamos que o esporte ou a prática de atividade física nem sempre está ligada diretamente à saúde, inclusive demos exemplos sobre isto. Como os meios de comunicação costumam informar sobre isso?

8- A mídia muitas vezes coloca que para se ter saúde é fácil. Você concorda? Por quê?

9- Quais os interesses podem estar associados a essa maneira de informar sobre saúde e atividade física na mídia?

10- O que vocês pensam quando assistem algum programa sobre saúde na mídia após esses estudos que realizamos?

11- O que vocês acham da experiência de terem participado de uma pesquisa na disciplina de Educação Física?

12- Quanto à realização das tarefas proposta pela pesquisadora, inclusive as atividades práticas, muitos alunos não participavam. A que vocês atribuem isto?

13- Que outros temas tratados na mídia poderiam ser abordados na EF?



## ANEXO I

Junho de 2010  
Volume 1, Edição 1

# I NFORMATIVO FSC - SJ

## QUALIDADE DE VIDA

Por: Bruna Almeida e Gabrielli Debortoli

Hoje em dia é muito comum vermos na mídia assuntos como saúde e qualidade de vida. Mas para que tudo isso?

Qualidade de vida é você ter saúde, viver bem... mas será que se tivermos alguma deficiência não podemos ser felizes e considerados pessoas saudáveis?

Qualidade de vida é você se sentir bem, estar satisfeito consigo mesmo, mas... Quem se sentiria bem vendo aquelas

belíssimas atrizes na Tv, com corpos perfeitos, se são poucos os tem um corpo assim?

Qualidade de vida é você curtir com os amigos, praticar exercícios... Mas será que todos tem dinheiro e tempo para frequentar uma academia ou praticar algum esporte ao ar livre?

A mídia veicula muitas informações que nem sempre estão certas. Você não precisa ser uma menina "magrela" ou

"esquelética" para ser bonita. Aliás, isso não é nem um pouco bonito, e ainda prejudica sua saúde. E você também não precisa ser um cara forte pra chamar a atenção e atrair olhares... Pessoas "marombadas" chamam a atenção sim... mas por terem transformado seus corpos numa coisa bizarra, um amontoado de músculos crescido na base de suplementos e bomba.

Analise as propagandas... quem realmente é assim? Quantas pessoas que você conhece tem um corpo como aqueles? A beleza das propagandas é algo puramente artificial, faz a gente se sentir feio para que busquemos aquela beleza, e principalmente, aquele **produto!**

Não é Porque você tem uma doença ou algum tipo de deficiência que você não tenha saúde. O conceito de saúde vai muito além do nosso corpo, ele engloba nossa mente, nosso estado de espírito.

Não precisamos praticar exercícios todo dia para nos mantermos. A atividade física se torna estressante como qualquer outra quando deixa de ser lazer e se torna obrigação. Se você quer se sentir bem, faça algo por prazer, não porque é um dever.

Quem não tem tempo pode praticar atividades aos fins de semana, e quem não tem dinheiro, que trate de arranjar outra desculpa para o sedentarismo porque esta não serve. Você não precisa daquele tênis caro, daquela roupa especial nem pagar uma academia. Uma simples

caminhada ou uma corrida no seu bairro já ajudam muito. Algumas cidades hoje em dia investem em locais públicos para a população praticar atividades físicas.

*Não importa quem você é, o que você faz, onde você mora. O bem-estar não se veste, não se compra, não se usa, não se come. O que importa realmente é que você se ame como é, cuide da alimentação, faça o que gosta e esteja com as pessoas que gosta. A saúde e o bem-estar são consequências dos seus atos.*



## Rede Globo quase provocou a suspensão do Dunga e fiasco da seleção

POSTADO POR PAULO ATHAYDE

**“A Rede Globo mostrou a sua cara e deixou muito claro quais são os seus reais interesses que, pelo visto, não tem nada a ver com o dos torcedores brasileiros”**

É de conhecimento de todos que na **Copa de 2006**, a festa que a mídia fez na concentração da **Seleção Brasileira** durante toda a Copa, também patrocinada pela publicidade da **Nike** e, sobretudo pela **Rede Globo**, ajudam a explicar o fiasco da seleção. Não é de hoje que a **Globo**, em nome de seu **Ibope** e interesses empresariais, “atrapalha” os jogadores com a “convivência” do presidente da **CBF**, **Ricardo Teixeira**.

A seleção com o **Dunga** pode até não ganhar a **Copa**, mas, esperamos que a seriedade e limites que vem colocando ao domínio histórico da mídia

local na escalatória dos jogadores e controle dos movimentos da **seleção** é muito positiva e esperamos que seja preservado por técnicos futuros, e que os interesses ligados a **seleção** sejam efetivamente aqueles dos 200 milhões de torcedores brasileiros e não os historicamente submetidos à **Globo** e **Cia**.

Por conta de um acordo feito “por baixo do pano” com o **Ricardo Teixeira**, desafiando a autoridade do **Dunga**, seriam feitas entrevistas exclusivas para o **Fantástico** depois do jogo contra a **Costa do Marfim**, que o **Dunga** vetou na hora, o treinador brasileiro quase foi suspenso pela **FIFA** por hipotéticas ofensas ao preposto da **Globo**, **Alex Escobar**, o que teria deixado a **Seleção Brasileira** sem comando e com

resultados previsíveis no torneio, já que a **Copa** só está começando. O “conchavo” da **Globo** com o **Ricardo Teixeira** foi noticiado pela **Folha/UOL** (22/06/2010) a partir de “apuração” do jornalista do **UOL Esporte** **Maurício Stycer**.

Como vê, a **Rede Globo** mostrou a sua cara e deixou muito claro quais são os seus reais interesses que, pelo visto, não tem nada a ver com o dos torcedores brasileiros e do Brasil. Portanto, apesar de toda onda que a **Globo** faz na transmissão da **Copa**, já deu para perceber que não parece que estamos – ela e nós torcedores – querendo a mesma coisa, o sucesso do **Brasil** e o **Hexa**. Pense nisso! Outros canais de televisão também estão transmitindo os jogos da **Copa**.

Retirado de:

<http://colunadileitor.blogspot.com/2010/06/rede-globo-quase-provocado-suspensao-do.html>

“Esse artigo nos questiona sobre até que ponto conseguir um monopólio de informações públicas é mais importante do que manter uma conduta ética. Já que o acordo entre **Ricardo Teixeira** e a **Rede Globo** foi feito “por baixo dos panos”. Evidentemente, o presidente da **CBF** tinha interesse de promover a sua imagem, e esse acordo poderia proporcionar-lhe isso, privilegiando a emissora, teria sua imagem exaltada, por que não?! Caso contrário, poderia ter aceitado propostas de qualquer outra emissora, mas escolheu logo a que detém o maior público. Certamente não é o tipo de comportamento digno de uma pessoa que exerce um cargo importante como o de **Ricardo Teixeira**.”

## IF-SC VAI ADOTAR EXCLUSIVAMENTE O ENEM PARA INGRESSO EM CURSOS SUPERIORES

O Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) vai adotar a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para ingresso em todos os cursos de graduação (licenciatura e cursos superiores de tecnologia) para o primeiro semestre de 2011. Os interessados em concorrer às vagas devem se inscrever no Enem até 9 de julho, no site do Inep ([www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)).

O IF-SC já destinava 20% de suas vagas para ingresso em cursos superiores com a nota do Enem desde o ano passado. A partir do próximo semestre, todas as vagas serão preenchidas por meio da nota do exame. O Instituto Federal adota, ainda, a reserva 10% das vagas para candidatos negros e 50% para alunos de escolas públicas. Neste semestre, forma abertas cerca de 600 vagas em cursos de licenciatura e cursos superiores de tecnologia oferecidos em Araranguá, Florianópolis, Jaraguá do Sul, Joinville, São José e em polos de educação a distância no Paraná, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

O ingresso para os cursos técnicos do IF-SC continua ocorrendo por meio do exame de classificação, prova realizada pela instituição semestralmente.

Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 0800 722 0250. A ligação é gratuita.

### Cursos superiores oferecidos pelo IF-SC

#### Licenciaturas

Ciências da Natureza com habilitação em Física (Araranguá e Jaraguá do Sul)

Ciências da Natureza com habilitação em Química (São José)

#### Cursos superiores de tecnologia

Construção de Edifícios (Florianópolis)

Design de Produto (Florianópolis)

Fabricação Mecânica (Jaraguá do Sul)

Gestão da Tecnologia da Informação (Florianópolis)



Gestão Hospitalar (Joinville)

Gestão Pública (educação a distância)

Mecatrônica Industrial (Florianópolis e Joinville)

Radiologia (Florianópolis)

Sistemas de Energia (Florianópolis)

Sistemas de Telecomunicações (São José)

Sistemas Eletrônicos (Florianópolis)

Escrito por Jornalismo  
Seg, 28 de Junho de 2010 15:19  
RETIRADO DE:

[http://ifsc.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=953:2806-if-sc-vai-adotar-exclusivamente-o-enem-para-ingresso-em-cursos-superiores&catid=2:ultimas](http://ifsc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=953:2806-if-sc-vai-adotar-exclusivamente-o-enem-para-ingresso-em-cursos-superiores&catid=2:ultimas)

## IF-SC REGULAMENTA USO DE NOME SOCIAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA INSTITUIÇÃO

***“O que é o nome social? É o nome pelo qual a pessoa escolhe ser chamada, que difere de seu nome civil, registrado na certidão de nascimento.”***

Patrícia de Castro, 29 anos, é aluna do IF-SC desde 2006. O nome Patrícia, porém, apareceu depois, já que no meio de sua trajetória escolar assumiu sua identidade de gênero – um homem de nascimento, mas que percebe a si e espera que as pessoas a identifiquem como uma mulher. Patrícia, que a princípio encontrou dificuldades para ser chamada como tal, recebeu o apoio do Instituto Federal, que aprovou em abril deste ano a deliberação [CEPE/IFSC 006](#), regulamentando a inclusão do nome social de travestis e transexuais nos registros acadêmicos do IF-SC.

O que é o nome social? É o nome pelo qual a pessoa escolhe ser chamada, que difere de seu nome civil, registrado na certidão de nascimento. A adoção deste nome nos diversos ambientes de convívio – incluindo o escolar – é um direito pelos quais travestis e transexuais lutam. Patrícia começou a estudar no Campus Florianópolis do IF-SC por meio Proeja e hoje está na terceira fase do curso

técnico em Edificações. A maior dificuldade, segundo a estudante, era a hora da chamada. “Alguns professores concordavam em usar meu novo nome, outros não.”

Uma das professoras que aceitou o uso do nome social foi Juliana Albuquerque, da disciplina de Tecnologia da Construção III, do curso de Edificações. “É o segundo semestre que dou aulas para Patrícia. Logo no início ela me procurou para falar de sua preferência por seu nome social. Passei então a usar esse nome na chamada e também nas provas, sem nenhum problema”, conta.

Depois da deliberação ter sido aprovada, passou a ser obrigatório o uso do nome social dentro da Instituição, inclusive nas chamadas e provas. A presidente do Colegiado de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) e pró-reitora de Ensino do IF-SC, Nilva Schroeder, diz que o documento foi elaborado após uma solicitação feita pela aluna Patrícia. “Na medida em que o Instituto Federal tem um Plano de Inclusão

que prevê o respeito a diversidade, é preciso acolher os alunos, considerando e respeitando suas diferenças”, afirma.

Para a reitora do IF-SC, Consuelo Sielski Santos, a deliberação é um passo importante para a instituição. “É uma grande conquista para nós que trabalhamos com inclusão. Com essa resolução, temos o caminho a seguir para atender bem a esse público”, coloca.

Após a deliberação, Patrícia afirma que “tudo mudou 100%”. “Chamarem-me por meu nome civil [masculino] me incomoda muito, daqui para frente tudo será melhor”, acredita. Agora a estudante aguarda a entrega de sua nova carteirinha, onde estará escrito o nome pelo qual escolheu ser chamada.

“A obtenção do uso do nome social na escola é uma conquista, mas não pode parar por aí”, diz a aluna. Para ela, o primeiro passo foi dado, e o segundo é capacitar os professores a como tratar travestis e transexuais. “



O IF-SC tem uma diversidade grande de 'tribos', e é preciso ter respeito por esses alunos. Se uma pessoa está na escola é porque quer ser alguém na vida e precisa de apoio para isso", diz.

Para a reitora Consuelo Sielski, "é importante sensibilizar a comunidade interna para que ela saiba lidar com essas diferenças, que são muito bem-vindas na nossa instituição". A reitora também lembra a importância de "compreender e oferecer a toda a população a oportunidade de acesso a todos os serviços que oferecemos."

Patrícia faz estágio em uma empresa de construção civil desde o segundo semestre do 2009 e deve ser efetivada no final do ano.

Veja o que dizem alguns pontos da deliberação do Cepe:

**Art. 1º Fica determinada a possibilidade da inclusão do nome**

**social de travestis e transexuais nos respectivos registros acadêmicos de todos os campi do Instituto Federal de Santa Catarina**, em respeito aos Direitos Humanos, à pluralidade e à dignidade humana, a fim de garantir o ingresso, a permanência e o sucesso de todos no processo de escolarização.

Parágrafo Único **O nome social é aquele por meio do qual travestis e transexuais são reconhecidos, identificados e denominados no meio social, no ato da matrícula ou a qualquer momento, no decorrer do ano letivo.**

Art 2º O estudante maior de 18 (dezoito) anos deverá requerer, por escrito, de inclusão do seu nome social pela instituição no ato da matrícula ou a qualquer momento no decorrer do ano letivo.

§ 1º Para os

estudantes que não atingiram a maior idade legal, a inclusão deverá ser feita mediante autorização, por escrito, dos pais ou responsáveis.

(...)

**Art 3º O nome social deverá constar em todos os registros internos da instituição educacional.**

**Art 4º No histórico escolar, declarações, certificados e diplomas constará apenas o nome civil.**

**Art 5º Na cerimônia de Colação de Grau, a outorga será realizada considerando o nome social, porém, na ata constará apenas o nome civil.**

Escrito por Jornalismo  
Seg, 28 de Junho de 2010 14:06

RETIRADO DE:

[http://ifsc.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=951:2806-if-sc-regulamenta-uso-de-nome-social-de-travestis-e-transexuais-na-instituicao&catid=2:ultimas](http://ifsc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=951:2806-if-sc-regulamenta-uso-de-nome-social-de-travestis-e-transexuais-na-instituicao&catid=2:ultimas)

## A Ilusão da Copa do Mundo

Escrito por: Tamara Frutuoso e Thais Frutuoso

Diferente do que as pessoas pensam, a copa do mundo não gera riquezas pro país sede. Como não? Simples; as cidades gastam uma quantia absurda para construir estádios dentro das normas da FIFA que posteriormente não serão utilizados, pois tornam-se inúteis devido ao seu tamanho e alto custo de manutenção. Os vendedores ambulantes não podem praticar o seu comércio informal perto dos estádios, já que só são vendidos produtos das marcas patrocinadora; são construídos estações de transporte para suportar o alto fluxo de turistas, mas assim como os estádios, são pouco utilizáveis futuramente. Pense no caso do Brasil, ontem acontecerá a Copa de 2014, se no horário de pico, as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro são caóticas, com engarrafamentos quilométricos que duram horas, imagina recebendo um grande número de visitantes, as cidades pararão completamente, a não ser que se criem novas estradas, elevados por cima das estradas já existentes, porque se não tem espaço, é mais fácil empilhar as pistas, como andares de um edifício confuso e mal planejado.

Na África, temos que considerar a possibilidade do índice de HIV aumentar ainda mais com os turistas embriagados e desavisados, que possivelmente terão relações sexuais com desconhecidos sem proteção.

*O país ainda lidera o ranking mundial de mortes por Aids – 350 mil pessoas por ano – e de portadores de HIV. Em 2005, 37% das grávidas estavam infectadas e, atualmente, um em cada cinco adultos possui o vírus\*.*

Fica a pergunta: E quem não gosta de futebol, faz o que durante esse tempo de Copa? Em palavras mal-redigidas, diríamos "SE F\*\*\*"; não importa para qual canal de TV você mude, você encontrará notícias sobre a Copa, não importa pra qual lugar você tente fugir, sempre vai ter alguém com uma corneta. Corneta, SIM! Sempre foi corneta, o nome Vulvuzela (que é uma expressão utilizada em outros países) foi trazido para cá apenas porque os brasileiros acham "engraçado" chamar por um nome que faça trocadilhos com teor sexual.

Não é condenável, mas há coisas mais importantes com o que se preocupar, no território da África do Sul há lugares que não possuem energia elétrica, saneamento básico e as pessoas morrem de fome, enquanto isso, o Governo adquire uma dívida com a construção de estruturas pra suportar um evento a nível mundial. (Inicialmente o governo planejava gastar com a Copa 2,15 bilhões de reais, mas o montante ultrapassou os R\$ 8 bilhões\*) Acontece que há uma troca de prioridades nesse sentido.

A copa de 2014, que acontecerá no Brasil, trará melhorias pras pessoas mais pobres? Vai acabar com a fome e a pobreza? Vai abrigar moradores de rua, dando-lhes condições dignas de sobrevivência? Ou vai trazer dinheiro pras emissoras que transmitem os jogos, dinheiro pros patrocinadores, enquanto mais da metade da população não poderá ir até os estádios, pois não tem condições de pagar pelas entradas?

\* RETIRADO DE: <http://www.averdade.org.br/modules/news/article.php?storyid=460> em 11/06/2010